



Wandering QUEEN

LOST FAE BOOK 1

MAY DAWSON

LOST FAE

ORDEM DE LEITURA



SINOPSE

EM UM MINUTO, SOU APENAS UMA JOVEM INOCENTE, CORAJOSA E BONITA PERSEGUINDO UM VAMPIRO DO MAL. NO PRÓXIMO, TRÊS IDIOTAS FEÉRICOS SEXYS ME SEQUESTRAHAM DE MINHA VIDA DE MATAR VAMPIROS E SALVAR CACHORRINHOS.

Está bem, está bem. Eu não sou particularmente inocente. A parte bonita depende muito da iluminação. E algumas pessoas dizem “corajosa” outras dizem “estúpida”. O que você vai fazer? Todo mundo tem inimigos, até mesmo a caçadora mais durona de Washington, D.C.

Estou com amnésia e todas as minhas memórias começam há cinco anos. Então, não me lembro desses príncipes feéricos arrogantes, com olhos ardentes e aparência dolorosamente bonita.

Mas eles definitivamente se lembram de mim. Eles dizem que sou a verdadeira herdeira do trono. Mas esses idiotas sensuais estão escondendo algum tipo de segredo de mim. Há problemas na Terra das Fadas (eles odeiam quando eu digo isso).

Alguém roubou minha coroa da minha cabeça, apagou minhas memórias e me empurrou através do portal para o seu mundo. E é hora de descobrir o porquê, com esses poderosos machos feéricos ao meu lado, não importa o quão infelizes estejamos por estarmos presos juntos.

Para minhas incríveis leitoras beta, Andrea, Angie, Barb, Becca, Denise e Lisa, que ajudaram a tornar Wandering Queen o livro que é.

E para todos da equipe beta que me ajudaram com o próximo livro.

Não sei o que faria sem vocês!

PROLOGO

CINCO ANOS ATRÁS

Eu estava de joelhos na floresta. Não sabia como cheguei lá.

O sol se filtrava pelas folhas verdes das árvores acima. As árvores pareciam erradas de alguma forma, mas eu não sabia como. À distância, havia um ruído fraco e constante, e inclinei a cabeça, tentando entender o som.

Quando me levantei, a confusão quase se transformou em pânico. Eu não lembrava de nada. Meu nome, de onde vim, como acabei aqui.

Olhando para baixo para ter certeza de que não estava machucada, cataloguei meus pulsos estreitos e pele pálida, e os jeans simples, tênis e camiseta que usava. Havia uma nota presa no meu peito, e eu fiz uma careta enquanto puxava o alfinete.

Seu nome é Alisa.

Você não tem amigos. Não confie em ninguém que afirma ser um.

Você é muito boa com uma espada.

Bem, então suponho que isso seja tudo que eu preciso saber.

Minhas mãos tremeram um pouco quando dobrei o bilhete e o coloquei no bolso, como se pudesse de alguma forma responder a mais perguntas depois. Toquei em outra coisa no bolso e tirei uma carteira. Não havia nada nela, exceto dezenas de notas novinhas de cem dólares. Nada que me dissesse quem eu era.

Fui em direção à fonte do som estranho. Tinha que ir a algum lugar.

O som me levou através da floresta para um caminho duro, largo e escuro. *Uma estrada*. O nome seguiu para o caminho alguns segundos tarde demais. O ruído constante aumentava e diminuía, vindo com os carros que corriam para cima e para baixo na estrada. Eu sabia o que eles eram, mas ainda pareciam desconhecidos. Perigosos.

Eu olhei para os dois lados da estrada. Talvez eu devesse descer até encontrar... o quê? O que eu estava procurando?

Ninguém nunca encontrou o caminho parando. Não me lembrava de quem me disse isso, mas tive a sensação de ter ouvido essas palavras muitas vezes. Comecei a descer a estrada. Onde diabos eu poderia ir para obter ajuda? O que eu poderia fazer?

Meus tênis *converse* esfregaram meus calcanhares em carne viva antes de a floresta dar lugar a casas. Carros passavam zunindo por mim e, embora eu andasse na grama ao lado da estrada, eles fizeram meu coração bater mais rápido quando chegaram tão perto.

Eu estava mancando ao passar por um prédio com vários carros estacionados na frente. Dois homens me observaram da varanda da frente.

— Ei, — um deles chamou. — Onde você está indo, garota? Parece que está com dor em seu pé esquerdo.

Não sabia para onde estava indo, mas não gostei da maneira como aqueles homens olharam para mim.

Eu os ignorei, mas pelo canto do olho, vi os dois trocarem olhares. Então o segundo homem saltou sobre a grade da varanda e cruzou em minha direção.

— Ei, — ele disse. Sua voz soou mais gentil do que a do primeiro homem. — Você está bem?

— Estou bem, — assegurei-lhe. *Nunca mostre fraqueza.* Lá estava aquela voz do passado novamente.

— Você precisa de algo?

— Obrigada, mas eu vou ficar bem.

Já passei por coisas piores na minha vida do que algumas bolhas. Eu não sabia *o quê*. Mas entrar em um daqueles carros com um homem estranho pode levar a algo pior do que tênis manchados de sangue.

— Chamo um táxi? — Ele perguntou.

Táxi. Certo. Era assim que as pessoas se locomoviam sem carro próprio, se o destino fosse longe demais para caminhar. Eu tinha esquecido que eles existiam até que ouvi a palavra.

Eu hesitei.

— Sim, isso seria útil.

Ele acenou com a cabeça enquanto colocava o celular no ouvido e deu um passo para trás, me levando em direção ao bar.

— Bebe comigo enquanto espera?

Ele não era muito mais alto do que eu, e seu corpo parecia fraco, seus ombros caídos em sua camiseta branca. Tive a sensação de que poderia matá-lo se fosse necessário. Eu só precisava ser cautelosa; qualquer guerreiro pode morrer se sua guarda escorregar ou sua sorte acabar, não importa o quão fraco seja seu oponente.

— Claro, — disse.

Meus sapatos rangeram no estacionamento sujo. Eu o segui escada acima, passando por algumas cadeiras de balanço descascadas e uma lata cheia de bitucas de cigarro.

Ele empurrou a porta com as costas e parou, segurando-a aberta para mim. Me certifiquei de não o tocar enquanto caminhava.

Rostos no bar mal iluminado se viraram para mim. O cheiro de cerveja velha subiu às minhas narinas, junto com o cheiro do homem ao meu lado. Eu esperava que ele cheirasse mal, porque sua camisa estava amarelada nas axilas e seu cabelo escuro estava oleoso, mas ele cheirava a algo pungente e limpo. Água sanitária.

Eu o segui até uma mesa onde seu amigo já estava esperando.

— O táxi deve chegar aqui em cerca de quinze minutos, — disse o primeiro cara, deslizando o telefone celular no bolso antes de estender a mão. — Eu sou Steve.

Eu não gostava de tocar nas pessoas, como estranhos se tocando se tornaram a coisa normal de uma pessoa? Mas me comprometi, oferecendo-lhe um sorriso enquanto apertava sua mão.

— Alisa.

— E eu sou Roger, — disse o outro cara. Ele era maior do que Steve, usando uma camisa de flanela e um boné de caminhoneiro puxado para baixo; cabelo castanho enrolado escapando em torno de suas orelhas.

— Prazer em conhecê-los, — disse. Um deles sinalizou para a garçonete, que se aproximou olhando para mim com ceticismo. — Água, por favor.

Nenhum deles reclamou que eu não estava bebendo, então isso era um ponto a favor deles. Minha garganta estava seca por causa da longa caminhada.

Como diabos eu acabei no meio da floresta? Sem memórias?

Eu tinha uma casa? Um carro?

Um sobrenome?

Os dois estavam olhando para mim, e eu sabia que seria melhor deixar de lado minhas perguntas sobre o passado por enquanto.

Permanecer viva no presente me mantinha bastante ocupada.

Esse bilhete me avisou que eu não tinha amigos. Eu não achei que tivesse encontrado algum de repente.

Eu bebi minha água. Os homens me fizeram muitas perguntas sobre minha vida que eu não respondi. Eu não *poderia* responder a eles, mas vamos ser honestos, eu não teria contado a eles mesmo se pudesse.

Quando Tweedle-dum e Tweedle-dee não estavam me distraíndo, olhei ao redor do bar com curiosidade, observando o barman que se inclinava sobre o bar para fofocar com um jovem loiro bonito e algumas mesas de sinuca com homens de idade que mantinham o nível de ruído elevado.

Uma mulher mais velha estava bebendo sozinha em uma extremidade do bar. Ela lentamente tomou um gole de vinho. Sua postura era perfeita e digna e, embora seu cabelo estivesse com mechas grisalhas em um rabo de cavalo, seu jeans e a blusa estavam presos ao corpo em forma. Um dos senhores se aproximou e tentou pagar-lhe uma bebida e, pelo que ouvi, ela disse-lhe muito educadamente para se foder.

Ok, ok, ela disse que estava esperando pelo namorado. Mas era óbvio o que ela queria dizer.

Era um elenco de personagens interessante. Esvaziei o resto da minha água e coloquei sobre a mesa no momento em que o telefone de Steve zumbiu contra a mesa.

— Aí está a sua carona, — disse ele, segurando o celular.

— Obrigada. — Então eu menti: — Foi um prazer conhecer vocês dois.

No estacionamento, um táxi amarelo estava parado. O carro

parecia ter passado por muita coisa; A lama estava espalhada por toda a parte de trás do carro, obscurecendo a placa.

Steve abriu a porta para mim, que foi um pouco mais galante do que eu precisava, e eu deslizei pelo vinil preto rasgado do banco de trás.

— Para onde vamos, mocinha? — O motorista perguntou. Ele poderia estar me olhando pelo espelho retrovisor, mas estava de óculos escuros e chapéu, e não pude ver muito de seu rosto.

A porta do passageiro se abriu exatamente quando Steve deslizou ao meu lado. Eu deslizei, vislumbrando Roger se acomodando no banco do passageiro, então continuei me movendo. O instinto assumiu. Eu agarrei a maçaneta e tentei abrir a porta, mas a porta estava trancada. Puxei a maçaneta com mais força quando ouvi as portas se fechando do lado do passageiro.

— Mudei de ideia, — disse, tentando manter a calma. Eu pediria com educação... *uma vez*. — Eu gostaria de sair daqui.

— Oh, você vai ter que pagar a passagem, mocinha, — disse o motorista com um sorriso. O carro já estava rodando e ele entrou na estrada.

Steve riu.

Rolei de costas contra a janela e chutei Steve com força no peito. Ele bateu na janela.

Steve não estava mais rindo. Eu o chutei no rosto, meu calcanhar acertou seu nariz, que jorrou sangue. Eu já estava me movendo, colocando meu braço em volta do pescoço do motorista. Eu o puxei com força contra o encosto de cabeça enquanto ele fazia um ruído sufocado e chocado.

— Você vai querer abrir essa porta antes que eu perca meu senso

de humor, — o avisei.

A janela do passageiro explodiu. Steve olhou para mim com olhos arregalados e vazios. Então ele caiu em minha direção, o vermelho de repente manchando em sua camiseta como uma flor desabrochando. Roger soltou um grito estrangulado pouco antes do segundo som de um tiro. Seu sangue respingou no carro.

A mulher mais velha do bar segurava a arma com uma das mãos e fez um gesto apressado para o motorista.

— Acho que a menina disse que gostaria de sair, — disse ela, com voz cortês.

O motorista se atrapalhou freneticamente com as fechaduras. Elas se abriram. Não conseguia sair daquele carro ensanguentado, cheio de cacos de vidro e corpos, rápido o suficiente.

— Cinco garotas, — ela disse, sua voz calma, mas alta no ar quieto. — Ela seria a sexta pessoa da qual vocês roubaram a vida, não é? Eu geralmente caço monstros reais, mas vocês certamente fazem o seu melhor para dar aos monstros uma corrida pelo dinheiro.

Sabia que ela puxaria o gatilho. O rugido do tiro não foi nenhuma surpresa.

Ela limpou a arma e a jogou no carro com eles.

— Você tem alguns movimentos, querida. Mas é hora de sair daqui.

Eu a encarei.

— Acho que prefiro ir com você, na verdade.

Ela zombou.

— Você disse que caça monstros, certo? — Disse. — Eu sou ótima com uma espada.

— Por que se preocupar em ser boa com uma espada quando

temos armas? — Ela perguntou.

Um carro preto comprido e lustroso parou naquele momento. Eu fiquei tensa, mas ela apenas levantou a mão em um aceno.

— Se eu fosse você, sairia daqui. As pessoas não chamam a polícia por fazer tiros no país, mas, mais cedo ou mais tarde, alguém vai notar o carro cheio de cadáveres.

A porta do lado do motorista se abriu e um cara alto e bonito se desdobrou do banco do motorista.

— Ei, — disse ele, em uma voz áspera e sexy. — Você está bem? Ela olhou para ele.

— Em primeiro lugar, você está atrasado. Em segundo lugar, por favor, não bata na vítima.

— Não sou uma vítima, — prometi a ela.

Ela se sentou no banco do passageiro. Ele encolheu os ombros para mim, ele não parecia estar arrependido, então voltou para o banco do motorista.

Eu mergulhei para a porta de trás do carro deles. Consegui abrir a porta e deslizar para o interior de couro.

Ela se virou no banco e me lançou um olhar exasperado.

— Você acabou de me ver atirar em três pessoas e posso garantir a você, não tive nenhuma dor de cabeça por isso. Por que diabos você se convidaria para entrar no meu carro?

Eu dei a ela um sorriso.

— Quero apenas ser amiga. Devíamos sair daqui antes que a polícia apareça.

Foda-se quem me deixou esse bilhete. Eu poderia fazer amigos.

Por alguma razão, eu queria conhecer essa senhora de olhos gelados e mãos firmes.

Ela me deu uma olhada e disse:

— Dirija, Carter.

Ele sorriu enquanto pressionava o pedal do acelerador.

— Vamos, Elly. Você está sempre recrutando.

— Não assim, — ela disse a ele bruscamente. Então ela me disse:

— Vamos deixá-la em algum lugar seguro. Para onde você estava tentando ir?

Eu respirei fundo.

Desta vez, eu teria que dizer a verdade.

— Eu não sei.

CAPÍTULO UM

ALISA

Eu estava tendo uma manhã perfeitamente adorável, perseguindo um vampiro, até que um maldito homem estranho arruinou tudo.

— Com licença, estou passando! — Chamei enquanto empurrava a multidão matinal em direção ao metrô D.C., tentando manter meu olhar no vampiro correndo à frente.

Algumas pessoas se separaram para deixá-lo passar, mas ninguém me respondeu com nada além de um olhar furioso. *Sexismo*. Isso é o que era. Esperava que eles fossem mordidos.

Eu o persegui rua abaixo e entrei em um beco, onde ele finalmente se virou para mim. Ele tinha untado o cabelo preto azeviche para trás, como se tivesse assistido a muitos filmes antes de ser transformado, e agora ele estava tentando viver de acordo com o estereótipo de um vampiro.

Seu lábio se retraiu em desprezo quando ele me olhou e eu sorri de volta para ele. *Isso mesmo, sua meia de tubo rígido sensível; apenas um de nós está saindo deste beco.*

Já era um dia quente de verão, embora o sol não tivesse nascido há muito tempo. O beco fedia a papelão molhado, urina e o cheiro acobreado de sangue vindo do vampiro.

Ele lambeu os lábios enquanto dava um passo em minha direção, aqueles olhos escuros brilhando.

— Você não é a heroína? Espero que você já tenha tomado seu café, para que eu possa recuperar o meu efeito de cafeína e meu ferro.

— Sem café ainda. Tenho certeza de que ainda estou bêbada da noite passada. — Dei a ele um sorriso.

Ele sorriu. — Você tem um desejo de morte, menina.

— Não exatamente. — Discordei.

Eu só tinha uma fração de desejo de morte.

Eu tinha muito mais *desejo de matar*.

Estendi a mão para trás e agarrei o punho da minha espada, puxando-a sobre meu ombro em um movimento suave.

— Esta é geralmente a parte em que a sua espécie corre, — disse.

— Esta é geralmente a parte onde minha espécie *janta*, — ele corrigiu.

Ouviu-se o ruído de passos atrás de mim.

— Armadilha? — Levantei uma sobrancelha para ele.

Seu sorriso se alargou.

— Armadilha.

— Estou feliz que você finalmente percebeu isso, — disse.

Eu girei, minha lâmina um lampejo de prata arqueando no ar. Havia dois vampiros atrás de mim, e minha espada cortou profundamente o pescoço do primeiro. *Quase* todo o caminho. Porra. Uma decapitação suave de um vampiro era uma questão de orgulho para mim, mas todo mundo tem um dia ruim às vezes.

Minha cabeça girou enquanto eu girava. *Deveria ter relaxado no bar na noite passada, Alisa.*

E por *ontem à noite*, quis dizer três horas atrás. Elly iria me matar se soubesse disso. Mas assim que vi o vampiro, o que eu deveria fazer? Ir embora? Há semanas tentávamos rastrear esse monstro feio.

Me abaixei quando o segundo vampiro saltou sobre mim, jogando um braço para cima defensivamente enquanto eu tentava puxar minha espada livre. Ele bateu em mim, mas minha espada se soltou antes que ele conseguisse nos lançar contra a parede de tijolos oposta. Minha cabeça e ombro bateram no tijolo, deixando uma onda de dor em seu rastro.

Estávamos perto demais para um bom golpe de espada e agarrei a adaga no cinto.

O vampiro colocou um braço em meu peito para me prender e recuou. Seus olhos se dilataram enquanto suas presas rasgavam suas gengivas. O efeito sempre foi horrível, e estremei quando manchas de cuspe e sangue espirraram em meu rosto.

— Deveria ter trazido uma arma melhor do que alguns dentes grandes e amarelos, — disse, pouco antes de enfiar minha adaga em suas entranhas.

Ele caiu de joelhos na minha frente, os olhos arregalados de choque.

Eu o chutei no peito, jogando-o para trás de bunda antes que ele se espalhasse no chão. Não havia mais ninguém no beco. Minha maior presa havia fugido.

Amaldiçoei enquanto girava minha espada em minha mão, preparando meu aperto. Corri minha adaga na coxa da minha calça jeans, limpando o sangue da lâmina, antes de colocá-la de volta na bainha.

Envolvendo ambas as mãos em torno do punho da minha espada, eu a cortei em sua garganta, arrancando sua cabeça de seu corpo. Desta vez, a espada cortou de forma limpa e a lâmina atingiu o cimento abaixo. Sangue respingou em meus tênis.

É por isso que sempre usava preto. Isso, e Elly sempre me disse que preto é elegante e sofisticado.

O Senhor sabia que eu poderia usar qualquer ajuda que pudesse conseguir para ser *elegante e sofisticada*.

Minha pele formigou no meu pescoço. Alguém estava me observando. Mantive meu aperto em minha espada.

Quando olhei para cima, minha presa estava pendurada no topo do prédio de tijolos. Suas pernas agitadas pelo vento batiam freneticamente na parede de tijolos repetidamente.

Um homem de cabelo escuro agarrou o colarinho do vampiro que escapou de mim. Ele se agachou facilmente na beira do telhado, seu rosto relaxado enquanto ele balançava meu vampiro de cinco andares para cima. O vampiro resistiu com força para escapar de seu aperto, apesar da distância entre ele e o concreto.

— Você perdeu alguma coisa? — Ele chamou. Mesmo à distância, ele parecia zombeteiro.

— Eu estava prestes a caçá-lo novamente. — O que diabos ele estava fazendo? Nenhum humano ficaria tão confortável na beira de um telhado como esse, segurando um fardo que o chutava. Por alguma razão, o vampiro não estava gritando. — Mas obrigada pela ajuda?

— Sem problemas. Quer que eu o jogue no chão?

— Certo.

O vampiro não gritou quando caiu no chão. A queda não mataria algo como ele, mas ambas as pernas se despedaçaram quando ele pousou.

Estudei o vampiro caído. Ele não conseguia abrir a boca para gritar, embora seus olhos estivessem arregalados de desespero.

— Você parece tão assustado quanto suas vítimas devem ter se sentido, — disse a ele.

Eu não amo vampiros em um bom dia, mas como este? Que se alimentava exclusivamente de crianças? Quando o estava rastreando, encontrei um dos corpos, retorcido e quebrado e tão pequeno que me assombraria à noite.

Eu faria a morte desse vampiro lenta, se eu estivesse inclinada a ser ineficiente.

Mas era seu dia de sorte; eu nunca perdia meu tempo. Sempre havia mais monstros para matar.

Eu girei com a espada e separei sua cabeça de seus ombros. A cabeça quicou na calçada.

O homem no telhado começou a bater palmas lentamente.

Olhei de volta para ele. Ele estava confortavelmente na beira do telhado, os dedos dos pés pendurados para o lado como se ele não se importasse com o mundo.

Ele parou de bater palmas e colocou as mãos nos bolsos. Apenas a maneira como ele estava sugeria que ele era um bastardo arrogante, com seus ombros largos e corpo alto e musculoso.

— Quem é você? — Gritei. Poderíamos começar por aí, embora também estivesse muito curiosa sobre minha pergunta subsequente, que era uma disputa entre *o que diabos você quer* e *por que diabos você está falando comigo?*

— Duncan. — Havia um tom áspero em sua voz, como se eu fosse um pouco estúpida.

Eu tinha conhecido esse palhaço antes? Estava perdendo-o de vista no brilho do sol da manhã, então coloquei minha mão em concha sobre meus olhos. Eu gemi com a luz. Talvez eu estivesse passando de

bêbada para com *ressaca* muito rapidamente.

Sirenes da polícia soaram à distância.

Ele ergueu a mão, acenando-me para o telhado, e eu o encarei como se ele fosse um lunático. Ninguém me *acitava* em lugar nenhum. Ele disse:

— Vamos levar essa conversa para algum lugar que sua prisão não seja iminente.

— Não sei se quero falar com você.

Mas a curiosidade me motivou nos últimos cinco anos; primeiro, eu estava desesperada para entender de onde vim e depois me joguei para entender um mundo do qual não me lembrava. Eu embainhei minha espada.

— Você quer, — ele disse. — Eu conheço você, Alisa.

Ele sabe algo de mim ou me *conhece*? Duncan conhecia a velha Alisa, aquela que eu não conhecia?

Eu tentei deixar de lado minha necessidade de dar sentido ao meu passado. A profundidade da minha necessidade de entender quem eu era, de onde vim, parecia perigosa. De muitas maneiras, eu era imprudente com minha vida, mas precisava ter cuidado com esse homem aleatório que estava tentando me seduzir para... alguma coisa.

Recuei pelo beco, medindo a distância até a base da escada de incêndio montada no prédio onde ele estava. Respirei fundo e exalei.

Então corri o mais rápido que pude, pulando contra a parede de tijolos, antes de me impulsionar em direção ao pé da escada. Eu a peguei com as duas mãos e me lancei para cima, então subi rapidamente até chegar ao telhado.

Quando subi ao lado dele, ele me observou avaliando. Não havia nada amigável na maneira como ele estreitou os olhos, estudando-me

com intensidade que enviou um arrepio na minha espinha. Mas agora eu estava perto o suficiente para dar uma boa olhada em seu rosto.

Ele era *excessivamente* bonito. Suas maçãs do rosto eram altas, suas bochechas cavadas abaixo delas. Seus olhos eram de um azul claro assustador, com cílios exuberantes, em contraste com o cabelo preto que caía sobre seus ombros. Sua pele era quase anormalmente perfeita, como se ele tivesse sido retocado, e tatuagens intrincadas que deviam se espalhar por seu peito poderoso apareciam na gola rasgada de sua camisa. Ou aquela camisa era uma questão de moda, ou o vampiro tentou brigar.

— Eu não te conheço. — E eu me lembraria dele, se o tivesse conhecido nos últimos cinco anos.

Ele inclinou a cabeça para o lado, me estudando.

— Você não se lembra de nada, não é? Nem sua infância, nem sua casa, nem sua juventude mal gasta.

— Minha juventude foi mal gasta? — Esfreguei minha mão na cabeça, que estava começando a latejar. — Tenho tentado gastar mal os meus vinte anos. É bom saber que tenho um pouco de prática.

Ele me olhou tão curiosamente quanto eu estava olhando para ele.

— A princípio, esse negócio de caça me fez supor que você estava tentando ajudar os humanos como penitência por seus pecados. Mas suponho que você encontraria seu caminho em qualquer área de carreira que envolvesse morte e destruição.

— Você tem me seguido? — Exigi.

Eu provavelmente deveria matá-lo agora. Mas ele não me deu aquela vibração assustadora na minha nuca; eu me sentia segura o suficiente com ele. Apenas... irritada.

E também senti uma agitação nervosa, uma estranha sensação de estômago embrulhado e uma onda de desejo que aqueceu minha pele. Eu mordi meu lábio. Passei muito tempo perto de caçadores bonitos e bem constituídos e nunca senti essa agitação. Este homem era muito bonito.

Suas sobrancelhas se ergueram como se isso fosse ridículo.

— Não. Tenho tentado rastrear você. Você está desaparecida há muito tempo.

Eu não conseguia parar de olhar para ele e queria saber do que diabos ele estava falando, o que me fez sentir quente e constrangida. Obriguei-me a encontrar aquele olhar zombeteiro.

— Última chance antes que eu fique entediada e afastar. Quem diabos é você?

— Você não vai simplesmente se afastar. — Ele cruzou os braços sobre o peito largo, ainda segurando meu olhar. Tentei não notar a forma como o movimento puxou o que restava de sua camisa para baixo, revelando as linhas escuras de feras e runas tatuadas em seu peitoral cinzelado. Um mamilo marrom de forma perfeita piscou para mim antes de ser coberto por seu bíceps grosso, não que eu estivesse olhando. — Você nunca teve controle sobre sua curiosidade.

Deus, que idiota. Ele queria que eu pensasse que ele sabia algo que eu não sabia. Meu desejo de descobrir meu passado era uma vulnerabilidade, e eu não estava prestes a deixar algum idiota aleatório, não importa o quão bonito, me controlar.

Eu inclinei minha cabeça, olhando para ele.

— Você é um vampiro?

— Não... — ele franziu a testa, impaciente.

Eu poderia dizer que ele estava prestes a dizer outra coisa, então

eu o venci.

— Shifter?

Ele era tão grande que eu poderia facilmente considerá-lo um shifter.

— Não, — ele zombou.

— Bruxo? — Perguntei brilhantemente.

— Não.

— Do mal? — Essa era a parte que mais importava. Eu nunca machucava ninguém que não machucava alguém primeiro.

Suas sobrancelhas arquearam sobre aqueles olhos gelados.

— Não.

Deve ser um caçador então, por ter pego meu vampiro perdido assim que ele se afastou. Ele era um homem extraordinariamente imprudente, confiante e sexy, mesmo para os padrões de caçador. Mas ele era apenas outro humano.

— Então eu não dou a mínima para você, — disse a ele, indo em direção à outra extremidade do telhado. — Você é fofo, Sr. Alto-Sombrio-e-Misterioso, mas você parece um problema, e acho o suficiente disso por conta própria.

Seus lábios se separaram e ele parecia tropeçar no que dizer sobre isso. Já que era sempre bom deixar um homem sem palavras, foi o momento perfeito para eu sair.

— Você precisa de respostas, Alisa, — ele gritou atrás de mim.

— Eu posso te dar respostas.

Comecei a correr, ganhando velocidade. Pulei agilmente para a borda do prédio e meu ímpeto impulsionou meu salto para o próximo telhado. Caí de forma limpa, de pé, meus joelhos dobrando por apenas um segundo antes de me segurar.

Eu me virei, dando um passo para trás. Ele ficou lá me olhando, seus olhos claros estranhos a esta distância. Eu quase vacilei, certo de que ele não era humano, que ele era da minha conta, afinal.

Mas ele queria algo de mim, e não havia nada que eu quisesse dar a ninguém além de meus amigos caçadores.

Eu espalhei meus braços em um encolher de ombros exagerado.

— Humm.

Então me virei e me afastei em direção ao próximo telhado, deixando Duncan-o-esquisito-lindo para trás.

CAPÍTULO DOIS

AZRAEL

— Ela estava *bêbada*? — Perguntei ceticamente, olhando para meu melhor amigo na penumbra do bar onde nos abrigamos.

A Alisa que eu conhecia não ficava bêbada, nem mesmo durante o solstício.

— Diga-me novamente a parte em que ela disse que você é fofo.
— Tiron tomou um longo gole de seu uísque, mas mesmo com o rosto parcialmente oculto pelo copo de cristal, seus olhos dançavam com malícia.

Havia alguns benefícios em estar no mundo humano. Não muitos, mas o uísque em todas as suas várias e gloriosas formas era o único.

Duncan bufou para ele.

— Focando nos detalhes importantes, como de costume.

— Onde ela foi?

— Ela fugiu, como sempre faz. — Duncan soou desdenhoso e eu fiz uma careta para ele.

— Você não a perdeu?

— É claro que eu não a perdi, — disse Duncan. — As feras e eu a rastreamos de volta à sua casa patética. Não é nem mesmo uma casa. Um segmento de uma casa.

Ele se moveu, sua mão escondida sob a mesa, e eu sabia que ele estava alcançando para dar um tapinha em uma de suas feras. As

duas criaturas pesadas se esconderam debaixo da mesa, não que isso importasse; elas eram invisíveis para os humanos, e o taverneiro era nosso servo agora de qualquer maneira.

— A palavra que você está procurando é apartamento, — Tiron forneceu prestativamente. — Você passa bastante tempo no mundo humano. Você é realmente muito obstinado para aprender a cultura deles?

— Mas você pode chamar de *cultura*? — Perguntou Duncan. — Será que os porcos chafurdando em imundície é uma *cultura*?

Ele estava de bom humor hoje, mesmo para os padrões de Duncan.

— Você acha que ela realmente perdeu suas memórias? — Perguntei.

Duncan acenou com a cabeça.

— Ela não me reconheceu. Ela estava genuinamente curiosa sobre quem eu sou. *O que eu sou*.

— Ela não diria que você era fofo se o reconhecesse, — observou Tiron.

— Eu sou fofo, no entanto, — Duncan murmurou. Então ele admitiu: — Se ela tivesse me reconhecido, ela teria corrido.

Isso foi uma ilusão de sua parte. Se Alisa o tivesse reconhecido, ela poderia ter enfiado uma lâmina em seu intestino.

— Como ela sobreviveu todos esses anos sem nenhuma pista de quem ela é ou o que pode fazer? — Me perguntei em voz alta.

— Princesa Alisa é muito boa em sobreviver, — Duncan disse secamente. — Mesmo que a presença dela reduza as misérias de todos os outros.

Ele pode odiá-la mais do que eu. Ela simplesmente traiu a mim e

à minha corte. Para Duncan, ela traiu o seu *irmão*. Esse foi um crime muito mais sério.

— Você acha que ela pode vir conosco de boa vontade? — Perguntei. — Assim que ela compreender quem ela é?

— Não. — Os lábios de Duncan se torceram em um sorriso cruel. Se eu não conhecesse o homem por trás da máscara raivosa, este rosto me assustaria um pouco. — Acho que teremos que *levá-la* de volta.

Tiron inclinou a cabeça para um lado, estudando Duncan.

— Por que você não me deixa ir falar com ela? Seria bom se não tivéssemos que bater na cabeça da princesa e arrastá-la de volta para casa a contragosto.

— Seria ? — Duncan questionou. — Eu acho que as batidas e o arrastar soam mais agradáveis. Para nós.

— Obrigado, Tiron, — disse ao homem mais jovem. — Mas eu vou. Ela e eu temos história. Os feéricos querem saber se ela tem alguma memória ou se os relatos são verdadeiros. Ela não será capaz de fingir comigo.

— Eu preciso ver por mim mesmo, — acrescentei a Duncan. Não queria que ele pensasse que não confiava em seu julgamento.

Tiron acenou com a cabeça. Longe de parecer ofendido, o sorriso perigoso de Duncan se alargou. Se ele pensava que um encontro entre Alisa e eu iria *me punir* ou *puni-la*, eu não tinha ideia, mas Duncan tinha uma tendência sádica.

— Vamos para o apartamento, — sugeri.

— Essa não é uma boa ideia, — disse Tiron. — Vai assustar mais. Duncan bufou. — Prova de que você não conhece Alisa.

— Ela pode tentar matar você, — Tiron emendou.

— Oh sim, — disse. — Mas ela já tentou isso muitas vezes antes.

Eu não me importo.

Meu coração acelerou com a ideia de estar cara a cara com minha rainha, minha ex-noiva, minha traidora.

Mas eu sabia que minha aparência externa não dava nenhuma indicação de minha reação. Tomei outro gole longo e lento, terminando meu uísque. Duncan ainda me olhava de lado; ele era um homem de poucas palavras que ainda conseguia transmitir seus julgamentos.

Duncan me conhecia bem o suficiente para saber que meu coração sempre disparava quando se tratava de Alisa, com amor, ou ódio, ou uma perigosa combinação de ambos.

— Esta é uma má ideia, — disse Tiron levemente.

— Você sempre diz isso, — Duncan o lembrou, levantando-se de sua cadeira. — E você sempre acerta.

— E sempre acabamos em problemas, — Tiron rebateu. — Talvez você deva ouvir.

— No final, ela é apenas uma garotinha mimada com uma espada, — disse Duncan. — Se ela ficar muito agressiva, Azrael pode jogá-la por cima do ombro e carregá-la para o portal.

A imagem era tão ridícula que sorri.

— Quase parece que *você* foi amaldiçoado pelo esquecimento.

Na verdade, Alisa sempre foi mimada e obstinada.

Mas ela também era perigosa.

Deliciosamente.

Ou, pelo menos, foi como eu a vi uma vez.

CAPÍTULO TRÊS

ALISA

— Não tenho certeza de que mesmo o pior vampiro roubaria uma garota bem debaixo do nariz da avó, — disse Carter, pouco antes de levar a cerveja aos lábios. A luz fraca no bar não fez nada para esconder o quão bonito eram seus traços esculpidos.

Elly pigarreou com isso.

— Eu tenho idade suficiente para ser a mãe dela, não a avó dela, seu filho da puta.

Carter se inclinou para trás, bocejando e se espreguiçando antes de colocar o braço no meu encosto. Julian nos observava como sempre fazia com um sorriso divertido no rosto.

Eu me virei para encarar Carter com ceticismo. Esse movimento teria funcionado com as garotas do bar que ficavam de olho nos dois caçadores sexys, mas eu não estava interessada.

— Se estes dedos tocarem a pele, vou castrar você, sabe.

Ele sorriu para mim. Ele tinha um sorriso bonito que enrugou os cantos de seus olhos castanhos profundos.

— Eu adoro quando você é assustadora.

Eu revirei meus olhos.

— Compre-me outra bebida. Deixe uma garota bêbada apropriadamente, ok?

Esse era o plano para a noite, afinal.

Ele me deu um tapinha no ombro, sua mão cheia de cicatrizes

encontrando apenas o tecido da minha camiseta, nenhum de seu calor tocando minha pele nua, e se dirigiu para o bar.

— Eu também vou, — disse Julian, e eu gemi e joguei um guardanapo amassado nele enquanto ele se levantava.

— Traidor.

Ele sabia que Elly iria querer falar comigo sobre a caça bagunçada desta manhã. Nenhum de nós deveria trabalhar sem ajuda.

Em vez disso, ela balançou a cabeça em diversão para nós. Seu cabelo estava com um permanente recente e tingido em um tom profundo de vermelho púrpura que eu tinha certeza que não ocorria na natureza. Parecia bom, porém, com sua pele bronzeada e enrugada e seus olhos castanhos brilhantes. Eu gostaria de envelhecer tão graciosamente quanto Elly.

— Eu gostaria que vocês dois parassem de flertar e se curvassem ao inevitável, — Elly disse.

Eu sorri sem compromisso e girei minha cerveja meio bebida na garrafa. Eu sabia que Carter e Julian eram bonitos, com seus rostos bonitos e seus corpos musculosos; admirava sua competência como caçadores e adorava a amizade fácil entre nós três.

Elly me perguntou uma vez porque eu não apenas *tentei* gostar deles do jeito que eles gostavam de mim, quando eles eram tão bons.

— Ou vocês três, — acrescentou ela. — Eu não julgaria. Você vai atrás do que quiser, Alisa.

— Não sei o que quero, — disse automaticamente, e acrescentei:
— Eu os amo demais como amigos para arriscar estragar tudo.

Mas a verdade era que eu não conseguia vê-los como nada além de amigos. Carter estava no bar agora, e uma ruiva esguia se esgueirou ao lado dele. Ele apoiou um grande antebraço no balcão,

mantendo uma distância respeitosa dela, mas ela continuou se pressionando com um sorriso sedento no rosto.

Eu ri e balancei minha cabeça enquanto me virava.

— Eles são como meus irmãos. Não há nada mais aí, mas *irmãos* é muito, você sabe.

Ela franziu os lábios.

— Você vai se sentir bem quando eles seguirem em frente?

— Sim, — prometi.

— Se você tem certeza, — disse ela, levantando a cerveja para nós duas brindarmos. Eu bati a tampa da minha garrafa com a dela.

— Eu diria a Carter para seguir em frente *hoje à noite*, se eu pudesse, — disse. — Mais uma vez.

Mas eu não podia porque tínhamos uma missão. Provavelmente foi confuso para ele porque Carter e eu flertamos como se fossem nossos empregos. Tivemos uma pequena performance; ele derramou ‘licor’ na minha garganta como uma bola de esboço¹, eu flertei com ele, exibindo um pouco de perna e muito pescoço, parecia bêbada, então acabei perdida e sozinha e convidativa... para um vampiro.

Do jeito que aquela ruiva estava tentando desafiar a física e se pressionar contra ele até que seus corpos ocupassem o mesmo espaço, Carter definitivamente tinha a opção de seguir em frente esta noite se ele quisesse.

— Não vou mudar de ideia, Elly. Pode parar de se preocupar, não vou me arrepender.

Por alguma razão, pensei em Duncan. A memória daquele queixo, a ferocidade naqueles olhos azuis gelados, tudo me fez sentir uma estranha tensão inquietante. Quando pensei sobre ele, me perguntei sobre as tatuagens que tinha visto e como o resto delas se

pareciam. Havia algo nele que parecia... magnético.

Estava certa em mandá-lo embora. Havia algo estranho nele, e sabia que deveria contar a Elly sobre isso, mas não queria.

Porque seria difícil explicar o que parecia tão estranho nele.

Em cinco anos, aprendi a fingir que era normal.

Mas eu não tinha aprendido como me apaixonar.

A maneira como Duncan continuava voltando à minha mente parecia... peculiar.

— O que está em sua mente? — Elly perguntou.

Passei meus dedos pelo meu cabelo, empurrando-o para trás distraidamente. Dei de ombros. Eu não queria falar sobre isso.

Julian se juntou a Carter no bar, o ajudou a carregar uma rodada de cervejas e shots.

Enquanto caminhavam em nossa direção, Julian passou a mão sutilmente sobre as bebidas, tirando o zumbido do álcool.

Então Carter colocou o copo na minha frente com um baque satisfeito.

— Beba — disse ele, — vou apenas continuar a ficar mais fofo.

— Eu não acho que você poderia ficar mais fofo, — meio que falei de brincadeira, inclinando-me para frente para deslizar minha mão até o músculo rígido de seu bíceps. Um olhar tenso cruzou seu rosto, como se meu toque realmente o afetasse, antes que ele sorrisse.

— Você está definitivamente bêbada, — Julian disse em voz alta, antes de tomar um gole. Mais suavemente, ele acrescentou: — Temos companhia.

— Então eu acho que Alisa pode me dizer o que está pensando mais tarde, — Elly disse incisivamente. — Eu sei que há algo.

— Há sempre algo acontecendo neste cérebro selvagem. —

Carter espalmou minha cabeça com sua grande mão, antes de balançar minha cabeça para frente e para trás. Ele teve sorte de eu fingir que estava bêbada e apaixonada, porque eu definitivamente o faria pagar por isso mais tarde.

— Vamos jogar sinuca, — disse.

Nós brindamos rapidamente, batendo nossos copos juntos.

— Espadas, — Julian murmurou por todos nós, e eu sabia que ele estava de olho em nossos vampiros para se certificar de que não nos ouvissem.

Às nossas espadas. Nunca desembainhada sem causa, nunca embainhada sem honra era o resto do refrão. Mas todos nós tínhamos que estar genuinamente bêbados antes de começarmos a decadência.

Elly mentiu naquele dia quando disse que eles sempre preferiram armas a espadas. As espadas eram mais silenciosas e muitos monstros eram quase à prova de balas.

Mas a regra um da caça é que tudo morre quando você decepa sua cabeça.

O uísque forte queimou minha garganta e eu engasguei.

— Senhor, Carter, você poderia saltar para as coisas boas de vez em quando. — Peguei minha cerveja para lavar o sabor.

— Essa é uma coisa boa, — Carter conseguiu parecer magoado. Ele atirou o braço sobre meus ombros enquanto nós dois avançávamos em direção às mesas de sinuca na parte de trás. As duas mesas de bilhar ficavam em um estrado elevado, separadas do resto do bar por uma grade decorativa. Era o ponto de vista perfeito para ficar de olho nos meus novos amigos.

Ele me virou em sua direção, com as mãos nos meus quadris, nossos corpos intimamente próximos.

— Você precisa de mim para distrair Elly? — Ele perguntou. — Ela está incomodando você de novo?

— Sempre, — disse. Ele estava olhando para mim com aqueles olhos abertos e calorosos, ele era meu melhor amigo, e eu acrescentei: — Eu conheci alguém hoje que disse que me conhece. Me *conhecia*.

Os olhos de Carter se arregalaram. Ele sabia o quão duro tentei rastrear meu passado, e ele soube quando eu desisti.

— Você acredita nele? — Ele perguntou.

— Não sei em que acreditar, — disse. — Você sabe o quanto eu quero isso.

— Cristo, leve o seu doce tempo torturando, — disse Julian. Sua bunda bateu no meu quadril com familiaridade enquanto ele colocava a mesa de sinuca, e ele aproveitou a oportunidade para murmurar: — Companhia às onze².

Corri minhas mãos sobre o peito de Carter intimamente, olhando por cima do ombro enquanto fingia morder sua orelha. Sua respiração cedeu contra meu peito quando encontrei os vampiros; eles estavam lotados no bar, flertando com a ruiva e suas amigas.

— Porra, você deveria levar essas meninas para casa para mantê-las seguras — sussurrei para ele. Então, com uma piscadela, acrescentei, — e para dar a elas a melhor noite de suas vidas.

Não que eu saiba.

Elly nos deu um beijo de despedida, planejando nos deixar com o nosso jogo; ela tentaria atropelar a colmeia dos vampiros enquanto eles estavam ocupados aqui.

— Mais tarde, — ela me repreendeu. — Você vem para o jantar amanhã.

— Penso que isso é um pouco de tempo de qualidade, —

provoquei antes de me virar para mexer no meu shot.

Quando me inclinei sobre a mesa de sinuca, Carter deu um tapa brincalhão na minha bunda.

— Seja legal com sua avó, — ele brincou.

Ela olhou para ele.

— Vou deixar alguma besta comer vocês três.

— O que eu fiz? — Julian exigiu.

— Não, ela não vai, — disse Carter. — Ela vai nos alimentar com frango frito e tentar nos consertar, como sempre faz.

Elly zombou.

— Até eu posso admitir quando algo é uma causa perdida.

Carter a acompanhou até o carro apenas para ter certeza de que ela estava segura, os caçadores nunca estão realmente sozinhos, e Julian e eu ficamos de olho nos vampiros enquanto isso. Meu jogo de sinuca era muito melhor quando eu sabia que não havia risco de Carter bater na minha calça jeans. Ele abraçou o papel de namorado detestável um pouco demais.

Quando ele voltou, ele trouxe outra rodada de shots, e eu continuei ficando mais barulhenta e saltitante conforme avançávamos em nosso jogo.

— Vamos pesquisar este seu novo amigo misterioso, — sugeri Julian. — Descobrir o que ele quer. O que ele realmente sabe.

Esses dois estavam sempre comigo.

— Não sei como o encontraria de novo, — disse, inclinando-me para dar minha última chance. — Bola do canto!

— Esta camiseta foi projetada com a intenção de manter seus seios contidos? — Carter exigiu quando eu me inclinei.

— Atirar! — Eu me endireitei a partir do tiro que eu perdi

descuidadamente, quando a bola branca saltou para o final da mesa de sinuca e rolou pelo chão. Tive que persegui-la para pegá-la, o que quase me levou até a mesa dos vampiros. Ajoelhei-me a alguns metros deles, perto o suficiente para sentir o cheiro da colônia escura e desagradável que eles usavam para cobrir o cheiro de sangue.

— Você fica bem de joelhos, — murmurou um dos vampiros, tão baixinho que, se eu não caçasse idiotas para viver, poderia ter duvidado de tê-lo ouvido corretamente.

Peguei a bola branca e me endireitei, esfregando meu batom com as costas da mão para que manchasse minha bochecha. Eu era boa em fingir que estava bêbada demais e parecia boa nisso também. Dei-lhes uma olhada lenta e excitada, esses vampiros gordurosos sabiam que pareciam bem para os humanos, e depois voltei para os meus amigos.

Minha bunda parecia deliciosa com esses jeans apertados. Eu sabia que eles estavam assistindo.

Eu era natural com uma espada. Aprendi muito nos últimos cinco anos, embora não tenha sido tão fácil. Elly e as outras caçadoras tiveram que me ensinar a andar naturalmente, mesmo quando alguém estava me olhando. Elas me ensinaram como ser deliberadamente sexy, como enganar um homem com os olhos nos meus seios, então eles nunca perceberiam o que eu estava fazendo com minhas mãos... ou com a lâmina.

Eu segurei minhas mãos para os lados e balancei para responder a Carter, uma vez que estava posicionada para dar aos vampiros uma boa olhada também.

— Esses bebês não podem ser contidos! Eu não posso ser contida.

— Você é selvagem, — ele riu, envolvendo-me em seus braços e

me abraçando com força. Foi o mesmo abraço caloroso e afetuoso que Carter sempre me ofereceu, onde quer que estivéssemos e o que quer que estivéssemos planejando. Ele acrescentou: — E bêbada.

— Eu? — Perguntei inocentemente, então empalideci. — Eu volto já.

O bar tinha um corredor que passava pelos banheiros e conduzia a uma saída nos fundos. Quando me ajoelhei para pegar a bola branca, notei que um dos vampiros estava posicionado para vigiar aquele corredor. Se eu fosse sequestrar alguém, eu o forçaria a sair por aquela porta e entrar no estacionamento.

Mas eu ia tornar isso ainda mais fácil para eles. Não gostei da competição da ruiva.

Fiz um show que estava prestes a vomitar e tropecei passando pela porta do banheiro feminino, batendo-me na porta dos fundos enquanto cambaleava para o ar frio da noite. Eu ainda estava curvada para fingir que ia vomitar através do concreto quando braços envolveram minha cintura e me puxaram para a esquerda. O segundo vampiro abriu a porta do carro pouco antes de eu alcançá-lo, e o primeiro me empacotou na parte de trás.

Eu gritei, tardiamente, e ataquei aquele que tinha acabado de me levar. Eu não gostaria de gritar em público e atrair algum civil bem-intencionado para a briga. Tinha certeza de que o carro deles era à prova de som.

Agora eles descobririam que estavam com as mãos mais ocupadas do que imaginavam. Me virei para alcançar minha lâmina enquanto os vampiros se amontoavam no banco de trás comigo. Os dois fizeram caretas dentuças, suas presas saindo de suas gengivas. Eles pareciam garotos de fraternidade, eu fui sequestrada por alguns

irmãos. O pensamento da vida de alguém acabando por irmão parecia uma tragédia extra.

O primeiro se lançou contra mim, mas minha lâmina estava em minha mão e peguei sua garganta. Carter e Julian estariam apenas um passo atrás. Tinha que me apressar e destruir esses dois antes de compartilhar a vitória com meus amigos.

— Ouvimos falar de vocês, *Alisa*, — disse o segundo assim que tirou um frasco de poção do bolso.

Porra. Os vampiros provavelmente pegaram Carter e Julian também, então. Meus amigos podem precisar de um resgate.

Eu não sabia o que havia no frasco, mas duvidava que fosse algo bom.

Eu o chutei, batendo minha bota em seu rosto, e ele soltou um grunhido. Ele largou o frasco e se debateu, tentando evitar meu próximo chute. Ele não conseguiu, meu calcanhar acertou-o na têmpora.

O cara com quem eu estava lutando conseguiu resmungar uma palavra em latim assim que o outro cara quebrou o frasco com seu calcanhar.

Eu inalei um forte e doce cheiro de magia, e olhei para os dois vampiros sangrando, suas longas e brilhantes presas mordendo seus lábios e seus olhos brilhando com antecipação.

— O que exatamente isso deve fazer além de me irritar? — Exigi.

A porta do carro foi aberta com força. Eu olhei para cima com um arrepio de alívio, esperando encontrar Julian e Carter a salvo e ilesos.

Duncan preencheu a porta. Sua respiração acelerou, como se ele estivesse furioso, e seus olhos nos dois homens estavam gelados.

Todos os três de nós paramos; a sensação de ameaça que irradiava dele era poderosa.

Intoxicante, até.

Eu não sabia de onde diabos *este* pensamento tinha vindo, mas a excitação rebelde foi afastada quando duas sombras entraram no carro. Eu pulei para trás do vampiro que quase estrangulei quando a sombra, não, era um cachorro preto, um enorme cachorro preto rosnando, bateu nele.

O carro balançou enquanto os cães saltavam sobre um vampiro. Os cães pareciam ferozes, grunhindo e rosnando, e os vampiros gritaram, e então houve um som úmido rasgando e tudo estava acabado.

O sangue respingou em meu rosto, gotas frias que limpei com a bainha da minha blusa. Meu coração estava batendo forte, havia uma parte de mim que tinha medo dos cachorros, mas eu sabia que era melhor não me mexer.

— Obrigada pelo resgate, meninos, — disse a eles, minha voz calma.

— O que há de errado com você, — Duncan começou. Esse brilho gelado se voltou para mim, embora eu não sentisse nenhum medo de que as feras me atacassem. Na verdade, elas saltaram do carro e cada um foi para o seu lado, virando-se e sentando-se.

— Eu não estava falando com você, — o interrompi.

Apesar de suas palavras frias e olhar ainda mais frio, suas mãos encontraram automaticamente as cabeças dos cães. Ele os acariciou e brincou com suas orelhas, e os cães bateram em suas pernas como se tivessem me esquecido.

O olhar intenso de Duncan, porém, nunca deixou o meu.

— Eu tenho que ver meus amigos, — disse, deslizando por ele para fora do carro.

— Que peculiar, — disse ele. — Alisa com *amigos*?

— Fique aí mesmo, — disse a ele. — Não se mexa. Eu quero que você conheça alguém.

Ele zombou disso.

Corri para o bar, mas não consegui encontrar Carter e Julian. Olhei ao redor da sala enfumaçada onde a música estava tocando e as pessoas estavam jogando sinuca ou tendo conversas coloridas, então saí pelas portas da frente. Onde diabos eles estavam?

Eu os encontrei limpando uma briga do lado fora da frente do bar. Carter arqueou sua espada no ar, cortando um vampiro. Julian viu uma mulher no final da rua que presenciou a coisa toda, que viu os corpos espalhados pela calçada e virou-se vasculhando a bolsa em busca do telefone. Ele saiu correndo atrás dela para tirar sua memória.

Essa era uma das razões pelas quais eu nunca poderia estar com Julian, embora apreciasse nossa necessidade de uma equipe de limpeza. Minhas próprias memórias perdidas pareciam muito com feridas irregulares para estar com alguém que deixa esses buracos na mente dos outros.

Carter me viu e jogou o braço em volta de mim, me abraçando com força, sem se importar com o sangue que cobria nós dois.

— Graças a Deus, você está bem. Eles tinham-nos enganado desde o início.

— Estou bem, — disse. — Eles tinham algum tipo de poção para me matar, mas não funcionou.

A mandíbula de Carter se apertou de raiva por eles terem tentado me machucar, mas tudo o que ele disse foi:

— Claro que não. Você não é uma mera mortal.

— Eu gostaria.

Passei muito tempo machucada, eu era definitivamente mortal.

Julian voltou em nossa direção, com as mãos nos bolsos. Embora ele usasse uma jaqueta de couro, seu cabelo escuro penteado para trás a partir dos ângulos rígidos de seu rosto em um estilo normal, ele parecia carregar um ar de magia.

— Gente, — disse. — Meu homem misterioso está de volta.

— Vamos conhecê-lo. — Carter embainhou a espada nas costas e Julian tocou suas costas, fazendo-a perder de vista novamente. Ajoelhei-me e coloquei minhas adagas suavemente no topo das minhas botas.

Mas quando chegamos ao fundo do bar, Duncan tinha ido embora, e também os cães.

CAPÍTULO QUATRO

AZRAEL

No meio da noite, juntei-me a Duncan do lado de fora de um prédio de tijolos bronzeados de seis andares.

— Como ela está?

— Ela lutou com alguns vampiros, — ele disse sem rodeios. — Ela está bem.

A fúria fria arrepiou minha pele. Ela lutou enquanto eu dormia?

— Você não pensou em mencionar isso?

— Fui eu que estava de guarda, — respondeu Duncan. — Não havia razão para perturbá-lo.

Não havia nenhuma boa razão para estar com raiva de Duncan. Encostei-me na parede de tijolos ao lado dele, enfiando as mãos nos bolsos.

— O que aconteceu com os vampiros?

Ele não agradeceu isso com uma resposta.

Enquanto esperávamos lá, um sem-teto mijava em um beco ao lado. Não poderia haver lugar mais distante da antiga vida de opulência de Alisa.

— Ela deve estar enlouquecendo, morando aqui.

Uma nítida pontada de satisfação percorreu meu peito, então percebi o quão ridículo isso era. Ela brincou com meus afetos e usou minha fraqueza por ela para destruir minha corte. Eu não deveria achar divertido o quão longe ela havia caído quando sua única

punição era um apartamento barato e o mundo mortal.

Eu deveria querer destruí-la.

Deveria.

Uma memória rebelde dela surgiu em minha mente. Alisa, olhando para mim por cima do ombro, um sorriso malicioso escrito em seus lábios vermelhos.

Também contido naquela memória: Duncan me examinando pelo ombro, dizendo que eu era uma idiota. Ele sibilou que Alisa era veneno.

Claro que ela era.

Mas o álcool também era veneno. O açúcar também. Tudo que é doce e viciante era tóxico eventualmente, não era?

— Eu não acho que ela esteja. — Duncan me observou, e eu sabia que ele estava esperando para ver como as palavras pousariam. — Ela parece feliz o suficiente.

Eu zombei.

— Prepare-se — disse Duncan, — porque aqui está a parte mais estranha de todas. As pessoas parecem *gostar* dela.

— Nós gostamos dela.

— Fale por você mesmo.

Duncan se soltou da parede; ele não gostaria de explorar essa perspectiva por mais tempo. Duncan envolveu o ódio em torno de si como se fosse seu cobertor favorito.

Aparentemente, essa foi sua versão de adeus. Ele desceu a rua, de volta ao hotel onde nós três tínhamos nos abrigados.

Esperei até o amanhecer, certificando-me de que Alisa estava segura. Quando o horizonte era uma mancha manchada de rosa e azul, decidi que a princesa já havia dormido o suficiente.

Uma mulher veio em direção à porta do prédio, embalando um saco de papel com mantimentos em seus braços. Eu me movi rapidamente em direção à porta para interceptá-la, e ela virou os olhos arregalados para mim, seus dedos apertando as chaves que ela já havia pescado de sua bolsa.

— Eu sou amigável, — disse a ela, deixando a verdade aquecer minha voz. Eu sorri para ela e seus olhos brilharam. — Vou fazer uma surpresa para uma velha amiga.

— Tudo bem, — ela disse agradavelmente, e segurou a porta uma vez trancada aberta para mim.

Os humanos são tão fáceis.

Eu a segui e subi os três lances de escada até a casa de Alisa. O ar carregava um odor fraco e rançoso. Cuidei para não roçar na parede ou no corrimão da escada, eu não me importava em me sujar na batalha, mas não estava tentando pegar alguma doença humana, cheguei ao topo e desci o corredor escuro de portas sem rosto.

Parei na frente de seu apartamento e debati se deveria entrar ou bater. Deixar-me entrar prometia certo valor de entretenimento.

Mas talvez ela realmente fosse uma pobre cordeirinha perdida sem memórias agora.

O pensamento trouxe um sorriso de lobo ao meu rosto. *Não gostaria de assustar.*

Eu bati na porta dela. Como ninguém respondeu, bati mais um pouco, até ouvir alguém xingar ao longe, o som abafado pela porta. A voz era suave e feminina, não importa a quão feia fosse a sequência de palavras que chegaram até mim.

Eu a senti do outro lado, enquanto ela pairava na frente do olho mágico. Encarei, sabendo que ela estava olhando através dele.

Depois de todos esses anos, ela conseguia me ver antes que eu a visse.

Então a porta foi aberta.

Alisa ficou lá com um rubor rosa manchando suas bochechas. Seu cabelo deveria ser lilás, mas agora era castanho e caía solto até a cintura, ligeiramente desgrenhado da cama, o que lhe dava uma aparência devassa. Meu olhar percorreu sua blusa amassada e shorts de dormir. Seus olhos se estreitaram em resposta, e seus dedos se contraíram, apertando o punho da espada que ela carregava.

— Suponho que você também me conhece? — Ela exigiu. — Como diabos você entrou no meu prédio?

Inclinei minha cabeça para um lado. Alisa realmente não lembrava que todos nós tínhamos a capacidade de encantar os humanos.

— Posso entrar? — Pedi educadamente, embora não tenha gostado de ser falado naquele tom rude. Encontrei maneiras de controlar o lado malcriado de Alisa quando estávamos juntos, embora ela dificilmente apreciasse isso agora, vindo de um estranho.

— Eu já disse ao seu irmão, não preciso de nada de você. — Seu queixo se ergueu imperiosamente.

— Como você sabia que ele é meu irmão?

Ela me estudou tão sem remorso quanto eu a olhei, seu olhar varrendo meu corpo, em seguida, demorando em meu rosto.

— Não vejo muitos deuses de cabelos negros e olhos azuis de um metro e noventa vagando pelas ruas de D.C. É seguro dizer que vocês dois são parentes.

Não pude evitar o leve sorriso que tocou meus lábios. Duncan e eu parecíamos diferentes em alguns aspectos, para começar, nossas

marcas eram diferentes. Ele usava o cabelo comprido o suficiente para cobrir as pontas das orelhas e, como minhas orelhas eram rombas, meu cabelo era curto, penteado para parecer um homem que cuidava muito bem de si mesmo, mas éramos parecidos.

Alisa achava que parecíamos *deuses*. Aquilo era doce. Suas bochechas coraram e seu pulso vibrou em sua garganta. Ela não ficaria tão indefesa com sua atração se pudesse se lembrar de mim.

— Ele tem, na verdade, um metro e noventa e quatro de altura,
— disse.

Ela revirou os olhos.

— Aposto que ele diria o mesmo sobre você.

Eu balancei a cabeça para a espada que ela carregava.

— Você costuma atender a porta assim?

— Quando alguém bate na minha porta, geralmente quer dinheiro do aluguel ou vingança. Então sim.

Houve um som no corredor, e ela olhou naquela direção, pressionando a espada atrás das costas para escondê-la.

— O que você quer? — Ela exigiu.

— Eu quero levar você para casa.

Seus olhos se arregalaram quando eles voltaram para mim. *Peguei você.* A satisfação percorreu meu corpo e descansei meu ombro contra o batente da porta, estudando seu rosto.

— Onde fica a casa? — Ela perguntou.

— O mundo Feérico.

Seu rosto imediatamente ficou reservado.

— Ok. Certo. E quem diabos é você para mim?

Deixe-me colocar isso em termos humanos para ela. — Eu sou seu ex-namorado.

— Mesmo? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Como é que você demorou tanto para me encontrar? Não estava olhando muito, estava?

— Não, realmente não. — Eu procurei no mundo Feérico por ela, pensando que Herrick a tinha matado. Apesar do que ela fez comigo, eu queria fazê-lo pagar por ter machucado ela.

Quando eu soube que ela estava viva no mundo mortal, eu a rejeitei. *Fuja, Alisa. Você sempre faz.*

— Como você chegou a isso, — seus lábios se arquearam zombeteiramente. — Mundo Feérico?

Ela não acreditou em mim.

Eu exigi:

— Você mata bestas sobrenaturais e não acredita no mundo Feérico?

— Não acredito em nada que não posso ver ou tocar, — disse ela.

— Eu estou bem aqui. Eu sou um Feérico, — apontei.

Um estranho impulso tomou conta de mim. Estávamos tão perto agora, e fazia muito tempo desde que senti suas mãos em meu corpo. Só de vê-la fez meu pau latejar.

— Você pode me ver. — Peguei sua mão livre na minha.

Ela recuou automaticamente, então eu a senti ceder, como se ela estivesse curiosa.

Isso mesmo, Alisa. Você sempre se entrega a mim. Um sussurro do passado deslizou pela minha memória, da minha própria voz, meus lábios contra sua garganta. *O outono sempre vence o verão.*

Ela tinha sido o verão para mim, não importa a quão fria ela agisse com o resto do mundo.

Guiei sua mão esguia para os músculos rígidos do meu peito.

— Você pode me sentir.

Não importa o quão legal ela agisse, seu pulso disparou ainda mais rápido agora. Não de medo. Alisa sentiu pouco medo. *Desejo*.

— Quem eu era? — Ela perguntou, cedendo à sua curiosidade.

— Nesse mundo?

— Você é a realeza Feérico, — disse a ela.

Ela me encarou por um segundo, seus olhos se arregalando, então ela riu alto.

— Isso funciona com alguém? — Ela perguntou. — Qualquer golpe que você está usando?

— Eu garanto a você, não há golpe. — *Além da verdade sobre o que a esperava no mundo Feérico depois que ela atravessou aquele portal.*

— Não há mundo Feérico, — ela me disse, balançando a cabeça. A risada borbulhou em seus lindos lábios enquanto ela se afastava. — E eu não sou uma princesa.

Eu pulei para bloquear a porta, mas seus reflexos eram tão sobrenaturalmente rápidos quanto os meus. Ela bateu na minha cara apenas um segundo antes de meu dedão pegar a porta e, em vez disso, bati minha bota inofensivamente na madeira.

Não, você está certa. Você não é princesa.

Você é uma maldita rainha.

CAPÍTULO CINCO

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Era quase meia-noite quando as primeiras carruagens cheias de novos alunos para a academia começaram a chegar. A névoa cobria as montanhas que cercavam a academia, e um frio penetrante pairava no ar. Sempre estava frio aqui, mas a lã grossa do meu casaco, e um pouco de magia, me mantinha quente, embora minha respiração estivesse suspensa no ar.

Este lugar miserável era culpa da corte de inverno. Era apenas o início do outono no resto do mundo. Este lugar, entretanto, tinha sido amaldiçoado.

E nossos instrutores aproveitaram essa maldição para projetar a escola mais miserável possível.

Quando as portas da carruagem se abriram, alunos tagarelas do primeiro ano desceram. Seus desejos de calor e descanso estavam claramente estampados em seus rostos; eles teriam que aprender a esconder *esses* desejos. Este lugar foi feito para quebrar nobres mimados com necessidade de conforto e segurança.

Ou talvez fosse apenas para nos quebrar, ponto final.

— Fico feliz em ver você, irmãozinho, — gritei para Duncan, pegando-o na massa. Ele se virou para mim, uma expressão de resignação estampada em seu rosto. Ele sabia que eu seria seu sênior aqui. Ele reclamava muito do nosso treinamento a cada intervalo, mas

eu não o deixaria falhar aqui. Melhor para ele sangrar e sofrer em casa.

— Irmão, — ele disse rigidamente enquanto cruzava para mim. Sua postura estava perfeitamente ereta, embora seus lábios estivessem escuros de frio.

Eu poderia dizer que havia algo insolente na ponta da língua, mas ele conseguiu se conter pela primeira vez. Não estávamos mais em casa.

Ele enfiou a mão em sua jaqueta fina e tirou uma carta, carimbada com o selo de nosso pai.

— Algo para você.

— Obrigado. — Guardei no bolso para ler mais tarde. — Más notícias; não fui capaz de considerá-lo meu júnior.

Duncan não conseguiu conter sua bufada cínica.

— Eu vou aproveitar minhas chances.

Eu realmente não tentei. Nem sempre fui gentil, ele era meu irmão mais novo, mas não parecia justo tomá-lo como meu júnior, como eu havia ameaçado.

Todo veterano da escola tinha um novo aluno como colega de quarto, alguém para orientar, e para embaçar. Nossos alunos vieram de famílias ricas onde foram estragados; a chance de lavar a roupa de outra pessoa e fazer seus recados era boa para eles.

E era fantástico para nós, veteranos.

Houve gritos à frente, e a cabeça de Duncan girou naquela direção. O trote estava começando para valer.

— É isso aí, — prometi a ele, batendo em seu ombro. — Não importa o que eu disse neste verão, você é o homem mais durão que eu conheço. Eles vão tentar quebrar você, mas você só vai manter a

cabeça baixa e continuar lutando até que tudo acabe.

Seus lábios se contraíram pesarosamente nos cantos, mas ele não respondeu. Ele sempre foi reservado, inesperadamente para um filho do meio.

Ele saiu correndo na direção da gritaria. Lembrei-me daquele trote precoce.

— Divirta-se! — Gritei atrás dele, sabendo que aqui era o único lugar em que meu irmão não poderia lançar alguns palavrões cuidadosamente selecionados em mim. Eu sorri.

Voltei para o meu quarto, esperando que meu colega de quarto não aparecesse até depois do amanhecer, sujo e tremendo e pronto para começar um dia de buscar e carregar.

Eu não tinha gostado particularmente de ser quebrado por minha própria atitude mimada quando cheguei à academia, mas era difícil para mim argumentar que não era eficaz.

Entreí em meu quarto, que era iluminado apenas pelo luar que brilhava nas montanhas nevadas e refletia no quarto. Eu joguei meu casaco nas costas da cadeira, chutei minhas botas e comecei a puxar minha camisa pela cabeça.

— Bem, olá.

A voz, divertida e suave me parou. Larguei minha camisa no chão e a pisei enquanto girava e puxava minha espada de onde ela estava pendurada acima da minha mesa.

— Calma aí, durão. — O menino na cama era uma figura esguia. Seu cabelo lilás era curto, mas selvagem e despenteado ao redor de um rosto em forma de coração. Ele sorriu para mim como se houvesse algo engraçado sobre como eu quase o decapitei.

Deixei cair minha mão ao meu lado, mas me segurei na espada.

Ele tinha falado apenas quatro palavras, mas algo em seu tom era tão enfadonho que eu não estava decapitando completamente ainda.

— O que você está fazendo?

— Achei que estava dormindo. — Ele bocejou. — Até você começar seu strip-tease.

Eu dei um passo à frente, minha mandíbula cerrada.

— Você está perdido. Você deveria estar do lado de fora com os outros alunos do primeiro ano.

— Eu deveria? — Ele olhou pela janela, bem a tempo de ver a cobra escura do trote dos calouros subindo o caminho da montanha. Ele franziu a testa. — Eles estão *molhados*? Vão pegar um resfriado.

— Você deveria estar com eles, — avisei. — Levante. Vá em frente.

— Estou onde deveria estar, — ele prometeu. Ele estendeu a mão para eu apertar, embora ele não tivesse se incomodado em ficar de pé; ele se sentou de pernas cruzadas na cama agora. — Feérico da corte de verão.

Eu o encarei, recusando-me a apertar sua mão.

— Ser um príncipe não tira você de nada por aqui.

— Bem, não deveria, — disse ele. — Fico feliz em ouvir isso. O instrutor Tomas disse-me para me apresentar no quartel. E você é?

— Por que ele faria isso? — Exigi, irritação em minha voz.

Ele encolheu os ombros. — Seu nome?

Eu nunca conheci ninguém que me irritasse tanto em tão pouco tempo.

Eu agarrei seu colarinho e o puxei para fora da cama. Ele estava descalço, os dedos dos pés balançando nas tábuas do piso de madeira polida, e tão leve e com ossatura de pássaro que ele devia ser um

feérico alado. Fiquei meio tentado a jogá-lo pela janela para ver como ele era rápido com aquelas asas; seria a maneira mais rápida para ele se juntar aos outros calouros.

Em vez disso, coloquei-o no chão de madeira frio. Ele me olhou boquiaberto, seus lábios entreabertos como se ninguém nunca tivesse ajustado a atitude desse pirralho em toda a sua vida.

— Ponha suas meias e botas. Você está se juntando aos outros, e eu não quero você muito congelado para lavar minhas roupas pela manhã.

Ele riu disso. Então ele deve ter visto algo em meu rosto. De repente, ele se sentou na ponta da cama, arrastando apressadamente as grossas meias de lã, dois pares, eu percebi, e depois as botas. Seu uniforme não parecia servir bem, e eu fiz uma careta enquanto me vestia apressadamente. Talvez o príncipe tivesse irritado tanto seus criados que eles quisessem envergonhá-lo quando ele estivesse fora de alcance.

— Isso é um mal-entendido, — disse ele, e como suas botas estavam mais ou menos calçadas e ele estava apenas tentando amarrá-las, agarrei sua nuca e o arrastei pelo corredor comigo como um gatinho rebelde.

Eu o empurrei pela porta do pátio, com força suficiente para que ele caísse de joelhos na neve.

— Eu ouvi sobre você, Feérico, — disse a ele enquanto o seguia para fora. — Você se preocupa pouco com qualquer coisa além do seu próprio prazer. Você não é um guerreiro e não está em forma.

A raiva apertou meu peito. Eu estava perfeitamente ciente de minhas próprias falhas, mas morreria para proteger meu povo se fosse necessário. Minha mãe, antes de falecer, me levou a todos os lugares

com ela através da corte de outono, ensinando-me a ser um rei digno algum dia.

— Não posso fazer nada sobre isso, — disse. — Isso é contigo. Mas você seguirá as malditas regras aqui, e veremos o bem que isso fará a você.

Ele se levantou, batendo palmas nas calças.

— Você não me conhece, Outono.

É desrespeitoso chamar um Feérico pelo nome de sua corte, e o empurrei novamente. Ele caiu de bunda na neve, olhando para mim. Foi aquele olhar de puro desafio em seu rosto que me fez cair em cima dele, minhas coxas de cada lado das dele, minha mão agarrando sua garganta. Eu pressionei. Talvez a neve pudesse esfriar aquele seu temperamento obstinado. As histórias de como ele era preguiçoso em seu treinamento eram infames nas cortes, e ele estava pagando por sua incompetência agora. E pagaria, por muitos meses, para vir.

— Por que você está tão orgulhoso de se juntar aos seus colegas?

— Exigi. Peguei um punhado de neve e bati em sua bochecha, o movimento desdenhoso e pungente, e ele enrubesceu de raiva. — Um príncipe não deveria estar disposto a dar o exemplo?

— Isso é estúpido, — ele rosnou de volta. — Estou feliz por treinar e lutar, mas eles estão apenas sendo torturados.

— Alguns deles são seus próprios nobres da corte de outono. — Eu dei um tapa na outra bochecha dele com outro punhado de neve. Suas bochechas estavam vermelhas agora naquele rosto pálido. — O que você acha que eles vão achar de como você os abandonou?

— Eu não os abandonei, — disse ele, tentando me jogar, e meus lábios se separaram para rir dele. Ele era uma criança.

Então, de alguma forma, ele resistiu e me jogou para o lado. Sua

perna prendeu a minha, e nós dois lutamos pelo controle na neve.

— O suficiente. — A voz do professor Vail estava mais sombria do que a própria noite. — Antes que alguém veja os príncipes de nossas cortes lutando como crianças.

Nós dois nos separamos e nos levantamos. Ele estava respirando com dificuldade, e o olhar que me lançou sugeria que, se eu dormisse em nosso quarto novamente, poderia acabar sendo esfaqueado durante o sono.

Vail e eu nos encaramos.

— Ensine-o, — disse ele, depois se virou e voltou para dentro de casa.

Eu olhei para o garoto na minha frente, magro e com as bochechas vermelhas e ainda furioso.

— Vamos encontrar seus colegas, — disse, minha voz mortalmente calma.

Ele ainda respirava com dificuldade e sua fúria transparecia em seu rosto. Mas ele acenou com a cabeça uma vez, secamente.

— Eu vou correr com você, — disse, liderando o caminho. Ele seguiu, seus pés esmagando a neve.

Alguém teria que se certificar de que o príncipe chegaria ao destino pretendido. Eu não tinha medo de fazer parte do grupo que subia e descia a montanha, rompendo o rio gelado e tropeçando no pico dilacerado pelo vento e depois descendo novamente. Eu já tinha sobrevivido antes. Não me importava em pagar o preço pela minha posição.

Noblesse oblige³, afinal.

Eu me certificaria de que esse menino aprendesse o significado das palavras, ou que ele desistisse.

CAPÍTULO SEIS

ALISA

Que dia de merda. Tive apenas algumas horas de sono entre as aventuras da noite anterior e o rude despertar desta manhã. Feérica? Sérico? Eu teria que perguntar por aí. Talvez os dois homens fossem Feéricos; Eu não sabia tudo sobre o mundo sobrenatural ainda, de longe.

E eles eram bonitos a um ponto que parecia irreal. Só de pensar em sua confiança fácil, aqueles corpos altos e poderosos, aqueles olhos magnéticos e cabelos escuros... minhas coxas se contraíram, meu núcleo latejando com desejo repentino. Sim, havia algo estranho sobre aqueles caras.

Mas eu definitivamente não era uma princesa.

O “Feérico” martelou na minha porta da frente.

— Vá embora! — Gritei. Tinha que descobrir o que eles queriam, mas na minha própria linha do tempo. Eles estavam obviamente tentando me manipular, e eu não queria jogar o jogo deles, fosse o que fosse.

Esperava mais marteladas.

Em vez disso, o corredor ficou em silêncio. Revirei os olhos, dificilmente confortada. Provavelmente era uma armadilha.

Eu passei aquele primeiro ano tentando tudo que podia para ter minhas memórias de volta. Já estive em leitores de tarô, bruxas e hipnoterapeuta. Nada trouxe o passado de volta para mim.

Mas eu podia ter certeza de uma coisa: eu não era uma princesa.

Além disso, alguém teria vindo à procura de uma princesa desaparecida. Não teriam levado cinco anos.

Percorri meu pequeno apartamento puído até o banheiro, descansei minha espada contra o armário do banheiro e abri a torneira do chuveiro. Os canos de água quente gemeram e gritaram até que a água começou a pingar no chão de ladrilhos, mas fora isso, o apartamento estava em silêncio. Meus vizinhos ainda não se mexiam.

Continuei esperando que o Príncipe Encantado de alguma forma mágica fizesse seu caminho para dentro do meu apartamento, mas estava misericordiosamente sozinha enquanto eu rapidamente lavava meu cabelo. Inclinei-me para fora do chuveiro para pegar minha escova de dente, em seguida, escovei os dentes enquanto estava sob o jato quente. Meu apartamento poderia estar um pouco desgastado, mas eu amava como era compacto e eficiente.

Eu teria que usar um banho quente e café mais quente para substituir os sentidos e dormir na noite passada. Eu precisava estar em boa forma para trabalhar. Saí do banheiro ainda me enxugando, despenteei minhas ondas com os dedos para me certificar de que secassem ao ar pela metade decentemente e, em seguida, rapidamente vesti calças justas, uma camiseta de mangas compridas e a blusa por cima.

Os caçadores não só me ajudaram a encontrar uma missão, mas também me ajudaram a encontrar um trabalho diurno, porque matar vampiros não pagava o aluguel de ninguém. Matar era apenas um hobby meu.

Eu tinha um jeito incomum com animais, então, apesar de minha falta de educação, ou certidão de nascimento, por falar nisso, Elly

mexeu alguns pauzinhos e me deixou trabalhando por baixo da mesa como técnica veterinária.

Quando a veria hoje à noite de qualquer maneira, perguntaria a ela sobre os Feéricos. Pelo menos tinha algo para pesquisar agora. Então eu descobriria o que fazer com esses misteriosos estranhos.

Peguei minha bolsa de couro enorme, verificando se estava com meu telefone, carteira e, o mais importante de tudo, minhas lâminas. Suspirei. O que eu *não tinha* era café da manhã ou tempo para fazer. Qualquer que seja. Poderia ir até a cafeteria. Quase sorri para mim mesma ao pensar que ninguém poderia gritar comigo no trabalho hoje, certo? Porque eu era uma *princesa*.

Corri para o corredor, fechando minha porta atrás de mim.

O corredor estava vazio. O Sr. Alto-Moreno-e-Lindo-Dois se foi. Fiquei desapontada em vez de aliviada, como deveria.

— Sem bom senso, — murmurei, pegando as escadas com pressa. Preferia uma vida interessante a uma fácil, e tinha cicatrizes e hematomas para provar isso. Minha curiosidade sobre aqueles dois idiotas bonitos era prova também.

Corri para a estação de metrô, peguei o metrô e cheguei ao meu destino com minutos de sobra. *Hora do café*.

Estava esperando na fila quando me dei conta de um grande corpo atrás de mim. Senti o leve cheiro de alguma loção pós-barba ou colônia agradável, algo limpo e brilhante que me lembrava pinho e neve crocante em um dia de inverno gelado.

Eu me virei, esperando ter sido encontrada mais uma vez pelo maldito “Feérico”.

Mas o homem atrás de mim não era familiar. Parecia mais jovem, seu cabelo loiro despenteado. Ele também era construído, todo

músculo esguio e esculpido.

Quando fiz contato visual com ele, seus olhos verdes se arregalaram, como se ele não esperasse que uma estranha na cafeteria o olhasse. Humano então. Me virei de volta, meu cabelo úmido balançando sobre meus ombros.

— Com licença, — ele disse.

Fechei os olhos com força, desejando acreditar em um deus a quem orar por paciência.

Bem, que pena. Eu simplesmente teria que me contentar com nada, e o resto do mundo teria que se contentar *comigo*.

— Você está falando comigo? — Perguntei em uma voz que sugeria que era um erro.

— Sim, — ele disse. — Mas eu gostaria de um pouco de privacidade para o que tenho a dizer a seguir.

Quase ri, passando os dedos pelo cabelo para afastá-lo do rosto.

— Quantos mais de vocês existem?

Não tinha certeza se conseguiria sobreviver a mais.

— Só nós três, — disse ele, em seguida, pressionou a palma da mão no peito, curvando-se ligeiramente para a frente. — Meu nome é Tiron.

— Seu amigo não conseguiu se apresentar esta manhã.

— Meus amigos são idiotas. — Seus olhos verdes brilharam com malícia.

Eu o estudei por um segundo.

— Eu gosto de você um pouco mais, mas ainda não vou com você para um segundo local para *privacidade*. Desculpe.

— Oh, eu não preciso que você faça isso. — Seus lábios se separaram em um sorriso fácil. — Vou nos dar privacidade aqui

mesmo.

Arqueei uma sobrancelha para ele enquanto alguma combinação rebelde de preocupação, curiosidade e excitação corria pelo meu sangue. *Desejo de morte*. Talvez o idiota no beco não estivesse errado sobre isso.

— Saiam, por favor, — disse ele, olhando ao redor da sala para as pessoas que a enchiam. Sua voz era quente e calmante. Havia algo magnético nisso. Mas só porque ele parecia bom, não significava que era.

As pessoas empurraram as cadeiras para trás, raspando as pernas no linóleo. As pessoas à minha frente se viraram abruptamente e saíram da fila, saindo pela porta. Um dos baristas puxou o avental pela cabeça e o deixou cair sobre uma mesa ao lado do café abandonado e fumegante de alguém.

Por um segundo, o horror tomou conta de mim. Ele falou. Eles obedeceram. As implicações disso, de como os humanos podem ser abusados e forçados, passaram por cima de mim e me deixaram doente, mas engoli a onda de medo.

— Oh vamos lá! — Eu me virei para encará-lo, colocando minhas mãos em meus quadris. — Eu precisava deles para pegar meu café!

— Você? — perguntou. Ele se dirigiu para trás do balcão e se virou para mim. — O que Vossa Majestade deseja?

Eu revirei meus olhos. — Eu mesma pegarei.

— Não está mais acostumada a ser *servida*, Majestade?

— Você não lavou as mãos, — retruquei. Me servi um bolinho e uma xícara de café. Deixaria o dinheiro para trás para pagar por ambos. — Então eu poderia fazer isso também? O que é *que* foi isso?

— Um glamour. E sim, você pode fazer os humanos fazerem

quase qualquer coisa.

— Isso parece profundamente imoral, — aponte. Então admiti:
— Também é útil. Funciona em vampiros e shifters e outros enfeites?

— Eu não sei. — Ele carregava um pote de vidro cheio de biscoitos de chocolate na curva do braço, já mordiscando um, enquanto passava por mim na área do café. Ele empurrou uma cadeira da mesa com o pé. — Conversa comigo?

— Tudo bem, — disse. Não adiantava mais negar minha curiosidade. Sentei-me em frente a ele, estudando-o. Ele era tão ridiculamente bonito quanto os outros dois, mas de um jeito diferente. Seus lábios eram suaves e rosados, com uma curva pronunciada e um lábio inferior arredondado, tão sensuais quanto o resto de seu rosto era afiado.

Ele me estudou de volta, seus olhos verdes parecendo absorver demais. Finalmente, ele acenou com a mão, abrangendo o café vazio.

— Você não pode negar que o mundo Feérico é real agora.

Não foi uma pergunta.

Havia a possibilidade de que esses homens estivessem fazendo algum tipo de jogo, mas a resposta mais simples era que eles eram de fato o que diziam ser.

— Você é Feérico, — concordei, pelo menos por agora. — Por que você está aqui?

— Você também é Feérica. — Ele levou uma xícara aos lábios, tomando um gole, antes que eu percebesse que ele não tinha sua própria xícara. Ele colocou minha xícara de volta na minha frente, me lançando um olhar inocente enquanto eu franzia a testa para ele.

— Talvez, — disse cautelosamente. Eu não me lembrava de nada da minha vida antes, então era difícil argumentar que não. Envolvi

minhas mãos em volta da minha xícara de café, protegendo-a dele. — Por que você veio me procurar agora?

— Você é nossa rainha, — disse ele simplesmente. — A herdeira do trono. Seu pai está morto.

Algo sombrio torceu meu intestino com suas palavras. Não era uma sensação de perda, exatamente. Como se meu corpo sentisse algo, mesmo que meu cérebro não pudesse entender.

— Eu gosto dele? — Perguntei, para ganhar meu tempo.

— Não particularmente, pelo que ouvi.

— E eu gostaria de ser rainha?

— Suponho que sim. — Tiron inclinou a cabeça, me estudando.

— Você era rica, poderosa e amada em nosso mundo. Quem recusaria isso?

Amada. Estava pronta para bufar com a ideia de ser rica e poderosa, como se não houvesse cordas amarradas a tudo isso, e então meu coração pegou na palavra *amada*.

Como se não houvesse amarras *nisso* também.

— Estou curiosa, — admiti, e os olhos de Tiron se aguçaram. — Mas não me lembro de nada sobre minha vida antes.

— Acho que alguém roubou suas memórias, — ele disse.

— Quem?

Ele balançou sua cabeça. — Nós não sabemos.

— Posso pegá-las de volta? — Perguntei. A ansiedade invadiu minha voz, apesar de minhas melhores intenções.

— Pode ser. No mundo Feérico.

Eu fiz uma careta para ele, não me importando com essa resposta. Eles queriam muito que eu fosse com eles, e isso despertou minhas suspeitas.

— Por que não *neste* mundo? Para que eu possa tomar uma decisão informada se quero continuar com minha vida aqui ou retornar à antiga?

Ele quase riu. — Você chama isso de vida?

Que bastardo lindo e condescendente.

— Sim, — disse. — Eu chamo.

Me levantei da mesa e seus lábios se fecharam.

Então ele tentou novamente, sua voz mais gentil.

— Não há magia suficiente neste mundo para quebrar esse tipo de encantamento. Quem quer que tenha amaldiçoado você para perder suas memórias, sua identidade, isso foi uma magia poderosa.

Eu ri alto, esfregando meus braços distraidamente.

— Excelente. Então, eu tenho inimigos poderosos com grande magia e devo voltar para *isso*? Acho que não.

— Alisa. Por favor. Seu irmão Feérico precisa que você volte para casa. Ele não pode governar sem você.

— Por quê? — Exigi.

— Vocês são gêmeos, — disse ele simplesmente. — O trono é tanto seu quanto dele.

Eu não tinha nenhuma memória de um *irmão gêmeo*, e mesmo que eu nunca tivesse pensado em perder um antes, de repente isso parecia uma dor. Compartilhei um útero com alguém que eu nem sabia que existia?

Meu peito se apertou. Meu gêmeo sentia minha falta?

— Eu sempre ouço muito sobre o que todo mundo quer de mim, — disse. — Mas eu quero minhas memórias de volta. Não estou entrando no mundo Feérico sem nenhuma ideia de como as coisas funcionam, ou quem eu sou, ou quem vocês são. Não, obrigada.

— Alisa...

— Você pode dizer meu nome assim o quanto quiser. Descubra como trazer minhas memórias de volta e considerarei ir com você.

Ele olhou para mim com os olhos arregalados. Eu ainda meio que gostava dele, apesar de tudo. Ele era sexy como o inferno, charmoso de uma forma estranha e peculiar. Algo na maneira como ele olhava para mim me tocou.

Baguncei seu cabelo com a minha mão enquanto passava. Então os sinos tocaram na porta do café quando saí.

Por um segundo, a rua pareceu muito quieta, como se ele tivesse ordenado que todos fossem para casa, e a sensação de algo estranho se apoderou de mim.

Em seguida, um carro passou zunindo e um cachorro latiu na rua.

Tudo estava normal aqui na Terra.

Bem, tão normal quanto a Terra sempre foi.

CAPÍTULO SETE

TIRON

— Sucesso impressionante, — Azrael disse, sacudindo sua cabeça.

Enquanto o sol se transformava em crepúsculo, nós três permanecemos do lado de fora da clínica veterinária onde Alisa trabalhava.

Duncan encolheu os ombros, não particularmente alarmado com o fracasso da diplomacia. Ele nunca foi diplomático.

— Portanto, executamos nosso plano de recuperação.

Eu balancei minha cabeça para Duncan, e ele franziu a testa para mim.

— O quê?

— Você apenas tenta tanto ser assustador, — disse, batendo em seu ombro com a minha mão.

— Eu *sou* assustador, — ele apontou. — *Você* costumava ter medo de mim.

— Eu não diria com medo. — O guerreiro durão deu uma surra na minha bunda quando cheguei à corte de outono, porque eu o confundi com seu irmão. Ele deu uma surra na minha bunda algumas vezes desde então, por falar nisso. Mas ele tinha um bom coração por trás de todo aquele resmungo.

— Eu gostaria, — ele discordou.

Azrael ignorou nossa brincadeira, aparentemente perdido em

pensamentos.

— Ela parece... diferente, — ele meditou.

— Bom. Quase qualquer coisa seria uma melhoria em relação à velha Alisa, — disse Duncan.

Eu não tinha conhecido a Alisa. Mas, pelo que me disseram dela, a ocupação atual de Sua Majestade foi uma surpresa. O mais surpreendente de tudo foi o que vimos, observando-a. Usamos magia para nos disfarçar e segui-la pela clínica.

Ela parecia encantar a todos que iam à clínica, fossem com dois ou quatro pés. Ela tinha um jeito fácil com os animais que tiravam o medo deles. Ela se inclinou para beijos de cachorro, gentilmente persuadiu os gatos a saírem dos carregadores. Quando ela ajudou uma mulher idosa com um gato ainda mais velho, que estava morrendo de câncer, havia lágrimas em seus olhos depois que ela os viu passar alguns dias juntos.

— Ela dificilmente parece ser a vilã de quem tanto ouvi falar, — disse.

— Ela tem um jeito de fazer os homens baixarem a guarda. — Duncan olhou para Azrael incisivamente.

— Minha guarda está levantada, — Azrael prometeu. — Não esqueci o que ela havia esquecido.

— Você já a perdoou muito no passado, — resmungou Duncan.
— Mais do que deveria. Se você não tivesse um coração terno por ela,

Eu sorri. Ninguém pensava que Azrael tinha um *coração terno*, exceto Duncan, aparentemente.

Azrael o empurrou contra a parede de tijolos com um movimento repentino.

— Cale-se.

Os lábios de Duncan se curvaram nos cantos. Normalmente ele teria saído da parede balançando, mas agora, ele parecia satisfeito por ter feito Azrael perder um pouco de sua calma, provando seu ponto.

— Como tem sido vê-la novamente? Você ainda está pronto para arrastá-la para se ajoelhar aos pés de Faerie?

— Claro. — Azrael deu um tapinha no ombro de seu irmão antes de recuar, como se o estivesse espanando. — O que importa é restaurar a corte de outono. Proteger o mundo Feérico. Deixe que ela enfrente seus pecados... ou, pelo menos, alguns deles.

— Os pecados que ela não lembra? — Perguntei, minha voz áspera.

Tinha meus próprios planos para a rainha, mas tinha que admitir que sua punição dificilmente parecia justa.

— Ela ainda os cometeu, — Azrael disse, sua voz tão relaxada como sempre. — Vamos trazer nosso caminho para casa real.

Ele parou quando Alisa saiu da clínica. Seu cabelo estava puxado para cima em um coque bagunçado no topo de sua cabeça, revelando a longa linha de seu pescoço. Ela ainda usava calças justas, mas os punhos de sua camiseta de mangas compridas tinham sido empurrados até a metade de seus antebraços delgados.

Um caminhão dobrou a esquina, movendo-se lentamente. Quando se aproximou de Alisa, algo tocou uma campainha de alarme subconsciente para mim, e comecei a avançar.

O caminhão diminuiu a velocidade. Alisa começou a descer a calçada em direção à estação de metrô. Ela se virou de repente, como se sentisse a ameaça chegando.

Um dos homens se abaixou e a agarrou, pegando-a com uma facilidade que nenhum humano deveria ter.

Comecei a correr, perseguindo o caminhão. Ele ganhou velocidade assim que seus pés deixaram o pavimento, embora eles ainda estivessem lutando com ela. Ela chutou um homem no rosto e ele quase a deixou cair de costas.

A bolsa dela caiu no chão e abriu, espalhando maquiagem, um livro de bolso e adagas pelo chão, e eu pulei sobre os destroços.

Um dos caras bateu na cabeça dela e ela caiu de joelhos na parte de trás do caminhão. Seus olhos arregalados encontraram os meus, apenas por um segundo, totalmente de medo.

Então ela caiu para a frente, na carroceria da picape.

Lancei-me no ar para pegar a traseira do caminhão, sabendo que era uma façanha quase impossível.

Quase consegui. Aterrou com força no pavimento. Tropecei, me segurei, continuei correndo, apesar da dor repentina no meu tornozelo.

Em seguida, outro carro freou bruscamente e parou bem à minha frente. Duncan me olhou furioso do lado do motorista.

— Você poderia ser mais inteligente.

— Eu poderia, — admiti. Abri a porta dos fundos e pulei para dentro, e Duncan saiu em disparada antes mesmo que eu conseguisse fechar a porta.

Mas ele manteve uma distância do caminhão, ficando para trás para que eles não percebessem que os estávamos seguindo. Azrael esfregava a nuca distraidamente e Duncan olhou para ele, uma sobrancelha erguida, como se soubesse que Azrael estava preocupado com ela.

— Faerie não se importa se a levamos de volta em pedaços, — disse Duncan.

— Quer calar a boca? — Azrael disse. — Eu sei que você quer fingir que nunca a amou, mas sua tentativa de manter distância é *exasperante*. E na verdade não engana ninguém.

Os olhos de Duncan se estreitaram, suas mãos apertando o volante, mas ele não respondeu.

Queria desesperadamente saber mais sobre isso, mas pela forma como Duncan reagiu, agora não era a hora de pressionar.

— Vamos salvar uma princesa. — O tom de Azrael alegrou-se. — Ela vai ficar encantada por nos ver novamente. Isto não podia ser mais perfeito. Ela deveria ser muito mais complacente quando percebe o quanto ela precisa de nós.

Eu diria que eles provavelmente eram psicopatas, mas bem, eles eram Feéricos e eram da realeza. Isso os tornava psicopatas em dobro.

CAPÍTULO OITO

ALISA

Acordei devagar. Minha cabeça doía, assim como meu pescoço. Quando me mudei, tentando ficar confortável, não pude ir muito longe. Meus braços estavam atrás de mim, meus ombros tensos e eu não conseguia mudar de posição.

Porra.

Minha cabeça se ergueu quando percebi que estava amarrada uma cadeira. Minha visão estava embaçada no início quando olhei ao redor. Havia dois homens parados na sala comigo, ambos com grandes sorrisos malignos de comedores de merda. Estava no que parecia ser uma casa mal-assombrada.

Ou o que logo poderá se *tornar* uma casa mal-assombrada.

— Oh, aí está ela! — O homem na minha frente bateu palmas em uma expressão de alegria sociopata.

Meu pescoço ainda doía, e movi minha cabeça para frente e para trás, tentando resolver as torções o suficiente para levantar meus olhos para seu rosto. Agora eu estava presa olhando para a pança que se esticava sobre o cóis da calça jeans.

Eu pisquei para ele.

— Seu rosto feio é estranhamente familiar.

— Você vai ficar com um rosto feio quando terminarmos com você, — ele prometeu.

— Te conheço de onde? — Era tão difícil lembrar com quem eu

irritei mais recentemente.

— Isso pode refrescar sua memória. — Seu amigo disse quando se aproximou muito de mim, então puxou a camisa para revelar uma cicatriz irregular em sua pele branca e ofuscante.

Eu estremeci.

— Não, realmente não lembro.

Raramente deixava um bandido vivo atrás de mim, e era por isso. Se você fosse lutar, é melhor terminá-lo.

O primeiro cara se aproximou de mim, agarrando as costas da minha cadeira com uma das mãos enquanto se inclinava. Sua outra mão pousou na minha coxa e cerrei os dentes contra a sensação de queimação de um toque indesejado.

Não me lembrava de nada da minha vida antes, mas odiava ser apertada nos melhores momentos. Sempre me perguntei se havia acontecido algo que me deixou assim.

— Um ano atrás, estávamos procurando reprodutoras, — disse ele, sua voz intimamente perto do meu ouvido, e eu teria me afastado se ele não fosse interpretado o movimento como medo. — Você interferiu.

— Vocês são shifters, — disse. Nem todos os shifters eram ruins, já trabalhei com alguns antes, mas havia focos de maldade. Assim como os humanos, apenas esses idiotas eram mais peludos. Então a compreensão surgiu. — Oh! Você é o bando que estava roubando garotas da rua e transformando-as contra a vontade delas. Os idiotas com o boa noite cinderela!

Sim, eu estraguei a diversão deles. Fui para o bar onde eles caçavam, parecendo fofa e inofensiva. Eles tentaram me enganar e eu joguei o jogo deles. Até que me levaram para o beco, onde

descobriram que eu estava realmente muito, muito acordada.

Não tinha percebido que deixei o sr. cicatriz Zig-Zag vivo. Trabalho desleixado. Balancei minha cabeça para mim mesma. Eu ainda tinha que falar com Elly sobre minha aventura solo de caça e agora teria que dizer a ela que eu tinha caçado desleixadamente um ano atrás. Carter iria rir pra caramba de mim. Eu nunca ouviria o fim disso.

Estava indo jantar na casa de Elly depois do trabalho. Ela e os outros caçadores suspeitariam o suficiente para vir me procurar? Eles teriam a chance de rastrear essas bolas sujas antes que me matassem?

Zig-Zag finalmente deixou cair sua camisa. Obrigada Zeus. Já era ruim o suficiente que eu provavelmente morreria aqui, não precisava ficar cega por seu estômago feio também.

— Agora você vai ser uma de nossas reprodutoras, — o primeiro me prometeu. — Depois que você me der um bebê, vou cortar pequenos pedaços de você até que me implore para deixá-la morrer.

— Isso não é maneira de tratar a mãe de seu filho. — Graças a Deus, esse era um plano de muito longo prazo. Eles não planejaram me matar hoje.

Então o Sr. Zig-Zag sentou-se em uma cadeira no canto da sala, preparando uma seringa.

— Oh, você vai adorar a maneira como vamos tratá-la.

Porra. Eles planejaram me manter drogada. As primeiras palpitações de medo subiram em meu estômago. Não queria perder o controle. O pensamento de que eu não seria capaz de me defender fez algo se abrir em meu estômago.

O outro cara, o que ainda pairava sobre mim, esfregou a mão na minha coxa. Seu toque fez minha pele arrepiar, mesmo através do

uniforme.

Ele estava perto de mim, mas cauteloso, não trazendo seu rosto ao alcance de um ataque. Eu não poderia bater minha testa em seu nariz ou afundar meus dentes em sua garganta. Eu não era uma vampira ou shifter, mas não precisava ser algo sobrenatural para ser cruel.

Como diabos eu sairia dessa? Olhei em volta freneticamente. Havia um colchão manchado no canto da sala. Eu respirei fundo. Eles tinham outras garotas aqui?

Pensei que tinha matado esses caras. A fúria de mim mesma tomou conta de mim. Quantas outras mulheres eles podem ter machucado por causa do meu fracasso?

— Vai ser uma alegria pra caralho transformá-la em uma reprodutora, — o sr. Mão Boba me prometeu enquanto seu amigo Zig-Zag se aproximava com a seringa.

Lutei com mais força, as pernas da cadeira balançando e raspando no linóleo. Mas não importa o quanto meus dedos ficaram tensos, não conseguia mover meus pulsos com fita adesiva. Zig-Zag se ajoelhou atrás de mim, fora de vista, e então houve um beliscão brutal quando a seringa foi para o meu braço. O que quer que ele injetou, queimou minha veia.

— Sorte nossa. — Zig-Zag se levantou. — Pegamos uma cadela caçadora.

— Infelizmente para vocês — disse uma voz da porta, — você também pegou uma cadela Feérica.

O mundo ficou embaçado ao meu redor quando os três grandes homens Feéricos entraram na sala. Duncan estava flanqueado por aqueles dois enormes cachorros negros, então eles se esgueiraram

para as sombras e pareceram desaparecer. Fiz uma careta para eles. Eu estava alucinando? Eles eram reais? O mundo parecia estar ficando confuso.

A gratidão e o alívio que atravessaram meu peito ao vê-los *não* podiam ser reais.

Tiron cruzou a sala, seus olhos se arregalando quando ele pegou a seringa.

— Eles a drogaram.

Zig-Zag levantou-se com dificuldade. — Quem diabos são vocês?

Tiron o jogou contra a parede. Seus olhos estavam cheios de fúria protetora. Ah, isso foi fofo.

Tiron o puxou para longe, então o jogou contra a parede novamente, com tanta força que a parede de gesso rachou. Sua voz era um rosnado:

— O que você deu a ela?

— Minha própria mistura especial, — disse Zig-Zag, e então Tiron deu um soco no rosto dele, uma, duas vezes. O homem caiu de costas contra a parede, seus olhos tremulando fechados.

— Contenção, Tiron! — Duncan o repreendeu.

Mão Boba puxou uma arma do cós da calça jeans, engatinhando enquanto pressionava o metal frio na minha têmpora.

Deveria ter ficado apavorada, mas ri das cócegas frias em minha têmpora. Tudo parecia tão surreal agora. O mundo se inclinou.

O terceiro Feérico se moveu tão rápido que parecia um borrão, era minha imaginação ou real? Porque ele não se movia como nada humano. Um tiro rasgou a sala e estilhaçou a parede. Os cães rosnaram. Mão Boba gritou antes de ser chicoteado atrás de mim, fora

da minha linha de visão.

O terceiro Feérico se ajoelhou diante de mim. Ele pousou as mãos levemente nos meus joelhos. Seu rosto estava cuidadoso, preocupado, e isso me deu vontade de rir também. Ele parecia tão sério, e eu tentei pressionar meus lábios, parecendo tão séria quanto ele.

— Olhe para mim, Alisa. Como você está se sentindo?

— Você é mesmo real? — Perguntei a ele. — Meus Feéricos? Eu tenho um Feérico guardião em vez de um anjo da guarda?

Seus olhos se arregalaram. Tiron tentou disfarçar uma risada, transformando-a em uma tosse nada convincente.

— Se você for real, estou emocionada em vê-los, — disse. Havia algo que me preocupava, algo que estava esquecendo, e fiz uma careta, tentando me lembrar. — Oh! Você poderia ir ver se há alguma garota na casa? Eu tentei parar esses caras antes, mas falhei. Espero que não tenham feito mal a ninguém.

O pensamento fez minha garganta fechar, o humor fugindo.

Ele me estudou com olhos curiosos.

— Lute contra as drogas deles, Alisa. Vou verificar a casa.

Ele apertou meus joelhos enquanto se levantava. Por algum motivo, não me importei que ele me tocasse.

— Ela está tão chapada quanto pode estar, — disse Tiron.

— Esta é outra parte da cultura humana com a qual você se familiarizou, não é? — Duncan grunhiu.

— Solte-a, — disse o líder Feérico enquanto ia para a porta. — Vou verificar a casa.

— Ainda seguindo as ordens dela, hein?

— Cale a boca, Duncan.

Duncan grunhiu. — Eu gosto dela mais amarrada.

— Por que você é tão idiota? — Tiron perguntou enquanto se ajoelhava atrás de mim. — Ela deve ter ficado assustada. Tenha um coração.

O frio tocou minha pele, metal, lâmina, e então minhas mãos se separaram. Balancei meus ombros enquanto a tensão se dissipava.

— Você ainda não percebeu que ela não tem um, — disse Duncan. — Você está desperdiçando sua simpatia.

Tiron se ajoelhou na minha frente, cortando a fita adesiva que prendia meus tornozelos à cadeira. A tensão inquieta varreu minhas pernas em alívio por estar livre, e me levantei, apenas para sentir meus joelhos desmoronarem embaixo de mim.

Ele me pegou facilmente, me pegando em seus braços. Respirei seu cheiro de pinheiro enquanto ele me segurava contra seu peito poderoso. Ele me carregou como se eu não pesasse nada.

— Você está bem, — ele murmurou em meu ouvido, e sua voz era baixa e sexy, um ronronar que eu podia sentir pelo meu corpo, nos meus ossos. Isso me fez querer relaxar com ele e dormir.

Mas não era por mim que eu estava com medo e lutava para ficar acordada. — As garotas...

Ele olhou para mim, uma carranca marcando a pele entre seus profundos olhos verdes.

— Você não é nada como eu esperava, Alisa.

— A casa está vazia. — O líder voltou, carrancudo. — Mas há sinais recentes de que alguém estava preso aqui contra sua vontade.

— Problemas dos humanos, — Duncan disse brevemente. — Nós temos nossos próprios problemas em casa, lembra?

Espera. Eles queriam me levar de volta para casa. O que havia de

errado aí? Tentei perguntar, mas as palavras saíram arrastadas. Tiron olhou para mim com olhos preocupados.

— Vamos levá-la a algum lugar seguro para descansar, — disse o outro, ainda de pé na porta. — Um de nós vai vigiar a casa. Ver se alguém vem e descobre os corpos, siga-os se o fizerem.

O alívio inundou meu peito. Não queria simplesmente abandonar ninguém que pudesse precisar de nós. Tentei dizer algo, mas quando consegui formar a primeira palavra, não conseguia imaginar o final da frase. Fiz uma careta para todos eles, minha cabeça doendo enquanto tentava pensar.

— Não tente falar, — murmurou Tiron em meu ouvido. O mundo estava borrando, ficando mais escuro nas bordas, enquanto ele me carregava pelo que pareciam ser salas intermináveis, como se o tempo estivesse diminuindo. — Temos você agora, Alisa.

Promessas sem sentido de pessoas que eu não conhecia. E, no entanto, enquanto as paredes pareciam desmoronar ao meu redor, enquanto o mundo parecia desmoronar, eu me sentia segura em seus braços.

Então a escuridão tomou conta de mim e não havia mais nada.

CAPÍTULO NOVE

RALE

— Onde está minha noiva? — Perguntei a Faer assim que seu servo humano de olhos vazios me levou em seu escritório.

— Paciência. — Faer estava no bar, misturando sua própria bebida, e ele se virou para mim, segurando um par de taças de cristal.

— Nada de bom vem sem paciência.

Meus lábios se torceram em um sorriso sombrio. Nada sobre Alisa era particularmente *bom*.

— Você encontrou seu hobgoblin⁴? — Faer me perguntou enquanto eu pegava a taça dele.

Eu grunhi em resposta. Ele não precisava se preocupar com meus antídotos para os velhos truques de sua irmã.

Ele me lembrava Alisa com seus traços agudos e travessos compartilhados, embora ele usasse seu longo cabelo lilás amarrado para trás, revelando as pontas compridas e estreitas de suas orelhas. Ele nunca poderia passar por humano, mas Alisa tinha feições mais suaves.

Por um tempo, pensei que talvez Herrick a tivesse matado. Que estranho imaginá-la no estranho mundo humano: a princesa comprando comida nos corredores frios e iluminados de um supermercado. Ela estava *trabalhando*? O pensamento me deu vontade de rir.

— Você continua tão conversador como sempre. — Faer ergueu

sua taça em um brinde que eu não recebi.

Tomei um longo gole, estudando-o.

Ele continuou:

— Eu ia perguntar se era realmente assim que você queria puni-la, parece que está se punindo também. Mas se você vai ser chato assim com ela, parece um castigo adequado. Não há nada que Alisa despreze tanto quanto o tédio.

— Então eu não acho que ela vai se importar com o submarino.

— Mas eu já sabia disso. Foi uma das muitas razões pelas quais ela me rejeitou antes.

Fui até a janela, onde as cortinas tremeluziam, movendo-se levemente com a brisa. A lua brilhou sobre o oceano esta noite, enviando ondas prateadas na escuridão.

— Você ficará triste por mandar sua irmã embora tão logo vocês dois se reencontrarem?

— Acho que poderei me acalmar, — disse Faer. — Eu sinto falta dela há muito tempo, afinal.

Praticamente podia sentir o olhar de Faer como um formigamento em minha espinha.

— Talvez nossa aliança consolide seu espírito.

Faer gostava muito de sua irmã. Não tinha certeza do que havia mudado entre eles, mas seus sentimentos alterados me deixaram desconfiado.

Ainda assim, Faer estava muito diferente do menino que eu conheci uma vez. Ele não parecia sentir carinho por ninguém nesses dias.

— Sabe, acho que sim, — disse Faer. Houve um rangido quando ele voltou a sentar-se em frente ao fogo. — Eu ouvi de meus batedores

que ela parece ter perdido suas memórias. Será interessante ver se ela se lembra de você.

Eu me virei, minhas sobrancelhas inclinadas. Que desenvolvimento fascinante.

— Se ela não o fizer, eu apreciaria se você não a alertasse sobre nossa história. — Talvez eu pudesse encantá-la. Talvez ela tivesse vindo prontamente para sua prisão no fundo do mar. Um sorriso deslizou em meus lábios.

Faer riu, um som cruel e duro.

— Essa expressão no seu rosto... até me assusta um pouco.

— Eu nunca faria mal à sua irmã, — prometi a ele. Só porque eu queria minha vingança pelo truque que ela pregou em mim, e o constrangimento que causou à minha corte e família, não significa que eu pretendia ser cruel.

Embora ela pudesse achar isso.

Ele encolheu os ombros.

— Machuque ela, ou não. Eu não me importo.

Eu o estudei. Uma vez, ele foi um menino que entrou em um ninho de besouros aquáticos para resgatar sua irmã quando ela caiu na lagoa fora do castelo. Seu vestido elaborado ameaçou arrastá-la para baixo. Ele a puxou para fora, os dois ambos encharcados até a pele, seus longos e bonitos cabelos presos em seus rostos angulosos. Então eles caíram de tanto rir na margem ao se verem.

Me apaixonei um pouco pelos dois naquele dia, embora no dia seguinte meu pai tenha me levado de volta ao mar. Pensei em Alisa constantemente desde então, e quando o pai de Alisa me procurou com uma oferta de casamento cinco anos atrás, eu agarrei a chance.

Faer estava muito diferente agora. Seria possível que as histórias

fossem verdadeiras e Faer estivesse encantado?

Ou ele simplesmente havia ficado frio e psicopata, como acontecia com quase qualquer homem com seu tipo de poder?

— O que é, Raile? — Faer perguntou sem tirar os olhos de sua taça. Ele se cansou do meu olhar, aparentemente, embora ele parecesse olhar para mim livremente quando minhas costas estavam viradas.

Minha voz saiu monótona quando disse:

— Estou simplesmente tendo problemas para conter minha empolgação com a promessa de reencontro com minha noiva.

— Espero que você encontre um pouco mais de entusiasmo ao cumprimentá-la, — disse Faer. — Ou ela pode ver através da sua estratégia, mesmo que ela realmente não se lembre de você.

Grosseiro. Os tritões me acham divertido.

Dei de ombros. Nunca fui tão bom em terra quanto sou na água, de qualquer maneira.

Mas assim que tiver minha princesa, nunca mais precisarei emergir do mar.

CAPÍTULO DEZ

ALISA

Por alguns longos minutos depois de acordar, fiquei olhando para o teto. Minha boca estava seca, minha língua grossa. Engoli em seco com esforço, ouvindo o estrondo baixo de vozes masculinas na sala seguinte.

Eu estava em meu próprio apartamento.

Eu não estava sozinha.

Nunca deixei ninguém entrar no meu apartamento. Até mesmo Carter e Julian mal entraram além da porta da frente; não queria dar a nenhum deles a impressão errada.

O Feérico sem nome estava parado na porta. Sua figura era alta e imponente, ele parecia um estranho deus Feérico que havia vagado em nosso mundo, mesmo em uma camiseta e jeans, e fechei os olhos.

Ele era demais. Muita arrogância, muito poder, muito desejo sexual cru quando ele estava perto de mim. Acima de tudo, ele era *história* demais. Não me lembrava de nada dessa história, mas me incomodava saber que tinha um ex-namorado que me conhecia intimamente, enquanto eu não sabia absolutamente nada sobre ele.

Mesmo quando eu fingia dormir, porém, estava ciente de seu corpo a poucos metros do meu. Parecia quase como se houvesse algum tipo de conexão entre nós, algo que me deixava hiper consciente de cada movimento seu.

— Você está acordada. — Sua voz era baixa e sexy, e eu senti

aquela voz doce escoar pelos meus músculos, enchendo-os de calor. O efeito que ele tinha sobre mim era inegável.

Suspirei e desisti do ardil. Quando levantei minha cabeça, senti como se meu cérebro mudasse em meu crânio. Eu ainda estava com uma dor de cabeça latejante.

— Você gostaria de um pouco de água? — Ele perguntou, entrando no quarto. Ele pegou um copo na mesinha de cabeceira e se sentou na beirada da cama.

Eu me apoiei nos cotovelos e me sentei contra a cabeceira acolchoada.

— Como vocês entraram aqui? — Minha voz saiu áspera.

Ele estendeu o copo, erguendo as sobrancelhas, e nossos dedos brevemente se sobrepuseram antes de eu puxar o copo para longe dele. Tomei um longo gole de água gelada e continuei bebendo com avidez.

— Duncan pegou sua bolsa para você. Suas chaves e assim por diante.

— Duncan. Esse é o rabugento.

— De fato. — Ele sorriu, um sorriso bonito que enrugou os cantos dos olhos.

— Quem é você?

— Azrael.

— Que tipo de nome é Azrael?

— Tudo bem, *Alisa*. É um nome Feérico. — Ele inclinou a cabeça para o lado, me estudando. — Como você está se sentindo?

Devolvi-lhe o copo vazio e ele ergueu uma sobrancelha para mim, mas o pegou. Olhei para as cobertas, para a minha blusa. Ninguém havia tirado minha roupa quando me colocaram na cama.

Bom.

— Parece que estou inteira.

— Você não está chateada com o que aqueles homens tentaram fazer?

Encarei ele, minhas sobrancelhas franzidas juntas. Ele *estava* tentando me convencer? Estava tentando me manipular para sentir que eu devia algo a ele?

Esses caras queriam que eu voltasse ao mundo Feérico por algum motivo. Não iria tropeçar em mim mesma com gratidão.

— Você teve pesadelos a noite toda, — acrescentou ele. — Você se lembra deles?

— Não.

— Eu me pergunto com o que você sonha.

Eu fiz uma careta para ele. Não gostei da curiosidade dele, da maneira como ele me estudou. Me perguntei o que ele sabia sobre meu passado que eu não sabia. O pensamento de que ele tinha respostas, que ele tinha poder sobre mim, me deixou enjoada.

— Você encontrou uma maneira de trazer minhas memórias de volta? — Exigi.

— Você precisa voltar para casa, — disse ele. — Qualquer que seja o encantamento que levou suas memórias, ele só pode ser tirado no mundo da magia.

Balancei minha cabeça, embora parecesse que poderia balançar para fora do meu pescoço dolorido. Senhor, a noite passada tinha me deixado toda dolorida, e eu corri minha mão na minha nuca, brincando com meus dedos sobre os músculos tensos em minhas omoplatas, tentando pressionar algumas das tensões.

— Por que você é tão teimosa? — Ele demandou. — Você é da

realeza, mas não quer ir para casa?

— Eu quero ir, — disse, surpresa por ouvir a verdade nas palavras enquanto as dizia. Eu não poderia dizer casa, no entanto. — Mas *alguém* tirou minhas memórias, certo? Alguém me machucou lá. E você quer que eu vá lá sem nenhuma ideia no que estou entrando? Apenas devo confiar em vocês?

Algo passou por seus olhos, um olhar de horror que estava lá e se foi antes que eu pudesse entender.

— Sim, Alisa, — disse ele, estendendo a mão em minha direção, embora não tenha tocado minha mão. — Você deveria confiar em mim.

Eu inclinei minha cabeça para o lado.

— Você disse que é meu ex-namorado. Por que nós terminamos?

Ele encontrou meu olhar calmamente. Pela primeira vez, percebi que seus olhos eram roxos, mas não exatamente. Um azul profundo ao redor de sua pupila escureceu enquanto irradiava para fora, salpicado com manchas vermelhas que se transformaram em roxo.

Olhos de monstro. Olhos magnéticos. De qualquer forma, eu poderia me perder em seu olhar. Pisquei, obrigando-me a desviar o olhar, meu queixo erguido.

— Você é a única que sabe disso, — disse ele, e sua voz era amarga. Ele se levantou, afastando-se da cama. — Você não me disse da maneira mais gentil.

Mordi meu lábio inferior com seu tom. Eu não podia discutir com ele, mas duvidava do que ele dizia. Não acho que era uma pessoa cruel.

— Você foi meu primeiro namorado? — Perguntei.

Ele se virou na porta.

— Pare de dizer *namorado*. Essa não é uma palavra que os Feéricos usam.

Os homens são tão irracionais, não importa a espécie.

— É a palavra que você usou comigo.

— Eu estava tentando fazer você se sentir confortável. — Seu olhar vagou sobre mim.

Não importa o quão gelado, algo sobre a maneira como ele olhou para mim enviou uma estranha emoção de desejo latejando pelo meu corpo. Ele não tinha me tocado, exceto por aquele toque sóbrio quando ele se ajoelhou para me verificar na cova dos shifters, mas era fácil para mim imaginar como seria se ele passasse as mãos pelo meu corpo. Me perguntei se suas mãos seriam frias contra minha pele ou se esquentaria. O pensamento me fez morder o lábio.

Nada em Azrael me fazia sentir *confortável*.

— No mundo Feérico, os primeiros não importam como aqui. Não acreditamos em virgindade ou prêmio... — ele se interrompeu de repente.

O encarei, imaginando o que ele diria, o que ele estava claramente debatendo. Ele parecia tão frio e controlado, que pensei que ele não iria falar nada.

Então ele disse categoricamente:

— Mas você foi a minha primeira. Você foi minha primeira *em tudo*.

Fiz uma careta para ele, mas ele já estava saindo do quarto. Ouvi o rangido da porta da frente, distante, e tirei os pés da cama. E agora?

Minha cabeça doeu e o mundo girou por um segundo, mas eu encontrei meu equilíbrio enquanto meus dedos dos pés pressionavam contra o piso de madeira frio.

Encontrando meu equilíbrio depois de ser drogada até o esquecimento feliz? Verificado.

Encontrando meu equilíbrio em qualquer lugar ao redor de Azrael?

Nenhuma porra de marcas de verificação para mim lá.

CAPÍTULO ONZE

DUNCAN

— O que você está fazendo aqui? — Azrael exigiu, entrando na sala de estar pelo corredor estreito assim que entrei pela porta da frente.

— Olá para você também, — resmunguei. Eu me abaixei sob a sequência absurda de luzes de flamingo pendurada na porta, batendo a porta atrás de mim. — Alguém encontrou os corpos. Houve muito choro e lamentação.

— Você os seguiu de volta para onde eles vieram? — Azrael se jogou no sofá, com um braço sobre a perna da cadeira, e pegou a cerveja gelada e suada da mesinha de centro. Achei que ele tinha se acomodado enquanto eu estava seguindo shifters fedorentos.

— Eu segui, — disse. — Para algum composto de shifter. Eles parecem estar mantendo algumas outras meninas como reprodutoras.

— Temos que ajudá-las. — Alisa agarrou-se à porta. Ela cambaleou, seu rosto pálido ainda mais pálido do que o normal.

Ela ia perder o equilíbrio. Azrael se virou para olhar para ela, mas no momento em que se levantou do sofá, ele já estava atrasado.

— Garota tola, — resmunguei, enquanto mergulhava pela sala para pegá-la.

Ela agarrou a porta, seus olhos se arregalando, como se percebesse que estava caindo. Mas a peguei primeiro, pegando-a contra meu peito.

Ela era tão leve, com ossatura de pássaro, construída para voar, e ela enroscou os braços em volta do meu pescoço automaticamente. Meus músculos ficaram tensos, ficando rígidos com a sensação de seu corpo flexível pressionado contra o meu tão intimamente.

Eu a odiava.

Mas ela cheirava deliciosamente, como um dia de verão perfeito, como limões espremidos na hora, açúcar refinado e grama bem cortada.

Azrael se recostou no sofá, um sorriso se espalhando por seu rosto.

— Só estou um pouco tonta, — protestou ela. — Ponha-me no chão.

Eu zombei disso. Ela sempre foi independente demais.

— Não tenho certeza se você pode ser confiável para *ficar de pé*. Eu nunca confiei em você, mas esse é um nível totalmente novo...

Eu parei quando Azrael balançou a cabeça para mim.

Em vez disso, sentei no sofá em frente a ele, ainda segurando Alisa em meus braços.

— Onde está Tiron?

— Eu o mandei buscar o jantar, — disse Azrael. — Devemos reunir alguma força antes de voltarmos para o mundo Feérico.

— Precisamos ajudar essas meninas primeiro. — Alisa parecia segura de si mesma, séria. — Eu tenho alguns amigos.

Eu bufei com isso, embora tivesse vislumbrado seus amigos à distância depois de seu encontro com os vampiros. Os humanos eram tolos; não era surpresa que Alisa tivesse tecido sua magia em torno deles, embora ela não soubesse como lançar um glamour conscientemente.

Ela me lançou um olhar confuso, mesmo enquanto continuava:

— Eles vão ajudar. Então, quando eu souber que as meninas estão seguras, irei para o mundo Feérico com vocês.

— Você confia em nós? — Azrael parecia satisfeito.

— Não. — Ela lutou contra meu peito, se afastando, mas ainda parecia tonta e fraca.

Levantei minhas mãos em meus ombros, com as palmas para fora, fingindo que não a segurava.

Sua luta ineficaz para escapar de mim me divertiu, enquanto seu corpo quente e esguio pressionava contra o meu. Então, enquanto ela lutava para sair do meu colo, sua bunda roçou no meu pau repetidamente. Meu pau endureceu e não sabia se a queria fora de mim ou se ela devia continuar.

Quando ela olhou para Azrael, pude ver como seus lábios estavam pálidos. A cor alta e febril ainda persistia em suas bochechas por causa dessas drogas.

— Não precisamos de seus amigos. — Corri minha mão de seu braço para seu ombro e puxei-a contra meu peito novamente. — Você vai se machucar. Apenas relaxe.

Azrael olhou para mim com ciúme brilhando em seus olhos roxos profundos. Olhei por cima do ombro dela. Ele me colocou na posição de fingir que gostava dela. Ele não deveria se ressentir de como eu joguei agora.

— Podemos cuidar dos shifters por conta própria, — acrescentei. Ela revirou os olhos.

— Certo. Você não sabe nada sobre os shifters, mas...

— São oito. — Coloquei meu queixo sobre sua cabeça, envolvendo-a em meus braços. — Bastante fácil.

Não sabia porque a puxei contra meu corpo, embora isso irritasse Azrael, o que sempre foi um hobby meu, mas por algum motivo, ela parou de lutar contra mim. Ela deve estar exausta.

Esclareci, — oito shifters masculinos. Acho que há duas mulheres lá, contra a vontade delas.

— Oito a quatro, eu gosto de nossas chances, — ela murmurou.

— Oito para três, Majestade, — zombei dela. — Você não precisa fazer nada.

Ela riu, esfregando a mão no rosto como se ainda estivesse exausta.

— Você me quer em uma função de gerenciamento? Vou apenas mandar em vocês?

— Isso é o que você geralmente prefere, — disse. — Você geralmente escolhe o caminho mais fácil.

Azrael me lançou outro olhar de advertência. Eu dei a ele minha expressão, mais inocente em troca.

— Você acabou de se ferir, — disse Azrael, sentando-se na beirada do sofá e se inclinando para Alisa.

Mas era eu quem a estava segurando. Azrael devia saborear isso.

Ele parecia estar tentando me ignorar, focado em Alisa enquanto ele continuava.

— Podemos cuidar dos shifters e depois iremos para casa.

— Por que você não quer que meus amigos venham? — Ela perguntou.

— Feéricos tentam não se revelar no mundo mortal, — Azrael explicou.

— O mundo mortal, — ela repetiu, seus lábios se curvando. — Isso tudo parece bastante inacreditável, você sabe.

— De nossa perspectiva — disse Azrael, — a ideia de que nossa amada princesa do verão estava escondida neste mundo esse tempo todo é inacreditável.

Amada princesa. Azrael estava realmente exagerando nisso.

Ela olhou para mim com ceticismo.

— Eu pensei que ele era meu ex. Ele não me odeia?

— Sim, — disse.

O olhar que Azrael me lançou foi assassino.

Bem, ele *devia* desprezar.

Dei de ombros. Não importa o que eu disse. Ela havia passado tanto tempo imersa no mundo humano e não sabia nada sobre o nosso. Ela ria da verdade.

A porta se abriu então, e Tiron entrou.

— Vocês não trancaram a porta? — Ela lutou para se sentar. — Eu tenho inimigos, você sabe. Você não deveria deixar a porta destrancada.

Eu poderia ter rido. Ela *tinha inimigos*. Como se ela tivesse que nos contar. Eu era um de seus inimigos e aqui estava ela, aninhada no meu colo. O cordeiro enrolado nas patas do leão.

Embora fosse difícil me sentir totalmente confiante de que *eu* era o leão, enquanto estava com tesão e meio que queria me inclinar para frente e respirar o cheiro de seu cabelo novamente. Ela era tão perigosa, mesmo quando parecia a mais doce. Eu sabia.

Tiron olhou para ela, depois para mim, com ceticismo.

— O que eu perdi?

— Estamos indo para uma missão juntos, — Alisa disse alegremente. Ela finalmente lutou para sair do meu colo para se sentar ao meu lado. — Duncan encontrou o complexo de shifter, e parece

que eles estão segurando algumas mulheres que sequestraram contra sua vontade.

Tiron colocou um saco de papel na mesa de centro entre todos nós, com o rosto preocupado.

— Uma missão. No mundo mortal.

Azrael encolheu os ombros. — O que Alisa quiser.

Tiron acenou com a cabeça lentamente. Não sabia por que importava tanto para Azrael levá-la para casa de boa vontade. A menos que ele quisesse aumentar sua angústia quando ela acordasse em um mundo onde estava cercada por inimigos.

Não achei que meu irmão fosse tão vingativo, mesmo que ele devesse ser.

— Por quê? — Tiron perguntou a Alisa, carrancudo. — Por que você se importa?

Azrael passou a mão pelo cabelo, obviamente irritado por nós dois.

— Porque elas estão em perigo? — Alisa franziu a testa para ele.
— Porque eu deveria ter protegido elas em primeiro lugar? Fui desleixada, ou os shifters não teriam sido deixados vivos para machucar alguém.

— A princesa Alisa foi descuidada com outra pessoa? — Disse impassível. Que inesperado.

Ela se virou para mim, franzindo a testa.

— Eu fiz algo para você em uma vida passada?

Uma vida passada para *ela*. Sobre a cabeça dela, Azrael me olhou com um olhar sombrio, sua boca movendo-se com ameaças que eu não me incomodei em ler dos seus lábios.

Eu encontrei seu olhar. Ela tinha olhos luminosos, tão brilhantes

e azuis como o oceano sob o qual Faer a enterraria.

— Sim, — disse. — Você era mimada e obstinada e machucou todos que chegaram perto de você, princesa Alisa.

Seus olhos se arregalaram, depois se fecharam, uma expressão de calma aparecendo em seu rosto quando seu queixo se ergueu. Mas vi um lampejo de dor e, mais do que isso, *medo* primeiro.

Ela estava com medo de que eu estivesse certo.

— Se eu era assim — disse ela com cuidado, — e não estou dizendo que seja verdade, então não sou mais essa pessoa. Nos últimos cinco anos, tenho tentado proteger as pessoas. Eu cacei as coisas perigosas durante a noite.

— E você gostou, — terminei. Ela sempre gostou de lutar e matar.

Era a única coisa que tínhamos em comum.

O vinco entre seus olhos se aprofundou. — Sim.

— Não há nada de errado em desfrutar do seu trabalho, — interrompeu Azrael, enquanto Alisa e eu nos encarávamos. — Tiron, o que você trouxe de volta?

— Comida chinesa para viagem, — disse Tiron alegremente, embora pudesse sentir seu olhar fixo em Alisa e em mim. — Eu amo comida chinesa.

Azrael gemeu. — Eu não, mas tudo bem.

— Alisa quer, — Tiron disse. Ele acenou com a cabeça através da porta para a pequena cozinha, onde um menu chinês rabiscado estava preso à porta com um ímã.

Alisa desviou o olhar do meu. Percebi que ela ficou abalada com a forma como sua postura era perfeita, rígida, o queixo erguido e ela apoiava as mãos abertas no colo como se estivesse de volta a corte. Ela

nem sabia que estava sentada neste sofá puído como se estivesse em um trono.

Mas qualquer pessoa que a conhecesse poderia ver. Eu já podia vê-la mudando, cobrindo seu aborrecimento com uma confiança relaxada.

— Então Tiron é o encantador — disse ela, fixando-o com um sorriso que ele devolveu, — e Duncan é o resmungão.

— Quem sou eu, então? — Azrael perguntou, sem tirar os olhos do saco de papel que ele vasculhou.

— Isso é um mistério, — disse Alisa, sua voz leve.

Mas eu costumava ser bom em ler Alisa. Éramos parecidos em alguns aspectos, por mais que eu odiasse admitir. A retidão perfeita de sua coluna, a maneira como ela cruzava as mãos no colo e colocava um tornozelo sobre o outro, era a pose de poder de uma princesa.

Ela foi ensinada a ficar de pé, a sentar-se e a *estar* em cada momento. Quando éramos jovens, ela quebrou a gaiola de vidro que a corte de verão tentou colocar em torno de sua boneca. Ela insistiu em ser ela mesma, uma pessoa que era confusa, imperfeita e perigosa, mas pelo menos ela mesma.

Quando estava nervosa, porém, sempre voltava a esse propósito.

Ela não sabia o quanto estava certa em ter medo.

Conhecia meu irmão bem, mas não sabia quem era Azrael quando ele estava perdido em suas garras, se ele estava perdido em seu amor por ela ou em seu desejo de vingança.

Ele ainda pode amá-la, mas esse amor não a salvaria quando voltássemos para a corte de verão.

CAPÍTULO DOZE

ALISA

Quando eu estava mais firme em meus pés, coloquei os caras para fora do meu quarto. Eles se recusaram a me deixar até que as drogas passassem completamente, e não tive energia para pegar minha espada e forçá-los a sair. Honestamente, não me importava inteiramente de tê-los aqui enquanto me recuperava. Me sentia mais segura com eles por perto.

Me sentia segura, mas não me sentia confortável. Mesmo com a porta fechada entre nós, poderia jurar que *sentia* a presença deles do lado de fora, vigilantes e esperando.

Era difícil respirar com eles ao meu redor, embora eu nunca fosse admitir isso.

Entrei no armário, calcei os sapatos espalhados pelo chão e fechei a porta atrás de mim. Escondida no escuro, entre meus suéteres e vestidos pendurados como a durona destemida que eu era, liguei para Elly. Pelo menos com duas portas entre nós, parecia que eu tinha algum espaço deles, embora meu casaco de lã fizesse meu braço coçar toda vez que o encostava nele.

Azrael, Duncan e Tiron me deixavam nervosa de uma forma estranha. Não me sentia exatamente em perigo. Eles não pareciam uma ameaça.

Era uma sensação a que eu não estava acostumada; algo agudo e ansioso, algo dolorido. A mera presença de seus corpos fez algo para

mim. Meus mamilos de repente endureceram dolorosamente contra o meu sutiã. Uma estranha sensação de vazio se acumulou na minha barriga. Me sentia como uma adolescente com tesão, percebendo tudo sobre a forma como seus músculos ondulavam quando se moviam, sobre sua graça fácil e mortal. Era mais fácil pensar com clareza quando não precisava olhar para eles, respirá-los, senti-los.

— Alisa! — Elly parecia afiada assim que atendeu. — Quando você não veio jantar e não atendeu o telefone, pensei o pior. Estamos procurando por você!

— Bem, o pior estava certo, — disse. — Lembra-se dos shifters que estavam sequestrando humanos contra sua vontade para reprodutoras? Eles me pegaram na rua.

— Presumo que estejam todos mortos agora?

A pergunta brusca foi comovente. Ela tinha muita fé em mim.

— Sim, — respondi. — Bem, aqueles que me levaram estão. O resto está indo nessa direção.

Havia vozes de crianças ao fundo. Seus netos estavam brigando por alguma coisa. Ela colocou a mão em concha sobre o telefone por um segundo e sua voz foi abafada quando ela disse:

— Vão para o ringue de boxe no porão, não estou ouvindo.

Eu sorri. Os caçadores criavam seus filhos de maneiras que pareciam estranhas para a maioria dos padrões humanos.

— Desculpe por isso, — disse ela. — Você está bem?

— Mais ou menos, — disse.

— O que está acontecendo, Alisa?

— Eu não fugi por conta própria. — Eu odiava admitir isso. — Eu fui resgatada. Por alguns homens que afirmam ser Feéricos... você sabe alguma coisa sobre os Feéricos?

— Não muito, — ela disse, sua voz perturbada. — Já ouvi rumores antes. Eu nunca vi uma divisão entre os mundos, mas existem caçadores que juram por eles... caçadores que eu confio.

— Mas você ainda está cética.

— Se os Feérico são reais ou não, não significa que esses homens tenham razões inocentes para alegar que você deveria ir com eles para outro mundo. — Quando ela falou as palavras de forma tão áspera, meu desejo de ir com Azrael parecia uma loucura.

Mas parte de mim estava curiosa para saber se havia respostas a serem descobertas, e talvez até uma coroa...

— Eles afirmam que eu sou uma princesa.

Ela bufou.

— Isso parece bom demais para ser verdade.

— Não é?

Havia algo errado, mas eu não tinha certeza do que era. Os próprios homens não pareciam ameaças para mim. Os pequenos apartes de Duncan sugerindo que eu era outra pessoa no mundo Feérico eram assustadores, mas não tinha a sensação de que minha vida estava em perigo.

— Você precisa de ajuda?

— Não, — disse automaticamente. Então acrescentei: — Estava pensando em ir com eles. Se eu realmente perdi minhas memórias daquele mundo, e nada mais pode trazê-las de volta, talvez eu encontre minhas respostas lá.

Houve hesitação na linha.

— Alisa, não sei como ajudá-la se eles forem perigosos para você. Depois de deixar o nosso mundo...

— Eu sei, — disse.

— Você sempre quis encontrar respostas, — disse ela suavemente. — Entendo porque você pode precisar fazer isso. Mas estou preocupada com você.

— Eu também, — admiti. — Eu sinto que os conheço.

— Como o vínculo de acasalamento dos shifters? Companheiros predestinados?

— Não! — Minha voz soou indignada e ela bufou uma risada em resposta. Eu continuei: — Parece que os conheço. Como eles dizem.

— Eles são velhos amigos? O que seus instintos dizem?

Lembrei-me daquele bilhete que carreguei da minha antiga vida. Eu não deveria ter amigos.

Minha voz ficou baixa, com medo de que eles ouvissem, quando admiti:

— Sinto que posso confiar neles.

— Estou indo, — disse ela. — Eu também quero conhecê-los. O mesmo acontecerá com Carter, Julian e Amy.

— Não vamos dar uma festa.

— Aqueles homens machucaram você, vamos dar uma festa de castração, — ela resmungou, e eu sorri.

— Só você, — disse.

— E Carter e Julian, — ela argumentou. — Você não pode ir para outro mundo sem dizer adeus. Eles são seus melhores amigos.

Suspirei.

— Ok. Ok, eu posso fazer isso.

— Claro que você pode fazer isso por nós. Nós somos sua família.

O calor cresceu em meu peito, mas fiquei em silêncio. Não sabia o que dizer sobre isso.

— E se você for — ela continuou ignorando minha falta de reação, como sempre fazia, o que me fez sentir um pico de gratidão também, — você não ficará muito tempo. Você me escutou? Não fuja para o mundo Feérico e nunca mais volte para casa. Você tem amigos aqui.

Eu fechei meus olhos.

— Estou feliz por ter te conhecido.

— Não comece com isso, — disse ela bruscamente. — Você não vai se despedir de mim para sempre.

— Não, claro que não, — disse.

Os caçadores geralmente nunca admitem qualquer sentimento. Eu me encaixo bem com os bastardos, no entanto.

— Estou feliz por ter conhecido você também, — disse ela. — Você é uma boa menina, Alisa. Uma boa caçadora. Boa amiga.

Eu balancei a cabeça, mordendo meu lábio inferior. Duncan fez parecer que eu era o pesadelo de uma princesa em casa. Mas Elly me lembrou de todo o bem que fiz com os caçadores neste mundo.

— Estou feliz por não ter atirado em você por sua falta de educação no dia em que nos conhecemos. Era cinquenta por cento de chance, — ela acrescentou, e eu deixei escapar uma gargalhada.

— Você é horrível para mim, — disse.

— Isso é porque você é uma dos meus, — disse ela. — Envie-me uma mensagem para que possamos planejar. Vou avisar Julian e Carter de que são necessários.

Então ela desligou antes que eu pudesse descobrir o que dizer sobre isso.

Fechei os olhos com força, respirando fundo e estremeando. Eu não conhecia outra vida além desta, mas era uma boa vida. Não

queria deixar isso para trás.

Quando saí do armário, ainda estava sorrindo.

Olhos roxos Feérico vigilantes me cumprimentaram. Azrael estava ali com os braços cruzados sobre o peito largo, enchendo a porta com sua moldura imponente.

Dei um passo automático para frente, meus punhos erguendo-se para uma luta, antes de me impedir. Mas talvez eu não devesse.

— O que diabos você está fazendo no meu quarto?

— Por que você está se escondendo em um armário? — Azrael perguntou, inclinando a cabeça para um lado enquanto me estudava.

— Você estava tentando fugir de mim?

— Eu não estava me escondendo no armário, — disse, como se isso fosse ultrajante.

— Então o que você estava fazendo?

Eu não ia responder a isso.

— Fique longe do meu quarto.

Ele olhou ao redor.

— Você não precisa levar muito com você. As roupas que você usa aqui dificilmente serão adequadas.

— O que há de errado com minhas roupas? — Exigi.

Seu olhar vagou pelo meu scrubs⁵ folgado antes de mentir,

— nada.

— Eu não ia usar isso. — Me sentia nojento com eles, na verdade, depois de tudo que passei, mas fiquei feliz por ninguém ter me despido quando me colocaram na cama. Eu gostaria de torcer as orelhas pontudas feéricas de Duncan se ele tivesse me tocado. — Eu tenho roupas de caça para nossa visita aos shifters. Então podemos ir para Terra das Fadas.

— Por favor, não chame isso assim.

Algo sobre irritar Azrael me encantou. Ele realmente deve ser meu ex-namorado.

Ele era tão alto e tinha ombros tão largos que enchia minha porta. Tentei passar por ele, mas ele não se mexeu. Meu ombro atingiu seu braço duro e talhado, e ele ergueu uma sobrancelha enquanto olhava para mim.

— Eles não dizem *com licença* no mundo mortal? — Ele falou lentamente.

— Deixe-me adivinhar. Em seu mundo, os homens não saem do caminho apenas depois de ir aonde não são desejados em primeiro lugar?

Seus lábios se curvaram.

— Mesmo quando nós dois não éramos exatamente amigos antes, Alisa, você nunca se importou em me ter em seu quarto.

Meu Deus. Ele falou com tanta sabedoria. Ele era tão presunçoso, e ao mesmo tempo que queria repreendê-lo, um desejo traidor palpitou entre minhas coxas quando seus olhos percorreram meu corpo, como se eu ainda pertencesse a ele.

Não que eu já tenha feito. Eu não era o tipo de garota que *pertencia* alguém.

No entanto, quando nós dois estávamos tão próximos que eu podia sentir o calor de seu corpo irradiando contra minha própria pele, tinha certeza de que esse homem e eu tínhamos uma história, que nos conhecíamos mais profundamente do que carne e osso.

— Eu vou tomar um banho, se você sair do meu caminho, e então podemos ir chutar a bunda de algum shifter. — Disse, encontrando seus olhos enquanto agarrava a ponta da minha camisa e

a puxava pela minha cabeça.

Era para ser um movimento de poder sexy para incomodá-lo tanto quanto *ele* me incomodava, mas tentei tirar o top do scrubs e a camiseta de mangas compridas de uma vez, e me enredei com os braços, minha camisa puxou meu rosto.

— Você precisa de ajuda? — Azrael perguntou enquanto eu mudava meu peso de um pé para o outro, tentando desesperadamente tirar a camisa da minha cabeça. Sua voz era preguiçosa e divertida e eu realmente queria chutar sua bunda ainda mais do que transar com ele quando ele falava assim.

Finalmente arranquei a camisa e joguei por cima do ombro. Apesar de sua atitude presunçosa, ele me estudou com interesse aberto, como se ele me quisesse tanto quanto eu poderia querer ele.

— O quê? — Exigi.

— Você ainda é tão bonita, — ele murmurou. — Senti a sua falta. A admissão me surpreendeu.

— Eu gostaria de me lembrar de você, — disse, minha voz saindo aquecida. Me sentia perdida. A falta de lembranças sempre me incomodou, mas era ainda pior agora estar cara a cara com alguém que se lembrava de mim.

Me abaixei debaixo do braço dele e desci o corredor. Eu o senti me observar ir embora. Pretendia me despir na frente dele, para provocá-lo e fazê-lo sentir a mesma incerteza que eu, mas já me sentia muito nua sob seu olhar.

Assim que fechei a porta do banheiro entre nós, respirei fundo, estremecendo, como se quase tivesse esquecido de respirar quando ele estava perto de mim.

CAPÍTULO TREZE

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Acordei nas sombras do meu quarto. Minha roupa estava pendurada no varal sobre a pia, embora tivesse levado os últimos dois meses para ensinar Faer a lavar meias com competência.

Eu era geralmente uma pessoa sensata, mas a incompetência deliberada de Faer pode ter me levado a esbofeteá-lo com as meias molhadas mais vezes do que deveria. Ele ficou desamparado, rolando de tanto rir pelo chão de madeira, então não foi um grande momento educacional.

Ainda assim, tinha que admitir que ele cresceu em mim nos últimos dois meses. Posso até chamá-lo de amigo, por incrível que pareça, embora nossas cortes fossem inimigas. Eu joguei meu braço sobre o rosto para bloquear a luz da lua que entrava pela janela, lembrando-me do pátio de treinamento naquela manhã.

Faer era irritantemente preguiçoso quando se tratava de suas tarefas e recados. Divertidamente preguiçoso quando se tratava de encerrar os estudos, embora fosse tão inteligente que tudo era fácil para ele de qualquer maneira. Astutamente preguiçoso quando se tratava de escapar das várias facetas dos trotes sofridos pelos calouros, e surpreendentemente hábil em tirar seus colegas de problemas com ele. Ele rapidamente se tornou o favorito entre os alunos do primeiro ano, embora os professores pensassem de forma

um pouco diferente.

Mas com todos os diferentes tons de preguiçoso de Faer que eu tentei quebrar desde que começamos a escola, havia um lugar onde ele se dedicava ao trabalho com todo o esforço.

O campo de treinamento.

Apesar de tudo que eu tinha ouvido sobre a indiferença de Faer em relação à luta, ele era feroz em campo. Mais cedo naquele dia, tivemos uma competição entre casas. Cada casa na escola escolheu sua combinação favorita de veterano e júnior para representá-los em uma luta corpo a corpo.

Nossa casa escolheu Faer e eu. Ele sorriu para mim, puro deleite em seus olhos, o garoto louco, e eu dei um tapinha de leve na nuca dele.

— Não fique presunçoso até que ganhemos.

— Por que esperar? — Ele perguntou. — É você quem sempre me diz para não adiar as coisas para amanhã.

Quando as quatro equipes lutaram entre si, Faer e eu vencemos facilmente. Éramos uma equipe perfeita quando trabalhávamos juntos.

Rolei para o lado, curioso para saber se ele estava acordado. Não tínhamos conversado muito sobre a luta depois. Ele foi puxado pelos primeiros anos, e eu fui cercado por outros veteranos.

A cama estava vazia, os cobertores caindo do colchão no chão porque ele nunca fazia a maldita cama a menos que eu o ameaçasse.

O bastardo se foi.

Eu olhei para a porta do banheiro, mas ela estava aberta. Ele não estava lá.

Xingando, me perguntando em que tipo de problema ele poderia

ter encontrado para se meter hoje, eu me vesti apressadamente.

O suporte de sua espada acima da mesa estava vazio. Eu fiquei lá, meu queixo latejando, por apenas um segundo enquanto minha mente derretia imaginando o que ele estava fazendo. Então eu agarrei minha espada e corri para o corredor silencioso.

Em um momento de desejo, eu verifiquei o campo de treinamento interno e a biblioteca primeiro. Ambos estavam abertos a noite toda para os alunos ambiciosos e atenciosos. Claro que ele não estava lá.

Enquanto descia os degraus da biblioteca, tive um vislumbre de movimento na parede de pedra que cercava a academia.

Lá estava ele, impulsionando-se e parando no topo. Talvez por um breve segundo algum tipo de bom senso interrompeu seus processos habituais de pensamento. Então ele sumiu de vista do outro lado da floresta.

O mundo feérico estava sempre cheio de perigos, mas nunca tanto como à noite.

Amaldiçoei e comecei a ir atrás dele. Certifiquei-me de que não houvesse guardas por perto, o foco deles era nos proteger de qualquer coisa que entrasse, porque apenas um aluno em toda a população era tão tolo a ponto de *sair*, e então caí no silêncio da floresta.

A floresta parecia um país das maravilhas agora, com neve lisa e brilhante brilhando sob o luar e as árvores todas com bordas de neve.

A neve tornava mais fácil seguir as pegadas do idiota.

Em algum lugar ao longo do caminho nos últimos meses, ele conspirou para conseguir um par de botas que realmente cabiam. Ele sempre falava em tudo o que queria. Eu normalmente ficava feliz por ele ter *isso*, pelo menos. Era perceptível, porque suas pegadas na neve

eram tão pequenas quanto seu cérebro. As pegadas que deixei ao lado dele enquanto corria atrás dele eram muito maiores.

Eu o vi na minha frente, movendo-se pela floresta. Quase gritei com ele, mas no caso de ele ter um bom motivo para se esgueirar pela floresta, me movi furtivamente atrás dele.

Me arrastei por trás dele e estava quase perto dele antes que ele se virasse. Seus olhos se arregalaram, tão brilhantes e luminosos que o azul prateado parecia o próprio luar naquele segundo.

Em seguida, ele colocou um dedo nos lábios e silenciou-me.

Eu não poderia ser responsabilizado se o assassinasse no local. Qualquer um que o conhecesse iria me perdoar.

Ele estendeu o braço, apontando para a *coisa* que se movia desajeitadamente pela floresta. Algum tipo de monstro, muito mais alto do que eu, com mandíbulas perversas e perigosas e braços com garras longas.

— Eles não conseguem viver muito tempo no frio, — murmurou.
— Então de onde isso veio?

O monstro deu uma guinada e eu sussurrei de volta:

— Não parece que vai viver muito, de qualquer maneira. Está ferido.

— Ah, ele está? — Ele me perguntou inocentemente, parecendo exatamente o espertinho que ele costumava ser.

— Você, — disse.

— Isso me escapou da última vez, — disse ele. — Eu vim terminar.

— Você veio terminar, — repeti. — Na verdade, vou matar você, Faer, se aquele monstro não matar.

Ele sorriu para mim.

— Vamos ver se você tem a chance.

Ele se moveu para atacar o monstro, perseguindo-o pela floresta. Seus pés ficaram em silêncio, mas sentiu o cheiro dele e girou para atacar.

Sua espada foi um lampejo sob a luz da lua enquanto ele lutava uma breve luta sangrenta com o monstro que o deixou esparramado na neve a seus pés. O sangue do monstro se espalhou pela neve quando Faer me mostrou um sorriso convencido.

— Foi isso que matou o aldeão, — disse ele. — Agora a cidade está segura.

— Não tenho certeza do que um matou o aldeão, — disse.

O rosto de Faer mudou quando ele entendeu o que eu quis dizer, seu rosto indo de presunçoso para apavorado em um instante quando eu joguei minha lâmina no monstro atrás dele.

O sangue respingou em seu rosto. Minha lâmina cravou no olho do monstro e ele soltou um grito. Então ele estava se movendo, finalmente, mergulhando sob as mandíbulas do monstro enquanto o monstro se lançava sobre ele. Ele cortou uma de suas pernas e ficou de pé novamente, e a coisa caiu pesadamente, a força de seu corpo enorme fazendo o chão tremer.

As árvores ao nosso redor tremeram com os passos dos monstros ao nosso redor. Outro monstro atravessou as árvores, depois um terceiro.

Faer e eu nos fechamos o suficiente para olharmos as costas um do outro.

— É melhor você vencer essa luta, — o avisei. Eu estava tão orgulhoso dele esta manhã, mas isso parecia uma brincadeira de criança agora.

— Pensei que você estava insinuando antes que eu estava prestes a ter tantos problemas que estaria melhor morto, — disse ele alegremente.

Os monstros atacaram e nós dois fomos trabalhar.

No final, estávamos respingados de sangue, respirando com dificuldade, exaustos.

Mas nós dois estávamos vivos e os monstros eram protuberâncias escuras na neve.

Me virei para Faer, que estava sangrando de uma ferida em seu ombro. Seus lábios se moveram em um feitiço de cura, mas ele estava lutando, balançando os pés.

— Deixe-me ajudá-lo, — resmunguei. — Talvez você mereça sofrer, mas preciso que você seja capaz de voltar para a academia.

— Eu já te disse como aprecio a maneira como você cuida de mim? — Ele demandou. — Porque eu não sei.

Ele empurrou minhas mãos enquanto eu o alcançava. Parei e olhei para ele.

— Você perdeu sua maldita mente, — disse. — Me empurre mais uma vez, Faer.

— Eu posso cuidar disso sozinho, — disse ele, enquanto cambaleava e caía, sentando pesadamente na neve.

Bufei e caí de joelhos na frente dele, pegando sua jaqueta. Ele tentou lutar comigo, mas eu terminei com sua merda hoje. O empurrei de volta na neve, rasgando sua jaqueta e sua camisa.

— Você é teimoso demais para ouvir a correção ou aceitar ajuda, e ambos...

Parei abruptamente quando percebi porque Faer tinha tentado tanto me impedir de olhar mais de perto para a ferida vermelha

nojenta em seu ombro ou os arranhões que desciam por seu... seio.
Porque Faer não era *Faer* de forma alguma.

CAPÍTULO QUATORZE

ALISA

Meu chuveiro esfriou muito mais cedo do que deveria. Sabia exatamente quanto tempo meu aquecedor de água levou para desistir do fantasma: onze minutos e meio.

Meu cabelo estava escorrendo pelas minhas costas, encharcando minha camiseta até minha espinha, enquanto eu caminhava pelo corredor para a cozinha.

Duncan estava lavando minha louça. O vapor ondulava ao redor de seus ombros largos, seus músculos ondulando enquanto ele esfregava uma panela. Queimei arroz naquela panela e estive pensando seriamente em jogá-la no lixo em vez de tentar lidar com o padrão de grãos de arroz chamuscados permanentemente no fundo.

— O que você está fazendo? — Perguntei, assim que Tiron, cantarolando alegremente, limpou seu caminho para a cozinha. Olhei entre os dois, — vocês dois são como... elfos domésticos?

Duncan se virou e jogou a esponja em mim, e eu me abaixei para que voasse sobre minha cabeça. Ele cruzou os braços poderosos sobre o peito.

— Elfos domésticos? — Seu tom foi afrontado.

— Bem, o que há com a limpeza? — Perguntei.

— Você pode querer voltar aqui um dia e, nesse caso, seria melhor se o lugar não tivesse sido condenado. — Azrael falou bem por cima do meu ombro e eu pulei. Quase podia sentir o tom baixo de

sua voz passando pelos meus ossos. Ele pegou a esponja contra o peito, havia uma mancha úmida em seu peito esquerdo, e jogou de volta em Duncan.

Azrael olhou para mim exasperado.

— Você ainda é uma desleixada.

— Não sou uma desleixada, — comecei.

Ele pressionou sua mão sobre minha boca, um olhar malicioso em seus olhos. Esse toque casual e fácil fez meus olhos se arregalarem, mas em vez de querer matá-lo, seu toque enviou uma estranha tensão pela minha espinha.

Sua voz estava quente enquanto ele brincava, — não vamos começar a mentir um para o outro agora. Posso te mostrar uma coisa?

— Eu acho que sim, — disse.

Azrael me levou para o meu quarto, o que me fez dar a ele um olhar nitidamente cético. Então percebi que todas as minhas roupas haviam sido tiradas da cama.

— O que aconteceu com minhas roupas?

— Elas estão sendo lavadas. Serão devolvidas ao seu apartamento amanhã. — Ele encolheu os ombros. — Talvez você possa pegar um cesto de roupa suja.

— Eu tenho um cesto de roupa suja — disse, — só está cheio de livros porque eu... quer saber, não estou discutindo isso com você.

Meu celular tocou e eu verifiquei, então o segurei.

— Alguns dos meus amigos estão chegando em uma hora.

— Fantástico, — disse ele. — Eu sei que você ainda tem dúvidas se estou dizendo a verdade. Só queria mostrar a você a princesa Alisa.

— Você tem fotos ou algo assim?

— Não, — ele disse. Ele hesitou, tocando seu colarinho

distraidamente, então balançou a cabeça. — Não, não são necessárias fotos. Alguém te encantou para fazer você parecer totalmente humana. Não posso desfazer isso, não aqui, mas posso mostrar como você realmente é por alguns momentos.

Levantei minhas sobrancelhas.

— Ok. Exceto que não tenho como saber que não é apenas um feitiço que muda minha aparência e não tem nada a ver com minha aparência *real*.

— Garota esperta, — ele murmurou, as palavras saindo de seus lábios de uma forma que me fez pensar que ele as tinha dito muitas vezes antes. — Apenas me satisfaça. Veja se sua aparência desperta suas memórias.

Meu coração começou a bater mais rápido. Não ajudou que Azrael se aproximou de mim, seu olhar focado tão intensamente em meus olhos, então em meus lábios, que pensei que ele poderia me beijar. Era muito fácil imaginar acariciando aqueles lábios rosados e macios acima do ângulo rígido daquela mandíbula.

Suas grandes mãos se levantaram e seguraram meu rosto, e meu coração parou. Seus polegares acariciaram minhas bochechas.

— Às vezes é difícil acreditar que a primeira vez que te vi, eu realmente não te *vi*, — ele murmurou.

Minhas mãos se levantaram automaticamente para agarrar aqueles antebraços com cordão, mas eu não o afastei, ainda não.

— Que diabos isso significa? Você já me viu antes desde que vim aqui?

— Não. — Ele franziu a testa ao dizer a palavra.

Ele me soltou, mas sua mão caiu para a parte inferior das minhas costas para me impulsionar suavemente para a frente em direção ao

espelho. Eu só estava acostumada a ser tocada dessa forma quando Julian ou Carter estavam se passando por meus namorados, mas esta foi a primeira vez que senti o toque de um homem de forma tão aguda. Cada um de seus dedos parecia distinto e quente, sua palma firme.

Afastei-me rapidamente em direção ao espelho, deixando sua mão para trás.

— Você tem encantos para deixar as pessoas com tesão no mundo Feérico?

— Nós temos, — ele disse lentamente. — Por quê? Você tem medo de que alguém tenha encantado você para ficar... com tesão?

Eu podia ver seu rosto maldito no espelho por cima do meu ombro. Aqueles lábios lindamente formados se contorceram em um sorriso que ele estava tentando, e falhando, conter. Desta distância, as manchas diabólicas em seus olhos desapareceram; em vez disso, foi difícil desviar meus olhos do roxo magnético.

Decidi ignorá-lo e me encarei no espelho.

Cabelo lilás comprido, espesso e abundante, caía sobre meus ombros e descia em cascata pelas minhas costas. Meu rosto ainda era *como* o meu, mas um brilho lindo iluminava minha pele perfeita, minhas maçãs do rosto estavam mais nítidas e meus lábios estavam mais bonitos do que nunca. Eu segurei meu lábio com meus dentes inferiores e o mordi, observando o espelho refletir a ação.

Meu reflexo era lindo, mas mesmo sabendo que era *eu*, parecia uma estranha.

Corri minhas mãos sobre meus seios pequenos, minha cintura estreita, percebendo que meu corpo estava mais esguio do que antes.

— Você é mais forte do que uma mortal, — disse Azrael, como

se percebesse que estava estudando meu corpo em confusão. — Você não precisa de tantos músculos.

— Esqueça os músculos, — disse, embora isso importasse para mim também; eu trabalhei duro no ginásio e no ringue para que pudesse me manter viva lutando contra bestas. Agarrei meus seios através do excesso de material da minha camiseta e os sacudi, ou melhor, tentei. Não havia o suficiente para ir a qualquer lugar. — O que aconteceu com meus seios?

Azrael esfregou o rosto com a mão, como se buscasse força internamente.

— Quem alterou sua aparência adicionou algumas... curvas extras.

Eu olhei para ele por cima do ombro, olhando para ele.

— Suponho que você seja um especialista.

Ele encontrou meu olhar. — Eu não quero responder a isso.

— Boa escolha. — Eu fui até ele assim que ouvi uma batida na minha porta, duas batidas fortes e uma rápida. Carter chegou cedo. Claro que ele chegaria. — Mude-me de volta.

— Tem certeza de que não quer que seus amigos vejam seu verdadeiro... — Azrael começou, então encolheu os ombros em sinal de rendição. Ele agarrou meu rosto levemente e, desta vez, notei um formigamento em minha pele.

Talvez eu tenha me distraído demais com Azrael antes mesmo de notar a maldita magia.

Ele deu um passo para trás, deixando cair as mãos para os lados, mas olhei para ele de qualquer maneira enquanto me dirigia para a porta.

Duncan já estava a caminho de lá, e eu o examinei pelo ombro.

Então eu prontamente saltei fora. O grande feérico não se moveu.

— Estou certificando-me de que essa é a companhia que você esperava. — Duncan olhou para mim com diversão enquanto tropeçava no tapete e me continha.

— Eu sobrevivi por conta própria nos últimos cinco anos.

— De alguma maneira.

Verifiquei o olho mágico. Carter, Julian e Elly esperavam por mim no corredor. Meu coração deu um salto ao vê-los. Odiava a ideia de deixar meus amigos para trás.

Abri a porta e recuei. Carter veio rápido, seus movimentos predatórios como se ele estivesse procurando por uma ameaça. Julian caminhou atrás dele, a magia faiscando em seus dedos, embora ele parecesse relaxado.

Duncan soltou uma risada. Foi um som maldoso, e me virei para encará-lo com um olhar feroz.

Ele encolheu os ombros.

— Eles são fofos. Se eu quisesse machucar você, Alisa, nada me impediria.

A tensão na sala zumbia no ar. *Oh, Duncan.* Meus amigos considerariam isso uma ameaça. Eles já estavam se movendo...

Julian lançou uma rajada de magia em Duncan que o jogou contra a parede. Minhas fotos emolduradas caíram no chão e se estilhaçaram, e a parede de gesso quebrou com a força do corpo de Duncan. Ele ficou grudado na parede por uma fração de segundo, então se impulsionou para fora, já balançando. Carter o agarrou pela cintura e o jogou de volta na parede.

— Parem! — Gritei. Duncan estava com a mão em volta da

garganta de Carter e os dois estavam indo para suas lâminas, mas Azrael rosnou também, esse som desumano, tingido de perigo, e tanto Duncan quanto Carter congelaram.

— Somos todos amigos aqui, — disse, sabendo que era um exagero danado, mas tanto faz. — Vamos todos com calma.

Elly examinou os destroços com sua própria diversão, sacudindo a cabeça.

— Coloque-o no chão, — gritei para Carter e Duncan. — Mãos para vocês mesmos. Carter, ele não vai me machucar.

— Ele não terá a chance se tentar, — Carter o avisou, recuando.

Duncan sorriu para isso, um sorriso psicopático e alegre, e Azrael lançou-lhe um olhar sombrio.

— Estes são meus amigos Elly, Carter e Julian, — disse aos homens Feéricos. — Este é Tiron — apontei para o loiro alto e robusto que preenchia a porta, não parecendo nem remotamente surpreso com a bagunça que Duncan tinha feito, — e os gêmeos gigantes são Azrael e Duncan. Duncan é o mal-humorado.

Duncan ergueu as sobrancelhas, cruzando os braços sobre o peito poderoso.

— Preciso que você olhe para esses caras e me diga o que há de errado com eles, — disse a Elly.

Seu olhar oscilou entre Duncan, Azrael e Tiron.

— Querida, *olhando* para eles, não vejo nada de errado com eles.

Eu soltei um suspiro, passando meus dedos pelo meu cabelo. Não precisava discutir o quão atraentes eles eram; meu corpo já estava, sempre, perfeitamente ciente de como eles eram atraentes.

— Teremos que ir mais fundo, — disse Elly. Ela olhou para Julian. — Você afirma que conheceu um Feérico uma vez, não é?

Ele assentiu.

— Eles se movem rápido. Manipula brilhantemente. Difícil de matar.

— Você pensaria que reconheceria sua paixão nessa descrição, — murmurou Duncan. — É como se você nunca tivesse realmente a conhecido.

Azrael acertou-o na nuca sem nem olhar. Esse homem estava crescendo em mim um pouco.

Elly acenou para Duncan com um dedo.

— Você não parece muito humano.

Duncan deu uma olhada obrigatória em Azrael, e Azrael lhe devolveu o olhar. Talvez os Feéricos tivessem suas próprias línguas, mas olhando para os dois, podia acreditar que os Feéricos só podiam se comunicar com a *sobrancelha*.

Duncan revirou os olhos, aparentemente aquele gesto foi transferido para outros mundos, e cruzou a sala para Elly.

Ela o estudou com curiosidade, então estendeu a mão para pentear seu cabelo para trás, revelando o topo de uma orelha pontuda. Duncan agarrou seu pulso. Julian, Carter e eu fomos automaticamente para ele.

— Deixe a velha tocar em suas orelhas, Duncan, — Azrael disparou.

Ele suspirou. — É rude.

— Desculpe. — Ela não parecia estar arrependida. Deu um passo para trás para olhar para Julian.

— Eles são Feéricos, — disse Julian, cruzando os braços sobre o peito. — Isso é inegável. Isso não significa que eles são simpáticos.

— Não parece uma boa ideia ir com os homens estranhos para

um mundo ainda mais estranho. — Carter concordou.

— Você está chamando nosso mundo de estranho? — Tiron ergueu uma mão para marcar as coisas em seus dedos. — Você mora na América. Terra da televisão de realidade. Sistemas político-partidários. Todo o seu sistema de saúde...

— Tudo bem, — Azrael interrompeu. Ele se sentou no sofá, cruzou uma perna sobre a outra e apoiou os braços no encosto do banco, parecendo ser o dono do lugar. — Tenho certeza de que vocês têm perguntas para mim. Vou fazer o meu melhor para respondê-las.

Carter e Elly relutantemente tomaram seus assentos. Tiron e Duncan continuaram a espreitar contra as paredes. Talvez eu devesse colocá-los de volta para limpar.

Azrael piscou para mim, como se estivéssemos em algo juntos.

Julian empurrou sua mandíbula em direção a minha cozinha do tamanho de uma caixa de geladeira. Eu caminhei na frente dele, então me virei, quase em seu peito duro.

— O que é isso? — Perguntei.

— Você pode tentar um feitiço? — Ele perguntou-me.

— Nunca fui boa em magia. Você sabe disso.

— Apenas tente — disse ele, — talvez tenha sido bloqueada por outros encantamentos, mas se você for realmente uma princesa Feérica, será poderosa quando voltar para seu próprio mundo. A magia da nobreza Feérica está ligada às cortes. Você será capaz de fazer magia que quase ninguém mais faz.

Suas palavras me atingiram profundamente por algum motivo.

— Eu já sou poderosa, — o lembrei. — Eu não preciso de magia.

Se admitisse que tinha mais poder no mundo Feérico, quase parecia que poderia ser... melhor lá. Como se eu pertencesse lá em vez

de aqui.

Mas eu não acreditei nisso. Estava apenas visitando o mundo Feérico.

Ele sorriu para mim com ternura.

— Sim, você já é.

Em seguida, acrescentou:

— Mas eu mal posso esperar para ver o que a *princesa Alisa* faz.

O ar entre nós parecia carregado. Limpei minha garganta.

— Você realmente acha que eu deveria ir?

— Não, — disse ele sem rodeios. — Mas eu conheço você. Sei o quanto você queria respostas. E não acho que há alguma maneira de impedi-la de caminhar por essa fenda no universo e caçar essas respostas.

— Você vai se juntar a nós? — Elly chamou. — Estamos apenas discutindo sua verdadeira identidade aqui.

Julian fez uma careta para a provocação perpétua de Elly, mas estendeu o braço e curvou-se ligeiramente para me conduzir à frente dele.

— Isso mesmo, meu súdito leal, — o provoqueei.

— Cuidado, princesa, — ele disparou.

Juntei-me a meus amigos e meus novos Feéricos-sei-lá-o-que-fossem na sala de estar. Os caras e eu tínhamos muitas perguntas, mas a verdade é que eu já sabia que estava indo.

Se havia problemas esperando por mim no mundo Feérico, bem, estava acostumada a encontrar problemas. E eu estava acostumada a sair deles.

CAPÍTULO QUINZE

DUNCAN

No dia seguinte, dirigia o carro que pegamos emprestado de algum mortal útil para o complexo dos shifter. Alisa se inclinou sobre meu ombro no banco de trás, olhando para o velocímetro.

— Você sempre dirige como uma lesma superdimensionada que consegue criar membros apenas o suficiente para alcançar o volante, mas não o pedal do acelerador? — Ela perguntou. Ela estava tão perto de mim que as pontas de seu cabelo roçaram meu braço e me deixaram nervoso.

— Você sempre se veste como uma pirata? — Perguntei.

— Piratas não usam calças de couro, — disse ela.

Azrael girou em sua cadeira para olhar para a roupa dela mais uma vez.

— Princesas também não usam calças de couro em nosso mundo.

Ele disse isso como se eu não o tivesse pego olhando para a bunda dela antes.

Suas sobrancelhas se arquearam. — Se eu for a princesa, acho que as princesas fazem.

— Você não é a única, — disse Tiron. — Cada corte tem sua realeza no mundo Feérico.

Ela franziu o cenho.

— Que corte eu sou?

Devo lembrar que ela havia esquecido tudo, mas o lembrete fez minhas mãos ficarem tensas no volante. Esses eram os fatos mais básicos que ela deveria entender. Ela realmente seria um cordeiro para o matadouro em nosso mundo.

— Verão, — Azrael disse, seu olhar perturbado.

— O que isso significa? — Ela perguntou. — Existe uma corte de inverno?

— Não mais, — Tiron disse brevemente.

Azrael olhou para ele e quase pude sentir Alisa se concentrando naquela troca rápida.

— O que vocês não estão me dizendo? — Ela exigiu.

Bufei, resgatando Azrael pela primeira vez quando seu olhar cintilou para mim.

— Você não se lembra de nada. Há muitas lacunas a preencher.

— Quem você acha que teria feito isso comigo? — Havia vulnerabilidade em sua voz enquanto ela colocava o cabelo atrás das orelhas. Finalmente, ele parou de fazer cócegas no meu braço, e o cheiro inebriante de madressilva que ela carregava desapareceu um pouco.

— Vamos descobrir isso juntos, — Azrael prometeu, como se não fosse deixá-la cair aos pés de Faer e voltar para nossas vidas como cavaleiros Feéricos, lutando contra quaisquer monstros que viessem por lá.

— Por enquanto, vamos matar alguns lobisomens. — Tudo sobre essa situação com Alisa me deixava desconfortável, desde sua presença enlouquecedora até a forma como Azrael parecia se desenrolar quando estava perto dela. Pelo menos tínhamos uma missão em que nos perder antes de concluirmos a missão Princesa

Mimada.

Temia como Azrael seria quando deixássemos Alisa para trás. Estoico, é claro, ele sempre foi, mas eu podia sentir o que ele sentia quando estava infeliz. Só de lembrar a última vez que ele perdeu Alisa me deixou tenso.

Estacionei nosso carro ao lado da estrada rural onde os shifters viviam.

— Aqui estamos, — disse com alívio.

Nós quatro saímos do carro. Alisa colocou o cinto da espada, a espada pendurada nas costas estreitas, e puxou o cabelo das alças antes de prendê-lo em um nó rápido no topo da cabeça.

Ela olhou para todos nós.

— Armas?

Abaixei-me e agarrei o punho da minha espada, que se materializou no meu quadril no segundo que eu desejei por ela. Desembainhei a lâmina longa e brilhante. — Satisfeita, princesa?

— Você poderia ter mostrado sua magia quando estava tentando me convencer. — Ela balançou os dedos pelo ar.

— Eu sempre esqueço o quão ignorante você é agora, — disse, apenas para ver seus olhos se estreitarem, seus lábios pressionando juntos.

Alisa sempre odiou ter qualquer fraqueza exposta.

Azrael agarrou meu ombro enquanto nós dois nos dirigíamos através da floresta em direção à casa dos shifters, certificando-se de que estávamos fora do alcance da orelha de Alisa antes que ele exigisse:

— Por que você está provocando-a? Provocando-a com...

— A verdade? — Levantei minhas sobrancelhas para ele. —

Você acha que ela vai se machucar ainda mais quando voltar para casa para descobrir a quão indesejada ela é?

— Isso não é verdade. — Azrael balançou a cabeça. — Algumas pessoas pensam que ela poderia tomar seu lugar de direito como rainha, substituir Faer.

Eu puxei meu ombro para fora de seu alcance, girando para encará-lo.

— Diga-me que você não me trouxe *e* a garota aqui sob falsos pretextos. Você não vai dar a essa pirralha o trono.

— Se eu pudesse *dar* o trono a alguém, eu próprio o tomaria, — Azrael murmurou de volta, olhando para onde Tiron e Alisa serpenteavam pela floresta juntos. — Fale baixo.

— Você não está convencido de seguir as ordens de Faer, não é?
— Exigi. — Posso te lembrar que a garota arruinou você, arruinou a corte de outono.

— Você continua chamando-a de *garota* como se não a amasse também.

Eu continuei ignorando-o. — Agora ela é nossa chance de cair nas boas graças de Faer e surpreendê-lo com nosso golpe. *Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos...*

— Ele está nos mantendo por perto, caso você não tenha notado,
— disse Azrael daquela maneira arrogante.

— Mais uma razão para você não deixar tão dolorosamente óbvio que você ainda a ama.

— Não seja dramático, — ele zombou.

Deuses. Ele realmente a amava. Ele sempre me insultava quando eu batia muito perto de casa. A raiva apertou meu coração. Ela o machucou antes. O que ela faria com ele agora?

Tínhamos uma chance de salvar o último da corte de outono. Não poderíamos falhar.

Eu o ultrapassei, espada na mão, ansioso por algo para machucar e matar.

Juntos, nós quatro chegamos na casa. Alisa saltou de graus acima de nós e tocou a campainha.

Ela olhou por cima do ombro para nós com um sorriso arqueando os lábios e tocando seu rosto com malícia. Seus olhos luminosos tinham cílios pesados, com tendência a enrugarem nos cantos quando ela estava genuinamente encantada, sorrindo ou não.

— Ding-dong. Cookies de escoteiros, — ela disse, enquanto se virava. Nós três nos movemos para flanquear ela, pressionando contra os dois lados da porta para que não pudessemos ser vistos.

— Sobre o que ela está falando? — Murmurei para Tiron.

— Da próxima vez que estivermos na Terra, comprarei alguns biscoitos para você, e então você saberá, — disse ele.

Alguém abriu a porta com um puxão.

Azrael agarrou quem quer que fosse pela nuca, em seguida, jogou-o sobre a grade da varanda de modo que ele caiu no chão. Azrael saltou para o corrimão, sua espada brilhando em sua mão.

Alisa já estava correndo para dentro de casa. Amaldiçoei e a segui, Tiron nos meus calcanhares.

Dois shifters pularam do sofá e se moveram para nos atacar. Eles não tinham tempo para se transformar, mas seus gritos alertariam os outros. Enfiei minha lâmina no primeiro, joguei-o contra a parede.

O segundo investiu contra Alisa. Tiron se dirigiu para cruzá-lo e eu estiquei a mão e agarrei o maço de seu pescoço, empurrando-o para longe. Ele se virou para mim com um olhar ferido escrito em seu

rosto, mas balancei minha cabeça.

Alisa deu um jeito no shifter com alguns golpes sangrentos de sua espada.

A menina era um pesadelo, mas ela não precisava ser salva. Assistir Alisa lutar era quando eu mais gostava dela.

Juntos, nós três varremos a casa. Nós movemos de cômodo em cômodo, matando cada shifter que nos atacasse. Alisa era afiada com uma espada, assim como antes.

Azrael nos alcançou, com respingos de sangue em seu rosto bonito. Um lobo gigante e cruel saltou sobre os dois, jogando-os contra a parede. Tiron e eu corremos para ajudar, mas mais dois lobos entraram na sala e nós viramos para enfrentá-los.

O lobo me circulou e eu fiz uma finta para a minha direita. O lobo mergulhou em direção ao meu lado esquerdo exposto, assim como eu planejei. Empurrei minha espada em sua barriga, mas o lobo era muito rápido. Suas mandíbulas brilhantes conseguiram envolver meu braço e eu soltei um latido de dor. Então Tiron estava lá, cortando a garganta do shifter, e o lobo caiu.

Tiron e eu nos viramos para enfrentar Azrael e Alisa, assim que o lobo caiu aos pés deles.

— Você e eu sempre fomos uma equipe e tanto quando trabalhamos juntos. — Azrael sorriu para ela.

Ela olhou para ele sem sorrir, mas senti seu pulso acelerado e duvido que o batimento cardíaco rápido fosse por causa de uma coisa pequena como um shifter lobo assassino.

— Deuses, — murmurei. — Você deveria apenas ter me deixado morrer, Tiron. Seria melhor do que ouvir a tagarelice de Azrael.

Continuei e os outros me seguiram.

Então encontramos duas garotas drogadas e amarradas em um quarto do andar de cima. O ar fedia com o tipo de cheiro azedo de urina e vômito que gruda no fundo da boca.

Demorei-me na porta, a raiva apertando meu estômago. Eu não deveria me importar. Elas eram apenas mortais. Suas vidas eram curtas de qualquer maneira.

As meninas não responderam quando Alisa se ajoelhou ao lado delas, seus dedos finos pressionando suas gargantas enquanto ela verificava seus sinais vitais.

Havia lágrimas não derramadas em seus olhos luminosos quando ela olhou para mim, piscando um pouco rápido demais.

— Temos que levá-las a um hospital.

— Faça o que você deve, — disse, limpando o sangue da minha espada com um pano. Ela jogou sua própria espada para o lado, descuidada como uma humana, quando caiu de joelhos para verificá-las.

Ela me amaldiçoou.

— Maldição, Duncan, *me ajude...*

Eu a encarei surpreso. A princesa Alisa estava chateada. Ela nem conhecia essas mortais.

Talvez ela fosse uma pessoa diferente, em um mundo diferente. O pensamento me surpreendeu e me inclinei na porta, tentando processar. Se ela fosse uma pessoa diferente agora, entregá-la a Faer era errado.

Mas sua boa natureza atual não significava que ela ainda seria outra pessoa quando fôssemos para casa.

— Ei. — Ela estalou os dedos para mim. Parecia desesperada um segundo atrás, mas de repente seu rosto estava frio e arrogante

novamente.

— Este é o trabalho, — ela me disse. — Não se tratava apenas de punir os maus. É sobre ajudar *os inocentes*. Você disse que me ajudaria a terminar minha missão e eu disse que *depois* iria para casa.

Azrael disse que a ajudaríamos a terminar sua missão. Eu nunca fiz nenhuma promessa a ela. Mas tudo bem. Que seja.

Cortei a fita adesiva que prendia uma garota à cabeceira da cama e a levantei em meus braços.

Sua cabeça tombou para trás e ajustei a maneira como a segurei, de modo que meu bíceps apoiasse sua cabeça. Ela estava imunda, seus olhos escurecidos e a fúria fervia em meu sangue. Desejei que ainda houvesse shifters vivos para punir pelo que eles fizeram.

Quando olhei para cima, Alisa estava me observando, como se ela tivesse notado o cuidado que eu tomei.

— Diga a *Azrael* para se tornar útil, — rebati.

Então carreguei a garota mortal até o carro.

— Somos uma boa equipe, — ela gritou enquanto eu caminhava.
— Obrigada.

Eu bufei.

Nunca fomos uma equipe e ela não deveria sentir gratidão por mim.

Azrael, Tiron e eu seríamos sua ruína.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ALISA

Depois que deixamos as meninas no hospital e chamei Elly para uma limpeza no corredor nove, já que tínhamos deixado alguns corpos de lobisomem para trás em seu complexo, não houve discussão.

Duncan dirigia pelas ruas da cidade enquanto a chuva caía, lavando as ruas e enchendo o ar com o cheiro de ozônio.

Estávamos indo para casa.

O pensamento atingiu meu coração com medo, mas eu prometi que iria.

Tiron estendeu a mão e a pousou na minha perna. Olhei para ele, meus lábios já se separando para repreendê-lo. Mas havia algo reconfortante, não sexual, sobre sua mão na minha perna, e quando meu olhar encontrou o dele, ele me deu um sorriso tranquilizador.

Eu sorri de volta, apenas. Era uma luta.

Duncan estacionou o carro em uma rua movimentada da cidade, em seguida, jogou as chaves sob o banco do motorista.

— Olhe como você é atencioso, — disse, incapaz de resistir a provocá-lo. — Ajudando o mortal a se reconectar com sua carruagem de aço.

— Veja como você é condescendente com os mortais e feéricos, — ele atirou de volta. — Você está voltando ao seu antigo eu quando voltarmos ao mundo Feérico.

Senhor, eu o odiava um pouco.

— Pensaria que você era meu ex-namorado — disse, — dada a sua incapacidade de dizer algo bom.

Ele me encarou por um longo segundo suas sobrancelhas erguendo-se acima daqueles olhos gelados. Algo na fala do ex-namorado deixou sua mandíbula tensa, mas Azrael também não gostou quando eu disse *namorado*.

— Sua bunda fica bonita nessas calças de couro, rainha dos piratas, — ele disse. — Sempre foi a única coisa que gosto em você.

— Cale a boca, — Azrael avisou, dando um tapa no peito dele.
— Ainda estou tentado a dar um soco em você por essa linha de *feérica vadia*.

Por que Azrael se importava se Duncan me chamava de vadia?

— Você é sempre bem-vindo para tentar, — disse Duncan, oferecendo-lhe um sorriso perigoso.

— Parem de lutar por mim e levem uma princesa Feérica para casa, — disse, só porque iria irritar a ambos.

Quando os dois olharam para mim, Tiron sorriu.

— Vamos, — Duncan disse abruptamente, girando nos calcanhares. Ele abriu o caminho para o escritório de um leitor de cartas de târot. Uma placa roxa pendurada acima da porta, as luzes apagadas.

— Isso não parece aberto para negócios, — disse, já bastante confiante de que ninguém se importaria. — Você quer que eu faça a leitura da palma da minha mão?

— Eu posso te dizer tudo o que alguém precisa saber sobre você, princesa, — disse Duncan.

— Duvido muito, — respondeu Tiron enquanto enfiava a mão

na jaqueta e tirava um kit com capa de couro, desdobrando-a para remover um par de finas fechaduras de prata.

— Este lugar parece familiar, — pensei, apoiando-me na parede de tijolos ao lado dele enquanto Tiron abria a fechadura. — Sim, acho que vim aqui antes, em busca de respostas.

— Agora você as encontrará, — prometeu Azrael, pousando a mão no meu ombro.

— E veremos o quanto ela gosta delas, — murmurou Duncan.

Me virei para ele, minhas sobrancelhas levantando.

— Por que você simplesmente não me explica o que eu fiz para você? Não é a sua avaliação da minha personalidade...

— Odiosa, na melhor das hipóteses, — Duncan inseriu.

— mas os fatos reais, da melhor maneira que você for capaz, — terminei, adicionando meu qualificador porque eu não confiava necessariamente em nada que Duncan me disse.

— Mais tarde. — Azrael interrompeu nós dois. — Vocês dois podem bater um papo quando estivermos do outro lado.

— Será que todo mundo do outro lado pensa que sou algum tipo de princesa mimada? — Exigi. A ansiedade formigou na minha nuca.

— Você me disse que sou a herdeira desaparecida, que meu irmão gêmeo precisa de mim, mas os detalhes... não sei no que estou me metendo quando for com vocês...

Tiron se endireitou, a porta escancarada para as escadas que levavam ao estúdio do leitor de tarô.

— Um segundo, — Azrael rosnou para os outros dois homens. Sua mão envolveu meu quadril, provocando calor, *não gosto de ser tocada, definitivamente deveria me importar com isso, por que eu não me importo?* E ele me puxou com ele pela porta antes de a empurrar.

A pouca luz que se filtrava na sala vinda da rua externa passava por vitrais roxos e dourados acima da porta, lançando uma luz misteriosa sobre o belo rosto esculpido de Azrael.

— Alisa, — ele murmurou, o nome doce em seus lábios. Deus, eu gostaria de ter entendido o que havia acontecido entre nós *antes*. Ele descansou o braço na parede acima do meu ombro, seu corpo quase roçando o meu. Respirei seu cheiro, um cheiro quente e picante, canela e cravo e uma pitada de fumaça de madeira. Ele cheirava a casa em uma noite fria de outono.

— Eu estarei lá com você, — ele prometeu, seu olhar encontrando o meu.

— Isso não responde a nenhuma das minhas perguntas, — o lembrei.

— Eu sei. — Ele passou a parte de trás do dedo sobre meu queixo e meus joelhos ficaram fracos, droga.

— Eu juro que às vezes parece que meu corpo se lembra de você, — disse suavemente.

Esperava que ele dissesse algo arrogante, mas em vez disso, ele segurou minha bochecha levemente, seu polegar acariciando minha bochecha.

— Você e eu nunca deveríamos estar juntos, mesmo antes.

— Considerando como acabou, parece que talvez tenha sido um conselho sábio a seguir.

— Teria sido chato. — Sua respiração estava no meu cabelo enquanto ele sussurrava: — E esse é um dos nossos defeitos. Nem você nem eu jamais conseguimos suportar o tédio.

— Talvez eu tenha mudado na minha velhice.

Ele riu. Parecia que estava prestes a me beijar, mas ele ainda

mantinha seu corpo longe do meu. De alguma forma, eu desejava sentir seu corpo duro e musculoso pressionado contra o meu.

— Acho que não. Não há muito no mundo feérico entediante, Alisa, posso te prometer isso.

— E você promete que estará comigo. — Não que eu deva me importar. Seria muito bom ter rostos familiares, alguém ao meu redor que parecesse se importar, mesmo que fosse meu ex-namorado.

— E eu estarei com você, — prometeu. Ele levou minha mão ao rosto, seu polegar acariciando minhas cicatrizes nos nós dos dedos. — Contanto que você esteja comigo. Você sempre foi uma inimiga formidável.

— E uma boa amiga? — Estava apenas repetindo o que Elly havia dito antes. Não significava nada ser uma inimiga perigosa, a menos que também fosse fielmente.

Seus lábios se torceram.

Foi apenas um lampejo antes que seu rosto estivesse tão composto como antes, seu olhar ainda suave, mas me disse tudo que eu precisava saber. A tensão percorreu meu sangue, minha frequência cardíaca acelerando.

Me afastei tão rápido que minhas omoplatas bateram na parede atrás de mim. De repente, tive plena consciência do fato de que o Feérico diante de mim era alto e de ombros largos, muito maior do que eu. Muito perigoso.

— Alisa, — disse ele, com os olhos preocupados, como se não tivesse pretendido revelar tanto com um olhar.

Peguei minha espada, mas ele chegou primeiro, me prendendo contra a parede.

— Alisa. Calma. — Ele assumiu o mesmo tom que eu fiz com os

animais selvagens e assustados na clínica, mas me fixou com um lindo sorriso. — Apenas confie em mim.

Ele esperou pela minha resposta, seu braço uma barra dura em meu peito, seu olhar no meu rosto. Ele estava fingendo paciência, mas me prendeu.

Não devia a ele essa resposta.

Bati meu pé em seu peito do pé, jogando meu peso para baixo, escapando de seu aperto. Explodi fora de seu aperto.

A porta se abriu e antes que eu pudesse fazer alguma coisa, Duncan enfiou o ombro no meu abdômen com tanta força que perdeu o fôlego dos meus pulmões.

Ele ficou comigo, prendendo minhas pernas em seu peito poderoso, jogando-me por cima do ombro com a mesma facilidade com que carregava um saco de comida de cachorro na clínica. Azrael estendeu uma das mãos e soltou o cinto da minha espada antes de arrancá-la das minhas costas.

— Ponha-me no chão! — Gritei.

Me levantei para obter impulso suficiente para conduzir meu cotovelo até os rins de Duncan. Ele grunhiu, mas continuou sua jornada implacável escada acima.

— Puta que pariu, eu deveria ser uma princesa! Ponha-me no chão! Você deve fazer o que eu digo!

— Você não é esse tipo de princesa, — disse Duncan.

Azrael subiu as escadas à nossa frente e entrou no escritório. O rosto de Tiron estava preocupado enquanto ele nos seguia escada acima.

Conforme Duncan se movia, eu peguei vislumbres de Tiron e Azrael do meu ponto de vista de cabeça para baixo. Dei outra

cotovelada nos rins de Duncan e, desta vez, nem fui recompensada com um grunhido.

Azrael rasgou um pedaço de seda roxa que pendia da parede, revelando um ponto que parecia brilhar.

Lutei para me libertar, mas, em vez disso, fui carregada pela bunda através do portal. Frio e escuridão tomaram conta de mim.

No próximo segundo, estávamos em outro mundo. Uma vegetação luxuriante nos rodeava; estávamos no fundo de uma floresta, verde vibrante, úmida, carregando um perfume floral doce e pesado. Parecia verão aqui.

— Bem-vinda ao seu reino, Majestade, — Duncan disse, sua voz fria e morta.

CAPÍTULO DEZESSETE

Duncan me deixou cair sem cerimônia no chão.

— Você está bem? — Azrael perguntou, seus olhos arregalados enquanto ele se inclinava sobre mim.

Eu o chutei no ombro e seu grande corpo balançou para trás com a força, embora ele mantivesse o equilíbrio.

Me levantei e o encarei, meu peito arfando. Azrael olhou para mim com mágoa estampada em seu rosto.

— Você não é meu amigo, — disse a ele, já que ele havia deixado claro que eu não era amiga *dele*. — Não sei o que diabos eu fiz com você, mas estou indo para casa.

— Esta é a sua casa, — disse Duncan calmamente, os braços cruzados sobre o peito. — Agora, a menos que você queira que a carregue por todo o caminho até o palácio, passando por seus súditos e servos, sugiro que você *caminhe*.

Olhei de volta para o brilho no ar, além dos três homens que me trouxeram aqui. Azrael ainda segurava meu arnês de espada com uma das mãos, arrependimento estampado em seu rosto. Esse idiota. Eu mostraria arrependimento a ele. Tiron me ofereceu um sorriso triste.

Duncan olhou para mim como se ele estivesse me desafiando a passar por ele.

Meu queixo estava tenso quando olhei para a floresta ao nosso redor.

— Qual é o caminho?

— Por aqui. — Tiron me deu um olhar reconfortante enquanto gesticulava. — Tudo vai ficar bem, Alisa. Você vai ver.

Duncan bufou.

Não confiava em Duncan nem um pouco, ele me odiava mais do que qualquer outra pessoa, mas acho que ele provavelmente teve a avaliação mais realista da situação.

Os três me olharam como se esperassem que eu fizesse alguma coisa, e fiz um gesto de impaciência.

— Lidere.

Tiron caminhou comigo, Azrael e Duncan na retaguarda como se estivessem com medo que eu fizesse uma fuga repentina para o portal. Olhei por cima do ombro, além deles, tentando encontrar o brilho no ar. Era isso? Sem palavras mágicas? Basta atravessar o brilho e eu estaria em casa novamente, de volta com Carter, Julian e Elly?

Eu endireitei meus ombros. Vim aqui por um motivo. Eu obteria minhas respostas, e se não gostasse daqui, deixaria a Terra das Fadas para trás e voltaria para o mundo humano.

— Suponho que você esteja feliz, — Azrael acusou Duncan atrás de nós. — Você teve que carregá-la chutando e gritando de volta para casa.

— Não queria que ela estivesse aqui para começar. Mas suponho que você esteja certo. Estou feliz que você não esteja feliz, — Duncan respondeu.

— Problemas no paraíso? — Perguntei, olhando por cima do ombro para os irmãos rivais. Um galho baixo pendurado no meu caminho, e eu levantei minha mão para empurrá-lo.

Tiron saltou para empurrar minha mão para baixo, e eu derrapei até parar, olhando para ele.

— Má ideia, — ele me repreendeu. — Você realmente não sabe nada sobre o mundo feérico, não é?

— Eu só disse isso oitenta e duas vezes agora. — Eles pareciam estar surpresos de novo, repetidamente, com o fato de que eu não me lembrava de nada sobre meu passado.

Mesmo que meu corpo traidor parecesse lembrar que gostava do cheiro de Azrael, do jeito que Azrael me tocava... não importa o quão idiota ele fosse.

Estudei o galho na minha frente. Pequenas farpas corriam ao longo de todo o galho, enrolando-se como muitas pequenas lascas denteadas.

— Então, a árvore foi mordida.

— Literalmente mordida, — disse Tiron. Ele me puxou para o lado e estendeu a mão para pegar um besouro rastejante de outra planta. Ele carregou o inseto nas mãos em concha e o largou no galho da árvore.

Os espinhos se fecharam em torno do besouro, então o galho saltou em direção ao tronco da árvore. Sibilei em um suspiro de surpresa com a força com que o galho se chocou contra o tronco.

Quando o galho se desenrolou novamente, o besouro havia sumido, embora houvesse uma mancha leve de vísceras de inseto e sangue deixado para trás onde antes estava. Horror balançou meu intestino. Certamente eu era grande demais para aquela árvore comer, certo?

— Tudo no mundo Feérico está tentando te matar, — Tiron me advertiu.

Incluindo os próprios Feéricos, uma voz sombria alertou em algum lugar no fundo de minha mente.

— Esplêndido — disse Duncan, — agora ela avançou para o nível de conhecimento de uma criança média de dois anos. O

temperamento de uma também. Se a lição com objeto estiver concluída, podemos prosseguir para o palácio?

— Foi você quem me puxou por cima do ombro como um grande valentão, — aponte.

— Estava tentando salvar meu irmão antes de você estripá-lo, — disse Duncan. — Às vezes acho que ele merece, mas nossa mãe teria ficado tão infeliz comigo, que sua alma descanse.

Eu não conseguia imaginar Duncan e Azrael tendo uma mãe que cuidava dos dois.

Fiquei perto dos homens, malditos sejam, já que não sabia nada sobre os outros perigos da floresta. Eles não pareciam inclinados a me deixar morrer sob seus cuidados, de qualquer maneira. Mas podia ser mais complicado do que pensei a princípio escapar daqui e escapar pelo portal, até que recuperasse minhas memórias ou aprendesse o que precisava para sobreviver no mundo Feérico.

Não, eu recuperaria minhas memórias. Esse era o objetivo de voltar para “casa”.

As árvores se erguiam impossivelmente altas no alto. Folhas verdes e roxas vibrantes balançavam enquanto os pássaros pulavam entre os galhos, cantando. Um pequeno esquilo branco perseguia outro, chilreando para frente e para trás enquanto saltavam através da copa espessa.

As flores desabrochavam de vinhas que envolviam troncos e pendiam das árvores, em exibições mais ricas e bonitas do que em qualquer casamento. As flores não estavam apenas em um caleidoscópio de cores, mas liberavam aromas florais tentadores. Minhas narinas dilataram, tentando arrancar as diferentes fragrâncias enquanto passávamos sob as árvores.

Enquanto caminhávamos pela floresta, tive que admitir que a terra era linda. Selvagem e intocada, exuberante e bela.

Chegamos a um rio estreito, onde a água azul e fria corria sobre rochas cinzentas e rasas. Criaturas mergulhavam na água, enchendo o ar com o som de respingos, embora fossem um borrão que eu realmente não conseguia ver.

— É lindo aqui, — admiti surpresa. Me dirigi para a margem do rio, então parei, olhando para Tiron porque poderia haver perigos que eu não conseguia ver.

— Deixe-me ajudá-la, — disse ele. — Existem perigos na água, mas eles têm mais medo de nós, quando estamos juntos, do que precisamos ter deles.

— Você não tem que fazer isso, — disse, mas Tiron já estava me levantando do chão, me segurando contra o peito. Ele entrou na água resolutamente, ignorando o jeito que molhava suas roupas até o corpo. Ele me levantou mais alto conforme a água aprofundava.

— Ela não se importa quando Tiron a carrega, você percebeu isso? — Duncan perguntou a Azrael, sua voz farpada.

— Tiron não foi um idiota com ela, como você, — disparou Azrael.

Tiron sorriu fracamente com a troca.

— Não tenho certeza se iria tão longe, — sussurrei. — Você sabe coisas que não está me contando.

— Mas eu estou do seu lado, princesa, — sussurrou Tiron. — Eu não acho que você é má.

— Essa é a coisa mais legal que alguém me disse todo o dia.

— Mentira, — respondeu Tiron. — Duncan disse que você daria uma adorável pirata, ou algo assim.

Com a provocação de Tiron, parte da minha tensão diminuiu. Os três não eram meus amigos, mas eu descobriria as coisas. Ficaria bem. Sempre estive. Tive a sensação de que Tiron poderia facilmente ser transformado em um aliado, ele ficou angustiado com a forma como Duncan me arrastou para este mundo.

Do outro lado do rio, Tiron me colocou no chão na grama verde e exuberante, então me firmou com as mãos na minha cintura até ter certeza de que eu havia recuperado o equilíbrio.

Azrael caminhava à nossa frente agora, o rosto tenso de tensão. Havia uma trilha deste lado do rio que nós quatro seguimos até chegarmos a um campo verdejante e ondulante que se transformou em um jardim elaborado.

Um castelo branco brilhante ergueu-se acima de nós, e eu respirei surpresa.

— Esse é o seu direito de primogenitura, — Duncan murmurou em meu ouvido antes de passar, acrescentando por cima do ombro: — Tente não parecer tão impressionada. Pareça que você pertence a este lugar, talvez.

— Você certamente parece que pertence a este lugar, com todas as outras coisas venenosas, — respondi.

Tiron suspirou fracamente.

— O quê? — Eu olhei para ele enquanto Azrael e Duncan caminhavam à nossa frente em direção ao castelo, serpenteando pelos jardins enormes e elaborados. — Ele é sempre tão resmungão?

— Sim, — disse ele sem hesitar. — Ele é o pior, até que você o conheça.

— Ele parece me conhecer, e ele não se importa comigo.

— Você machucou Azrael. — Tiron parou, virando-se para me

encarar, e olhei para ele. — Azrael pode te perdoar nisso, talvez. Duncan será um pouco mais difícil de vencer.

— E você?

Um leve sorriso apareceu nos lábios de Tiron. — Talvez eu já tenha sido conquistado desde a primeira vez que vi você chutar a bunda no mundo mortal para salvar uma vida mortal.

Ele estendeu a mão em direção ao meu rosto e dei um passo para trás automaticamente, minhas mãos subindo.

— Eu ia apenas arrumar seu cabelo antes de você ver Faer, — ele me disse. — Você parece um pouco bagunçada, graças às técnicas de persuasão de Duncan.

Hesitei, então assenti. Não era como se eu tivesse um espelho e um pente antes de voltar para o meu reino. Os dedos de Tiron eram gentis e hábeis enquanto acariciavam meu cabelo, colocando-o atrás das minhas orelhas. Então ele me deu uma lenta olhada antes de estender a mão e beliscar minhas bochechas.

Me afastei, olhando para ele.

— Tentando obter um pouco de cor em seu rosto de algo diferente de raiva fervente, — disse ele, com humor em sua voz. — Tudo bem, vamos?

— Quando você estiver pronta. — A voz de Duncan estava distante, irritada.

Tiron piscou para mim, não impressionado com a ira de seu amigo. Era impossível não sorrir de volta com seu ar brincalhão. Nós dois caminhamos até os caras.

Havia guardas no terreno, feéricos de orelhas pontudas ou com chifres, vestidos com túnicas pretas. Meus olhos piscaram entre suas características incomuns e as armas pontudas que carregavam.

De repente, um dos olhos do guarda se arregalou e ele caiu de joelhos, curvando a cabeça.

— Lá vamos nós, — murmurou Duncan. — Isso deve ser bom para ela.

Alguns guardas ficaram boquiabertos para ele, depois olharam para mim e, de repente, todos caíram de joelhos.

Eu os encarei. Queria dizer a eles que estava tudo bem, eles não precisavam fazer isso, mas não parecia muito princesa. Não tinha certeza do que deveria dizer.

Então a voz de Azrael, no meu ouvido: — Diga a eles para se levantarem e fiquem à vontade, se você quiser que eles voltem a cuidar de seus negócios.

Eu balancei a cabeça em reconhecimento, e talvez meu agradecimento, antes de dizer em voz alta: — Levantem-se. À vontade.

Então me dirigi para as portas do castelo, meus pés esmagando o cascalho de mármore colorido sob os pés, passando por um arco em um grande pátio. Havia pessoas treinando aqui com espadas e arcos e em combate corpo a corpo, cavaleiros feéricos de todos os tamanhos e formas, com orelhas estranhas e rostos estranhos. Eu peguei o movimento de uma cauda e parei, tentando não ficar boquiaberta, mas deixando meu olhar vagar. Uma cacofonia de barulho se elevou no ar, mas isso pareceu, pela primeira vez, como voltar para casa. Como algum lugar que eu conhecia, algum lugar ao qual pertencesse.

— Princesa Alisa. — Uma mulher em um vestido elaborado, seu cabelo preso para expor suas longas orelhas adornadas com joias, caiu de joelhos na minha frente. Sua voz parecia embargada de emoção, e dei um passo para trás antes que pudesse me conter. Ela olhou para

mim com seus olhos rosa, brilhando com lágrimas que vazaram em sua pele anormalmente pálida.

— Oh, lá vamos nós de novo, — Duncan murmurou.

A agitação e o barulho do treinamento cessaram quando a atenção se espalhou pela multidão e, uma a uma, as pessoas largaram as armas e caíram de joelhos.

— Levante-se! À vontade! — Falei.

— Ela pode ser ensinada, — disse Duncan em tom de admiração, para ninguém em particular, então ouvi um *paf* quando o punho de Azrael encontrou o peito de seu irmão.

As pessoas se levantaram novamente, assim como a mulher na minha frente. Ela enxugou as lágrimas enquanto se levantava, embora mais imediatamente surgissem em seus olhos.

— É realmente você, — ela murmurou. — Nós pensamos que você estava morta o tempo todo.

— Não tive essa sorte, — disse Duncan. Outro *paf*. Duncan não parecia particularmente comovido.

Então ela me puxou para seus braços, me abraçando, começando a chorar no meu cabelo. Eu congelei.

Nunca fui boa em lágrimas, nunca soube o que fazer quando um amigo precisava de encorajamento. Se alguém te machucasse e quisesse que eu chutasse a bunda, eu era sua garota. Eu sempre teria as costas de um amigo.

Mas se alguém o machucasse e quisesse lenços de papel, abraços e palavras de incentivo, deve haver um amigo mais competente que possa encontrar. Depois de *quem te machucou parece um idiota, você quer que eu o enterre vivo?* Eu estava quase gasta.

Por cima do ombro dela, Azrael ergueu as sobrancelhas para

mim, como se dissesse *idiota*.

Eu levantei minhas sobrancelhas de volta. *Que? Como?* Então fechei meus braços em volta de suas costas.

— Calma, calma, — Azrael murmurou para mim, franzindo a testa como se se perguntasse como alguém poderia ser tão má nisso.

— Calma, calma, — dei um tapinha nas costas dela, lembrando-me de dizer algo, qualquer coisa. — Estou em casa de novo.

Por agora. Contra minha vontade. Mesmo assim, em casa novamente.

Ela se afastou, estudando meu rosto, colocando meu rosto em suas mãos. Seu nariz estava começando a ficar tão rosa quanto seus olhos enquanto ela chorava.

— Eu senti tanto sua falta. Você se lembra de mim? É verdade que você perdeu suas memórias?

— É verdade, — admiti. Ela parecia um pouco mais jovem do que eu, mas não muito.

— Éramos melhores amigas. — Havia um engate em sua voz.

Duncan bufou. — Um exagero.

Azrael deu um passo à frente dele, bloqueando Duncan de mim e da garota chorosa, embora eu ainda pudesse ouvi-lo perguntar:

— Por que você é assim?

— Alguém deveria contar a verdade para Alisa. — Duncan voltou.

— Mas você só diz a ela ‘a verdade’ porque a odeia, — Azrael apontou.

— Ainda é útil. — Duncan disse, então acrescentou, para mim:
— Ela era uma serva glorificada que seus pais pagaram para ser sua amiga.

Ela mordeu o seu lábio rosa e não negou, — mas eu realmente

comecei a amar você, Alisa. Meu nome é Nikia.

— Prazer em conhecê-la, — disse automaticamente, antes de pensar sobre isso, o que a fez chorar novamente.

— Tudo bem, vamos continuar a reunião mais tarde. — Duncan me empurrou para frente com a mão na minha omoplata.

Eu olhei para ele. — Como é que você não cai de joelhos como antes?

Duncan piscou para mim. — Eu só faço isso para mulheres de quem gosto, princesa.

Azrael esfregou a mão no rosto como se nós dois o exauríssemos.

— O rei Faer gostaria de ver sua irmã sozinha, — Nikia disse. — Eu a levarei daqui. Vocês três podem esperar na antecâmara dele.

Tiron fechou os olhos, como se rezasse por forças. Azrael e Duncan trocaram um olhar, e eu quase poderia jurar que vi a palavra ser trocada entre eles. *Rei?*

Como se algo tivesse mudado enquanto eles estavam fora. Tive um pressentimento engraçado, porém, de que eles sabiam que poderiam voltar para casa para um rei no trono.

Eles disseram que eu era a rainha, que Faer precisava de mim para governar. Iríamos governar juntos? Ou o rei achava que não precisava de mim?

A tensão ferveu no meu estômago com a ideia de ver o irmão gêmeo com quem eu cresci, de quem eu não me lembrava de jeito nenhum. Engoli em seco, de repente mais ansiosa do que jamais estive enfrentando shifters ou vampiros.

— Eu tenho tantas perguntas, — disse a eles, minha voz tensa de raiva. — Perguntas que vocês deveriam ter respondido.

O olhar que Azrael me deu foi cheio de arrependimento, mas

não ajudou muito.

— Venha, princesa, — Nikia disse suavemente. Ela olhou feio para todos eles, como se não soubesse porque eu estava com raiva, mas ela estava do meu lado, e isso me fez gostar um pouco dela.

Nikia saiu pelos corredores de pedra, esperando que eu a seguisse.

Os três homens eram terríveis e eu os odiava, mas ainda odiava deixá-los para trás.

É apenas porque eles são os únicos rostos familiares neste mundo.

Não é porque eu realmente sinto algo por eles.

CAPÍTULO DEZOITO

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

— Quem diabos é você? — Exigi enquanto enfrentava a garota de cabelo lilás na neve.

Ela devia estar sentindo dor por causa do ferimento no ombro, mas ainda assim conseguiu puxar o rosto insolente.

— Meu nome é Alisa, — disse ela. — Faer é meu irmão gêmeo.

Eu tropecei em minhas palavras, e meus pensamentos, por um segundo. Havia uma garota no meu quarto o tempo todo? Nós compartilhamos um banheiro privativo, e eu nunca tinha visto Faer - Alisa - nu. Ela nunca me viu. Mas ainda estaríamos tão perto. A memória de açoitá-la com aquelas meias molhadas, nós dois lutando pelo chão enquanto ela ria impotente, surgiu novamente em minha mente. Mas desta vez parecia diferente.

— Eu tenho que lidar com o seu ferimento, — me lembrei tanto quanto a ela. Ela cerrou os dentes, tentando pressionar a mão sobre a ferida e dar vida a sua magia. O sangue jorrou rapidamente da ferida, ensopando os restos de sua túnica e fluindo para a neve. A magia brilhou ao redor de seus dedos, então morreu. Ela estava mais fraca do que gostaria de admitir e sua cabeça caiu para trás contra o tronco da árvore.

— Não desista, — a avisei. — Você não vai gostar da aula de medicina de combate que surgirá em alguns meses. Isso vai ser muito

pior do que esta pequena mordida.

— Não acho que nada aqui seja feito para minha *diversão*, — ela administrou.

Empurrei suas mãos para fora do meu caminho e levantei minha própria magia. Ela fez uma careta quando minha magia de cura se derramou nela. A cura não é uma força do outono, embora o inverno seja o pior nisso, e eu sabia que a estava machucando. A careta se transformou em uma respiração ofegante de dor e, finalmente, ela não conseguiu conter um gemido, embora tentasse engolir o som.

Normalmente, me sentiria muito bem com o meu colega de quarto idiota sentindo a dor de suas decisões erradas. Por outro lado, era protetor com as mulheres. Tive sentimentos conflitantes ao ver Alisa sofrendo.

— Você é terrível nisso, — ela conseguiu dizer por entre os dentes cerrados.

Na verdade, meus sentimentos estavam se tornando menos conflitantes a cada momento.

A ferida se uniu com o meu toque, então sua pele sarou. Quando o ferimento ficou vermelho com a pele nova e sensível, me afastei e levantei. Eu me ergui sobre ela.

— O rei Herrick sabe onde você está? — Exigi.

Ela pegou um punhado de neve e segurou-o contra a pele vermelha onde o ferimento estava; aparentemente, minha magia de cura parecia uma queimadura. Ela não expressou exatamente qualquer gratidão pelo fato de que não estava mais sangrando. Seu rosto parecia tenso e cansado, mas os olhos de Alisa ainda estavam brilhantes. Ela sempre parecia estar planejando alguma travessura.

Cutuquei sua panturrilha com a ponta da minha bota.

— Estou à espera.

Ela suspirou. — Sim, Herrick sabe onde estou.

— O rei deu sua bênção para você entrar furtivamente em uma academia só para homens? — Perguntei ceticamente.

Ela sorriu melancolicamente.

— Não foi sua bênção, não.

— Então o que diabos você está fazendo aqui?

Ela voltou aquele olhar insolente para mim, o mesmo que ela me deu se passando por Faer, que sempre testava minha paciência. Como se estivesse falando com uma criança, ela disse lentamente:

— Não preciso da bênção de ninguém além da minha, Azrael.

Me agachei ao lado dela.

— Você sabe que, por lei, entrar na academia com um nome falso é uma passagem para a árvore do enforcamento?

— Tenho certeza que eles não vão enforcar a filha do rei supremo. Mesmo os babacas masoquistas ensinando aqui não são tão estúpidos, — ela zombou.

— Por que você está aqui? — Exigi. — Você nem gosta daqui.

Ela encontrou meu olhar, seus olhos brilhando com desafio.

— Faer não queria vir. *Eu* queria.

— Por quê?

— Você faz tantas perguntas, Azrael. — Ela bocejou como se essas perguntas a cansassem.

Agora que sabia quem ela realmente era, me perguntei como alguma vez confundi suas feições delicadas, seu corpo esguio, com o de Faer. Sabia por sua reputação que ele era franzino, que não ligava muito para o campo de treinamento, mas Alisa... com seus lindos lábios exuberantes, seus olhos brilhantes e aquelas maçãs do rosto

arredondadas, ela era linda. Não importa o quão curto seu cabelo lilás fosse cortado.

— Vamos nos concentrar nas coisas importantes então, — disse.
— Por que diabos eu não deveria dizer às pessoas quem você realmente é?

Ela tentou puxar os trapos ensanguentados de sua túnica, e eu suspirei de exasperação e puxei a minha pela cabeça.

Ela balançou a cabeça, rejeitando a oferta.

— Eu não preciso de nada de você.

Minha voz saiu gélida. — Oh sério?

Ela olhou para mim, algo piscando em seus olhos com a minha ameaça. Então ela sorriu, com confiança, como se já soubesse como eu reagiria.

— Azrael. Você não pode me denunciar. Estamos nos divertindo muito juntos.

Eu ri disso.

— Você está quebrando as leis que governam os quatro reinos. Seu pai pode ser um rei supremo, mas talvez você possa fingir que se importa com essas leis.

— Eu me importo, — disse ela, com a voz frágil, como se ela não apreciasse a acusação.

Minha mente disparou. Eu estendi minha mão, oferecendo-lhe ajuda. Ainda agarrei minha camisa com a outra mão.

— Deixe-me dizer como isso vai correr, princesa.

Ela abaixou a cabeça para esconder uma risada da minha arrogância. A irritação cintilou dentro de mim, mas eu a empurrei para longe.

Vail me designou para ser o mentor e ajudar meu pupilo mais

jovem. Pretendia fazer exatamente isso.

— Você vai se levantar, — disse pacientemente. — E vestir esta camisa e vai dizer *obrigada*, sua pirralha ingovernável. E então vamos voltar para o nosso quarto antes de sermos pegos, e continuar esta pequena charada. Mas você vai explicar tudo para mim, Alisa. Por que diabos você está aqui, realmente?

Ela me encarou por alguns longos segundos. Eu estendi minha mão, esperando. De repente, ela deu um tapa na minha mão e eu a puxei facilmente para seus pés.

Foi difícil soltar sua mão e ela não se mexeu para se afastar. A tensão parecia tremular no ar entre nós. Eu comecei a gostar de ‘Faer’ nos últimos meses, apesar de seus muitos defeitos.

Quando olhei para Alisa, sabia que podia sentir carinho por ela, de uma maneira muito diferente. No mínimo, ela seria expulsa da academia em desgraça se fosse descoberta.

Mas, acima de tudo, talvez, eu não quisesse me despedir de Alisa. A academia parecia ser chata sem ela.

— Você vai guardar meu segredo? — Ela perguntou, seu corpo perto do meu.

— Por alguma razão, — resmunguei. — Você deve ter me infectado com sua tolice. Se soubesse que seu tipo de estupidez seria contagioso, teria pedido outro colega de quarto quando você entrou em nosso quarto pela primeira vez...

Seu sorriso era como o sol nascendo depois de uma forte chuva.

— Você não teria feito tal coisa. Eu mantenho sua vida interessante, Azrael. Você precisa de mim.

Zombei disso.

— De jeito nenhum. E para que conste, só porque conheço sua

verdadeira identidade, não pense que não hesitarei em...

— Ser absolutamente miserável comigo? — Seus olhos se arregalaram inocentemente. — Oh, eu nem sonharia com isso. Gosto do nosso joguinho. Você nem percebe a metade do que eu consigo escapar impune. E nossos instrutores, oh... — ela parou significativamente, um sorriso malicioso brincando nos cantos daquela linda boca.

— Eu não entendo, — disse francamente. — Por que você está aqui se não leva nada disso a sério?

Ela parecia genuinamente surpresa com isso.

— Eu levo isso a sério. Nosso treinamento, o que fazemos é importante. Cada rei Feérico deve ser capaz de lutar por nosso reino.

— E quanto Faer?

Uma expressão desagradável cruzou seu rosto e ela murmurou:

— Eu não sei o que aconteceu com meu irmão. Ele sempre teve um lado preguiçoso, mas agora... a maneira como ele fica do lado do pai... quase me pergunto se ele está encantado.

Ela se sacudiu, como se tivesse percebido que estava revelando muito, e sua expressão mudou em um instante.

— Esqueça isso. Sempre quis vir aqui, desde que era criança ouvindo histórias de ninar sobre os cavaleiros Feéricos, e quando Faer recusou, vi minha chance.

Eu zombei. — Algum conto de fadas.

Ela inclinou a cabeça, admitindo que eu estava certo. A realidade do que enfrentamos na fenda cada vez maior foi pior do que qualquer história.

— Eu só queria me provar, — ela disse.

— Para quem? Ninguém sabe quem você é. E você nunca terá

permissão para lutar, já que você é uma princesa da corte de verão. — Minhas palavras saíram bruscas, mas eram verdadeiras. — Mais cedo ou mais tarde, se você conseguir passar pela academia e fugir, você terá que voltar à realidade. E ninguém jamais saberá o que você fez.

Ela sorriu para mim.

— Eu saberei, Azrael. E agora, você também vai.

Ela puxou minha camisa da minha mão e apesar da perda de sangue que deveria tê-la deixado cambaleante, ela conseguiu se mover de volta para as paredes que protegiam a academia.

CAPÍTULO DEZENOVÊ

ALISA

Nikia me levou a uma sala espaçosa com pisos e paredes de mármore com listras douradas. Mesmo as flores que desabrocham em vasos em todos os lugares não conseguiam aquecer este espaço. Ela gesticulou em direção a uma porta de madeira no final da sala.

— Ninguém entra nos apartamentos privados do rei Faer — disse ela, — exceto pela a família.

— E servos? — Perguntei.

— Servos humanos, — ela disse, como se isso significasse algo para mim. Eu fiz uma careta.

— Ao que eu voltei, Nikia? — Perguntei.

Ela olhou para a porta fechada.

— Eu irei ao seu quarto esta noite para ajudá-la a se preparar para o baile. — Sua voz foi abafada como se ela tivesse medo de que alguém ouvisse. — Podemos conversar então.

— Baile? — Exigi.

Seu largo sorriso iluminou seus olhos com diversão.

— Sim! Faer está planejando seu retorno a casa há muito tempo! Esta noite haverá uma grande celebração. Maior que o solstício.

— Estou com jet-lag⁶ — disse, exceto que meu atual senso de *atraso* veio de me mover entre os mundos e, possivelmente, de lidar com homens Feérico *exaustivos*, — mas tudo bem.

— Eu tenho alguns outros recados para atender enquanto você

se encontra com o rei, para ter certeza de que está pronta para esta noite, — disse ela, em seguida, olhou para a porta novamente, como se houvesse um tique-taque para eu passar por ela. Mas ela sorriu amplamente para mim.

Me perguntei o que estava *acontecendo para esta noite*. Calças de pirata provavelmente não serviriam para a festa.

— Obrigada, Nikia. — Não tinha certeza se havia algo mais que eu deveria dizer, sem Azrael aqui para sussurrar em meu ouvido. Maldito seja. Ele era útil, pelo menos.

Eu fui em direção à porta, então parei e olhei de volta para Nikia.

— Eu bato? Apenas me deixa entrar?

— Ele está esperando por você, — disse ela, o que não respondeu nem um pouco à minha maldita pergunta.

Seja o que for. Só me importava muito agora porque estava nervosa por ficar cara a cara com um irmão gêmeo de que não me lembrava. *A única saída é através.*

Empurrei a porta e entrei.

Dentro havia uma grande e confortável sala de estar. As portas da varanda estavam abertas para o mar, que estava ofuscantemente brilhante e azul.

Um homem com um rosto que parecia assustadoramente com o meu veio da varanda para a sala, seu rosto iluminando-se com um sorriso.

Encarei ele, meu estômago revirando com uma dor repentina e amarga. Não tinha acreditado inteiramente que tinha um irmão gêmeo até que ficamos cara a cara. Ele tinha minhas maçãs do rosto e lábios generosos, embora sua mandíbula fosse acentuada e masculina,

seu rosto mais largo. Seu cabelo lilás estava penteado para trás.

— Alisa. — Seu tom era quente de admiração.

— Faer? — Eu não parecia tão confiante quanto ele.

— Você está em casa. — Ele me encontrou em alguns passos rápidos e me envolveu em um abraço. Fui envolvida pelo cheiro de grama recém-cortada e mel. Ele cheirava a verão. — Oh, Alisa. Achei que nunca mais fosse ver você.

Talvez voltar para casa não fosse tão ruim, afinal.

A maneira como ele parecia realmente ter sentido minha falta aqueceu meu coração, e eu passei meus braços ao redor dele sem hesitar tanto quanto eu tinha feito com Nikia.

— Desculpe, não me lembro de você, — deixei escapar. — Deve ser estranho.

— Deve ser tão terrível para você, — disse ele, afastando-se, mas apoiando as mãos nos meus ombros para que pudesse estudar meu rosto, como se não se cansasse de olhar para mim. Seus olhos cinza-prateados definitivamente não eram humanos, e eles podiam ser alarmantes, mas eles brilhavam e dançavam com calor.

— Vamos descobrir o que aconteceu com suas memórias. Vamos recuperá-las, — ele me prometeu.

— Obrigada. Eu tentei no mundo humano, não sabia quem eu era ou como cheguei lá.

— Venha, sente-se, tome uma bebida e me conte tudo sobre isso, — disse Faer. Ele me levou até a ampla varanda, a um dos sofás que dava para o mar. Ele sorriu enquanto me entregava uma taça, inclinando a cabeça para o oceano. — Estou esperando um velho amigo nosso chegar para o baile esta noite. Eu queria ficar de olho na sua chegada.

— Oh? Um velho amigo?

— O nome dele é Raile — ele disse, — não que você se lembre dele. Ainda não.

Ele se acomodou no sofá e me sentei ao lado dele. Ele se esparramou para trás, mas eu sentei na beirada, não muito confortável ainda. Estava mais quente aqui no mundo feérico, e minhas calças de couro e a camisa grossa que usava para caçar pareciam agarrar-se ao meu corpo, como se eu já não estivesse desconfortável o suficiente.

Eu olhei para a taça de cristal que ele tinha acabado de me entregar.

— O que é isso?

— Vinho da tempestade. O seu favorito, se bem me lembro.

Dei de ombros. Não era como se eu discordasse, ou pudesse. Tomei um gole e algo doce, satisfatório e ligeiramente entorpecedor floresceu em minha língua.

Eu não ficaria bêbada no mundo feérico, não até que entendesse o que estava ao meu redor, mas um gole me fez pensar que poderia gastar meus vinte anos aqui tão bem quanto no mundo mortal.

Estudei o rosto de Faer. A semelhança era fácil de ver; seu rosto me lembrava de olhar em um espelho, exceto em uma versão masculina de mim mesma. Sua mandíbula era um pouco maior. Ele era esguio, mas apto.

Parecia errado não me lembrar do meu próprio irmão. Eu tinha chegado a um acordo com a minha falta de memórias no mundo mortal, mas aqui eu tropecei com tristeza por tudo que não sabia.

— Como estavam Azrael, Duncan e Tiron, trazendo você para casa? — Ele perguntou.

Eu não queria causar problemas para eles, não que eles

merecessem essa lealdade, então evitei a pergunta.

— Por que você demorou tanto para me encontrar?

Ou os batedores Feérico me encontraram muito antes, e esta foi apenas a primeira vez que fui procurada?

— Verdade seja dita, pensamos que você estava morta, — disse ele. — Nunca me ocorreu que alguém teria escondido você no mundo mortal.

— Você tem alguma ideia de quem?

Ele balançou sua cabeça.

— Você e eu temos inimigos, Alisa. Mas agora podemos cuidar um do outro.

Pode ser. — Eu tenho outra pergunta.

— Claro. — Ele parecia caloroso e generoso, a expressão em seu rosto era aberta.

Havia afeto naquele olhar, e isso me fez suavizar minhas palavras. Eu não queria estragar as coisas com meu irmão gêmeo. Quando ele era um estranho para mim, tudo entre nós parecia estranho e tênue. Mas ele provavelmente não se sentia estranho e incerto como eu.

— Por que você mandou alguém com quem eu costumava ter um relacionamento? — Perguntei. — Para me trazer de volta? Isso tornou as coisas... estranhas.

Mas agora eu não precisava ver os irmãos ou Tiron novamente. Não tinha certeza se sentia alívio ou pavor com a ideia de que eles teriam ido embora e não teria que vê-los novamente.

— Porque Azrael, Duncan e Tiron são os melhores, — ele disse simplesmente. — E esta foi a missão mais importante que já enviei para alguém.

— Por quê? —

— Porque você é minha irmã, — disse ele. — Minha gêmea. A outra herdeira do trono.

— Nós governamos juntos? — Perguntei.

Ele desviou o olhar para o mar, o vento despenteando seus longos cabelos, que caíam, grossos e exuberantes, até a cintura. — Desde que éramos crianças, nosso pai me treinou para governar. Mas você sempre teve as respostas para as perguntas dele, Alisa, pelo menos, você sempre teve a metade delas. — Seus lábios se curvaram. — Sempre pensei que *devíamos* governar juntos.

Algo coagulou no meu estômago com suas palavras.

— Somos gêmeos, certo? — Disse.

Ele disse lentamente:

— A herança passa para o filho em um par de gêmeos.

— Por quê? — Perguntei bruscamente.

Ele sorriu para isso. — A mesma velha Alisa. Eu amo a maneira como você desafia o mundo.

Ou não deveríamos governar juntos ou ele não tinha certeza se queria dividir o trono.

— Azrael deu a entender que eu era a herdeira do trono. A *igual* herdeira do trono, — disse categoricamente.

Ele franziu a testa. — Você acabou de voltar para casa. Você não lembrava que nosso mundo existia há uma semana. Você ainda quer governar?

Eu queria? Não sabia como ser sua rainha. Eu nem sabia ser Alisa da corte de verão. Mas eu queria que as coisas fossem justas. Para estar *certo*. E que a herança fosse para o filho, independentemente de termos nascido do mesmo ventre, não parecia justo nem certo.

— Então por que Azrael me disse que você precisava de mim? — Exigi.

— Não sei porque Azrael faz muitas das coisas que faz, — admitiu. — Mas ele não estava errado, Alisa. Eu preciso de você. Minha irmã, minha família. Eu estive perdido sem você.

A brisa acariciava seus longos cabelos ao redor daquele rosto sério e preocupado. Seus olhos estavam fixos em mim.

Ele estava mentindo para mim sobre algo. Não havia sinais naquele rosto bonito que eu pudesse identificar, nenhuma dica em seu corpo alto e imóvel. Mas talvez alguma parte de mim o conhecesse e se lembrasse dele.

Porque eu tinha certeza que meu gêmeo estava mentindo na minha cara.

— Certamente nós fazemos as regras agora? — Disse. — Se você quer que governemos juntos, nós vamos.

Ele sorriu.

— Você tem razão. Agora, nós fazemos as regras.

Quando ele ergueu a taça para fazer um brinde, bati a borda da minha taça com a dele.

CAPÍTULO VINTE

— Tire um tempo para descansar antes das festividades desta noite, — Faer me disse quando chegamos à porta do seu aposento.

— Sobre isso, — disse. — Estou exausta. Eu nem mesmo me acostumei com este mundo. Podemos fazer isso outra noite?

— Todo mundo quer comemorar seu retorno, Alisa, — ele disse gentilmente. — Isso faz parte do dever do trono.

Bem, isso era difícil de argumentar.

— Isso soa muito bem, até que adormeço com a cabeça na tigela de ponche.

Ele abriu a porta.

— Se você começar a cochilar, tenho certeza de que um deles vai te cutucar.

Um deles? A expectativa correu pela minha espinha quando ele entrou na antecâmara à minha frente.

Azrael. Duncan. Tiron. Os três nos encaravam. Seus jeans haviam sumido. Em vez disso, eles usavam túnicas e calças pretas, ajustadas para revelar seus corpos musculosos e poderosos. Eles carregavam suas espadas abertamente, amarradas aos quadris, uma adaga curva adornada com joias do outro lado de seus cintos. Então, eles eram algum tipo de soldados. Outra coisa que eles esqueceram de mencionar, embora eu pudesse ter adivinhado pela maneira perigosa como se portavam.

Eles caíram de joelhos, o movimento gracioso e praticado. Olhei deles para Faer com surpresa. Não esperava que eles se ajoelhassem, a ninguém, pelo que eu sabia deles até agora.

— Levantem-se — disse Faer, sua expressão magnânima. — Obrigado por seus serviços e por trazerem minha irmã para casa.

Sua voz era calorosa, mas quando os três se levantaram, olharam para Faer com olhos duros e rostos cautelosos.

— Você nos quer de volta na frente, sua Majestade? — Duncan perguntou, uma ansiedade em sua voz como se ele estivesse desesperado para se afastar de mim. O que ele provavelmente estava. Ele deixou bem claro que me desprezava, então, embora *a frente* não soasse como um cruzeiro de prazer, talvez fosse para ele em comparação com ver meu rosto.

Enquanto isso, Azrael parecia estoico e imutável, como se nenhuma missão pudesse fazê-lo hesitar.

Eu peguei a atenção de Tiron, e ele piscou para mim, um rápido piscar de seus cílios. Algo iluminou meu peito.

— Não, — disse Faer. — Eu sei o quanto vocês três amam lutar, mas eu preciso dos meus melhores homens aqui. Para proteger minha irmã.

Os lábios de Duncan se apertaram.

— Existe alguma ameaça em particular com a qual você está preocupado?

— Todos elas. — Faer continuou alegremente: — Mas também, ela precisa de alguém para ensiná-la a viver neste mundo novamente. Vocês três podem servir como guarda-costas e professores enquanto trabalhamos para restaurar a memória dela.

Oh, senhor me ajude.

Eu não conseguia fugir dos homens bonitos em ambos os lados do rasgo, e eles também não podiam fugir de mim, aparentemente.

— Certamente há outra pessoa, — disse, e os olhos de Duncan se

arregalaram levemente, como se ele estivesse aliviado com a ideia. Enquanto isso, os lábios de Tiron se apertaram, como se a irritação de Duncan tivesse mudado para ele.

— Eles são os melhores, — Faer repetiu. Ele tocou minhas costas, dando-me um sorriso caloroso. — Descanse bem, irmã. Eles vão te mostrar seus aposentos.

Ele se fechou de volta em seu aposento. A porta se fechou definitivamente, deixando nós quatro olhando um para o outro no quarto arejado.

— Bem, *foda-se*, — disse Duncan.

— Duncan, — Azrael disse, sua voz advertindo.

Duncan caminhou em direção à porta que dava para o resto do castelo.

— Vamos, princesa. É hora de fazer o tour, então talvez você não se perca em sua própria casa.

— Você quer que eu chute a bunda dele? — Tiron perguntou, apoiando a mão no meu ombro. — Porque ele é tecnicamente meu sênior e salvou minha vida quatro ou cinco vezes, mas eu *estaria* disposto a chutar a bunda dele se isso fizesse você se sentir melhor.

— Sete, — Duncan corrigiu, sem olhar para trás.

Eles me levaram em uma excursão turbulenta pelo castelo, depois me levaram de volta a um apartamento que era mais quente, mas muito mais modesto do que o alojamento de Faer acima. Da sala de estar, eu podia ver minha varanda que pendia sobre o mar; a sala estava cheia de vinhas em flor e uma enorme banheira afundada no canto, tão grande que poderia realmente ser uma piscina.

Os livros enchiam as prateleiras de um lado da sala, e todos os tipos de armas e armaduras penduradas nas paredes. Virei-me para

observar a sala e disse:

— Vejo que meus interesses não mudaram muito.

Uma árvore enorme cresceu *dentro* da sala, seus galhos carregados de flores se retorcendo para pairar sobre a água azul cintilante da piscina. Duas portas, de cada lado da sala, davam para os quartos.

— É adorável, — disse, em seguida, acrescentei: — Por que é tão menor do que os quartos de Faer?

— Ele se mudou para os aposentos do rei quando seu pai morreu. — Azrael disse. — Quando vocês dois eram crianças, vocês dividiam este conjunto de quartos.

— Parece muito prático. No meu mundo, eles colocam cercas para manter as crianças fora das piscinas. Dormimos em um quarto com uma. Faz todo o sentido.

— Este é o seu mundo, — Azrael me lembrou.

— Não até que eu me lembre — disse, — e estou bastante chateada com você, como estou lembrando agora. Você mentiu para mim.

A porta se abriu e Nikia entrou, seguida por várias mulheres.

— É hora de partirmos, — Azrael disse.

— Fuja, Azrael, — disse a ele, e sua mandíbula ficou tensa.

Esperava que ele golpeasse de volta para mim, mas em vez disso ele se curvou na cintura. Havia zombaria em seu movimento gracioso, embora seu rosto estivesse em branco.

Então os três saíram da sala e me deixaram sozinha.

— Eu pensei que ia tirar uma soneca, — protestei enquanto Nikia e as outras se movimentavam, começando a me preparar para as horas de festa a partir de agora. Aparentemente, eu precisava de

um banho, precisava estar vestida e maquiada e meu cabelo feito, e eu não poderia fazer nada disso comigo mesmo.

— Não preciso tomar banho, — disse, escandalizada. — Vão embora!

Duncan disse que eu era mimada e obstinada, e quando expulsei minhas relutantes servas para fora do meu apartamento, pude ver onde talvez já tivesse ganhado essa reputação antes.

Mas o dia tinha sido um turbilhão e eu precisava ficar sozinha.

Saí para a varanda e descansei meus antebraços na grade. Não havia ninguém mais à vista; A varanda de Faer pendia sobre a minha, mas eu não podia vê-lo e ele não podia me ver, então parecia que eu estava sozinha aqui na beira do mar.

O vento bagunçou meu cabelo e eu respirei o cheiro fresco e brilhante de sal. Enquanto eu observava as ondas rolares para dentro e para fora, ouvindo o barulho das ondas, a paz se instalou sobre mim. Sempre amei o oceano.

Então, esta era a minha casa.

Depois de ficar sozinha por um tempo, me virei para a piscina, tirando a roupa antes de entrar na água. A água estava quente e agradável, e dei algumas voltas antes de me deixar flutuar. Parte da minha tensão foi embora também.

Quando ouvi uma batida fraca na porta, esperava que fosse Nikia. Tentei fixar um sorriso no rosto enquanto me levantei facilmente para fora da água. Peguei uma toalha do banco de quartzo rosa à beira da piscina e joguei ao redor do meu corpo, prendendo-a com uma mão enquanto deixava pegadas molhadas no mármore.

Eu não queria ser ingrata; estava exausta de gente.

Mas era Azrael quem ficou parado na porta, as mãos cruzadas

atrás das costas. Minha respiração vacilou ao vê-lo. Seus olhos caíram para a minha toalha e, em seguida, se arregalaram.

— Ouvi dizer que você queria ficar sozinha, — disse ele.

— E então você pensou que deveria vir me atormentar? — Deixei a porta aberta enquanto voltava para o quarto. Ele poderia interpretar isso como um convite ou não.

— Achei que você deveria ter alguma ajuda para se preparar para as festividades desta noite — disse ele, — a menos que você queira que eu encontre um tapa-olho e você possa ir como uma pirata.

— Será uma festa à fantasia?

— Não, — ele disse. — Mas Duncan ficaria encantado se você usasse uma.

— Bem, eu vivo para agradar a Duncan. — Coloquei meu cabelo atrás das orelhas, estudando-o. — Você veio para garantir que eu não me envergonhasse na festa.

— Não vamos estabelecer metas muito elevadas, — disse ele.

— Você é um idiota, — disse. — Ainda estou brava com você. Você nem mesmo gosta de mim, me forçou através do portal,

— Se eu realmente te odiasse, Alisa, poderia ter dito a Faer que não poderíamos te encontrar, — ele me interrompeu. — Eu acho que as cortes Feéricas precisam de você.

Eu o encarei com incerteza.

— Para esta noite — ele disse, sua voz baixa, controlada novamente, — você deveria apenas se familiarizar novamente com seu povo, seu mundo. Mas você precisa fazer isso em um vestido. Brincar de se vestir é realmente tão terrível para você agora? Você costumava adorar uma boa fantasia. Uma boa pegadinha.

Meus lábios franziram para o lado. Ele pegou minha mão e me

rebocou com ele para o quarto à esquerda. Um enorme guarda-roupa de madeira gravado atravessava uma parede, a que ficava em frente às janelas, e ele a abriu revelando dezenas de vestidos.

— De onde isso veio? — Perguntei.

— Eles são seus de antes, — disse ele. — Não é o estilo mais recente.

Corri meus dedos sobre as fileiras de vestidos de seda coloridos, muitos deles elaboradamente bordados ou cheios de pérolas e jóias, e fiz uma careta.

— Isso tudo parece... ridículo.

— A realeza é ridícula, — disse ele secamente. — Isso nunca incomodou você antes.

— Por favor, pare de falar sobre quem eu era antes. — Sentia que ia enlouquecer cada vez que ele fazia alusão a um passado compartilhado de que só ele se lembrava.

Ele fez uma pausa e disse: — Você está certa. Deve ser difícil.

Balancei minha cabeça, desviando o olhar dos vestidos para seu rosto, em seguida, baixando meu olhar para seu peito, que era mais fácil de falar. Seu rosto era lindo demais.

— Eu não sei como fazer isso, Azrael. Quem quer que eu fosse antes, não sou uma princesa agora.

— Você vai superar isso, — disse ele. Ele hesitou, então admitiu:

— Você sempre foi incrível, Alisa. O que quer que eu já tenha pensado sobre você, você sempre foi forte. Inteligente.

— É difícil se sentir inteligente quando você não conhece as regras do jogo. Quando você nem conhece o jogo, para falar a verdade.

— Você me tem.

— Tenho? — Perguntei. — Você está escondendo segredos de mim. E eu chutei você, e me pergunto o quão genuinamente indulgente...

— Você e eu costumávamos ser mais rudes do que isso na cama, — ele disse, sua voz cheia de diversão. Ele tocou o local em seu ombro onde eu o chutei. — Eu vou curar.

Sempre que Azrael mencionava nossa vida sexual passada, minha imaginação fugia comigo.

— Normalmente, você é atendida enquanto se veste, — disse ele, sua voz assumindo um tom caloroso e provocador. — Mas você mandou todos os servos embora.

— Mandeí? — Havia uma nota de provocação em minha voz também, quando levantei minhas sobancelhas para ele. O tom de flerte da minha voz me surpreendeu tanto que limpei a garganta. Eu não estava acostumada a falar com homens assim, mas me sentia diferente em torno de Azrael.

— Eu não sou um servo, Majestade, — disse ele. Seu polegar roçou minha bochecha. — Você estava certa antes quando disse que eu não sou seu amigo. Mas o que existe entre nós sempre foi mais complicado... mais *interessante*... do que isso.

— Bem, eu odeio ficar entediada, ou pelo menos foi o que me disseram. — Minha voz estava arqueada.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, hesitando. Ele estava tão perto que parecia que ia me beijar, e meu coração disparou de repente. Realmente parecia que meu corpo se lembrava dele, porque o desejo latejava em meu núcleo, e eu mordi meu lábio inferior.

Quando Azrael se aproximou, minha respiração vacilou em meu

peito.

Tinha perdido minha cabeça, eu sabia disso. Não era um conto de fadas, mas parte de mim se perguntava se o beijo dele restauraria minhas memórias. Eu deixei meus olhos se fecharem enquanto seus longos dedos deslizaram pelo meu queixo.

Balancei em direção a ele, meus lábios se separando enquanto meus olhos se fechavam, fechando o mundo lá fora.

Até mesmo o som do oceano batendo contra a costa lá fora se dissipou. Havia apenas eu e Azrael.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Vou ajudá-la a se vestir, — disse ele, afastando-se de repente, como se tivesse feito esforço. — Escolha um vestido.

Meu coração estava disparado tão rápido que quase senti como se fosse tropeçar. Estava *corando*? Eu nunca corei, mas minhas bochechas estavam quentes. Deus, eu tentei beijá-lo.

— Algum deles é mais adequado para a ocasião do que outro?

— Eles estão todos fora de temporada, — disse ele. — Você parecerá deslocada esta noite.

— Então vou ver como me sinto, pelo menos. — A memória da minha camiseta lisa no espelho do meu apartamento me veio à mente. Eu era mais cheia em minha aparência mortal. — Eles nem vão caber...

— Nós vamos fazer isso, — disse ele, como se houvesse um *nós*. Como se estivéssemos em uma equipe.

Escolhi um vestido com corpete justo em ouro rosa que brilhava com joias sob as luzes. Ele mergulhava para baixo para revelar o formato do meu decote, e uma longa saia de tule flutuava em torno de minhas pernas.

Tive o prazer de encontrar rasteiras de couro de ouro rosa para combinar, que aparentemente era o que a maioria dos feéricos usava, entre todos os outros.

— Rasteirinhas!

— De que outra forma alguém faria rasteiras para entrar? — Azrael perguntou, carrancudo.

— Você não tem ideia de que tipo de coisa selvagem os humanos pensam.

Ele virou as costas antes que eu deixasse cair a toalha e deslizesse o corpete por cima dos meus quadris. Eu puxei o corpete sobre meus seios, respirando. Por que o mundo Feérico não tinha Spanx?

— Você pode olhar agora. Não é como se você não tivesse visto antes...

Ele se virou, seu olhar se alargando com apreciação, como se gostasse de mim de alguma forma.

— É diferente quando você não está confortável na minha frente.
— Ele se moveu atrás de mim, puxando os laços do espartilho. Quando seus dedos varreram minha espinha, minhas costas se arquearam levemente. Mordi meu lábio, incapaz de esconder completamente a forma como meu corpo respondeu ao seu toque. Ele acrescentou: — E já se passaram cinco anos.

— Você já fez isso por mim antes? — Perguntei.

Ele parecia confortável com as mãos no meu corpo, ajudando-me a vestir este vestido elaborado. Enquanto isso, eu estremeci de nervosismo. Eu tinha que me controlar.

— Muitas vezes, — ele disse. — Há sempre alguma festa debochada na corte de verão. E você sempre foi... difícil... com os servos.

Sua voz parecia divertida quando ele acrescentou:

— E com todo mundo.

A devassidão parecia promissora agora. Algo sobre a provocação de tê-lo me vestindo estava me fazendo imaginá-lo me *despindo*. Perguntei a Azrael se havia um encantamento para deixar as pessoas com tesão, mas eu precisava do contrário. Eu precisava de um feitiço de banho frio, imediatamente.

— Você tem uma nova namorada? — Perguntei, brincando com ele, usando aquelas palavras humanas que ele desprezava.

Ele apertou o espartilho o suficiente para apertar meu peito, e eu exalei um bufo.

— Não. — A nota lúdica havia deixado sua voz.

— Por que você diz isso como se fosse tão ridículo? Eu fui tão incrível... ou tão terrível... que você não consegue seguir em frente? — Estava brincando, mas ele ficou repentinamente em silêncio atrás de mim.

Quando ele não respondeu, me virei, tentando ver seu rosto.

Ele puxou o espartilho novamente. — Segure firme. Eu mal sou qualificado para amarrá-lo do jeito que está, mas já que você aterroriza os servos...

— Eu não *aterrorizei* ninguém.

— Bobagem, — disse ele. — Veja como você assusta Duncan.

Eu ri alto. — Não parece que nada nem ninguém assusta Duncan.

— Ele gostaria que você acreditasse nisso. — Seus dedos roçaram minhas omoplatas nuas enquanto ele amarrava as fitas na parte de trás do corpete. — Pronto. *Agora* você pode dar meia-volta.

Eu girei, a saia girando para fora das minhas pernas. Isso me fez sentir boba e viva, apenas por um segundo. Como se eu fosse uma princesa de contos de fadas, e não a princesa terrível que era agora.

— Como estou?

— Linda. — Mas seus olhos estavam cautelosos enquanto me observava. — Tão linda que dói.

— Isso é engraçado, — disse. — É assim que eu descreveria seu rosto.

Suas sobrancelhas arquearam. Por que eu disse isso? Mas era verdade; tudo sobre o plano acentuado de suas maçãs do rosto, seus lábios lindamente formados, sua mandíbula, atraiu meu olhar e me deixava doendo, tudo ao mesmo tempo. Mordi meu lábio inferior, desviando o olhar.

— Você está menos protegida do que antes de... sair, — disse ele.

Eu balancei minha cabeça, odiando como me senti perdida quando ele me lembrou de um passado compartilhado que eu não lembrava.

— Eu disse para você parar de me dizer quem eu era antes. Eu quero lembrar por mim mesma.

— Certo, — disse ele. — Eu irei parar. É só que às vezes eu acho que talvez você seja uma pessoa diferente do que era.

Ele souou como se o pensamento o incomodasse.

— Pelo que Duncan disse, isso seria uma coisa boa. Ele fazia parecer que eu era péssima antes.

Ele encolheu os ombros. Ele gostava de mim de qualquer maneira, antes; talvez ele tenha ficado desapontado com as mudanças. Inclinei minha cabeça, olhando para ele por tanto tempo quanto eu poderia suportar; era como olhar para o sol. Era impossível desviar o olhar, mas eu sabia que olhar por muito tempo doeria.

— Você vai parecer fora do lugar, — disse ele, tocando meu cabelo e penteando-o para trás com a ponta dos dedos. — Talvez você também deva abraçá-lo. Deixe seu cabelo solto.

— Todo mundo vai ter o seu para cima?

Ele assentiu. — Você vai parecer um pouco selvagem.

— Eu *sou* um pouco selvagem. — Não sabia nada sobre como ser uma princesa Feérica civilizada.

Ele sorriu, um sorriso real e genuíno que enrugou os cantos de seus olhos e estendeu o braço. — É hora de a princesa examinar seu reino caótico.

Hesitei em sair da sala.

— Eu estarei ao seu lado quando você tiver uma pergunta, — Azrael me prometeu. — Não vou deixar você parecer tola.

Não consegui esconder meu sorriso.

— Bem, você pode tentar. E eu agradeço.

Azrael me ofereceu seu braço galantemente e me acompanhou até o salão de baile. Pouco antes de os servos abrirem as portas, murmurei: — Eles vão cair de joelhos, não vão?

— Sim, eles vão, — Azrael disse. — Mesmo Duncan se ele está no meio da multidão, por mais que ele a despreze. Eu tento mantê-lo longe dessas coisas, no entanto.

— Ele despreza tanto quando se ajoelha na frente de Faer?

— Oh, sim. — Havia fervor em suas palavras.

Eu queria saber mais sobre como Duncan, e Azrael, se sentiam sobre Faer, mas os servos estavam abrindo as portas e a música se espalhou e eu tinha perguntas mais urgentes. — Eu digo a mesma coisa?

— Apenas fique aí e sorria e pareça uma princesa. Depois de alguns segundos, a música vai começar de novo e as pessoas vão subir e vir cumprimentá-la até que você vá para o seu trono na plataforma.

— Ele sorriu para mim. — Se você precisar recuar, sente-se lá e pareça majestosa. Você terá que me convidar, então, se quiser que eu vá com você, diga.

— Espere. — Eu agarrei seu braço e seus lábios se separaram em surpresa. — Azrael. Parece um pesadelo.

— Ser princesa não é fácil. — Suas palavras eram leves e zombeteiras, mas tive a sensação de que as falava sério.

Eu gemi. — Por que eu voltei aqui?

— Basta passar esta noite e amanhã, vamos trabalhar restaurando suas memórias, — ele prometeu.

Isso era muito bom em teoria, mas eu ainda tinha que sobreviver esta noite e, aparentemente, isso incluía falar com metade do reino. Enfrentei um mar infinito de Feéricos, de rabos saindo de vestidos e elaborados penteados enrolados entre chifres, de rostos que poderiam ser humanos e bocas com línguas bifurcadas.

Lição um de princesa: nenhuma introvertida deveria levar a coroa.

O barulho e as luzes caíram sobre nós, e então a música parou. Todos caíram de joelhos. Eu fiquei lá com um sorriso congelado no rosto até que a música começou novamente.

Ser um membro da realeza parecia impiedoso.

Por um segundo, a música animada do violino que começou novamente me relaxou.

Então senti alguém caindo sobre mim como um míssil, e olhei para cima esperando uma ameaça, apenas para ver uma bela ruiva feérica caindo sobre mim.

Azrael pressionou seu corpo contra o meu por trás, e eu estava perfeitamente ciente de todos aqueles músculos rígidos contra mim. Comecei a me virar para olhar para ele, não que eu quisesse que ele se afastasse, mas ele sussurrou:

— Elena Beure. Corte de outono. Você precisa cumprimentá-la primeiro, ou ela não poderá se aproximar de você sem violar a etiqueta adequada, ela odeia isso. Ela provavelmente vai fingir ser sua

melhor amiga há muito perdida, mas você não a suporta. Cuidado com seus pequenos insultos. A velha Alisa nunca os toleraria.

Minha mente girou. Ele apertou meu ombro, o gesto estranhamente reconfortante, e se afastou.

Então essa garota era má, de acordo com ele? Como eram as garotas malvadas no mundo Feérico?

— Elena, — disse, imitando o tom magnânimo de Faer antes, como se ela tivesse sorte por eu estar falando com ela.

Aborrecimento cintilou em seus traços adoráveis antes que ela murmurasse:

— Alisa, estou tão feliz que você chegou em casa com segurança. Você foi resgatada por este homem bonito? — Ela agarrou o antebraço de Azrael com uma das mãos, sorrindo para ele de forma cativante.

Azrael não se incomodou em sorrir de volta.

— A princesa Alisa sempre foi capaz de se resgatar, Elena.

— Oh, então é verdade, — disse ela com simpatia. — Você perdeu suas memórias. Ouça, você deve vir para o chá amanhã, e eu irei atualizá-la sobre tudo o que aconteceu.

— Obrigada, mas tenho um plano para *recuperar o atraso*. — Não tinha certeza de porque a odiava antes, mas algo sobre a maneira como ela olhou para Azrael era como unhas arranhando metal para mim. — Talvez pudéssemos nos socializar em outro momento.

— Claro, — ela disse.

— Por que eu a odiava tanto? — Sussurrei para Azrael quando ela saiu, pegando um parceiro de dança pelo caminho. Os dois começaram a girar pela pista de dança com um movimento de saias, oh, e eu vi um rabo, com a música.

Quando Azrael hesitou, fiquei tentada a esbofeteá-lo.

Eu disse a ele em um sussurro feroz:

— Você mentiu para mim que Faer queria que eu governasse ao lado dele. É melhor você obter muito mais informações rapidamente, ou direi a Faer que preciso de outro guarda-costas.

Percebi que me enganei assim que disse as palavras. Duncan teria aceitado meu blefe, ansioso para escapar para uma zona de guerra ao invés de passar mais tempo comigo.

Azrael estudou meu rosto com seus olhos roxos, que pareciam escuros sob as luzes pulsantes penduradas no teto, então suspirou baixinho.

— Quando éramos todos mais jovens, Elena estava determinada a dormir comigo, — disse ele. — Acredito que ela esperava encontrar seu caminho para servir ao meu lado como rainha. Você particularmente não queria se casar comigo, mas certamente não queria que ela o fizesse.

Eu fiz uma careta.

— Eu me intrometi em seu relacionamento?

Isso não era justo. Se eu não quisesse me casar com ele, não deveria tê-lo impedido de se casar com outra pessoa. Encorajei Carter e Julian a seguir em frente, em vez de esperar que nossa amizade se transformasse em algo... mais quente.

— Eu não a queria. — Sua voz estava cortada, como se ele estivesse ofendido com a implicação. Então ele suavizou, seus olhos faiscando. — Você sempre se intrometeu, Alisa.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, mas alguém já estava se aproximando de nós.

E assim a noite avançou.

Encontrei pessoa após pessoa que se lembrava de mim, mas eu

não os conhecia.

Azrael sussurrou em meu ouvido, me dizendo o protocolo real certo a seguir. Ele era sutil, sorridente e perfeito, e eu tive que admirar o quão gentil era.

Claro, ele quase me *empurrou* direto por aquele portal sem ter a menor ideia de como as coisas estavam erradas.

Mas, apesar de seus melhores esforços, senti como se minha incerteza estivesse à mostra. Alguns Feéricos me olharam com decepção, alguns mal conseguiram conter sua alegria, mas de qualquer forma, fiquei me sentindo insuficiente.

— Que festa adorável, — murmurei para Azrael. — Já posso ir?

— Protocolo, — Azrael começou, então hesitou.

— Deixe-me adivinhar, — disse. — A velha princesa Alisa não ligava muito para etiqueta?

Azrael disse lentamente: — A velha princesa Alisa usou isso a seu favor. Dê-me um momento, e eu vou tirar você daqui sem causar qualquer resmungo.

Eu não tinha certeza do que Azrael fez, mas antes que eu percebesse, nós dois estávamos saindo da sala e voltando pelos corredores para o meu quarto.

— Obrigada, — disse suavemente quando alcançamos minha porta.

Ele me olhou como se fosse me beijar. Mas talvez aqueles olhos roxos profundos com cílios exuberantes fossem apenas olhares luxuriosos. Talvez ele não quisesse pegar fogo na minha direção.

Ele se aproximou de mim, olhando para o meu rosto enquanto se aproximava tão intimamente que minha respiração prendeu, pouco antes de ele abrir a porta do meu quarto por cima do ombro.

— É o meu dever. Boa noite, Princesa.

Seu dever. A raiva apertou meu peito. Deuses, o homem bonito poderia ir se foder.

E eu nem mesmo pensaria em como isso seria, sua mão enrolada em um pau que eu estava disposta a ver se era longo e grosso, suas pálpebras pesadas enquanto ele sacudia a mão para cima e para baixo...

— Boa noite, — consegui dizer, antes de fugir para o meu quarto.

— Espere, — disse ele, estendendo a mão para mim. Meu coração disparou, mas tudo o que ele fez foi dar um passo atrás de mim e desamarrar o maldito espartilho.

Eu realmente tinha que tolerar essas roupas ridículas? O espartilho apertado em volta do meu peito de repente foi liberado, e eu respirei fundo e profundamente.

— Todo esse lugar é uma armadilha. Até os malditos *vestidos*.

Ele hesitou e disse: — Sinto muito, Alisa.

Eu o teria pressionado sobre o que ele lamentava, mas ele já estava se movendo silenciosamente pela porta. Fechou suavemente atrás dele.

Tirei o vestido e me arrastei para a cama grossa e luxuosa. Os lençóis suaves e cobertores macios e grossos carregavam um leve e doce aroma floral, ainda melhor do que o Tide⁷.

Eu estava exausta e deveria ter adormecido imediatamente. Em vez disso, fiquei ali deitada, desejando dormir, ouvindo a agitação interminável do oceano pelas portas abertas da varanda.

Parecia que a velha princesa Alisa jogava um jogo feroz, sem prisioneiros e sem arrependimentos.

Me perguntei se ela ainda estava enterrada dentro de mim.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Nossos próximos meses na academia passaram sem problemas. Bem, sem mais problemas do que parecia inevitável com Alisa ao meu lado.

Ela continuou a fingir que era um menino. Continuei a fingir que estava irritado com *ele* regularmente.

Na verdade, a exasperação não demorou muito para fingir.

— Você sabe que o seu júnior e o meu perderam uma aula juntos,— Galic me parou no corredor. — Pretendo descobrir o que eles estavam tramando, caso precisem ser punidos por mais do que pular.

Encarei Galic. Ele tinha seus livros agarrados em seu braço e um olhar presunçoso escrito em seu rosto. Ele me irritava desde que começamos na academia. Seu sorriso confiante tremulou quando eu não respondi nada além de um olhar gelado.

— Vou falar com Faer, — disse finalmente, deixando claro que eu não aceitei nada do que Galic disse em termos de valor facial.

Eu estava no meio do corredor quando Galic gritou atrás de mim:

— Você tem medo do que o Alto Príncipe fará com você quando chegar ao poder?

O corredor ficou em silêncio. Estava lotado de alunos, todos

esperando para ver como eu reagiria. Vislumbrei Duncan na multidão, sua testa franzida como se meu próprio irmão não soubesse o que pensar.

Quando me virei para encará-lo, Galic encontrou seu sorriso malicioso mais uma vez. A acusação de covardia despertou uma raiva fria por mim, e eu queria arrancar a cabeça insolente de Galic de seus ombros.

— Galic — disse, deixando minha voz rolar pelo corredor, não falando mais baixinho, — devemos torcer por nossos juniores. Seu ciúme é porque Faer e Keral podem chutar seu traseiro? Bem, você pode não ter o bom senso de ficar envergonhado, mas acredite em mim, todo mundo se sente envergonhado por você.

As bochechas de Galic ficaram escuras.

— Não tenho ciúme de nenhum deles.

— Certo, — disse. — É por isso que você vive para vencer Keral, não em campo, mas em seu quarto, quando ele não pode revidar. Que piada.

Aí. Eu demarquei claramente; não bati em “Faer” porque estava orgulhoso dele, não fraco e ciumento como Galic. Mesmo antes de saber quem ele realmente era, eu não tinha interesse em seguir as tradições de punição da academia. Embora “Faer” tenha me dito, duas vezes, que seria melhor levar uma surra do que me ouvir falar.

“Faer” estava realmente testando a força de minhas convicções.

Virei as costas para Galic, uma provocação deliberada que esperava que ele aceitasse.

Duncan assobiou para me avisar ao mesmo tempo que ouvi os passos suaves de Galic correndo pelo corredor. Esperava isso, no entanto.

Eu me inclinei para o lado assim que ele se lançou sobre mim. Seu corpo passou correndo em vez de me atacar. Assim que ele bateu no chão, eu estava em cima dele. Ele conseguiu rolar e deu um soco sólido na minha mandíbula antes que eu pudesse prendê-lo no chão. Então eu compensei minha mandíbula dolorida, socando-o mais de uma vez.

Ele olhou para mim malignamente e seus lábios se separaram para falar. Galic nunca sabia quando desistir.

Ele cuspiu:

— Sabe, quando você se tornou o servo de Faer, você se tornou de Herrick também. Achei que você fosse o príncipe do outono, não um servo.

Inclinei-me perto dele, olho no olho. O corredor ainda estava em silêncio, os alunos pararam para assistir a luta.

— Faer não é nada como Herrick, — o avisei. Todos sabiam o quanto eu desprezava o Rei Supremo; não havia como negar como me sentia. — Ele é honrado, um bom lutador e se preocupa com seu povo. Por mais que eu ache que é hora de o reinado do verão terminar, ele seria um rei muito melhor do que seu pai.

Sabia que todos podiam ouvir o que eu disse. E de repente, percebi o quanto poderia me arrepender do que disse. Mais cedo ou mais tarde, minhas palavras certamente ultrapassariam as paredes da academia.

Alisa e Faer podem ser pessoas muito diferentes, mas para o mundo, parecia que eu estava jogando minha sorte com Faer. Eu deveria ser o príncipe rebelde da corte de outono, aquele que meu povo esperava que um dia derrubasse o rei supremo.

Me levantei lentamente de Galic e limpei minhas mãos com

desdém. Ele não se mexeu para se levantar até que eu me afastei, permanecendo submisso, embora ele tenha olhado para mim com os olhos estreitos.

Sabia que teria que ficar de olho nele. Galic tentaria se vingar de mim ou de Faer.

Quando entrei em nossa sala de treinamento de batalha no final do dia, exausto com o gosto de sal grudando em meus lábios apesar do frio lá fora, Alisa estava recostada na cama, de alguma forma já banhada e vestida.

Ela olhou para mim de seu livro, *olhe para isso, Alisa com um livro, talvez ela realmente estivesse virando uma nova página*, e perguntou:

— Então é hora de o reinado do verão terminar, hein?

Claro que ela se concentraria nesse comentário. Independentemente disso, ela estava me lembrando que eu a elogiei publicamente, o que já me arrependi. Ela era arrogante o suficiente.

Eu zombei. — Não estou com humor para lidar com você ainda.

Entre no banheiro conectado ao nosso quarto. O piso de madeira estava frio sob meus pés descalços quando comecei a tirar minha túnica e calça suja e suada, mas com um estalar de dedos a água do banho fumegou na enorme banheira afundada. Eu mergulhei na água, deixando escapar um suspiro quando a água quente ajudou a desfazer alguns dos meus músculos doloridos e machucados.

Eu estava flutuando na água quando ouvi sua voz suave vinda da porta.

— Eu não vou olhar. Tenho um teste para estudar para esta noite, então eu gostaria de tirar a roupa do caminho.

Eu balancei a cabeça sem olhar para ela, fingindo que não estava de repente duro apenas por tê-la no mesmo cômodo quando eu estava

nu.

Eu não deveria ter dito o que disse sobre Faer naquele corredor.

Mas eu quis dizer cada palavra que disse sobre ela.

Eu me apaixonei por ela constantemente nos últimos meses.

— Desde quando você estuda para as provas? — Perguntei a ela quando ela começou a lavar nossas roupas na pia.

— Desde que percebi que minha formatura seria ainda mais doce se fosse entre os primeiros da classe, antes de mostrar a todos quem eu realmente sou, — disse ela. Antes que eu pudesse apontar mais uma vez que essa era uma ideia terrível, não que ela tivesse ouvido, ela continuou: — Desde quando você diz coisas boas sobre o *príncipe da corte de verão*?

— Coisas boas? — Bufe. — Eu nunca diria coisas boas sobre você, Alisa.

Nunca ousei usar seu nome verdadeiro, mesmo na privacidade do nosso quarto, para o caso de eu escorregar. Mas algo neste banheiro, mais longe do corredor, parecia mais seguro.

Ela fechou a porta suavemente atrás de nós, nos envolvendo no vapor. — Não, nunca, — ela concordou com um sorriso enquanto colocava nossas meias no varal que estava pendurado no banheiro. — O outono e o verão são sempre inimigos, afinal.

— E o outono sempre vence o verão, — a lembrei.

— Será mesmo? O verão vem primeiro, sempre, — ela respondeu com a mesma rapidez.

Eu espirrei nela.

— Sua língua é sempre tão rápida. É melhor você ser capaz de lutar, se você não fosse uma princesa, teria pessoas na fila para chutar o seu traseiro.

— Eu sou — ela respondeu, agachando-se na beira da banheira, — e eu não preciso que você lute minhas batalhas por mim.

Eu estava flutuando, mas rapidamente me sentei na banheira, afastando meu cabelo molhado do rosto com uma das mãos para poder dar a ela um olhar incrédulo.

— Eu não estava lutando suas batalhas. Galic falou fora de hora e ele precisava ser lembrado disso.

Ela revirou os olhos. — Você é inacreditável. A maioria dos nobres são pretensiosos, mas você é o único que conheço que *finje* ser insuportável para cobrir...

Ela se interrompeu abruptamente.

— Para cobrir o quê, Alisa? — Eu me inclinei em direção a ela.

Seu olhar caiu para a água, e ela distraidamente deslizou as pontas dos dedos sobre a água. Foi uma das poucas vezes em que a vi parecer incerta, até tímida, e isso fez meu coração bater mais rápido no peito.

Porque de repente, tive a sensação de que Alisa poderia sentir o mesmo que eu por ela.

— Para encobrir o fato de que você é realmente meio decente, — disse ela, de repente levantando o olhar em direção ao meu. Seus olhos brilharam com malícia, e ela abruptamente pegou um punhado de água e jogou no meu rosto.

Cuspi água, mas já estava me movendo. Eu a agarrei pelos braços e a puxei para a água comigo. Ela caiu em cima de mim, deixando escapar um grito, seu corpo ágil pressionando contra o meu enquanto caíamos na água com um respingo.

— Estou totalmente vestida, seu idiota, — disse ela, embora não parecesse realmente louca.

— Não comece jogos que você não quer jogar, então, — retornei.

Ela ainda estava pressionando contra mim na água, e sua mão acariciou distraidamente meu lado. As pontas dos dedos dela na minha pele fizeram algo por mim que nenhum toque de outra mulher jamais fez, e minha respiração ficou presa no meu peito.

— Quando se trata de você, Azrael — disse ela, e sua voz ficou rouca, — eu sempre quero jogar.

Sentei-me contra a parte de trás da banheira, puxando-a comigo. Ela montou meu colo na água, então se inclinou para frente, pressionando um beijo hesitante contra meus lábios.

Sua boca era macia e doce e me lembrava limonada. Isso era perfeito para ela, certamente ela tinha seu lado azedo.

E amava cada parte dela, até mesmo as partes que me enlouqueciam.

Envolvi minha mão em volta de sua cabeça, meus dedos enroscando em seu cabelo, e ela sorriu contra meus lábios.

— O quê? — Sussurrei.

— Sempre tão dominador, — ela murmurou, então beijou o lado da minha boca de qualquer maneira. — Mesmo quando você me beija.

— Apenas espere, — prometi a ela, e seu sorriso se alargou, como se ela gostasse da ideia. Então eu virei minha cabeça e capturei seus lábios com os meus.

Nós compartilhamos beijos lentos e ternos. Ela acariciou meu lábio inferior com o dela, chupou em sua boca, e a sensação me fez querer perdê-la e mergulhar fundo nela. Em vez disso, empurrei seu cabelo úmido para trás da orelha; o vapor subiu atrás da banheira, e ela ficou encharcada, e seu cabelo grudou em sua pele brilhante.

Mas não importa o quão gentis sejam esses beijos, ela ainda

estava montada no meu colo, esfregando no meu pau, suas coxas pressionadas contra as minhas com força, como se ela quisesse mais de mim. Eu a deixaria assumir a liderança, no entanto.

Envolvi minhas mãos em torno de seus quadris, sentindo-a balançar em minha direção, e ela soltou um gemido.

— Azrael... devemos fazer isso?

— Não, — disse, minha própria voz saindo rouca.

— Vamos fazer isso? — Ela perguntou, um sorriso em sua voz.

— É um erro, — disse, beijando o canto de sua boca de qualquer maneira. — Nossas cortes são inimigas. É provavelmente por isso que os instrutores nos colocaram juntos.

— Mm. Verdade. — Ela mordeu minha orelha e a sensação latejou todo o caminho até o meu pau.

— Você nem deveria estar aqui, — disse.

— Você estaria perdido sem mim. — Ela correu as unhas sobre meu ombro nu, traçando seu caminho pelo meu peito. Ela parou nas formas pretas que cobriam meu peito, olhando para elas cuidadosamente pela primeira vez; nós sempre usamos tantas camadas neste buraco do inferno congelado. — O que é isso?

Eu hesitei.

— Na minha família, não falamos sobre nossas marcas.

— Em minha família, não fugimos de casa para fazer sexo com belos príncipes Feéricos na banheira, mas aqui estamos, — disse ela, com os olhos brilhando.

— Tem certeza? — Perguntei, porque eu não queria que ela se precipitasse em nada.

— Azrael, — ela disse, segurando meu rosto com a mão. — Você já me viu evitando qualquer aventura imprudente?

— Não, não, — disse.

— Seja corajoso comigo, — ela desafiou.

— Você é uma pirralha, — murmurei, mas a beijei de qualquer maneira. Cada vez que pressionava meus lábios nos dela, parecia que algo dentro de mim, algo enrolado por um longo tempo, se desenrolava um pouco mais.

Sua mão ainda permanecia no meu peito, e eu cobri sua mão com a minha, nossos dedos se sobrepondo nas linhas escuras lá.

— Na minha família, todos nascem com três espíritos ligados a eles. Três animais. É uma antiga forma de magia, um legado passado de um antigo herói.

— Que tipo de animais? — Ela perguntou irreverentemente. — Esquilos?

Eu bati na bunda dela na água e ela riu de mim, então mordeu minha orelha novamente com um pouco mais de força. Mantive minha mão em sua bunda, massageando suavemente para cima e para baixo na curva para tirar a picada.

— É diferente para cada pessoa. Feras para meu irmão. Pássaros para minha irmãzinha. — Contar a ela parecia como se estivesse revelando algo profundo e precioso sobre mim, e me deu uma sensação estranha e perigosa de confiar qualquer segredo à princesa do verão. — E ursos para mim.

— Ursos, — ela murmurou. — Ah, eu vejo agora. — Ela baixou a cabeça e deu um beijo na minha pele nua, logo acima da linha da tatuagem. — Será que algum dia verei esses ursos? Você já os chamou antes?

— Não. Eles são para os momentos mais perigosos, — disse. — A maioria das pessoas em nossa linhagem, em tempos de paz, passa a

vida inteira sem nunca chamar os animais.

Algo triste surgiu em seus olhos, enquanto ela olhava fixamente para os meus.

— Você sabe que esse não é o nosso mundo, Azrael. Não nesta era.

— Eu sei. — Eu queria afugentar a tristeza em seus olhos. Ela tinha sido tão leve e brincalhona apenas um momento antes.

Beijei seu pescoço e ela inclinou a cabeça para o lado, dando-me as boas-vindas. Então comecei a chupar um hematoma e ela gemeu ao mesmo tempo que sua mão se ergueu para o meu ombro, como se pudesse me afastar. Mas ela ficou parada, suas coxas aquecidas pressionadas contra as minhas, suas unhas afundando em minha pele. Eu me afastei do hematoma e dei um beijo em seu lugar.

— Você está sendo gentil comigo? — Ela perguntou, suas sobrancelhas levantadas enquanto ela olhava para mim. — Ou devo ser gentil com você?

Eu bufei uma risada de surpresa.

— Gentil não é realmente o meu estilo ou o seu, é?

Ela balançou a cabeça.

Corri meu dedo em sua bochecha, descendo em seu pescoço. Sua respiração pareceu parar em seu peito, apesar de todas as suas provocações. Ela mordeu o lábio inferior enquanto minha mão descia, até que meu polegar acariciou seu mamilo através de suas roupas úmidas e coladas, logo antes de espalmar seu seio. Ela apertou meus quadris.

Puxei a túnica para cima e ela ergueu os braços, ajudando-me. Por baixo da túnica, seus seios estavam cobertos com um envoltório de compressão branco. Corri meus dedos sobre ele e ele se

desmaterializou; as cinzas caíram na água do banho e se perderam nas bolhas giratórias.

— Quando você está comigo — disse, — eu quero você de verdade, Alisa.

— Tem certeza? — Havia algo vulnerável em seus olhos, embora seus lábios se curvassem nos cantos com sua vivacidade usual. — Você sabe que eu sou um problema.

— Meu tipo de problema, — prometi a ela.

Ela ficou de joelhos. Passei minhas mãos sobre seus quadris, pressionando suas calças para baixo, e isso trouxe seus seios pequenos, mas perfeitos, em meu rosto. Com a ponta dos meus dedos pressionando a curva de sua bunda, peguei um daqueles mamilos rosa atrevidos em minha boca, e ela soltou um suspiro enquanto eu rodava minha língua em torno de seu mamilo. Eu chupei, então belisquei suavemente, ela engasgou e me empurrou.

Ela tirou as calças com pressa, as ondas que ela criou balançando contra meu peito. Então ela pressionou seus seios contra meu rosto novamente.

— Faça no outro.

— E você diz que sou mandão, — disse, mas não me importei. Provoquei seu outro mamilo com minha língua, sacudindo contra ele, então o coloquei em minha boca, sugando e rodando e devorando, até que ela gemeu, seus olhos fechando-se.

Minhas mãos percorreram seus quadris até sua cintura esguia. Ela se inclinou para mim, pressionando seus lábios nos meus em beijos ansiosos e frenéticos. Esses beijos não foram gentis agora, e quando ela apertou meu pau, minha ponta deslizou dentro dela. Ela ficou muito quieta e eu também parei.

— Tudo bem? — Perguntei a ela, correndo meu polegar sobre sua bochecha.

Ela sorriu então. — Oh, Azrael, se estiver *tudo bem*, vou ficar muito desapontada. Você sabe que nossos quartos são à prova de som. Me faça gritar.

Eu ri e peguei seus quadris em minhas mãos, arrastando-a ainda mais para baixo no meu pau. Ela era tão apertada e estreita, e nossa primeira vez na banheira não era o ideal. Seus lábios se separaram, talvez de dor, e eu parei.

Mas ela bateu em mim, dirigindo meu pau bem fundo dentro dela. Ela parecia tão boa, e eu exalei com força.

Então peguei seu cabelo com minha mão, puxando sua cabeça para a minha, beijando-a repetidamente. Quando ela se inclinou em minha direção, eu podia sentir o quão cheia do meu pau ela estava, como ela se pressionou com força contra meu abdômen como se ela só quisesse mais.

— Dói um pouco — ela admitiu, como se soubesse que eu queria saber, — mas da melhor maneira, Azrael.

Balancei a cabeça, esperando por ela, e ela começou a se mover lentamente para cima e para baixo no meu pau. Ela era tão linda, com seu cabelo lilás grudado na testa, aqueles olhos travessos, escuros e luminosos. Ela parecia às vezes como se fosse feita de luar e magia, mais cheia de vida do que qualquer outra pessoa que eu já conheci neste mundo.

Então, como se sentisse meus pensamentos, como se eu estivesse ficando muito sério para ela, ela se inclinou para frente e me mordeu, seus dentes arranhando meu ombro antes de beliscarem minha pele dolorosamente.

— Ai, — disse, e dei um tapa na bunda dela novamente, embora ela apenas risse contra a minha pele ferida.

Ela ainda estava se movendo para cima e para baixo no meu pau, e eu peguei seus quadris em minhas mãos, ajudando-a a se mover de forma constante para cima e para baixo no meu pau, acelerando a cadência. Ela soltou um gemido e então se apertou em torno de mim, seu canal pulsando mais e mais. Ela balançava a cabeça para frente e para trás, seu cabelo voando ao redor daquele rosto delicado, seus olhos fechados agora. Suas mãos subiram para o peito, envolvendo os seios brevemente, antes que deslizassem pelo rosto e pelos cabelos, como se o prazer fosse avassalador para ela.

— Azrael, — ela gemeu, e eu estalei dentro dela. Eu a puxei para perto de mim, segurando-a com força enquanto me esvaziava e ela pulsava ao meu redor.

Mordi meu lábio com as ondas de prazer passando por mim, então enterrei meu rosto em seu cabelo, me sentindo quente e contente de uma maneira que eu não tinha certeza que sentia há anos. Nós dois nos agarramos um ao outro, trocando beijos enquanto nossos corpos estremeciam com as poderosas ondas de sensação.

Sempre tive a sensação de que nós dois causaríamos sofrimento um ao outro, mas eu era inocente o suficiente para acreditar que tudo seria *da melhor maneira*.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ALISA

Na manhã seguinte, acordei e saí cambaleando do meu quarto para encontrar Nikia dormindo no sofá.

Eu a encarei, me perguntando se ela estava bêbada. Mal a notei na festa ontem à noite, mas então, estava tão focada em dizer todas as coisas certas com os olhos constantemente em mim, me julgando, me avaliando...

Só de pensar na noite já era o suficiente para me dar urticária. Eu precisava de café.

Vesti minhas próprias calças de couro, talvez devesse ter usado algo mais discreto para meu retorno ao mundo Feérico, e me dirigi ao labirinto do palácio. Os longos corredores de mármore pareciam estranhamente vazios, levantando uma suspeita que me fez desejar a minha espada.

Mas Azrael ainda a tinha, maldito seja. Teríamos que discutir isso hoje.

Não tinha certeza se conseguiria encontrar o caminho de volta para o meu quarto. Café primeiro, então eu encontraria Azrael, Duncan e Tiron.

Percebi que devo estar indo na direção certa quando entrei por uma porta e, em vez de pisos de mármore frio, encontrei madeira de lei cor de mel. Devo estar me movendo em direção aos aposentos dos servos.

Desci um lance de escadas e inalei o cheiro de bacon. Sinal promissor; meu estômago roncou de fome.

Quando empurrei a porta da cozinha, ouvi um soluço.

Entrei devagar, procurando a origem do som. Não consegui ver ninguém aqui no início; a cozinha era enorme. Uma longa fileira de bancadas de açougueiro estava diante de mim, com potes e panelas pendurados e prateleiras de pratos empilhados bloqueando minha visão do que estava do outro lado. A luz da manhã entrava pelas janelas altas acima da cozinha.

Fazia barulho ainda mais na cozinha e pude ver as pessoas se mexendo e trabalhando perto dos grandes fornos de tijolos.

Então ouvi o soluço de novo, do outro lado do balcão, seguido por um rosnado zangado de uma voz. Recuei, afastando-me dos criados perto dos fornos, eu poderia passar sem mais ajoelhar, e contornei o final das bancadas.

A voz rosnando raivosa estava repreendendo alguém. Então eu ouvi o soluço de novo, e então uma voz, uma voz pequena e incerta que parecia de uma criança, mas talvez fosse um pequeno feérico adulto de algum tipo, e então houve um *tapa*. Quem quer que fosse, chorou mais forte.

Foda-se contornar o longo balcão. Eu pulei e agarrei a borda da prateleira de panela de ferro forjado pendurada quando meus pés pousaram no topo do bloco de açougueiro. Rolei para baixo das panelas de ferro fundido penduradas e subi do outro lado.

Um homem feérico atordado me olhou fixamente, sua boca aberta, e eu desejava fechar aqueles lábios para ele.

Havia uma garota a seus pés.

Uma criança. Se ela fosse humana, eu teria imaginado que ela

tivesse oito ou nove, mas seus olhos enormes e cheios de lágrimas eram dourados e pequenos chifres enrolados em seu cabelo loiro perto de sua testa.

— Que diabos está fazendo? — Ele exigiu, e então eu vi a alça em sua mão. Uma raiva incandescente passou por mim.

Eu dei um soco no rosto dele, uma combinação rápida de um-dois que estourou seu nariz e mandou seu queixo voando para o céu. Ele caiu com força em sua bunda.

— Ninguém está batendo em uma criança no meu castelo, — o avisei.

Ele zombou de mim, tanto quanto alguém pode zombar com sangue escorrendo de seu nariz. Saiu como um soluço em si.

— Seu castelo? Você vai ser pendurada na parede pelo que acabou de fazer.

Certo, eu parecia mortal. A palavra pode não ter se espalhado sobre minha aparência peculiar.

Ofereci minha mão para a criança, que olhou para mim com olhos aterrorizados. Havia hematomas manchados em seus braços, feridas antigas e novas, e alguém havia rachado seu lábio.

— De onde você veio? — Exigi.

Ela me olhou com incerteza e não segurou minha mão.

Isso foi provavelmente o melhor, já que no próximo segundo um zumbido cintilou acima da minha cabeça. Eu olhei para cima para ver o Feérico voador acima de mim, pouco antes dele se deixar cair. Ele me jogou no chão de madeira.

Ele estava leve e eu já estava rolando para lançá-lo quando dois outros feéricos se amontoaram em cima de mim. Eu lutei para me livrar deles. Realmente poderia usar aquela espada maldita agora.

— Corra! — Eu assobieei para a garota, pelo menos querendo-a fora de perigo até que eu tivesse a situação sob controle.

Ela começou a deslizar sob o balcão do bloco de açougueiro, mas um dos Feérico gritou com ela:

— Fique. Fique contra a parede.

Ela se levantou do outro lado do balcão e eu pensei que ela fosse correr, mas em vez disso ela recuou até bater na parede. Eu queria que ela fugisse; então ela parou e olhou para frente. Havia uma expressão vidrada em seus olhos. Porra. Esse maldito glamour feérico. Achei que funcionasse apenas em humanos, mas talvez funcionasse também em crianças.

Era melhor eu aprender a fazer isso sozinha e rápido.

Bati meu cotovelo no rosto mais próximo. E ei, descobriu-se que esses narizes feéricos são tão crocantes e sangrentos como narizes humanos, apesar do complexo de superioridade Feérico.

Mas eles eram tão fortes, mais fortes do que um shifter, até, e quando um deles rolou debaixo de mim, tão rápido que ele foi um lampejo, eu me encontrei presa no meu estômago. Um deles estava meio em cima de mim, seu peso pressionando o ar para fora dos meus pulmões, seu cotovelo pressionando com força em um ponto em meu ombro que enviou uma onda de dor através dos meus ombros.

O que eu machuquei mais cedo me chutou na lateral, sua bota acertou minhas costelas, e o mundo ficou vermelho de dor.

Ele tentou de novo e, desta vez, consegui sair e me virar. O homem em cima de mim não esperava isso, seu cotovelo cravou-se até que eu quis gritar e, de repente, eu estava livre, ninguém em cima de mim, então me soltei, pouco antes do chute atingir meu peito. Soltei um grito meio selvagem que surpreendeu até a mim e agarrei sua

bota, puxando-o comigo enquanto eu rolava. Ele perdeu o equilíbrio, tropeçou no meu corpo e bateu na bancada.

Então me levantei, pegando uma frigideira da prateleira e girando para enfrentar meus agressores.

Três grandes corpos feéricos familiares passaram pela cozinha, e os homens que me atacaram gritaram. Duncan decapitou um dos encolhidos Feérico com um brilho brutal de sua espada brilhante. Outro Feérico tentou voar para longe, apenas para Azrael pular em suas costas e arrastá-lo para baixo, antes de cortar sua garganta com a adaga adornada que carregava de seu cinto. Aparentemente, não era apenas cerimonial.

O Feérico que tentou fugir de Tiron escorregou no gelo de repente e Tiron o chutou de costas. O Feérico tentou dizer algo sobre misericórdia, mas suas palavras foram cortadas pela lâmina de Tiron.

— Não há misericórdia se você machucar nossa princesa, — Tiron o avisou.

O Feérico era um cadáver, então não havia necessidade real de uma frase de efeito. Tiron olhou para mim e piscou.

O sangue espirrou na cozinha, em mim e na criança ainda petrificada que estava pressionada contra a parede.

Então, parecia que o tempo desacelerou para uma velocidade normal. Tiron pegou um pano de prato e enxugou o sangue da lâmina da adaga. O Feérico que Azrael matou caiu no chão atrás dele.

Duncan me examinou e a panela que eu ainda carregava com ceticismo.

— Você vai me fazer um Cobbler⁸, Alisa? Cobbler é o meu favorito.

— Você pensaria que eles teriam mais bom senso do que atacar a

princesa em uma sala cheia de facas e... ferro fundido, — disse Tiron, dando-me um sorriso atrevido.

— Por que você os matou? — Exigi, pressionando a mão ao meu lado, em seguida, puxando-a para longe quando a dor floresceu em meu peito com tanta intensidade que eu mal conseguia respirar. Porra. Eu preciso cuidar dessas costelas; tinha certeza que tinha quebrado algumas.

— Eles morreram quando te machucaram, — Azrael disse tristemente.

A bancada pressionou em meu quadril, e eu percebi que havia recuado para ela.

— Eles nem sabiam quem ela era, — disse Duncan, sua voz divertida. — Eles pensaram que algum humano aleatório veio aqui e disse-lhes para se foder...

— Você está bem? — Perguntou Tiron. Ele lançou um olhar por cima do ombro para Duncan e Azrael que eu não consegui ler, então tentou me puxar para longe deles.

— Tudo bem, — disse. — Eu não preciso ser mimada. — *Apenas minhas costelas.* — Qual é a história da garota?

Tiron seguiu meu olhar para a garota que ainda estava de pé contra a parede.

— Ela deve ter sido um dos dízimos de uma aldeia que não conseguia levantar fundos suficientes. A corte de verão ainda aceita servos como pagamento.

— Com licença?

— Pelo dízimo, — disse Tiron, como se isso adicionasse alguma clareza.

— Lembre-se de que nossa preciosa princesa é uma idiota agora,

— Duncan chamou. Houve um som arrastado; aparentemente ele estava em serviço de limpeza.

Observei ele e Azrael rebocarem um corpo pelos tornozelos, deixando uma mancha de sangue no chão atrás deles. Tiron seguiu meu olhar e disse: — Faer vai querer torturá-los até a morte. Eles atacaram você. Eles terão sorte de sair por aqui.

— Faer não me pareceu o tipo protetor.

— Não se trata de proteção. É uma questão de honra e respeito.

Eu bufei uma risada cética com isso.

— De onde vem a garota? Como podemos ajudá-la?

Tiron me lançou um longo olhar.

— Você vai deixar alguém muito infeliz.

— Me pergunte se eu dou a mínima, — disse.

Qual é o sentido de ser uma rainha se você não pode consertar o mundo?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

TIRON

— Fiquem com Alisa e mantenham-na longe de problemas, — disse Azrael a Duncan.

Ele olhou para a garota, que estava sentada em frente a Alisa, os olhos arregalados e chutando os pés. Estávamos no pequeno aposento luxuoso de Alisa. Nikia se movimentava inutilmente, obviamente angustiada, mas tentando se concentrar em um café da manhã farto.

Duncan ergueu as sobrancelhas, limpando as mãos distraidamente contra as calças, embora já tivesse lavado o sangue do feérico morto.

— Vou dizer a ela para fazer o mesmo com você, — acrescentou Azrael.

Os lábios de Duncan se curvaram em um sorriso malicioso.

Azrael sacudiu a cabeça, gesticulando para que eu fosse com ele.

— Trabalho importante, Tiron. Ele precisa de você para mantê-lo longe de problemas enquanto ele fala com o papai, — Duncan chamou.

Eu nunca tinha visto os príncipes brigando, mas vendo a mandíbula de Azrael ficar tensa, pensei que poderia ser apenas uma questão de tempo.

Fomos ver Faer. O príncipe ainda estava na cama e sentou-se com o rosto lânguido. Havia uma mulher massageando seus ombros e os cobertores continuaram caindo em seus joelhos até que percebi que

havia alguém lá também. Desviei meus olhos enquanto seus cílios tremiam de prazer.

— O quê? — Ele exigiu, sua voz áspera.

— Obrigado por nos receber, — Azrael administrou. Ele era muito mais diplomático do que eu. — Houve um incidente esta manhã quando Alisa visitou a cozinha.

— Oh? Sua torrada foi queimada? Polpa em seu suco? Caros em suas cerejas? Minha irmã matou alguém? — Ele não parecia muito preocupado.

— Ela encontrou uma garota contratada que estava sendo... maltratada... e ela se envolveu. Ela gostaria de devolvê-la para sua casa.

Seus olhos se abriram, embora seus lábios ainda estivessem separados, sua respiração ofegante, como se ele estivesse perto do orgasmo. A raiva torceu seu rosto.

Azrael disse rapidamente:

— Acho que seria melhor se você libertasse a garota de suas obrigações e levássemos Alisa para vê-la em casa. Ela pode ter uma ideia errada sobre o mundo Feérico, ela pode ficar obcecada em ir para casa sozinha. — Então ele se corrigiu. — O que ela *pensa* que é sua casa, já que é o que ela lembra.

Ela pode estar obcecada com o lar. Ou com revolução. Pelo brilho feroz nos olhos de Alisa, pensei que Azrael poderia estar salvando a vida do príncipe ingrato.

Faer zombou.

— Ela não vai para casa.

— Por lei, ela não pode se casar contra sua vontade, — começou Azrael.

— Eu nunca gostaria que ela casasse contra, — disse Faer, a mentira saindo de sua língua suavemente. Ele ergueu a mão, enxotando-nos para fora. — Tudo bem. Leve-a para um tour. Deixe-a salvar uma garotinha. Suavize as realidades. Mas certifique-se de que ela está de volta para a noite do baile.

Os lábios de Azrael se separaram, como se ele quisesse perguntar *outro*? Mas em vez disso, ele se curvou e saiu do quarto.

Ele tinha tanto sangue real quanto Faer. Me perguntei como ele se sentia, curvando-se para ele. Eu não ousei perguntar; eu nunca quis dar gorjeta à minha própria mão.

Eu iria estripar Faer um dia. Sonhei com isso tantas vezes que parecia quase como uma memória.

Mas sorri como um idiota, fiz uma reverência e saí com Azrael.

Azrael exalou no corredor, passando a mão pelo cabelo para afastá-lo do rosto.

— Por que você me pediu para vir? — Eu não disse uma palavra. Azrael olhou por cima do ombro. Então ele sussurrou:

— Cada vez que estou a três metros dele, tenho devaneios completamente inadequados de assassinato.

Eu não sabia que Azrael e eu tínhamos muito em comum.

Olhei em volta, certificando-me de que estávamos realmente sozinhos, antes de dizer: — Ele vai desistir de uma serva. Mas ela não é estúpida, ela vai saber que há mais.

— Eu sei, — disse ele.

Um músculo pulsou em sua mandíbula e me perguntei como ele se sentia sobre a reação de Alisa. A corte de outono havia desistido tanto dos dízimos vivos quanto dos glamourosos servos humanos há muito tempo. A corte de verão lutaria com unhas e dentes para

manter os dois.

— Ela não pode salvar o mundo inteiro, — disse ele. — E uma vez que ela tenha suas memórias de volta, ela não vai se importar mais.

Havia um tom amargo em sua voz. Não tinha certeza se ele realmente acreditava nisso sobre Alisa, no entanto.

Como se ele não pudesse mais suportar o assunto, Azrael girou nos calcanhares e caminhou pelos corredores.

— A princesa estará esperando.

Eu o segui pelo labirinto do palácio, então ele liderou o caminho para o quarto de Alisa. Ela ergueu os olhos da mesa, franzindo a testa.

A garota da mesa estava em silêncio, atordoada. Nikia estava tentando, Deus a abençoe, colocando chá em sua boca.

— Faer concordou que poderíamos levá-la para casa, — disse Azrael.

Alisa saltou da cadeira e foi até Azrael. Ele se moveu para uma postura defensiva automaticamente, mas ela jogou os braços em volta do pescoço dele.

Ele sorriu um sorriso verdadeiro e encantado antes de enterrar o rosto em seu cabelo para escondê-lo, e pelo jeito que Duncan zombou, ele viu isso também.

— Isso lhe dará a chance de ver mais da corte de verão, — acrescentou Azrael. — É hora de você conhecer seu reino novamente, princesa. E é hora deles conhecerem você.

Seu sorriso de volta foi tímido, mas genuíno.

De alguma forma, os momentos suaves de Azrael davam a sensação de um longo golpe para mim. Talvez eu não devesse julgar, já que estava no meio da mais longa luta contra os três, mas dedos

frios de raiva agarraram meu peito.

— Vou preparar os cavalos.

Eu estava descendo o longo corredor de mármore em direção às escadas quando ouvi a porta se abrir atrás de mim. Isso seria Duncan; Azrael não batia portas.

— Que diabos, — Duncan rosnou quando me alcançou. — Você está com ciúmes?

O *ciúme* não era realmente o problema. Odiava que todos estivéssemos tentando usá-la para restaurar nossos reinos; odiava Duncan e Azrael por isso, embora fizesse a mesma coisa. Mas seria melhor se eles interpretassem minha emoção como ciúme.

Eu encarei seu rosto sombrio. — Vamos continuar fingindo, não é?

Quando ele abriu a boca, eu sabia o que ele diria, então disse as palavras junto com ele: — *Eu a conheço muito bem para isso.*

Seus olhos azuis brilhantes brilharam.

Eu o interrompi antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, — você geralmente é terrivelmente honesto, Duncan. Mas desta vez, você está mentindo para si mesmo.

— Você não entende o que ela fez, como ela nos traiu.

— Então me ajude a entender. — Estendi o braço em direção ao aposento. — Porque aquela garota ali, ela simplesmente parece *boa*. Ela parece gentil. Melhor do que qualquer um de nós.

Todos nós fomos endurecidos por nossas perdas e pelo que devemos fazer para proteger nosso povo. Mas talvez isso não fosse desculpa para quem todos nós nos tornamos.

O rosto de Duncan foi subitamente dominado por uma falsa pena.

— Aquela garota exala mentira. Suponho que ela te enganou.
— Claro, Duncan. Seu ódio é tudo sobre o que ela fez à corte de outono, e não porque ela escolheu seu irmão.

Eu geralmente era muito bom em ler Duncan, mas não vi seu gancho de direita chegando até que o mundo ficou vermelho.

Azrael e Alisa saíram do quarto e seus rostos eram um borrão distante. Eu já estava em movimento. Quando bati em Duncan, nós dois rolamos escada abaixo. Servos com chifres espalhados; batemos em algum pobre humano glamouroso, que caiu nos últimos degraus.

— Chega, — Azrael gritou, sua voz cheia de fogo que ele raramente invocava. Isso até fez Duncan olhar para cima, por mais descuidado que normalmente parecia com a autoridade de seu irmão mais velho.

Azrael não desceu as escadas como um furacão. Ele esperou por Alisa, então desceu as escadas, tão gracioso como sempre, sem pressa.

Me levantei do chão, ignorando Duncan. Meus ombros latejavam onde eu havia batido na escada e meu tornozelo estava rígido junto com minha mandíbula. Eu resisti ao impulso de esfregar qualquer parte da dor, em vez disso endireitei meus ombros.

Azrael mal olhou para mim; sua atenção estava focada em Duncan, que desviou o olhar, sua mandíbula rígida, como se seu irmão pudesse repreendê-lo com um olhar.

— Tiron, leve Alisa e vá selar os cavalos, — ele disse, sua voz baixa. — Estaremos juntos em breve.

Eu concordei. Azrael e Duncan se afastaram juntos, suas posturas retas e eretas, o movimento sincronizado sem discussão.

— Ele está com problemas, — murmurei para Alisa.

Ela revirou os olhos. — Você também deveria estar, — ela me

repreendeu enquanto nos dirigíamos para as portas do pátio. Os criados abriram as portas para nós e o sol se espalhou pelo saguão de mármore. Ela olhou para eles e engoliu o que ia dizer.

Eu a conduzi pelo pátio, passando pelos jardins e o campo de treinamento para os estábulos. Quando entramos no silêncio do celeiro dos cavalos, ela pegou meu braço e me girou para encará-la. Achei que ela fosse perguntar sobre o que Duncan e eu tínhamos brigado, mas em vez disso ela me perguntou baixinho: — Você está bem?

Por alguma razão, a pergunta me atingiu com força. — Sim, claro. Eu levo golpes mais fortes todos os dias no pátio de treinamento.

Seu olhar estava procurando. Ela tocou a borda do meu queixo inchado. Os nós dos dedos estavam calejados de tanto lutar, e o esmalte preto descascado ainda cobria parte da unha do polegar. Essas não eram as mãos de uma princesa. Mas foram gentis.

— Vocês dois parecem tão próximos. — Ela disse suavemente. Então ela estudou meu rosto e deve ter percebido que eu não queria falar sobre isso. Ela sorriu enquanto recuava, mas senti uma pontada de perda à medida que o espaço entre nós aumentava.

— Nós somos, mas nós lutamos, — disse, como se não fosse nada.

Mas a presença de Alisa parecia que mudou todos os meus sentimentos, embora eu soubesse que não deveria mudar nada. Eu precisava seguir o plano.

— Duncan pode ser difícil, — acrescentei.

— Não? Eu não tinha percebido.

Comecei a selar os cavalos e ela me observou. Havia algo a

incomodando ainda, mas eu não queria falar sobre Duncan.

— Este é o meu cavalo, — disse, acariciando o pescoço do garanhão branco. — Duncan monta o rabugento preto um duas baias acima, e Azrael tem a égua castanha.

— Qual o nome dele?

— Não devemos nomear nossos animais, — disse. — Isso é uma afetação humana.

Ela zombou disso. — Absurdo. Você não fala com ele? Não há como eu acreditar que você não fala com este cavalo, a menos que você seja realmente o vilão de todo esse assunto...

Eu ri disso, porque ela estava sorrindo. Mas senti uma pontada estranha com a palavra *vilão*, visto que tinha meus próprios segredos.

— Você vai me ajudar a preparar os cavalos, princesa? — Perguntei. — Você poderia ir fazer amizade com o cavalo de Duncan, isso vai irritá-lo como o inferno.

Ela hesitou.

— Eu não sei montar, Tiron.

— Você sabe montar, — assegurei a ela. — Tenho certeza de que você tem estado na sela desde que começou a andar, assim como todos os outros nobres feéricos.

— Pode ser. Mas eu não me lembro.

Eu apertei a última cilha. Meu cavalo me olhou de lado com ceticismo e eu dei um tapinha em seu lado.

— Eles nunca precisam saber, — prometi. — Eu vou cobrir para você.

Ela sorriu. — Isso é bondoso da sua parte, Tiron.

Esse sorriso dela fez algo torcer no meu peito. Mas eu vi como Carter e Julian se apaixonaram por ela, e certamente não haviam

conquistado seu coração.

Conduzi seu cavalo e a ajudei a colocar a ponta do sapato no estribo, depois mostrei onde segurar o punho.

Ela subiu na sela com a graça de uma lesma ambiciosa. Mas a construção de confiança primeiro. Ela olhou para mim, esperando para ver como eu reagiria, e eu disse a ela: — Você é natural.

— E você é um mentiroso, — disse ela, mas não havia nenhuma mordida nisso.

— Ele vai voltar para você, — prometi. Eu mordi meu lábio, debatendo como poderia evitar que os outros percebessem sua falta de graça. — Sabe, com a criança... provavelmente seria melhor se pegássemos a carruagem.

Alívio, e gratidão, espalhou-se por seu rosto. — Obrigada, Tiron.

Estendi meus braços enquanto ela se desdobrava desajeitadamente do cavalo. Sabia que ela não precisava de mim.

Mas ela ainda escorregou do cavalo em meus braços. E por um segundo, a segurei forte, respirando seu doce perfume de verão.

Ela permaneceu perto de mim, seu olhar no meu. Seus olhos estavam arregalados e com cílios escuros, e havia uma cicatriz na ponta de um dos olhos. Quando toquei a cicatriz com curiosidade com a ponta dos dedos, ela não se afastou.

— O que aconteceu aqui? — Perguntei. — Deixou uma marca.

— Não me lembro. — Ela ergueu as pontas dos dedos até a mesma cicatriz. — Parece que você deve ter uma memória de todas as coisas que deixaram uma cicatriz. Mas não é assim que os humanos são. Algumas das piores cicatrizes são de feridas de que nem nos lembramos.

— Talvez fosse mais fácil esquecer, — disse, então percebi o

quão estúpido era dizer isso, e estremeci. — Eu sinto muito.

— Você não vai ferir meus sentimentos. — Seu olhar no meu era um pouco aguçado. — Talvez um dia, Tiron, você queira me dizer o que gostaria de esquecer.

Meus lábios se torceram. — Pode ser.

O dia em que eu contasse a verdade a Alisa provavelmente seria um dia ruim para nós dois.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ALISA

No início, Duncan queria ainda montar em seu cavalo, então Tiron se ofereceu para andar na carruagem para me fazer companhia, e isso levou Azrael a se oferecer para ficar comigo também, e então Duncan insistiu em ir na carruagem também, para tomar conta de todos nós.

A carruagem desceu rapidamente a colina para a floresta, deixando o oceano cintilante e a faixa da cidade ao longo da costa para trás. O balanço da carruagem era estranho, e algumas vezes meu ombro batia no de Azrael. Todas as vezes, o calor tomava conta de mim, embora ele parecesse perdido em pensamentos e nunca percebesse. Algo o estava incomodando.

Eu sorri para todos eles, mas sorri especialmente para Duncan, que estava com o rosto sombrio e exibia um olho roxo.

— Bem, isso é agradável.

Duncan grunhiu em resposta.

Tiron se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos enquanto sorria para a garota Feérica que se sentava ao meu lado. Ela se inclinou para mim, os pequenos chifres que se projetavam de seu cabelo loiro macio cutucando meu braço. Envolvi meu braço em torno dela de forma protetora, mas disse a ela: — Você não precisa se preocupar com ele. Esse é apenas Tiron.

Duncan bufou. — Algo que seus inimigos disseram muitas vezes.

— É estranho que eu não veja nenhum deles ainda por aí, — murmurou Tiron, o sorriso nunca deixando seu rosto. — Qual o seu nome?

— Eulia, — ela finalmente conseguiu dizer, sua voz um sussurro.

— É um nome lindo, — disse Tiron. — Tenho uma prima chamada Eulia.

Ele se inclinou para trás, mudando de posição para colocar a mão no bolso. Ele puxou uma moeda que passou sobre os nós dos dedos, até fingir que a deixava cair. Ele tentou pegá-la no ar, mas ela desapareceu.

Eulia estava olhando para ele com curiosidade.

Duncan nunca teria admitido, mas ele também estava. Escondi um sorriso malicioso quando olhei além dele, para os pomares selvagens pelos quais estávamos passando, onde galhos de árvores emaranhados e frutas vermelhas pingavam por entre as folhas.

Tiron abriu as mãos.

— Eu perdi a moeda.

Eulia cedeu e sorriu.

— Eu sei, — ele admitiu. — Eu sou tão desajeitado. Espere... o que é isso?

Ele franziu a testa para sua mão, que de repente continha uma das frutas vermelhas de fora. Ele ofereceu a Eulia. Ela hesitou, olhando para ele, então estendeu a mão e pegou dele. Quase sorri. O charme de Tiron era irresistível.

A carruagem balançou e balançou por aldeias e montanhas. Então a estrada deu uma volta e começamos a subir a montanha.

O ar esfriou lentamente. Eu estiquei minha cabeça para ver pela janela. Dois cavaleiros Feéricos a cavalo cavalgavam à nossa frente, e outro cavalgava ao lado do homem que controlava a carruagem.

Chegamos ao topo e, de repente, o mundo do outro lado se espalhou abaixo de nós, revelando uma vegetação luxuriante em contraste com a neve que nos cercava.

— Um receptáculo de inverno. — Tiron produziu uma bola de neve, estendendo-a para a garota, e eu me perguntei como ele conseguiu esse truque. — Eu gostaria de poder mostrar a vocês como a corte de inverno é bonita.

Ela pegou a bola de neve dele, seus olhos brilhando com admiração.

— Eu só vi a neve quando eles me trouxeram da montanha, e não cheguei a tocá-la...

Azrael estendeu as mãos e Tiron jogou outra bola de neve para ele. Houve um lampejo de escuridão nos olhos de Azrael, mas sumiu quando Eulia olhou para ele, substituído por um sorriso fácil. Nunca vi Azrael sorrir para mim daquele jeito, tão descomplicado e genuinamente *doce*, e isso fez algo doer em meu peito. Eu não conseguia lembrar o que fiz com ele para nunca ter visto aquele sorriso direcionado para mim.

— Você sabe para que servem? — Azrael disse, assim que

Duncan começou, — não se atreva.

Azrael chicoteou a bola de neve nele. A bola de neve explodiu no rosto de Duncan, polvilhando seu cabelo escuro com branco. Por um segundo, a tensão apertou meu peito, imaginando como Duncan reagiria.

Duncan raspou lentamente os restos de neve do rosto e das calças. A expressão em seu rosto estava sombria como sempre.

Ele se lançou de repente em Azrael, um sorriso brotando em seus lábios enquanto tentava esbofeteá-lo com a neve. Tiron já tinha novas bolas de neve nas duas palmas das mãos e foi atrás dos dois.

Uma luta instantânea de bolas de neve estourou, balançando a carruagem. Quando Eulia começou a rir, o som aumentou tênue e trêmulo no ar.

— Ajude-me, — Azrael implorou, preso no chão da carruagem por Duncan, enquanto Tiron atirava em ambos com bolas de neve sem piedade. Eu estava rindo de todos eles com tanta força que mal consegui me soltar da parede da carruagem, mas Eulia raspou um pouco da neve e jogou no rosto de Tiron.

Ela congelou por um segundo em sua própria ousadia. Mas quando ele riu, enquanto limpava a neve dos olhos, ela relaxou visivelmente.

— Talvez um dia você possa vir a ser um dos nossos cavaleiros da corte de inverno, Eulia, — ele brincou.

Se ao menos ainda houvesse uma corte de inverno. O pensamento passou por mim pesadamente. Tiron achava que sua corte se levantaria novamente? Pelo que Azrael me contou, a família real foi assassinada. Não sabia como as leis e a linhagem funcionavam para saber quem assumiria o trono. Poderia ser Tiron?

Seus olhos verdes enrugaram nos cantos enquanto ele provocava Eulia e atormentava Azrael para sua diversão. Observando-o, pude imaginá-lo como o rei da corte de inverno.

E Azrael, vê-lo sendo brincalhão, quando ele geralmente era tão imponente, fez meu coração disparar no peito. Meu corpo traidor sempre respondeu ao rosto lindo demais de Azrael, aquelas maçãs do rosto marcadas e o contorno de sua mandíbula, seus hipnotizantes olhos roxos. Mas sua bondade me fez sofrer por ele de outra maneira.

Duncan estava sorrindo também, mas agora ele estava de volta no banco em frente a mim, aninhado no canto. Tiron e Azrael ainda estavam jogando bolas de neve um no outro, ambos tentando persuadir Eulia a se juntar a eles.

Duncan estava me observando, seu olhar duro. Parecia que ele podia ver através de mim.

Eu mostrei minha língua para ele.

No próximo segundo algo explodiu fora da carruagem.

A carruagem tombou de lado. Agarrei Eulia, tentando protegê-la. Azrael já estava se lançando do chão da carruagem, envolvendo-a e a mim em seus braços enquanto seus ombros largos nos protegiam.

A carruagem hesitou por um segundo, inclinada naquele ângulo aterrorizante. Por cima do ombro de Azrael, vi Tiron erguer os braços e ouvi o vento soprar do lado de fora quando a temperatura caiu repentinamente. Duncan arrancou sua camisa, expondo aqueles bíceps grandes e sua pele bronzeada, e as tatuagens em seu peito pareciam estar se movendo.

Então a carruagem bateu no chão. A força disso foi chocante, e Eulia soltou um gemido, depois ficou em silêncio. Seu pequeno corpo estava tenso e duro como se ela estivesse pronta para fugir.

Duncan já estava se movendo, abrindo a porta da carruagem e deslizando para cima e para fora. Tiron olhou para nós e o seguiu. Azrael puxou a adaga do cinto e agarrou a lâmina, estendendo o cabo para mim.

— Fique aqui e a proteja, — Azrael me disse, e então ele se foi também.

Eulia e eu fomos deixadas no escuro da carruagem. Lá fora, ouvi gritos e o choque de espadas. Me afastei de Eulia, com a intenção de ir atrás dos homens e ajudá-los, mas ela se agarrou a mim.

— Está tudo bem, — disse a ela.

De repente, a luz fraca da carruagem ficou ainda mais escura. Na porta da carruagem, um enorme Feérico com chifres se aproximou de nós com uma mão enorme.

Empurrei Eulia atrás de mim para que eu pudesse balançar a lâmina, mas antes que pudesse, um rosnado encheu o ar. O homem olhou para trás com horror antes que uma das feras das sombras se chocasse contra ele. Os dentes da fera brilharam, rasgando a garganta do homem, e então os dois caíram do topo da carruagem.

Os olhos de Eulia estavam fechados com força, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Abra seus olhos, — disse a ela, minha voz saindo mais severa do que eu pretendia. — Você tem que estar pronta para lutar.

— Estou com medo das feras, — ela sussurrou.

— Os cães são o menor dos nossos problemas, — disse. — Eles estão do nosso lado.

Queria saber quem eram os Feéricos que nos atacaram e o porquê. Pulei e agarrei a borda da porta, minhas pontas dos dedos lutando contra a madeira polida enquanto eu tentava me deslizar para

cima. Coloquei meu cotovelo na lateral lisa da carruagem e olhei ao meu redor.

Tiron, Azrael e Duncan lutavam furiosamente com dois enormes Feéricos com chifres, ambos os quais eram do tamanho de gigantes, facilmente a metade de sua altura, se não mais. Mas o solo estava espalhado por outros gigantes Feéricos. O motorista da nossa carruagem e o guarda com sua longa capa lilás jaziam na neve, seus uniformes - e seu sangue - vívidos contra a neve branca e crocante.

As feras das sombras eram um borrão enquanto se moviam entre os Feérico, rosnando e rasgando com seus dentes perversos. Eles fariam um trabalho rápido com os gigantes que sobraram.

Eu me puxei o resto do caminho e olhei para baixo.

Eulia me encarou com olhos arregalados e alarmados.

— Eu não vou te deixar, — prometi, inclinando-me e oferecendo a ela uma mão para cima.

Ela me olhou com ceticismo. Então suas asas explodiram para fora de sua túnica, longas, brilhantes e iridescentes, e ela as usou para voar ao meu lado. Eu saí de seu caminho e ela pousou levemente ao meu lado no topo da carruagem.

O último dos gigantes caiu.

Azrael, Duncan e Tiron se viraram para nós, suas espadas manchadas de sangue.

— Ladrões, — Azrael disse brevemente. — Eles devem ter visto a carruagem real e presumiram que algo de valor estava a bordo.

Duncan bufou. — Pena que eles não perceberam que era apenas Alisa.

Ele assobiou para suas feras, e eles vieram correndo em sua direção. Ele caiu de joelhos, acariciando suas cabeças e ousou dizer,

arrulhando para eles. Ele os mimava apesar do sangue em seus focinhos.

Eulia ficou rígida ao meu lado. Seus olhos estavam arregalados de medo.

— Duncan, — disse suavemente, sem saber como ele reagiria. Ele seria o idiota rude que sempre foi? Ou ele responderia ao medo dela e mandaria as feras embora novamente?

Duncan olhou para mim com aquele sorriso malicioso no rosto, como se estivesse prestes a dizer algo cortante, então seu olhar encontrou Eulia. A expressão dele mudou, o medo dela refletido em seu rosto como uma proteção repentina.

— Eles são amigáveis, — ele prometeu a ela. — Eles morreriam para proteger alguém como você, eles nunca te machucariam.

Ele murmurou uma palavra e os dois cães se sentaram. Suas línguas pendiam para fora de seus focinhos largos, dando-lhes uma aparência boba, apesar do sangue emaranhado de seu pelo escuro. Fiquei aliviada porque o sangue não parecia ser deles.

Azrael e Tiron começaram a trabalhar verificando os cadáveres que se espalhavam pela clareira e, em seguida, empurrando a carruagem de volta às rodas danificadas. Nenhum deles reclamou que Duncan e eu não ajudamos, ambos focados em Eulia.

Quando ela finalmente estendeu a mão e acariciou uma das cabeças do cachorro, entre as orelhas, Duncan sorriu triunfante. Por um segundo, nós dois sorrimos um para o outro.

Então ele pareceu se lembrar de quem ele era, e aquele sorriso desapareceu, substituído por sua natureza sombria de costume.

— Devemos nos mover. — Mas suas palavras frias foram desmentidas pela maneira como sua mão repousou nas costas dos

cães, seus dedos distraidamente acariciando seu pelo preto e crespo.

Abandonamos a carruagem e começamos a descida da montanha a pé. Duncan ficou atrás de nós e, quando nos alcançou, os cães não estavam em lugar nenhum.

Queria perguntar a ele sobre suas feras. Mas o momento de despreocupação de Duncan havia sumido. Azrael e Tiron se revezaram carregando Eulia nos ombros porque ela era muito pequena. Duncan ficou para trás enquanto nós serpenteávamos descendo a trilha da montanha, gradualmente deixando para trás a neve e o gelo e caminhando através da espessa folhagem verde do verão.

Tiron carregava Eulia na frente, e Azrael caminhava ao meu lado, enfiando as mãos nos bolsos.

— Você acha que os bandidos sabiam que eu estaria lá? — Perguntei.

— Não tenho certeza se acredito em tanta coincidência. — Azrael observou Tiron, que fingia cambalear para frente e para trás enquanto carregava Eulia, que estava rindo. Então ele disse com cuidado: — Eu queria avisá-la... há uma possibilidade de que ela não seja desejada em casa, Alisa. Pode haver uma razão pela qual ela foi a única trocada pelos impostos.

Essas palavras pareceram um tapa. Comecei a perguntar porque ele não tinha me contado isso *antes* de eu começar a levá-la para casa para uma situação que poderia ser terrível.

Mas antes que eu pudesse formar as palavras, ele disse: — Espero que não seja o caso. Eu só queria avisar você.

À nossa volta, a montanha descia em colinas verdes, pontilhadas de fazendas. As árvores estavam cheias de flores, grandes botões

brancos e rosa que liberavam uma doce fragrância como açúcar fiado que flutuava no ar. O mundo Feérico parecia tão lindo e mágico.

Mas nós deixamos corpos para trás. Este mundo pode ser ainda mais escuro que a terra.

Enquanto descíamos a estrada, Eulia disparou na frente. Tiron correu para alcançá-la.

Chegamos a uma casa de fazenda cinza e desgastada, os campos atrás dela cuidadosamente arados e pontilhados de dependências. Uma mulher saiu correndo de casa e abraçou Eulia, começando a chorar, e Eulia se agarrou a ela.

A cena fez Azrael sorrir, mas ele sacudiu a cabeça em direção à estrada.

— Vamos. Nós não pertencemos a este lugar.

Dei um abraço de despedida em Eulia e deixamos a cena feliz para trás.

Enquanto nos dirigíamos para o topo da montanha, os dedos de Tiron roçaram os meus. Nós dois trocamos um olhar rápido e eu quase fiquei tentada a estender a mão e pegar sua mão. Mas não fiz.

Em vez disso, nós quatro parecíamos perdidos em pensamentos quando começamos a longa jornada de volta àquela maldita prisão dourada.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Outra noite, outra festa. A noite anterior deve ter funcionado tão bem para a agenda de Faer.

Azrael se inclinou perto de mim, sua expiração contra a concha de minha orelha enviando um formigamento estranho pelo meu pescoço, e eu resisti ao desejo de tocar a pele nua acariciada por seu hálito quente.

— O general Winspar era leal a seu pai, mas ele mal tolera seu irmão. Ele odeia a incompetência de Faer no ringue de treinamento e leva isso como uma afronta pessoal que seu irmão evite todos os esportes de combate. Ele pode ser um bom aliado... se você precisar de um. Apenas saiba que, como muitos homens que formam sua identidade em torno de ser durões, ele cai em um acesso de raiva se alguém os desrespeita.

Com esse pensamento, Azrael se endireitou.

— Existe alguma maneira particular de cumprimentá-lo ou me dirigir a ele? — Perguntei em um sussurro.

— *General* seria o ideal. Calor genuíno e respeito, se você puder reuni-los, seria um bom negócio para conquistá-lo.

Balancei a cabeça e me virei para enfrentar o General, que estava acenando para uma mulher Feérica com cabelos longos e escuros.

— Bem-vinda ao lar, — disse ele. — Eu queria que você conhecesse minha esposa, Bitta.

— É um prazer, — disse, estendendo minha mão para agarrar da maneira que notei que outros Feérico se cumprimentavam.

Consegui conversar um pouco com os dois. Eu poderia precisar

de um aliado, dado a quão confusa a conversa com meu irmão tinha sido.

Quando Bitta mencionou que ela tinha acabado de dar à luz um bebê, não que eu pudesse dizer por seu vestido elegante, os Feéricos realmente eram impossíveis, a conduzi até as cadeiras, sentando-me com ela para que ela não tivesse que olhar acima.

Os rostos assustados ao meu redor sugeriram que eu tinha acabado de quebrar algum tipo de protocolo e olhei para Azrael, mas ele estava sorrindo. O general parecia satisfeito com a preocupação que mostrei à sua esposa.

Um Feérico alto cruzou a multidão, seu olhar fixo em Azrael.

— Perdoe-me, princesa, — disse o General. — Este é o mestre do treinamento, ele dirige a academia militar para feéricos nobres.

Ele suspirou baixinho, seus olhos cintilando em direção a Faer, que estava segurando sua corte nas escadas para o estrado, cercado por mulheres Feéricas risonhas, e então acrescentou: — Tal como é agora.

Olhei para Azrael, mas ele não teve tempo de explicar nada, exceto acrescentar: — Seu nome é Lanin.

O Feérico que dirigia a academia era alto até mesmo para seus padrões, com olhos escuros afiados e uma massa de cabelo ruivo escuro.

O general tentou interceptá-lo, mas Lanin só tinha olhos para Azrael.

— Seus nobres da corte de outono estão prestes a ser massacrados, — disse ele.

Azrael se ergueu em toda sua estatura, os olhos brilhando. Seria alarmante estar do lado oposto daquele clarão feroz, e Lanin ergueu as

mãos. — Eu não posso impedi-los de serem puxados cedo para comandar batalhões na frente, a menos que você...

O General interrompeu esta conversa urgente com um sorriso.
— Você de alguma forma perdeu o retorno da princesa?

Lanin enrijeceu, depois se virou para mim como se não tivesse me reconhecido. Compreensível o suficiente.

— Perdoe-me, — disse Lanin, e pareceu hesitar. Aparentemente, ao sentar-me, fiz com que uma parte significativa do cérebro da multidão derretesse espontaneamente seus ouvidos. Eu precisava de aulas de princesa e rápido.

Eu odiava que meu irmão tivesse me jogado para os lobos. Preferiria lobos reais a momentos sociais estranhos, na verdade.

Faer ainda estava rindo do outro lado do salão, rodeado por mulheres tagarelas.

— Nada a perdoar, — disse, então li em seus rostos que talvez a velha Alisa não fosse tão rápida para deixar passar. — Conte-me mais sobre esta situação.

Minha voz saiu soando imperiosa. Eu não quis dizer esse tom, mas tanto faz.

Lanin zombou. — Eu duvido que Faer toleraria isso.

Azrael olhou para mim com deferência inesperada suavizando suas feições, um show para esses dois, e de alguma forma aqueceu meu coração.

— Como desejar, princesa, — Azrael disse. — Este pode ser o momento errado para uma discussão, mas nós a teremos. Em breve.

O olhar que lançou a Lanin pode ter sido uma ameaça.

Eu queria conversar com ele sobre tudo isso desesperadamente.

Depois que eles foram embora, toquei o braço de Azrael.

— Você pode me tirar daqui? Isso é péssimo...

Ele me lançou um olhar simpático. — De um tempo. Dance comigo.

— Eu também não conheço essa dança, Azrael.

— Tente seguir pelo menos uma vez, — ele disse, pegando minha mão e me puxando para a pista de dança com ele. — Talvez seu corpo saiba a dança de cor.

Assim como meu corpo parecia saber *Azrael* de cor, e tentava responder a ele, não importa o quão imprudente isso fosse?

— O que está acontecendo? — Perguntei a ele suavemente.

— A fenda continua piorando, mais e mais monstros aparecendo. Então Faer continua enviando oficiais da academia. Eles não terminaram seu treinamento, eles são... jovens. — O pomo de adão de Azrael balançou. Ele não conseguia esconder sua preocupação.

— Ele envia Feéricos do outono, — esclareci.

Ele sacudiu a cabeça em um aceno de cabeça, embora sua cabeça ainda estivesse alta, um sorriso fixo em seu rosto, como se ele estivesse focado na dança. — Se eu implorar a ele que não, ele pode ouvir. O jogo não seria divertido se eu perdesse todas as esperanças.

A raiva apertou meu peito. Eu odiava a ideia de Faer manipulando Azrael. *Machucando-o*. Azrael pode não ser meu amigo, mas ele claramente amava a corte de outono.

Azrael me levou ao redor do salão de baile. Ele era todo magro e musculoso, movendo-se com facilidade pelo salão. A música parecia cantar em meu sangue, o salão começando a girar ao meu redor, a dança me levando junto. *Magia*. Parecia que a magia estava no ar.

— Viu? — Ele murmurou em meu ouvido. — Você ainda

conhece os passos.

— Eu gostaria de interromper. — Um Feérico alto apareceu no meu ombro, olhando para Azrael como se Azrael tivesse ofendido pessoalmente o homem de alguma forma.

De repente, a sala giratória parou; a magia morreu, embora a música continuasse.

Eu tinha acabado de começar a relaxar e agora endureci novamente.

— Não, obrigada.

O homem voltou o olhar para mim. Ele era alto e bonito, seus ossos esguios e afiados, seus olhos profundos e magnéticos de prata.

— Você não pode me negar, — ele resmungou.

— Com licença? — Minhas mãos se separaram das de Azrael.

— Raile, — Azrael começou. — Bons deuses. Ela *acabou* de voltar para casa. Dê um tempo a ela.

— Dar tempo a ela? Mais tempo? Esperei cinco anos por ela, — disse Raile. — E para aquele maldito hobgoblin morrer.

— Hobgoblin? — Eu fiz uma careta. — Do que você está falando?

Faer estava abrindo caminho através da multidão atrás de Raile. Todo mundo derreteu fora de seu caminho. Ele tinha um sorriso fácil no rosto e sua túnica de joias brilhava sob as luzes.

— Você é uma princesa, — Raile disse sem rodeios. — Você dança com todo mundo que pede.

Azrael passou a mão pelo rosto, exasperado. — Você não aprendeu como cortejar uma mulher melhor nos últimos cinco anos, aparentemente.

— Talvez eu devesse ser rainha em vez de princesa então, —

atirei de volta. — Porque não pretendo dançar com ninguém que não me agrade.

Não sabia de onde isso veio, as palavras farpadas que escaparam, mas os olhos de Faer se arregalaram.

A mão de Azrael deslizou pelas minhas costas e ele se inclinou para perto de mim como se tivesse sussurrado em meu ouvido como fez tantas outras vezes esta noite.

— Oh, não, — disse suavemente, minha voz destinada apenas a seus ouvidos. — Quem quer que seja... você sabia sobre ele, não é? Você poderia ter me avisado que eu teria alguns pretendentes determinados.

A culpa que cintilou em sua expressão não deixou dúvidas.

— Eu te odeio, Azrael, — disse, minha voz muito baixa. — Tanto quanto Duncan me odeia, eu te odeio.

Ele balançou sua cabeça. — Você não entende nada.

— Você está certo, eu não entendo, — admiti. — Mas eu sei que este é um lugar miserável, cheio de pessoas miseráveis.

Azrael se inclinou perto de mim, seus lábios quase roçando minha orelha. Quando comecei a me afastar, ele pegou meu braço, seu aperto forte e comandante.

— Se você sair correndo daqui como uma criança, Faer usará isso como mais um exemplo de que você não está apta para governar.

Mais um exemplo. Aparentemente, houve muitas conversas sobre mim. Estava começando a entender as grandes peças, pelo menos, desse quebra-cabeça. Faer e eu éramos gêmeos, então qualquer um de nós poderia governar, talvez. Mas Faer não era meu amigo. Ele me trouxe de volta por um motivo.

Ele enviou Azrael para cumprir suas ordens, e Azrael sempre o

faria. Depois do que acabei de ouvir sobre a corte de outono, quase consegui entender o porquê.

Mas isso não significa que eu poderia confiar em Azrael.

— Eu não vou dançar com você, — disse a Raile, puxando meu braço para fora do aperto de Azrael. — Ou qualquer outro homem. Não essa noite.

Os olhos frios e cruéis de Raile nunca deixaram meu rosto. Ele se curvou.

— Estou ao seu serviço.

Se apenas alguém estivesse.

Azrael disse que eu ficaria sozinha na plataforma, então eu fui para a plataforma. Eu poderia pelo menos fingir que estava sozinha nessa multidão cheia de gente, enquanto a música tocava e a festa continuava.

Sentei-me no trono frio, bem acima da festa e de todas as danças e risos.

CAPÍTULO VİNTE E SETE

Nikia estava no meu quarto quando voltei. Parei na porta, horrorizada, quando ela derreteu do sofá e veio em minha direção, com os olhos brilhantes.

— O que é isso? — Perguntei, totalmente sem energia por fazer perguntas gentilmente.

Ela parou, olhando para mim confusa, e eu perguntei mais gentilmente:

— Por que você está no meu quarto?

— Para ajudá-la com o que você precisar, — disse ela.

— Eu não preciso de nada entre nove da noite e nove da manhã, eu prometo, — disse, segurando a porta aberta para ela. — Obrigada por tudo, Nikia. Vejo você amanhã.

— Realeza não dorme sozinha, — disse ela.

Vou dizer a Azrael o que surgiu em minha mente, de forma completamente inadequada.

— A realeza faz as regras. — Acenei meu braço, conduzindo-a para o corredor.

— Na verdade, eles não querem, — disse uma voz masculina profunda do corredor.

Eu pulei, automaticamente alcançando uma espada que não estava lá.

Raile encostou-se na parede oposta à minha porta, as mãos nos bolsos empurrando para cima a bainha do paletó. Ele continuou: — É um negócio surpreendentemente ruim ser rei, e ouvi dizer que é ainda pior ser uma princesa. Ou mesmo uma rainha.

— Por que você está aqui? — Exigi.

— Eu queria ver você.

Eu estava prestes a dizer a ele que nunca queria vê-lo - *nunca* - mas ele acrescentou: — Senti que tínhamos tido um começo estranho antes.

— Você acha?

Ele franziu a testa. — Eu acho. É por isso que pensei que poderíamos começar de novo.

Eu o encarei. Nikia estava finalmente no corredor, mas ela deu um passo adiante, levantando a mão.

— Princesa, não é considerado apropriado ter convidados do sexo masculino em seu quarto sem um acompanhante.

— Vou fazê-lo ficar na varanda, então, — disse, minha decisão tomada, só porque eu era teimosa e no momento, exasperada com todas as regras que não sabia nem queria seguir, e estendi a mão e agarrei a manga de Raile. Eu o puxei para o meu quarto antes de fechar a porta nos protestos de Nikia.

— Você não é uma princesa muito boa, — observou ele.

Dei de ombros. — Pode ser. Mas eu acho que daria uma bela rainha.

Seus lábios se separaram em um sorriso repentino, um sorriso deslumbrante. — Talvez você seja.

Eu fui para a varanda. — Agora que estou com você no meu quarto, não sei realmente o que fazer com você.

— Dê um mergulho comigo.

— O quê? — Eu balancei minha cabeça, olhando para a piscina.
— É muita pequena.

A ideia de estar tão perto de Raile, que irradiava confiança e

poder como se fosse maior do que a vida, me oprimiu.

— Não é. — Raile passou por mim e foi até a varanda, onde apoiou os cotovelos na grade. Estudei suas costas, seus ombros largos e a estreita linha de sua cintura. Ele parecia um nadador baseado em sua constituição. — Lá fora.

Eu segui seu olhar para o oceano, que parecia profundo, escuro e assustador sob o céu noturno nublado.

— Acho que não, — disse com uma risada.

Ele se virou para mim, encostado na grade. Seus olhos pareciam tão profundos e escuros quanto o oceano além.

— Por que não?

— É perigoso, — disse. — O oceano é perigoso no meu mundo. Tem que ser ainda pior aqui, onde tudo quer nos comer.

— Não é perigoso quando você está comigo, — ele prometeu.

— Você é algum tipo de encantador de monstros? — Perguntei.

— Algo parecido. — Ele me deu um sorriso afiado e malicioso.
— Talvez eu seja o rei dos monstros. Monstros marinhos, pelo menos.

— Eu cacei monstros quando estava no mundo mortal. — Não os temia, pelo menos, não os temia em terra, se eu pudesse alcançar uma espada.

— Isso não me surpreende, — disse, lembrando-me que ele também me conhecia antes.

— Como nos conhecemos? — Perguntei curiosamente. — O que eu fiz pra você?

Ele encolheu um grande ombro, a mão no bolso, uma resposta preguiçosa e evasiva. — Achei que estávamos recomeçando.

— Tudo bem, vamos começar de novo. — Eu estendi minha mão. — Meu nome é Alisa e não tenho interesse em dançar com

homens dominadores.

Embora se isso for verdade, eu definitivamente terei que riscar Azrael do meu cartão de dança para todo o sempre.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim.

— Essa é uma maneira estranha de dizer olá, mas tudo bem. Meu nome é Raile e não tenho interesse em festas.

— A sua corte não tem festas? De que corte você é?

— Não gosto de me divertir, — disse ele. — Isso é o que qualquer um diria a você.

Me juntei a ele na grade. — Posso imaginar o que as pessoas diriam a você sobre mim.

— Você quer saber? — Ele perguntou sem rodeios.

Suspirei, colocando a unha do polegar na boca enquanto tentava mastigar as últimas manchas do meu esmalte preto.

— Sim, — disse. — Eu acho.

Talvez precisasse saber, mesmo que temesse o que ouviria.

— Os assuntos diplomáticos não têm corrido bem ultimamente nas cortes Feéricas, nem em terra nem no mar. Tem havido perguntas sobre o quão bem Faer administra todas as cortes, e rumores de que talvez o tempo da corte de verão para governar o reino Feérico tenha passado. — Ele olhou de soslaio para mim. — Sua memória se desvaneceu o suficiente para que as pessoas pensassem que talvez você fosse uma rainha sábia em seu lugar.

Bem, houve uma escavação. Ele e Duncan devem ter frequentado a mesma escola de provocações. — Espere, a corte de verão governa os Feéricos? Mas nem sempre foi assim?

— Não, de jeito nenhum, — disse ele. — As cortes Feéricas costumavam ser independentes, embora o conselho da realeza se

reunisse para lidar com ataques fora de nossas fronteiras, como a frente.

— Eu gostaria de discutir a frente mais tarde, — disse, porque eu não tinha ideia do que estava acontecendo em meu próprio reino. — Mas primeiro, vamos falar sobre mim.

— Eu presumi que esse seria o seu desejo, — ele brincou, e eu fiz uma careta. Ele continuou: — Esta noite e no passado, você errou, Alisa. Você insultou as pessoas e não respondeu, talvez nem mesmo tenha entendido, quando outros a insultaram. Sem Azrael sussurrando em seu ouvido, você teria caído completamente, e a presença dele não passou despercebida.

— Não me lembro de nada daqui. — Apertei meus lábios, com medo de revelar algo que não deveria. Raile não era meu amigo, mesmo que ele falasse tão sem rodeios como um neste momento particular.

Raile acenou com a cabeça. — Mesmo assim. Alguns Feéricos esperam que um governante guie as cortes neste momento turbulento, e você... você destruiu essa ideia esta noite. Você não está qualificada para governar, não agora.

— É por isso que Faer queria ter as festas imediatamente e não depois que eu tivesse a chance de recuperar o atraso, — disse, preenchendo os detalhes.

— Um ou dois dias seriam tempo suficiente para recuperar o atraso de qualquer maneira? — Raile perguntou. — Faer pode ter pressionado sua desvantagem, mas você já estava perdida.

— Obrigada, — disse secamente. — Você realmente sabe como dar a uma garota uma conversa estimulante. Eu não sei se gostaria de ser rainha, de qualquer maneira.

— Você não tem escolha, realmente. — Raile me deu um sorriso lento. — Talvez você seja minha rainha.

Assim que percebi que ele estava sugerindo casamento, ri alto. Não pude evitar. Casar com esse homem sexy, mas ridículo que eu acabei de conhecer?

— Eu estava quase começando a gostar de você, — o avisei. — Mas eu não gosto quando você diz coisas assim.

— Alisa, você esquece que eu já te conheço, — disse ele. — Eu sei que você não gosta de ninguém.

Ele se dirigiu para a porta, a mão ainda no bolso.

— Isso não é verdade, — gritei para ele. — E você não me conhece muito bem. Você não sabe quem eu me tornei quando estava do outro lado.

— As pessoas não mudam, — disse ele, olhando por cima do ombro.

— Isso é uma mentira.

Ele parou na porta e acrescentou, — *Feéricos* não mudam.

Então ele se foi antes que eu pudesse discutir mais com ele.

CAPÍTULO VINTE E OITO

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Acordei em um quarto escuro e silencioso e, antes mesmo de virar a cabeça, sabia que ela estava desaparecida. O quarto parecia vazio sem ela; mesmo durante o sono, Alisa tinha uma certa presença.

Uma presença irritante. Aquela maldita princesa incorrigível, fazendo algo que não deveria novamente. Eu nem fiquei surpreso.

Levantei-me, levando um momento para colocar minhas meias e botas. Enquanto resmungava para mim mesmo e me vestia, ela deslizou pela porta, furtiva como uma sombra.

— Você até grita comigo quando eu não estou aqui, — disse ela, seus lábios se curvando em diversão. — Isso é dedicação.

— Você me deixa louco, esteja aqui ou não, — atirei de volta, começando a tirar minhas botas novamente.

— Não se preocupe em ficar confortável, — disse ela. — O campus está fechado porque houve relatos de um Saqueador atacando uma vila próxima. Você e eu temos uma missão!

— Que parte de *o campus está fechado* faz você pensar que você e eu deveríamos sair? Por que você acha que os alunos deveriam salvar o mundo? — Perguntei.

Alisa apenas sorriu. Eu já estava amarrando minhas botas de volta.

Nós dois escorregamos pela parede. Quando caímos para o

outro lado, eu disse a ela: — Bem, minha educação acadêmica faltava em me *esgueirar* até que conheci você.

— E aqui você nem mesmo é grato. — Ela sorriu e bateu seu ombro contra o meu. Seu calor irradiou contra o meu, encharcando meu casaco e em minha pele. Tive que trabalhar mais duro para conseguir a magia que me mantinha confortável, apesar da forte brisa de inverno; para a princesa do verão, era fácil.

Nós dois contornamos a aldeia, procurando sinais do Saqueador. Passamos por uma casa de fazenda vazia, o telhado começando a desmoronar com a neve.

— A aldeia parece tão vazia, — observou ela, olhando além da casa da fazenda para a aldeia abaixo, onde a fumaça ondulava de apenas alguns telhados. — Todos eles decidiram se mudar para cortes mais quentes?

Olhei para ela, sem ter certeza se Alisa realmente não sabia ou se ela estava sendo loquaz. Decidindo dar a ela o benefício da dúvida, eu disse: — A guerra dizimou a corte de Inverno.

Ela me olhou com os olhos arregalados. — Não há nobreza lá.

— A guerra não atinge apenas as pessoas que a iniciaram, Alisa. — Minha voz saiu amarga. — Na verdade, normalmente mal os toca.

Havia algo selvagem em seus olhos, e foi quando percebi que, apesar da reputação que ela e Faer tinham, ela se importava com todos, não apenas com sua própria corte. Procurar este Saqueador não foi apenas para sua própria glória.

Vi que uma das casas à frente também tinha o telhado desabado, mas não havia neve nesta. — Vamos.

Ela tinha visto a mesma coisa que eu, no entanto. Ela já estava disparando em frente.

Alisa puxou sua espada enquanto corria. Eu acompanhei seu ritmo, nós dois correndo furiosamente para a casa. Uma última onda de fumaça saiu da chaminé, como se o fogo estivesse começando a morrer.

A porta da frente estava estilhaçada. O monstro que forçou sua entrada destruiu parte da parede.

E o cheiro seco e empoeirado do Saqueador pairava no ar. Ele ainda estava aqui.

Ela e eu paramos na porta, olhando um para o outro. Vi a mesma compreensão refletida em seus olhos.

Em seguida, passamos em sincronia pela porta.

Dentro da casa, a mesa de carvalho no centro da sala foi virada, e cadeiras, pratos e velas foram espalhados pela sala. Alisa se moveu para a porta à esquerda enquanto eu me dirigia para as escadas.

Ela empurrou a porta e entrou no quarto escuro. — Oficina. Intocada.

Um grito veio de cima.

— É por isso, — disse. Subi as escadas rápido. Ela praguejou, provavelmente porque eu a tinha adiantado, duvido que ela realmente estivesse chateada com o perigo em que nos encontramos, e me seguiu.

Quando cheguei ao topo da escada, o Saqueador entrou na minha frente. Era tão grande que enchia todo o corredor. Ele me encarou com seus olhos de lagarto, mas foi a boca cheia de dentes afiados e retorcidos que chamou minha atenção.

— Você não pertence a este lugar, amigo, — disse a ele. — É hora de voltar para o seu próprio mundo.

Em vez disso, ele girou, sua cauda poderosa e grossa batendo na

parede, jogando poeira sobre mim enquanto a parede se desintegrava. Me abaixei, mal conseguindo manter o equilíbrio na escada, de modo que a cauda passou sem causar danos por mim.

Então eu pulei e peguei a maldita coisa em volta do pescoço.

Ele não esperava por isso e girou, balançando a cabeça. Aqueles dentes perigosos brilharam perto de mim, e ele inclinou a cabeça, tentando me fixar com um daqueles olhos enormes e giratórios. Mas eu estava perto demais para ele virar o pescoço e me morder, contanto que ficasse perto.

— Você não deveria andar nessa coisa, Azrael! — Ela gritou comigo. Ela já estava avançando, batendo a espada em suas pernas. A besta uivou. Isso a atingiu, mas ela já havia partido, dançando para o lado.

Meu aperto em seu pescoço estava escorregando, e quando eu perdesse o equilíbrio, ficaria à sua mercê por um momento. Eu golpeei com minha adaga, mergulhando-a no olho do monstro. Ele rugiu quando eu finalmente escorreguei e, quando resistiu, fui jogado contra a parede.

Mas Alisa estava lá, terminando. Sabia que ela estaria, e foi por isso que deitei no chão por um segundo, recuperando o fôlego. O chão tremeu embaixo de mim quando o monstro desabou.

Olhei para o olho intocado enquanto ele olhava para o meu, enquanto dava seu último suspiro.

— De onde você veio? — Perguntei antes de arrancar minha adaga do outro olho.

— Acho que é isso que precisamos descobrir, — disse ela, oferecendo-me a mão. A deixei me colocar de pé, e ela estremeceu enquanto se esforçava. — Uau, você realmente está me deixando

carregar seu peso atualmente, não é?

— Eu sei o quão forte você é. — Dei um beijo no topo de sua cabeça.

Então olhei além dela para ver uma mulher manchada de lágrimas carregando uma criança pequena.

— Obrigada, — a mulher sussurrou. Seu olhar estava fixo no monstro aos nossos pés; não achei que ela tivesse visto evidências de nosso encontro proibido.

— Está todo mundo na casa bem? — Perguntei.

— Somos apenas eu e o bebê, — ela disse, usando as cadências mais formais que eram tão comuns para os feéricos da corte de inverno. Quase não vimos nenhum deles, apesar de morar em seu território. — Meu marido morreu neste verão em...

No momento em que ela registrou o cabelo curto lilás de Alisa, enrolando em torno de suas orelhas, ela parou de falar.

— Obrigada, — ela repetiu, mas parecia mecânico agora.

— Você será capaz de consertar sua casa? — Alisa perguntou. — Ou você precisa de ajuda?

Ela balançou a cabeça. Alisa franziu a testa, como se estivesse confusa com sua reação. O quão inocente Herrick conseguiu mantê-la longe do que a corte de verão estava fazendo com o inverno? Dei uma cotovelada nela e apontei para a besta.

— Não terminamos ainda, — a lembrei.

— Eu odeio essa parte, — ela resmungou.

Juntos, nós dois manobramos o Saqueador escada abaixo e para fora da casa. Usamos magia para arrastá-lo para o fundo da floresta e abandonamos a carcaça lá.

— Tenho feito pesquisas, — disse ela. Ela ainda estava

ligeiramente carrancuda, como se estivesse preocupada com nosso encontro, mas ela seguiu em frente. — Achei que poderíamos usar um feitiço de fusão, para que possamos rastrear de onde eles estão vindo.

Ri, mas ela estava olhando para mim com as sobrancelhas levantadas, então parei. — Você está séria.

— Você e eu somos ambos da realeza, — disse ela. — Eu sei que é um feitiço difícil, mas se alguém pode fazer, nós podemos.

— Seu nível de confiança vai fazer você morrer, — resmunguei. — Ou eu. Provavelmente eu.

— Você não está dizendo não, — disse ela levemente.

Suspirei. — Eu não estou dizendo não.

Juntos, nós dois trabalhamos o feitiço, o que permitiu a ela ver através dos olhos do Saqueador. Ela confiou em mim para liderá-la enquanto ela corria às cegas, perdida no passado da fera.

Encontramos nosso caminho para um lugar em uma caverna onde um portal foi construído.

Ela engasgou enquanto o estudava. — Alguém construiu isto. Por quê?

Corri minha mão sobre a moldura, que estava gravada com runas.

— Para destruir a corte de inverno, — disse, minha voz sombria. — Até o último. Todo homem, mulher ou criança que possa se rebelar.

O sangue foi drenado de seu rosto. — Herrick.

— Ou aqueles sob suas ordens, — disse.

— Ajude-me a destruí-lo, — disse ela.

E nós fizemos.

Naquela noite, finalmente caímos na cama com apenas algumas horas para dormir antes do amanhecer e do início do nosso

treinamento. Mas podia sentir como ela estava inquieta e preocupada, deitada na cama sem dormir.

Eu me apoiei no cotovelo e a encarei na penumbra. Seu cabelo lilás parecia brilhar, não importa o quão escura a noite ao nosso redor.

Não sabia o que dizer, então me levantei e deslizei na cama ao lado dela. Ela sorriu e se mexeu, colocando a cabeça na curva do meu ombro.

Nunca nos abraçamos; fizemos sexo, em momentos furtivos, atrás de duas portas trancadas. O abraço era perigoso.

Mas também era deixar Alisa sozinha com seus próprios pensamentos, enquanto ela examinava a escuridão da corte de verão.

— Você vai mudar o mundo, — sussurrei, antes de dar um beijo em seu cabelo. Talvez ela pudesse consertar o que estava quebrado na corte de verão, mas não ousei dizer isso em voz alta, não enquanto ela ainda estava lutando com os crimes de Herrick e Faer. — Talvez eles deixem as meninas entrarem na academia quando virem o que você fez.

Ela zombou. — Eles vão ficar tão furiosos que eu superei eles... provavelmente piorei as coisas.

Ela era quase sempre tão irreprimivelmente otimista, à sua maneira, que eu sabia que ela estava sofrendo.

— Você consegue guardar segredo? — Ela perguntou suavemente.

— Já estou muito envolvido com seus segredos, Alisa, — a lembrei.

— Não é meu. — Ela ergueu o rosto, me estudando à luz da lua.

— Eu nunca vou trair sua confiança, — prometi a ela, alisando seu cabelo para trás daquele rosto lindo.

Seus olhos brilhavam prateados e brilhantes. — Eu não sou a única garota na academia. Há uma garota da corte de inverno se escondendo aqui também. Temos que ser amigas. Talvez juntas possamos realmente mudar o mundo.

Fiquei em silêncio por alguns longos segundos, processando a notícia.

— Apenas tenha cuidado. Se ela for pega, ela não terá a proteção do Rei Supremo.

— Não tenho mais tanta certeza de que quero, — ela murmurou.

Ela se aninhou em mim e adormeceu, como se ela só precisasse me contar seus sonhos e esperanças secretas antes de dormir. Mas agora eu não conseguia dormir. Para Alisa, confiar em mim um segredo como aquele era uma intimidade muito maior do que morder meu ombro para conter seu grito durante o sexo.

Eu a segurei com força, impressionado com o quanto ela confiava em mim.

E como seria difícil protegê-la.

CAPÍTULO VİNTE E NOVÊ

ALISA

Na manhã seguinte, acordei com uma batida na porta do meu aposento. Ainda estava com a cabeça turva de sono, mas agarrei minha espada, com a qual dormi naquela noite, e me dirigi para a fonte do barulho.

Quando abri a porta, Duncan estava emoldurado na porta.

— Oh não, — disse. — É muito cedo para você.

— Eu devo ensinar você, — disse ele impacientemente. — Então, vista suas roupas e vamos treinar.

— Duncan, não acho que haja uma maldita coisa que *você* possa me ensinar que eu precise aprender. — Estava cansada de todos os arrogantes homens Feérico em minha vida.

Seus lábios se torceram como se isso fosse divertido. — Tudo bem. Então venha comigo treinar e me mostre o quão pouco você precisa de um guarda-costas.

— Você me viu lutar outro dia, — atirei de volta.

— Você lutou com shifters, — ele disse. — Não Feéricos.

— Mesma coisa. — Comecei a fechar a porta.

Tão rápido que ele fez um movimento vacilante, ele avançou para bloquear a porta, o que nos trouxe peito a peito, bem, quase. Ele era muito mais alto do que eu, parecia mais nariz com peito. Ele olhou para mim, suas sobrancelhas arqueando.

— Esqueci que você é preguiçosa, — disse ele. — Ou a covardia

é uma adição nova e emocionante à sua personalidade?

Eu balancei minha cabeça enquanto virava e me afastava dele.

— Me atraia o quanto você quisesse. Não estou impressionada.

— Competência na luta é uma marca registrada da realeza Feérica, — ele disse. — Faer à parte. Se você não puder fazer isso, você nunca governará.

— Eu *posso* lutar, no entanto. Eu só não quero brincar com você. E não sei se quero governar, por falar nisso.

— Você me cansa, — disse ele, abaixando a cabeça e cobrindo o bocejo repentino com o bíceps. — Não pedi para discutir seus anseios mais íntimos. Pedi a você que viesse a campo e me permitisse avaliar suas capacidades, porque esse é o meu trabalho.

— Desculpe incomodá-lo.

— Se você não estiver vestida e saindo por aquela porta em dois minutos — ele me disse, — vou jogá-la por cima do ombro e levá-la para fora - com o que quer que esteja vestindo, ou *não* - para o pátio de treinamento, onde os escudeiros estão praticando. Então você pode seguir seus passos na frente deles.

— Seguir meus passos? — Minhas sobrancelhas arquearam. — Só pode estar brincando comigo.

— Cento e dezenove, — disse ele, cruzando os braços sobre o grande peito. Ele olhou nos meus olhos enquanto dizia: — Cento e dezoito.

— Sabe, eu era uma caçadora, não me importo exatamente em bater nas pessoas na cabeça e nos ombros, — disse eu, voltando para o meu quarto porque não queria ser carregada por Duncan nunca mais.

— Você não tem que irromper aqui com ameaças e insultos. Poderia ter me trazido café e me pedido com educação.

— Cento e treze. Não há café, — ele gritou de volta enquanto eu vasculhava as gavetas, tentando encontrar algo que parecesse equipamento de treino.

Eu tinha um sutiã esportivo?

— E eu não peço com *educação*, — acrescentou.

— Sim, eu estava pegando nisso. Bastante falha de caráter. — Olhei de volta para fora do quarto para ele. Ele ainda estava parado na minha sala de estar, parecendo ser o dono do lugar. Ele usava uma túnica preta justa, calças pretas e o que parecia ser sapatos de couro preto. Então, a mesma coisa que ele usava ontem. Isso não me ajudou com o meu atual enigma do guarda-roupa. — Você está vestindo sua roupa suja?

— Por que você faz tantas perguntas estúpidas?

— Por que você faz isso? — Eu vasculhei outra gaveta.

— Cento e seis, — ele disse ameaçadoramente. — Cento e cinco.

— Não ouvi você fazer a contagem regressiva o tempo todo.

— Eu estava contando mentalmente.

— Você está apenas inventando coisas. — Desisti, me endireitando da minha busca na última gaveta da cômoda. — Duncan. O que devo vestir para malhar? Agora que estou na Feéricolândia?

Ele entrou no meu quarto com um suspiro, vasculhou meu armário e abriu um conjunto de gavetas penduradas sob a longa fila de jaquetas que eu nem percebi. Ele puxou uma túnica preta macia e calças como as dele, e as jogou para mim.

— Eu pensei que era uma princesa. Parece um uniforme de soldado.

— Eu sou um príncipe, — disse ele simplesmente.

— O quê? — Pensei no que Raile disse na noite anterior, sobre

como havia muitas cortes Feéricas. Mas então, por que Duncan estava aqui, infligindo toda a sua personalidade alegre em mim?

— Trinta e dois.

Que resposta insatisfatória. Mas rapidamente tirei a camisa que usei para dormir e puxei a túnica e a calça. Elas eram confortáveis, pelo menos.

— Dois — disse ele, e um momento depois, — um.

— Sapato? — Exigi, indo para o armário. Procurei nas filas de sapatos nas prateleiras. — Estou tentando aqui, você sabe. Disse que sairia com você. Não precisa me tratar como um *escudeiro*. Não sei o que é, mas aposto que você é terrível com eles.

— Você estaria certa, — disse ele. — Sapato.

— Isso é o que eu acabei de dizer, — Comecei, logo antes de algo picar em minha bunda. Olhei para ele quando Duncan me entregou o sapato com o qual ele tinha acabado de me golpear. Ele ergueu o outro, olhando para ele, como se estivesse pensando em ir atrás de mim com aquele também.

— Sapatos, — disse ele. — Como eu disse.

— Você realmente acabou de me bater com um sapato? — Tirei o sapato de sua mão antes que ele pudesse ter mais ideias.

— Você realmente simplesmente não percebeu que eu estava oferecendo seus sapatos? — Ele perguntou.

— Se eu não soubesse melhor, *Príncipe Duncan*, entre o fato de que você elogiou minha bunda e bateu nela, eu acharia que você gosta de mim.

— Eu não gosto de *você*. Eu gosto da sua bunda, especificamente.

— Bem, talvez eu ganhe você sobre uma, — eu me parei quando estava prestes a dizer que *talvez eu te ganhe sobre uma parte do corpo de*

cada vez. Parecia que eu estava flertando com Duncan, e Duncan não era digno de flerte. Coloquei meus pés em meus sapatos. — Vamos lá.

Enquanto caminhávamos pelos corredores, perguntei: — Qual é o plano para hoje?

— Vamos dar um passeio a cavalo para ver se você se lembra de como não cair — disse ele, — e então você vai tentar me bater por um tempo.

— Parece maravilhoso.

— Veremos. — Ele entrou pela porta à minha frente, para o sol difuso e suave do início do dia, e segurou-a aberta para eu passar.

Enquanto caminhávamos, olhei para os jovens guerreiros Feéricos já treinando no pátio. Embora o sol tivesse acabado de nascer, eles já estavam cobertos de suor e areia. Eles pareciam miseráveis e eu preferia não me juntar a eles.

Em vez disso, segui Duncan para os estábulos. — Você e eu já treinamos assim? — Perguntei.

Ele bufou. — Não. Somos a realeza, eles são Feérico inferiores, aprendizes dos cavaleiros. Nosso treinamento foi completamente diferente.

Seu tom condescendente me exasperou. Ele reclamou das minhas perguntas estúpidas, mas também da minha ignorância. Ele deve pelo menos escolher um de forma consistente.

— Nosso treinamento também foi péssimo — acrescentou ele, — mas completamente diferente.

Ele começou a selar seu cavalo e tentei imitá-lo com o segundo cavalo até que ele se virou para mim com os olhos arregalados. — Você não sabe selar um cavalo.

— Por que você fica surpreso? — Exigi. — Você não consegue

manter um pensamento em sua cabeça por mais de cinco minutos?

Ele selou um cavalo para mim, resmungando o tempo todo, e então conduziu nossos cavalos para o pátio. — Vou ter que colocá-la no cavalo também?

Não respondi a ele, porque talvez? Eu coloquei meu dedo do pé no estribo, incerta, tentando descobrir onde colocar minhas mãos por um segundo, e então pulei facilmente nas costas do cavalo. A memória muscular deve ter assumido o controle.

Ele grunhiu. — Pequenas misericórdias.

Nós dois cavalgamos pelos jardins, em direção ao bosque. Olhei para trás. — Não quer uma audiência no caso de eu chutar o seu traseiro, hein?

Ele grunhiu em resposta.

— Você vai ficar mal-humorado a manhã toda só porque está preso a mim? Eu posso ser divertida, você sabe.

— Eu sei, — ele disse, me surpreendendo. — Eu também sei que é um truque.

— Por que você não me conta o que eu fiz para você?

— Porque é a história de Azrael, — disse ele. — Pergunte a Azrael.

— Por que você está tão bravo comigo sobre algo que eu fiz para Azrael?

Sua mandíbula cerrada. — Você não sabe nada sobre o que significa ser uma família.

— Talvez não, — disse. — Não me lembro de ter nenhuma.

Me perguntei se Faer realmente tinha sido minha família, para falar a verdade. Meu irmão era afetuoso e atencioso quando eu estava perto dele, mas ele mantinha distância nas festas, deixando-me

envergonhada. Não havia nada de amor nisso.

Ele olhou para mim, suas sobrancelhas se juntando. Estávamos nos aproximando da floresta, e eu poderia jurar que ouvi um canto estranho vindo da floresta, embora tenha desaparecido na brisa conforme nos aproximávamos das árvores.

— Fique perto, — disse ele. — Eu devo devolver você viva. No máximo machucada.

Revirei os olhos, mas o ombro do meu cavalo roçou no ombro do dele, como se eu acidentalmente tivesse me inclinado e encorajado o cavalo dessa forma. Estava bem ciente de que não sabia de tudo quando estávamos aqui na floresta.

— E se eu devolver *você* machucado? Azrael iria me repreender?

— Parecia que você gostava das repreensões de Azrael — ele brincou, — e o que vinha depois delas.

Minha mandíbula ficou tensa. Estava tão curiosa sobre o relacionamento que tive com Azrael antes, mas Duncan nunca me daria respostas significativas. — Achei que você fosse parar de falar sobre meu relacionamento com Azrael.

— Vou falar com você sobre o que eu quiser.

Ele puxou seu cavalo. Chegamos a uma clareira cercada de árvores. Pedras cobertas de musgo cobriam metade do solo, grama selvagem a outra. Cogumelos pontilhavam um tronco caído próximo, as cápsulas de cogumelo vermelhas e brilhantes, e eu olhei para eles com desconfiança. Certamente os cogumelos aqui estavam tentando me matar, mas eles eram provavelmente menos perigosos do que o Feérico que parou seu cavalo preto bem na minha frente.

— Que tipo de príncipe vai para a frente? — Exigi.

Ele escorregou do cavalo com um movimento hábil e me

ofereceu a mão.

— Não quero, — disse, descendo do meu cavalo sozinha.

Ele falou baixinho com nossos cavalos, depois tirou uma trouxa da parte de trás da sela. Ele puxou uma espada de treinamento de madeira e a jogou para mim. — Aqui. Uma arma familiar para melhorar suas chances.

Peguei o cabo de madeira e o coloquei de lado com um *zunido*, testando seu peso e equilíbrio. — ‘Falar merda’ também é uma coisa no mundo Feérico, então?

Ele ergueu uma sobrancelha para mim. Então, sem qualquer preâmbulo adicional, ele avançou, com os pés firmes sobre as pedras soltas, pressionando um ataque.

Eu levantei minha espada em seu primeiro golpe, que foi quase inconstante, e as espadas de madeira se cruzaram com um *crack*.

Então nós dois começamos a se defender de verdade, lutando para frente e para trás, bloqueando os golpes um do outro.

Quando ele me deixou uma abertura, consegui deslizar para trás dele e golpear sua bunda com a lâmina da minha espada. Ele girou, já golpeando minha espada com a sua com tanta força que a força do golpe viajou pelo meu pulso e picou meu antebraço, mas eu sorri em triunfo de qualquer maneira.

— Vingança, — disse.

— Você não quer jogar um jogo de vingança comigo, princesa.

— Talvez sim, *Príncipe*.

Nós dois lutamos para frente e para trás. Ele era um oponente mais do que competente e me peguei sorrindo. Eu me sentia inquieta nos últimos dias, mas foi um alívio me perder em um jogo que eu conhecia e entendia.

— Você não é ruim, — admitiu ele, os dois de frente um para o outro, o peito arfando e as espadas ainda cruzadas.

— Você também não. — Me movi para o pronto, ansiosa para lutar novamente.

Duncan nunca sorriu para mim, mas eu poderia jurar que ele parecia satisfeito quando avançou e eu o encontrei. O som de nossas espadas quebrou o silêncio da floresta.

Eu poderia lutar com esse homem idiota para sempre.

CAPÍTULO TRINTA

DUNCAN

Quando voltamos, Alisa me seguiu até o celeiro e me observou enquanto eu começava a colocar os cavalos no estábulo.

Ela mordeu o lábio inferior, os olhos arregalados e sedutores, mesmo quando ela se preocupava. Uma estranha necessidade protetora corria por mim sempre que ela parecia ansiosa.

Então sacudi aquele lábio inferior carnudo.

Ela olhou para mim, seu fogo retornando.

— Toque-me novamente e eu o matarei enquanto você dorme, Príncipe.

— Você pode tentar, — disse. — Mesmo inconsciente, gosto das minhas chances.

— Como você anda carregando todo esse ego? — Ela perguntou, mas apesar de si mesma, seu olhar permaneceu no meu corpo.

Balancei a cabeça para a escova, dizendo a ela para começar a trabalhar.

— Você não está nervosa, está? Você trabalhou com animais na terra.

— Duas coisas são difíceis para mim agora, — ela admitiu, prendendo o cabelo atrás das orelhas, colando-o à cabeça. Então ela pegou a escova. — Em primeiro lugar, trabalho numa clínica veterinária urbana. Eu posso lidar com cobaias, nunca estive perto de um cavalo até agora.

Então ela se corrigiu: — Bem, isso eu me lembro. Isso é o que é realmente difícil agora. As pessoas esperam que eu saiba tudo, mas não sei montar bem. Ou... como ser uma boa *princesa*.

Eu a encarei, chocado com sua vulnerabilidade. Nunca soube que ela tinha falta de confiança, muito menos admitir isso.

Em seguida, seus lábios se torceram em um sorriso familiar, como se ela percebesse que me chocou sem palavras.

Fiquei tentado a dizer como ela sempre foi natural. Esse sorriso fez com que as palavras suaves morressem em meu peito. Aquele sorriso malicioso pode ser um mecanismo de defesa agora, mas já sinalizou perigo.

Em vez disso, fechei minha mão sobre a dela enquanto ela agarrava a escova e pressionava atrás dela.

— Eu vou te mostrar o que fazer, — disse. — Seu irmão inútil e seus cavaleiros têm o pessoal do estábulo para cuidar de seus cavalos. Nós fazemos as coisas de maneira diferente.

— Nós? — Ela perguntou, olhando por cima do ombro para mim.

Eu bufei uma risada. — Nós. Até eu conseguir me livrar de você, vamos fazer as coisas da maneira certa.

Enquanto mostrava a ela como se aproximar com segurança do cavalo e como escová-lo, sua mão estava na minha. Seus ossos eram tão finos que ela me fez sentir um monstro em comparação. Sua bunda roçou meu pau, que endureceu instantaneamente, e dei um passo para trás para que ela não me sentisse contra ela.

Deixei minha mão cair, observando seus músculos delicados ondularem enquanto ela escovava o cavalo em passadas longas e seguras. Meu pau latejava enquanto pressionava contra minhas calças,

como se apenas observá-la fosse me fazer explodir.

— É uma questão de orgulho para todos os graduados da academia cuidar eles próprios de seus cavalos. Nossos cavalos de guerra iriam para o inferno e voltariam por nós, poderíamos selá-los e sujar suas baias nós mesmos, — disse.

— Até príncipes?

— *Até princesas.*

— Eu fui para a academia com você e Azrael? — Ela franziu a testa com o pensamento.

Balancei a cabeça impacientemente. Eu também não queria discutir isso, então mudei de assunto.

— Devíamos comprar um cavalo de verdade para você em vez de um desses pôneis, para que possa acompanhar quando cavalgarmos, — disse a ela, então percebi que o ato de conseguir um cavalo como o nosso seria um compromisso para o qual ela não estava pronta.

Ela se virou para mim com os olhos arregalados.

Deus, ela estava linda quando olhou para mim, dando-me todo o peso de sua atenção. Seus olhos eram grandes e luminosos. Seu corpo mortal curvilíneo e pesado era desconhecido, mas estranhamente de dar água na boca.

Mas foi a maneira como ela lutou pelos humanos que vimos que fez uma parte estúpida de mim doer para protegê-la. Antes que soubéssemos, ela teria suas memórias de volta. Ela pode matar Faer e assumir o trono, mas ao contrário do que meu irmão tolo pensava, ela nunca seria uma governante melhor do que ele. Ele era estúpido e mau; ela era brilhante e cruel.

Talvez ela não fosse aquela mulher agora, aquela com rosto de

anjo e mente de demônio. Mas ela encontraria aquela velha Alisa novamente, bem no fundo.

Ela seria muito mais destrutiva do que Faer, se isso lhe conviesse. Alisa faz o que deseja, não importando o que custasse.

— Qual é o nome do seu cavalo? — Ela perguntou, tirando-me dos meus próprios pensamentos.

Eu balancei minha cabeça. — Nós não nomeamos nossos cavalos.

Ela ergueu uma sobrancelha. — Então eu ouvi. Isso não torna confuso falar sobre eles?

— Eles não são animais de estimação, — disse.

— Você é um monte de merda, — disse ela. — Eu não acredito em você.

— Eles são animais de guerra.

— Eles merecem nomes. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — E quanto aos seus cachorros?

— Minhas feras? — Toquei as tatuagens em meu peito distraidamente, como se elas me sentissem falando sobre elas. — Não. Não são animais de estimação também.

Ela me olhou com curiosidade, como se tivesse percebido o movimento.

Antes que ela pudesse bisbilhotar, disse a ela: — Vá encontrar Azrael. Ele tem a próxima rodada de ensinar como não ser inútil.

— Eu gostaria de ver você se adaptar ao meu mundo tão rapidamente quanto eu estou me adaptando ao seu, — ela respondeu.

— Este é o seu mundo, — disse.

Algo triste surgiu em seu rosto. — Talvez algum dia.

Quando ela parecia tão incerta, tão *vulnerável*, meu próprio corpo

respondeu. Quase estendi a mão para ela. Então, no segundo após aquele impulso, a raiva explodiu em meu peito.

Virei as costas e a deixei atrás de mim, saindo dos estábulos e indo para o sol forte do pátio. As espadas se chocavam contra espadas e escudos enquanto uma dúzia de cavaleiros treinava, junto com o próprio príncipe.

Faer se interrompeu no meio do golpe e se aproximou de mim, deixando seu oponente sozinho.

— Então, como ela estava? — Faer me perguntou. O suor gotejava ao longo de seu couro cabeludo e, enquanto conversávamos, um servo humano apareceu com a cabeça baixa, oferecendo-lhe uma bandeja com uma tigela de água fria e uma toalha. Ele jogou água no rosto e enxugou-o com a toalha.

— Desleixada. — Eu cruzei meus braços, encostado na grade de madeira que cercava o fosso de luta.

Nem sabia porque menti. Foi uma decisão tomada antes que o pensamento consciente o alcançasse. Tanto faz, isso daria a ela uma chance melhor de sobreviver a Faer e Raile, e não me custava nada. Eu queria que eles sofressem também; deixe que todos eles se tornem miseráveis. — Ela aprendeu algumas coisas no mundo humano, mas não o suficiente para substituir tudo o que ela esqueceu.

Ele assentiu. — Ela vai precisar de vocês três para protegê-la, então. — Por um segundo, ele soou como se realmente se importasse com o que acontecia com ela.

— Sim, — disse. — Eu suponho que sim.

— Como é vê-la de novo? — Faer perguntou curiosamente.

— Não é nada, — disse simplesmente. — Ela não importa para mim.

— Então não vai te incomodar ver Raile levá-la. — Ele a observou com olhos brilhantes e curiosos enquanto ela se movia à distância, indo para o palácio.

Dei de ombros. Faer não se importava com meus sentimentos mais do que eu me importava em discuti-los. Ele estava pedindo para sua própria diversão.

Ela quase alcançou o palácio quando Azrael e Tiron emergiram. Azrael tocou seu braço enquanto falava com ela.

Ela parecia estar fervendo de raiva na noite passada depois que conheceu Raile, mas por algum motivo, ela parecia tê-lo perdoado um pouco hoje. Ela não deu um soco na cara dele, não importa se ele merecia. Meu peito apertou enquanto os observava juntos.

— Ele ainda se importa com ela? — Faer perguntou, seu tom leve, embora não houvesse nada leve sobre a pergunta.

— Não importa, — disse. — Ele fará o seu trabalho.

— Não tenho dúvidas disso, — disse Faer.

Grunhi e me movi em direção a eles, deixando Faer para trás. Ele assobiou para um dos escudeiros e seus pés pisaram no cascalho enquanto ele se movia para praticar com outro. Me perguntei se eles foram atingidos pelo terror para atacar o rei ou se eles eram bons oponentes para melhorar suas habilidades, e me perguntei qual Faer preferia.

Quando os alcancei, Azrael disse: — Ótimo. Nós quatro vamos a Delphin para ver se ela pode restaurar as memórias de Alisa.

— Ela não está pronta para a Delphin, — zombei. — Ela vai comer Alisa viva.

— Literalmente? — Alisa perguntou, cruzando os braços.

Nenhum de nós se preocupou em responder a ela. Levei um

segundo para perceber que ela falava sério, e então Tiron estava sussurrando para ela que a Delphin era apenas rabugenta, não mortal.

— Assim como Duncan, — ele a assegurou.

— É claro que ela não sabe nada sobre a Delphin, — disse a Azrael. — Esta é uma má ideia.

— Vou ensiná-la ao longo do caminho, — prometeu Azrael.

Eu grunhi novamente. — Dando aulas de princesa. Que trabalho perfeito para você.

Pelo menos eu fui designado para testar suas habilidades e ter certeza de que ela ainda poderia se defender, já que a realeza do verão era bastante propensa a tentativas de assassinato, por um bom motivo. E, no entanto, eu tinha que admitir que, por mais que eu pudesse brincar sobre querê-la morta, o pensamento de alguém tentando matá-la despertou uma raiva que apertou meus punhos.

Mas não me importava que ela se machucasse um pouco, pelo menos no ringue, e especialmente se fosse eu quem causasse a dor.

Foi uma longa cavalgada até Delphin e, ao longo do caminho, encontramos um bando de trepadeiras, animais que se agarravam aos galhos e caíam para atacar suas presas.

— Hora de mover. — Azrael estendeu a mão e bateu no cavalo de Alisa em seus quartos traseiros, fazendo-o galopar. — Vá com ela! — Ele latiu para Tiron.

Os cavalos de Tiron e Alisa dispararam em direção à floresta enquanto as trepadeiras corriam por entre as árvores acima, tagarelando de excitação. As folhas caíram de cima para baixo.

Nós quatro corremos em alta velocidade, tentando sair de debaixo da cobertura do dossel que se espalhava. Minha espinha formigou com a possibilidade de um rastejador saltar sobre mim.

— Abram o terreno! — Gritei para Tiron e Alisa. — Fora da cobertura das árvores! Eles não serão capazes de nos surpreender lá.

Tiron empurrou seu cavalo para a esquerda e Alisa hesitou. Só por um segundo. Então ela decidiu seguir Tiron.

Seu cavalo saltou para a esquerda e tentou saltar sobre o mesmo galho caído do cavalo de Tiron, mas o tempo estava errado. Seu cavalo tropeçou, mas se controlou.

Uma trepadeira caiu da floresta sobre os dois, um corpo peludo que brilhou com dentes e presas quando bateu nos ombros de Alisa.

Ela gritou, de alguma forma ficando em seu cavalo enquanto o animal aterrorizado corria fora de controle, sem mente pela floresta, completamente descuidado com seu cavaleiro.

— Jogue-se fora! — Gritei. Ela ficaria machucada com essa velocidade, mas nos daria a chance de matar a trepadeira que se agarrava a seus ombros, apesar de seus melhores esforços para se livrar dela. Ela alcançou sua espada, mas ela ainda estava usando seu maldito arnês de espada, aquele com o qual ela se sentia confortável, e não conseguia alcançar o punho com a trepadeira rosnando e mordendo sua garganta.

— Pelos deuses, Alisa, ouça! — Gritei com ela, o medo crescendo em meu peito.

Vislumbrei a luz do sol através da escuridão das árvores, então percebi que ela ainda estava se dirigindo para a clareira à frente. Ela não queria parar até chegar ao céu aberto, onde teríamos uma chance melhor de lutar contra as trepadeiras. O resto da matilha não viria em resgate de seu companheiro se estivéssemos no sol.

A trepadeira cravou os dentes em seu ombro e ela gritou, ainda tentando guiar o cavalo. Então ela e o cavalo saíram ao sol. Seus pés

saíram dos estribos, então ela se jogou para o lado, lançando-se do cavalo.

Eu desci do meu cavalo e fui para o lado dela em segundos. Tiron e Azrael desmontaram com a mesma rapidez, seus pés batendo no chão.

Agarrei o pelo da trepadeira na parte de trás de seu pescoço, cortando minha lâmina em seu pescoço. Ela gritou novamente quando os dentes se afundaram ainda mais antes que a coisa relaxasse e morresse.

Seu cavalo já estava disparando, através da floresta, voltando para casa. Eu assisti ele ir, certo de que o cavalo, pelo menos, chegaria em casa com segurança. Os cavalos Feéricos conheciam bem os perigos da floresta e sabiam como escapar da maioria deles. Eles eram mais espertos do que nossa princesa.

Olhei para o rosto feio da criatura que acabei de matar, manchado com o sangue de Alisa. Meu coração ainda estava acelerado. Como se eu tivesse medo por ela.

A maldita garota não deu ouvidos. Estava com minha espada pronta, olhando para as árvores que nos cercavam. Havia olhos amarelos nas árvores, brilhando nas sombras, mas eles não ousaram nos atacar aqui.

Peguei o corpo peludo e joguei na direção deles.

— Tenham seu amigo de volta.

O cadáver caiu na vegetação rasteira. Depois de alguns longos segundos, ouvi uma vibração quando um necrófago caiu sobre a trepadeira e a arrastou para longe.

Me virei para Alisa, preocupado com o quão machucada ela estava, agora que o pior do perigo havia passado.

Ela estava no chão, sangue manchando sua garganta, ombro e cabelo. Tiron sentou-se ao lado dela, a mão em seu ombro como se pudesse emprestar-lhe forças para lidar com a dor. Azrael se ajoelhou ao lado dela, seu rosto calmo enquanto verificava suas feridas.

Eles não precisavam mais de mim.

Minha mandíbula enrijeceu.

— Ainda vamos ver Delphin? — Perguntei. — Ela perdeu o cavalo. Ela mal parece competente para ficar em um para começar.

Tiron me lançou um olhar de advertência que me fez querer estrangulá-lo. Ele era meu amigo, alguém de quem havia me tornado tão próximo nos últimos anos como se ele fosse meu irmão mais novo. Mas ele ficou do lado dela, e sem motivo. Ela não era leal a ele; ela nunca foi leal a ninguém.

— Sim, nós continuaremos, — Azrael disse decisivamente. — Não há razão para não o fazer. Mas ela precisa ir com alguém.

Os lábios de Tiron se separaram, e antes que ele pudesse ansiosamente oferecer seu cavalo a ela, eu rebati: — Ela pode cavalgar comigo.

Azrael me olhou com ceticismo.

— Eu sou o melhor cavaleiro de nós três, — disse.

— Discutível, — Azrael colocou.

— Eu posso ajudá-la a não cair do cavalo novamente.

Ela olhou para mim com uma carranca formando covinhas no espaço entre seus olhos azuis. — Você me disse para cair do cavalo.

— Você não ouviu. — Minha voz saiu quente.

— Eu ouvi. Simplesmente esperei por um momento oportuno. — Ela tentou levantar o braço para indicar o céu aberto acima de nós, mas estremeceu quando o fez, e algo retorceu dentro de mim ao vê-la

ferida.

— Quando eu der uma ordem, você pode segui-la, princesa. Não há necessidade de pensar por si mesmo quando você não sabe absolutamente nada sobre o nosso mundo. Suas tentativas patéticas não lhe servem muito.

— Duncan, — Azrael disse em advertência. — Tiron, remende ela. Então nós iremos embora novamente.

Eu olhei para ele significativamente.

Ele acrescentou: — Alisa vai cavalgar com Duncan.

Bom. Não se podia confiar em Tiron com aquela atrevida mais do que Azrael.

Eu salvaria meus amigos de si mesmos, se isso fosse possível.

Alisa sempre teve o dom de enlouquecer os homens.

Memórias de seu corpo contra o meu, seus lábios, me mexeram, e eu desviei o olhar para a floresta novamente, ignorando o som de Tiron cuidando de suas feridas, acariciando-a.

Se eles não conseguiam lembrar o que ela realmente era, eu não tinha certeza de como qualquer um deles sobreviveria a outra rodada com ela.

E eu não sobreviveria perdê-los novamente.

CAPÍTULO TRINTA E UM

ALISA

Eu subi no cavalo de Duncan primeiro, então ele deslizou atrás de mim.

— Pelo menos você é pequena o suficiente para que eu possa ver por cima da sua cabeça, — ele resmungou.

— Tão rabugento. E ainda assim, você me queria aqui em seu cavalo com você, — o lembrei enquanto ele passava o braço em volta da minha cintura levemente. Seu abdômen e peito duros pressionados contra minhas costas. Não havia como escapar; tínhamos que estar intimamente próximos agora.

Ele bufou. — Eu nem quero você no meu *mundo*.

Ele simplesmente não me queria perto de seus amigos. Eu vi os olhares que ele lançou em minha direção, como se sentisse ciúme quando eles estavam perto de mim. Era estranho, dado o quanto ele me odiava.

Nós quatro partimos novamente, movendo-nos rapidamente pela floresta.

— Meu cavalo ficará bem? — Perguntei enquanto galopávamos pela floresta.

Ele fez uma pausa. — Sim. Ele conhece o caminho de casa, e *ele* sabe como evitar problemas.

Seu tom implicava que eu não compartilhava do bom senso do cavalo.

Por alguns minutos, viajamos em silêncio. Sentei-me desconfortavelmente na frente dele, ciente de como ele desprezava meu corpo contra o dele. Minha coluna estava rígida, o que me fez pular desconfortavelmente na sela quando me inclinei para longe dele.

Sua voz era incrivelmente sexy, apesar de seu tom áspero, quando ele me perguntou: — Por que você trabalhava com animais no mundo mortal?

— Eles são mais fáceis do que pessoas. — Disse abruptamente, ainda muito chocada com o encontro com os rastejadores para manter minha guarda alta. — Você deve ser capaz de entender isso. Você não gosta de pessoas.

— É tão óbvio? — Ele perguntou secamente.

— Mas você gosta de algumas pessoas, — murmurei. — Azrael. Tiron.

— *Gostar* é um exagero, — corrigiu ele.

— Você os ama. — Eu não disse isso apenas para irritá-lo, embora tenha gostado disso. Era verdade.

Ele grunhiu. — Não é tarde demais para eu me virar e alimentar as trepadeiras com você, você sabe.

— Eu posso ver na maneira como você olha para eles. Você quer protegê-los. Cuidar deles. — Era muito difícil ficar longe dele. Inclinei um pouco do meu peso contra seu peito, relaxando em seu aperto.

Ele bufou uma risada. — Eles devem ser capazes de se cuidar. Se eles são tão inúteis, não vejo porque me importaria.

Revirei os olhos, mas desisti dessa linha de conversa. Por alguns minutos, não houve nenhum som, exceto os passos suaves dos cavalos no chão e o farfalhar dos galhos acima. Seu corpo contra o meu se

moveu como se fosse um com o cavalo, toda graça e força. Eu admirava a maneira como ele cavalgava, mesmo odiando tudo o mais sobre ele.

— Por que tudo é tão perigoso neste mundo? — Eu pensei. Estávamos viajando por um bosque que me lembrava salgueiros-chorões, suas longas gavinhas penduradas no chão cintilando em uma variedade de brancos e cinzas. Conforme o vento se movia através das gavinhas, uma música suave subia no ar, como se fossem sinos. — E, no entanto, é tudo tão lindo.

Ele grunhiu.

— Você não é um conversador muito bom, — disse.

— Talvez eu simplesmente não queira falar com você.

E ainda, enquanto nós dois cavalgávamos juntos, seus braços poderosos estavam enrolados firmemente em volta da minha cintura. Seu pau enrijeceu, roçando a curva da minha bunda. Eu escondi meu sorriso. Talvez ele não quisesse *falar* comigo.

Mas, aqui estávamos. Tive um público cativo para minhas perguntas.

— Você me disse para falar com Azrael, mas você tem sua própria história. Eu também fiz algo com você, — disse.

— Por que você não espera até ter suas memórias de volta, e então pode ter uma surpresa agradável?

Eu mordi meu lábio inferior. — Me desculpe se fiz algo que te machucou.

Ele congelou, apenas por um segundo, antes de zombar. — Você não pode se desculpar por algo de que não se lembra.

— Não pode ser? — Perguntei. — Eu obviamente fiz escolhas erradas. Machucar pessoas. Não me lembro de nada, e é difícil

acreditar que teria, mas... gostaria que você me contasse o que eu fiz. Caso contrário, não posso começar a compensar.

— Você não pode começar a compensar de qualquer maneira, — disse ele, seu tom plano e inflexível. Seu braço apertou minha cintura, como se seu corpo o denunciasse, não importa o que ele dissesse.

Foi a mesma maneira impensada que meu corpo respondeu a Azrael.

— Você me amou, — disse lentamente, compreendendo o que estava acontecendo. — Mas não estávamos juntos? Não era como Azrael e eu éramos?

Seu corpo ficou rígido. *Bingo.*

Então ele rosnou em meu ouvido: — Cale a boca.

— Deixe-me ficar com ela um pouco, — disse Azrael. — Eu preciso explicar a ela sobre Delphin.

Duncan estava tão ansioso para me manter longe de Azrael antes, mas agora parecia que ele não poderia me entregar rápido o suficiente.

Ele nem mesmo negou que me amava antes.

Azrael passou o resto da viagem me contando sobre o protocolo real que eu precisava saber, sobre como seria encontrar Delphin e o que ela esperava de mim, mas não consegui impedir minha mente de divagar.

Meu olhar continuava voltando para Duncan enquanto ele cavalgava à nossa frente, sua coluna reta como uma espada, seus ombros largos e comandantes.

Quando me inclinei para trás nas mãos de Azrael, descansando minha cabeça em seu ombro, ele sorriu levemente como se estivesse surpreso, mas não disse nada.

E quando ele me pegou olhando para Duncan, ele não disse nada então. Ele continuou me dizendo o que achava que eu precisava saber.

Mas eu tinha minhas próprias perguntas.

Passamos por um castelo de pedra sinistro em uma colina.

— Quem mora ali? — Perguntei.

— As Irmãs de Armas, — Azrael respondeu. — Isso costumava ser um convento quando eles mandavam mulheres malcomportadas para o convento. Antes que nosso mundo se dividisse em seus diferentes fragmentos: Dirtsides e Avalon e o Grayworld e os outros.

— O que eles fazem com as mulheres que se comportam mal agora? — Perguntei.

Os lábios de Azrael torceram-se, mas o que quer que ele estivesse pensando, ele manteve seu próprio conselho. — Agora os conventos abrigam as Irmãs de Armas. Crianças órfãs, mulheres carentes. Elas treinam como guerreiros e servem como uma última linha de defesa quando os monstros dos rasgos chegam muito perto de casa.

Duncan bufou. — Como se os monstros não viessem muitas vezes *de* casa.

Azrael suspirou fracamente. — Chega de suas superstições.

— Os monstros da corte de verão não são superstições, não importa o quanto você deseje.

— A corte de verão tem monstros? — Exigi.

— A corte de verão tem *histórias*, — Azrael corrigiu. Seu corpo duro contra o meu estava me distraindo. — De qualquer forma, esta

Delphin é uma vidente que cresceu nesta fortaleza desde muito jovem.

Duncan bufou.

— Agora você está trazendo histórias infantis para tentar atormentar Alisa, — Azrael o repreendeu. — Trazendo à tona criaturas de pesadelo como o Homem das Sombras.

— Há mais de uma Delphin?

— Não o suficiente, — Duncan murmurou.

— Sim, — disse Azrael, ignorando seu irmão, embora eu não pudesse fazer o mesmo.

Eu continuei encontrando meu olhar atraído para o cavaleiro mal-humorado.

Azrael continuou, — Delphin podem ver o futuro, ou pelo menos, elas têm vislumbres dele. Elas protegem as Irmãs, avisando-as quando os monstros se aproximam.

— Delphin tem incríveis dons de magia, — disse Tiron. — Se alguém pode restaurar suas memórias, tenho certeza que a Delphin pode.

Se alguém puder. Ele pretendia ser encorajador, mas essas palavras o atingiram profundamente. E se ninguém pudesse?

Azrael puxou seu cavalo. Eu olhei para ele, me perguntando o porquê, e ele empurrou sua mandíbula em direção a um caminho de cascalho que se estendia para a floresta. As rochas quase pareciam brilhar, apesar da escuridão da floresta.

— Você precisará ir sozinha a partir daqui, — disse Azrael. — A Delphin não verá ninguém de fora da Irmandade, a menos que vá sozinho.

— Essa é uma regra assustadora — disse.

Eu mal tinha descido do cavalo quando Duncan levantou a mão

em um movimento de enxotar. — Pode ir. Seja corajosa.

Tiron se inclinou para ele e disse, em um sussurro conspiratório: — Se ela cortar sua cabeça, ou qualquer outra parte, eu não terei pena de você.

Encarei o caminho. As árvores pareciam emaranhadas acima do caminho, os galhos entrelaçados como se estivessem se abraçando, ou estrangulando uns aos outros.

Quando olhei por cima do ombro para Azrael, ele me deu um aceno encorajador.

— Por que ela está hesitando? — Duncan cobriu a boca com a mão e sussurrou para Azrael. — Você acha que ela perdeu a coragem?

Duncan se inclinou perto o suficiente de Azrael para trazê-lo a uma distância de soco, e mais uma vez, Azrael estendeu a mão e bateu com o punho no peito de Duncan. Duncan soltou uma tosse que se transformou em uma risada enquanto me observava, aqueles olhos azuis brilhantes e perversos.

Joguei meu cabelo sobre os ombros e descí o caminho, mais irritada do que estava nervosa agora. Meus pés pisaram na rocha solta e, quanto mais fundo eu ia, mais parecia que estava caminhando para a escuridão. O ar ficou mais sombrio e estranhamente frio. Minha pele formigou.

Então cheguei ao fim e saí para a luz do sol. Eu estava em uma clareira, fortemente cercada por árvores como se elas formassem uma cerca, e no centro dela havia uma pequena casa. Na frente da casa, uma mulher cercada por cães pegou uma chaleira de prata de cima de uma fogueira bruxuleante.

— Entre, Alisa, — ela disse, olhando para mim. Seus olhos enrugaram nos cantos e todas as outras rugas em seu rosto pareceram

ondular com o movimento. — Diga oi para meus animais de estimação e tome um pouco de chá.

— Oi, — disse cautelosamente. Ajoelhei-me para não ser uma grande ameaça e estendi as costas das minhas mãos para os cães cheirarem enquanto corriam em minha direção. Então fui cercada por meia dúzia de enormes cães bronzeados, todos me farejando ansiosamente. Um deles me derrubou de bunda e eu ri. Eles estavam ofegantes e amigáveis, e comecei a esfregar suas cabeças e acariciar seus corpos compridos. Um deles caiu, oferecendo-me sua barriga, contorcendo a cabeça no meu colo.

— Eles gostam de você, — ela disse.

— Aposto que eles gostam de todos, — disse. Sussurrei para um, acariciando suas orelhas: — Não é? Você não é um bom cãozinho?

— Oh, nem todos, — a Delphin disse misteriosamente. Ela carregou duas xícaras de chá e afundou de pernas cruzadas na grama, me oferecendo uma xícara. Ela parecia tão ágil quanto uma jovem, embora parecesse muito, muito velha.

— Obrigada, — disse, aceitando a xícara de chá.

— Por que você está aqui? — Ela perguntou.

— Bem, já que você sabe meu nome, tenho certeza de que não é nenhuma surpresa que estou procurando respostas.

— Quero ouvir isso de você, — disse ela. — Às vezes, o que você quer e o que você *acredita* que deseja são duas coisas muito diferentes.

— Eu quero minhas memórias de volta, — disse. — Parece que alguém usou algum tipo de encantamento para roubar minhas memórias.

Ela assentiu pensativa antes de tomar um gole de chá. — Que tipo de monstro roubaria as memórias de uma pessoa? Elas fazem

parte da nossa identidade.

— Sim. — Eu bufei um suspiro. — Você sabe quem era? Ou você pode olhar para trás e ver?

Ela balançou a cabeça. — Eu não tenho um feitiço para devolver suas memórias para você. E tenho uma noção do *futuro*, não do passado. Só posso ver o que está por vir para as pessoas que conheci. Posso prever o que acontecerá com as Irmãs, porque conheço todas elas.

Eu fiz uma careta. — Então como você sabia meu nome?

— Eu vi que uma de minhas irmãs iria encontrar uma princesa Feérica e que problemas seguiriam para onde a realeza fosse, como geralmente acontece.

— Oh.

— Se houver outra Delphin que você conheceu antes de perder suas memórias, ela pode ter visto algo em seu futuro que ela pode dizer a você,— disse ela. — Ou ela não pode.

Excelente.

Ela se aproximou e agarrou minha mão confortavelmente. — Se você realmente quer respostas, terá que viajar para as Cavernas Amaldiçoadas.

— Isso não parece nada convidativo, — respondi. — As Cavernas Amaldiçoadas realmente precisam trabalhar em seu marketing.

Ela sorriu fracamente. — Nas Cavernas Amaldiçoadas, quaisquer encantamentos que você carregue ganham vida. Você poderá ver quem quer que seja o seu inimigo.

— E depois? — Perguntei.

— Depois de entender o que aconteceu, você pode recuperar

suas memórias, — disse ela. — Se você desejar. Algumas pessoas acham que seu passado é superestimado.

Eu bufei. — O meu pode muito bem ser, mas não posso suportar não saber. — Pior de tudo, eu não conseguiria compensar nada que pudesse ter feito.

— Então, espero que você seja forte o suficiente para suportar a verdade, — disse ela. Ela ergueu a xícara. — Beba, Alisa.

Beber chá e acariciar cães sempre me confortou, mas ainda não sabia como me encontrar novamente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Outra noite, outra festa insuportável.

Nikia estava me ajudando com meu vestido quando houve uma batida forte na porta. Nós duas trocamos um olhar, então ela foi até a porta da frente.

Azrael a olhou fixamente, algo escuro e feroz em seus olhos. Em vez de sua voz quente e sexy de costume, ele rosnou: — Saia.

— Com licença, — Nikia começou, então soltou um guincho.

Agarrei o corpete do meu vestido e corri para a porta para ver Azrael segurando seu cotovelo com firmeza enquanto a empurrava para fora da porta. Ele fechou a porta com força e ficou ali de frente para ela, com a coluna reta como uma espada. Não tive que ver seu rosto; eu podia imaginar a tensão em sua mandíbula quando ele irradiava esse tipo de fúria.

— O que você está fazendo? — Exigi. — Eu pensei que você disse que *eu* apavorava os criados. Você está tentando lutar comigo pelo meu lugar como vadia chefe por aqui?

Ele se virou para mim, cruzando as mãos atrás das costas. Azrael era alto e dominante, quase intimidador, quando seus olhos escuros brilharam de fúria.

Mas ele falou em tom calmo e controlado quando disse: — Tiron a ouviu fazendo um relatório para Eilick, o capitão da guarda de Faer. Acreditamos que ela está se reportando a ele ao longo deste tempo.

Um arrepio percorreu minha espinha. Odiava a ideia de ser espionada.

— Tudo bem, — disse casualmente. — Acho que você

conquistou a posição de minha empregada.

— Acho que não.

Eu cruzei o chão até ele lentamente, levantando minhas mãos do corpete do meu vestido. A tensão em seu rosto mudou, a raiva em seus olhos mudando para calor, enquanto o vestido sem alças lentamente deslizava pelo meu corpo, expondo meus seios humanos redondos, meu estômago, a largura dos meus quadris.

Tinha ouvido murmúrios de outro feérico no salão de baile sobre como os mortais eram feios, mas ele me olhava com nada além de desejo.

Então seu olhar varreu meu rosto. — Você está orgulhosa desta pequena exibição?

— Eu estou, na verdade, — disse. — Como você pode ver, sem ajuda, vou acabar pelada na corte, e isso será estranho para todos.

— Você é um demônio com uma coroa, — ele resmungou.

Entendi que isso significava que ganhei e sorri ao me virar. Tive um estranho prazer em dobrar Azrael à minha vontade, por menor que fosse a vitória.

Me sentia inquieta e estúpida desde a longa e silenciosa viagem de volta da Delphin, e irritá-lo era reconfortante.

Quando ele entrou logo atrás de mim, respirei o cheiro que era distintamente Azrael, picante e quente. Ele cheirava a casa e isso fez minha respiração engasgar no meu peito, mesmo antes de ele se ajoelhar atrás de mim. Ele estava tão perto que eu podia sentir sua respiração contra minhas costas e mordi meu lábio. Graças a Deus ele não conseguiu ver minha reação.

Suas mãos agarraram o material do meu vestido e ele se levantou lentamente, puxando-o pelo meu corpo. Eu não tinha certeza

se ele estava me provocando deliberadamente, mas agora eu sabia, porque suas mãos traçaram junto com a seda, subindo pelas minhas panturrilhas, pelas minhas coxas, pelos meus quadris.

— Nikia é um pouco mais eficiente do que você. — Minha voz saiu fria. Isso foi um alívio, porque quando suas mãos roçaram minha pele, o calor formigou em seu rastro.

— Deve ser porque ela tem mais prática. — Sua voz estava intimamente perto do meu ouvido, me lembrando de como ele murmurava em meu ouvido nessas malditas festas, me preservando da humilhação o melhor que podia.

Eu levantei meus braços enquanto ele erguia o vestido sobre meu peito. Suas mãos permaneceram lá, logo abaixo dos meus braços, as pontas dos dedos descansando tão perto dos meus seios que eu me perguntei como seria se ele me acariciasse.

Eu tinha feito sexo na terra, me perguntando se isso despertaria os sentimentos que eu não parecia ter. Todas as minhas tentativas de explorar o sexo foram desastrosas. Agora, o toque mais leve de Azrael fez mais para despertar o desejo do que qualquer homem ansioso com o rosto entre as minhas coxas.

Ele alcançou as cordas do meu espartilho e começou a apertá-las. Era estranho pensar que ele se sentia tão confortável me vestindo quanto minha empregada; quantas vezes ele tinha feito isso por mim antes? Ele disse que eu não queria me casar com ele, mas o ato de deixar um homem me vestir parecia tão íntimo e vulnerável.

Eu não conseguia imaginar a velha Alisa sem imaginar como ela o amava.

— Você vai precisar de ajuda com seu banho mais tarde? — Sua voz era um ronronar em meu ouvido.

— Eu aviso você. — Inclinei minha cabeça para o lado. — Onde vocês dormem?

— Por quê? Você quer vir nos atormentar durante a noite também?

Vindo de Duncan, eu teria certeza de que essas palavras eram farpadas. Mas Azrael parecia que poderia muito bem se sentir atormentado agora, tocando-me sem ceder aos seus próprios desejos.

Mordi meu lábio, certa de que eram *meus* desejos também. Ele puxou o espartilho com força suficiente para que eu balançasse para frente e para trás a cada puxão.

Se fosse qualquer um que não fosse Azrael, ou Duncan, teria me virado para ele e pressionado meus lábios nos dele. Eu não teria me impedido de fazer o que queria.

E eu não podia negar mais que queria Azrael.

Mas nosso passado mudou tudo. Até que me lembre, eu não sabia o que significaria para ele se eu o beijasse.

Suas pontas dos dedos roçaram minhas costas enquanto ele amarrava o espartilho em um laço no topo.

— Não sei quando vou precisar do meu servo. — Afastei-me dele rapidamente como se seu toque me picasse, embora a verdade fosse perigosamente oposta.

Ele olhou para mim com intensidade silenciosa, parecendo ridiculamente bonito até mesmo com aquela túnica simples.

— Por que você não se veste como um príncipe? — Perguntei. Se Duncan era um príncipe, Azrael também deveria ser.

Seu rosto se fechou. — Não temos tempo nem para começar essa discussão.

— Então podemos discutir isso esta noite quando você me

despir, — disse, uma provocação, quase rouca, em minha voz.

— Acho que não.

Seu tom era áspero, apagando instantaneamente o fogo que comecei a sentir por ele.

— Azrael. — Eu fiz uma careta para ele. — É seu dever me explicar como as coisas funcionam por aqui, não é?

Seus lábios se curvaram em um canto. — Isso não significa que eu mesmo esteja em dívida com você, princesa.

— Estou apenas pedindo sua história.

— E eu só estou dizendo não.

Nós dois nos encaramos por vários segundos.

— Você sabe que eventualmente vou ganhar, — disse a ele.

Ele se aproximou de mim, tão intimamente perto que pude sentir o cheiro de seu corpo. Ele olhou para mim, seu olhar fixo no meu. Estava tão perto que parecia que ele deveria me beijar.

Olhos roxos brilharam para mim. Mas sua voz era suave quando avisou: — Quando você e eu jogamos, princesa, ninguém ganha.

Olhei para ele exasperada por um segundo, depois me virei e fui procurar meus sapatos. Talvez tenha sido porque eu sonhei acordada em beijá-lo um pouco antes de ele colocar outra destas farpas, mas de repente fiquei furiosa. Eu encontrei um par de sapatos prateados delicados e me virei para encará-lo, sacudindo o sapato para ele do outro lado da sala.

— Você é ridículo, sabia disso? Todas as suas pequenas frases. Você já pensou como é para mim? Estar aqui sem minhas memórias? Já ocorreu a você andar no meu... — algo ferveu dentro de mim e joguei um sapato nele. — Nos meus malditos sapatos!

O sapato ricocheteou em seu peito e ele deu um passo à frente, a

raiva brilhando em seus olhos.

— Sinto muito, — disse, como se não tivesse a intenção de bater nele. Então eu joguei o segundo sapato. — Minha pontaria é terrível!

Seu braço brilhou, derrubando o sapato no ar, antes que pudesse acertá-lo no rosto. Ele olhou para mim, aqueles olhos escuros intensos no meu rosto.

Lamentei meu comportamento ridículo assim que acabou. Teria me arrependido ainda mais se eu realmente tivesse batido na cara dele.

Este maldito lugar estava me deixando maluca, e meus sentimentos por Azrael não estavam ajudando. Eu cruzei meus braços sobre meu peito e olhei para longe, em algum lugar acima de sua cabeça.

Calmamente, Azrael pegou meus sapatos do chão. Não olhei para ele enquanto ele caminhava em minha direção, seus movimentos lentos e predatórios.

Ele deu um passo bem na minha frente, tão perto que meus olhos estavam no nível de seu peito.

— Era uma vez, eu teria batido em sua bunda real mimada por tentar me machucar, princesa, — ele murmurou.

Como se meu corpo se lembrasse dele, meu núcleo se agarrou à ameaça e àquela voz baixa e sedutora.

Seria bom se eu pudesse me *lembrar* da relação em que ele e eu uma vez jogamos esse tipo de jogo. Meu corpo parecia tenso como um arco, esperando que ele me tocasse. Eu não sabia como, se ele seria áspero ou sensível, mas não importava muito. Eu ansiava por suas mãos em meu corpo.

De repente, ele caiu de joelhos. Aqueles ombros largos curvados

diante de mim, sua cabeça intimamente perto de minhas coxas.

Mas tudo o que ele fez foi levantar meu pé e calçar delicadamente um sapato. Eu coloquei meu pé no chão, a fúria passando por mim tão intensa quanto a dele um momento antes.

— Eu não preciso que você me vista como uma criança, — disse, mas ele já estava agarrando meu pé. Lutei para me afastar, mas embora seus dedos fossem gentis na minha pele, suas mãos eram de aço. Eu cambaleei, prestes a cair, e quase tive que estender a mão para agarrar seus ombros para me equilibrar.

Eu parei então, puxando-me para toda a minha altura, e o deixei colocar o maldito sapato no meu pé.

Ele se levantou na minha frente novamente. Houve uma centelha de desafio em seus olhos quando disse: — Mas agora pretendo ser um bom servo.

O encarei, sentindo a raiva como um punho pressionando meu peito. Eu não deveria dar a mínima para o que ele pensava, mal o conhecia, ele não deveria ser nada para mim, mas ele poderia me machucar, de alguma forma.

— Eu te odeio, — eu o avisei.

Mas eu me odiava mais, por deixá-lo me machucar.

— Se ao menos fosse tão simples, — ele me assegurou. Ele moveu o braço em direção à porta. — Bem, Majestade?

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Eles convocaram uma formação no meio de um dia, quando deveríamos almoçar. Isso sempre foi um grande negócio, e quando vi Alisa no meio da multidão correndo para se juntar ao grupo, agarrei sua manga.

— O que você fez agora? — Brinquei, antes de realmente ver o olhar pálido e tenso em seu rosto.

Ela *tinha* feito algo.

Eu a puxei para perto para sussurrar em seu ouvido: — Se houver alguma chance de você se safar, é melhor você limpar esse olhar do seu rosto. Você parece tão culpada quanto o próprio pecado.

Ela acenou com a cabeça. Gostaria de ter tempo para conversar com ela sobre o que estava acontecendo, mas o alarme soava incessantemente, tornando quase impossível falarmos um com o outro. Ela já estava reorganizando seu rosto, porém, escrevendo sua expressão blasé usual nele.

— Foi por uma boa causa, — ela disse suavemente. — Inevitável. Eu não quero que você pense que eu sou estúpida.

Eu nunca pensaria isso. Mas ela já estava concorrendo à assembleia do primeiro ano e eu me juntei aos outros veteranos.

Galic estava sorrindo, o idiota. Eu tinha certeza de que ele estava conectado de alguma forma.

O toque incessante do gongo havia nos deixado nervosos, antes mesmo de Vail se apresentar diante de todos nós. A expressão em seu rosto era sombria de decepção. Sempre soube que Vail era severo, mas justo.

— Alguém roubou do meu escritório, — disse ele, com a voz pesada. — Os cavaleiros esta manhã trouxeram a correspondência da cidade, mas toda a minha correspondência parece ter desaparecido. Espero que o culpado dê um passo à frente.

Olhei com o canto do olho, mas ninguém se mexeu na multidão. Eu não conseguia me imaginar caminhando para a frente da assembleia, passando por todos esses alunos em posição de sentido, para enfrentar Vail publicamente. O pensamento de Alisa caminhando para frente fez meu peito apertar.

— Eu sei quem foi. — A voz de Galic quebrou o silêncio. Ele cortou os olhos em minha direção, seu olhar malévolo, enquanto se aproximava da multidão. — Eu vi Faer sair do escritório e o segui.

— E depois? — Vail exigiu, sua voz gelada.

Eu não conseguia ver Alisa daqui. Ela era mais baixa do que a maioria dos outros primeiros anos, então ela se misturou à multidão. Duncan estava lá na frente, entretanto, de cabeça e ombros acima do resto dos Feéricos. Ele olhou furioso para Galic, seus olhos se estreitaram de ódio. Eu não tinha percebido que ele e “Faer” haviam se tornado amigos.

— E então ele os queimou! — Galic deu essa notícia maldita como se fosse deliciosa em sua boca.

— Ocorreu a você pará-lo? — Vail perguntou friamente.

Parte da exuberância de Galic sumiu.

— Faer, venha aqui, por favor. — A voz fria de Vail era

assustadora.

Alisa saiu da multidão e se aproximou para encará-lo. Galic tinha aquele sorriso maldito estampado em seu rosto novamente, o que me fez querer forçá-lo a engolir todos os dentes que ele tinha em exibição.

Vail e Alisa falaram baixinho. Eu não conseguia ver o que ele disse a ela, ou o que ela disse. Conhecendo Alisa, ela tinha algum giro, alguma história.

Mas ela deve ter confessado *alguma coisa*. Porque ele olhou para a multidão e disse: — Muito bem. Cuidaremos disso imediatamente.

Meu coração parou no meu peito quando Vail acenou para dois dos instrutores da academia, que agarrou os braços de Alisa. As flagelações eram raras na academia, mas quando aconteciam, alguns alunos tentavam correr. Mas não Alisa. Ela foi com eles calmamente, a cabeça erguida.

Mas seus olhos encontraram os meus, apenas por um segundo, à distância. Um sorriso triste surgiu em seus lábios.

Ela estava prestes a ser descoberta. Talvez eles não a chicoteassem quando descobrissem quem ela era, esse pensamento gerou alívio para mim, mas ela certamente seria escoltada de volta ao castelo de Herrick. Ou talvez eles a tivessem espancado até deixá-la sem sentido pela brincadeira que ela pregou em todos eles, fazendo a academia só de homens parecer um bando de tolos.

Vail murmurou uma palavra, e as árvores que o cercavam abriram seus galhos, abrindo-se para prendê-la ao tronco.

— Pare, — chamei, empurrando meus colegas estudantes. Duncan ficou boquiaberto comigo na frente dos alunos do primeiro ano.

Vail se virou, o choque estampado em seu rosto. Sempre fui um aluno modelo.

E eu seria um agora também.

— De acordo com a regra trinta e sete em nosso guia, Faer é minha responsabilidade como meu júnior, — disse. — Os erros dele também são minha culpa, e corrigi-lo depende de mim.

Vail olhou para mim, diversão entrando em seus olhos cinzentos e frios.

— Sempre tão estudioso, Azrael. Mas a regra setenta e nove permite que os instrutores selecionem suas próprias punições para os alunos que reprovam de maneiras particularmente espetaculares.

Alisa encolheu os ombros, como se pelo menos estivesse *espetacularmente* em apuros. Isso me fez querer sacudi-la quando eu estava todo tenso, mas eu estava comprometido agora.

— É verdade, mas acho que está no parágrafo D da regra trinta e sete que qualquer aluno pode receber a punição de outro aluno, — disse. — Então eu recupero meu direito de bater em Faer sem piedade em mim mesmo.

Fixei Alisa com um sorriso frio. Esta peça pode funcionar apenas porque Faer e eu estávamos obviamente em conflito ao longo deste ano. E porque eu era notoriamente orgulhoso e *insuportável*, como Alisa tão gentilmente disse.

Vail suspirou enquanto olhava para nós.

— Eu nunca vou entender a realeza. Mas muito bem. Se você insiste.

Ele recuou, estendendo o braço com um meio arco em direção à árvore.

Para Faer, ele disse: — Você pode ficar por perto e assistir.

— Não, — Alisa começou.

Agarrei seu ombro e me inclinei, deixando meu temperamento explodir na frente do público. Eu deixei minhas palavras chegarem a eles. — Pela primeira vez em sua vida, Faer, tente prestar atenção. Aprender alguma coisa.

Com nossos rostos próximos, de costas para Vail e nossos colegas estudantes, eu poderia piscar para ela. Esta era a única maneira de manter seu segredo seguro. Eu faria qualquer coisa por ela e esperava que ela realmente aprendesse que poderia confiar no meu amor.

Sabia que ela entendia o que eu estava fazendo. Por um segundo, seus olhos pareceram luminosos, como se ela fosse chorar. Então seu queixo se ergueu.

Tirei minhas luvas sem hesitar, desabotoei meu casaco e passei as duas para ela. Apesar do fato de que ela ainda estava vestida, suas pernas tremiam, como se ela tivesse esquecido de se aquecer e o frio estava começando a se infiltrar. Tirei minha túnica pela cabeça e a coloquei sobre a pilha em seus braços.

Então pressionei meu peito nu contra o tronco da árvore, sentindo a casca áspera contra minha bochecha. Senti um tique começar na minha mandíbula, quando o medo do que estava por vir tomou conta de mim, e eu esperava que ninguém mais visse.

Os galhos se enrolaram em meus braços e os espalharam. Outro se arrastou pela parte inferior das minhas costas, imobilizando-me completamente.

Eu prometi a mim mesmo que não iria gritar.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

ALISA

Faer parecia estar se divertindo em sua festa, como sempre fazia.

Não haveria como correr para o trono para escapar das multidões esta noite. Faer já se sentou no trono. Uma fêmea feérica se empoleirou em seu colo, trocando beijos com ele. Uma segunda ficou atrás dele, massageando seus ombros. Ela parecia contente em ser quase ignorada, sorrindo amplamente e olhando para a parte de trás de sua cabeça com carinho escrito em seu rosto.

Faer parecia dissoluto e satisfeito consigo mesmo enquanto levantava firmemente a saia da garota em seu colo, deslizando as mãos sobre a pele cada vez mais aparente e prateada.

— Quem são elas? — Perguntei a Azrael abruptamente. Ele estava no meu ombro esquerdo, pronto para sussurrar em meu ouvido.

— Laina, uma nobre da corte de verão que adoraria ser rainha, — disse ele, seu olhar cintilando para aquela que quase se contorceu no colo de Faer enquanto sorria presunçosamente. — E Tresa, da corte do mar. Faer parece achar as duas agradáveis, mas elas são duas de... várias.

— Você acha que elas se sentem degradadas? — Perguntei. — Ou elas estão realmente... se divertindo?

— Acho que é melhor não fazer essas perguntas na corte. — Sua voz era natural.

Não havia nenhum sinal no rosto de Azrael em sua voz de que tínhamos acabado de ter aquela briga feia.

Ele era meu belo servo de rosto inexpressivo.

Sabia melhor do que acreditar que essa era sua verdadeira identidade.

— Você é leal ao seu dever, pelo menos, — disse a ele, tirando a bebida de sua mão assim que ele a pegou de um servo que passava. Eu levantei a taça para ele em um breve brinde. — Embora não para mim.

Ele olhou para mim, seu rosto ainda sem expressão, mas algo perigoso faiscou naqueles olhos escuros.

— Uma vez, Alisa, eu devia à corte de outono minha lealdade e, em vez disso, dei a você. Beba por isso. — Seu tom era frio.

Suas palavras foram um lembrete duro de que eu não tinha ganhado minhas memórias hoje. Sem elas, eu não sabia como lutar contra meu irmão pela coroa, ou se eu mesmo queria. Talvez eu deva voltar para o mundo humano.

Mas a corte de verão parecia estar se despedaçando. Isso parecia minha culpa. Minha responsabilidade.

— Quantas outras crianças trabalham na corte de verão porque suas aldeias não podiam pagar seus impostos de outra forma? — Exigi.

— Eu não sei a contagem, — disse Azrael.

— Não seja insuportável.

Ele encolheu os ombros. — Acho que dezenas, senão centenas.

— Isso é bárbaro. — Meus dedos estavam enrolados com tanta força em volta da minha taça que doíam, e me forcei a relaxar meu aperto. — Por que você não faz nada sobre isso, Azrael?

Ele sorriu sem humor. — Se houvesse *algo* que eu pudesse fazer sobre isso, eu ainda diria a você mais uma vez para manter a boca fechada no meio da corte.

— Todo mundo por aqui mantém a boca fechada, não é? — Disse.

Fui confundida com uma mortal esta manhã. Essas pessoas nunca me veriam como uma rainha em potencial até que me vissem como Feérica, assim como eles. Eles não viam os humanos como dignos de qualquer consideração.

— Mude-me de volta, — disse. — Você disse que poderia quebrar o encantamento uma vez que estivéssemos neste lado. Então me mude de volta.

— Eu não posso, — disse ele.

— Você não pode ou não vai? — Exigi. Eu olhei para Azrael, me perguntando se esta era uma ordem de Faer.

O olhar de Azrael seguiu o meu, então cintilou de volta para o meu rosto. Seu lábio se curvou levemente de um lado, como se ele lesse meus pensamentos. Como se ele ainda me conhecesse muito bem.

— Você é um bom servo, como disse. — Eu me inclinei contra ele, minhas mãos deslizando pelos planos rígidos daquele peito para que eu pudesse levantar meus lábios perto de sua orelha. — Mas você não é *meu* servo, é?

Seu olhar pegou o meu. — Encontre uma maneira de me tornar seu, então.

Suas palavras foram um quebra-cabeça para desvendar mais tarde. Ele estava tentando me dizer algo importante. Eu encarei aqueles olhos roxos vívidos.

— Onde estão Tiron e Duncan? — Perguntei.

— Não se pode confiar em Duncan no meio de uma multidão — disse ele, — e não se pode confiar em você com Tiron.

Eu zombei disso. — Eu quero que eles compareçam amanhã, se tivermos outra dessas malditas festas.

Os lábios de Azrael se contraíram em uma linha. — Tiron é muito franco para este cenário, Alisa.

Depois de um momento, ele acrescentou: — Você também não deveria estar aqui. Mas não posso evitar.

— Sentindo-se protetor comigo, Azrael? — Provoquei. — Ou apenas com medo de te envergonhar? Ou que acidentalmente vou começar uma guerra?

Seu olhar encontrou o meu niveladamente.

— Por que escolher apenas um?

Dei um tapinha em sua bochecha, seus olhos se aguçaram com o gesto condescendente. Apesar de mim mesma, era difícil não notar o quão suave e quente sua pele era contra a minha palma, como suas maçãs do rosto e mandíbula forte pareciam ter sido esculpidas em mármore por um artista, tornando-o absurdamente bonito.

— Eu queria que você estivesse do meu lado, — disse a ele suavemente. — Mas não tenho medo de ficar sozinha.

Sua mandíbula ficou tensa, mas eu não esperei para ouvir o que ele diria a seguir. Trocar farpas pode ser um passatempo agradável, mas não iria colocar meu reino em ordem.

Cruzei o salão de baile em direção ao estrado, ignorando as pessoas que tentaram falar comigo. Passei as últimas noites sendo *educada* e, aparentemente, isso só aumentou os sussurros sobre como eu não sabia mais como jogar.

Raile caminhou ao meu lado. Seu corpo alto e poderoso em um uniforme cinza carregava uma presença que era difícil de ignorar.

— Que tipo de problema você encontrou ultimamente, princesa?

— Agora não, Raile, — disse a ele.

Ele me parou com uma mão no meu ombro, virando-me para encará-lo, e dei uma olhada nele.

— Você tem sorte que minha ira está reservada para outra pessoa esta noite, — o avisei.

— Vou aceitar sua ira por ter sido ignorado, — ele me disse, com a mandíbula tensa. — Não estou acostumado a ser *dispensado* tão rudemente.

— Então, algo tão novo e original deve ser emocionante para você, — disse a ele, antes de continuar através do salão de baile. Tive de contornar os grupos de pessoas conversando e, em seguida, desviar dos casais que giravam pela pista de dança.

Eles se derreteram por Faer quando ele passou. Prometi a mim mesma que um dia eles fariam o mesmo por mim.

Faer ainda estava reclinado em seu trono na plataforma. Meu trono gêmeo estava ao lado dele, mas Tresa empoleirou-se no braço. Faer estava com a mão em sua coxa e se inclinou para beijá-la enquanto a outra garota montava em seu colo.

Enquanto eu subia as escadas, Faer me notou. Ele me observou com um olho, sem se preocupar em tirar os lábios dos de Tresa. Cheguei ao topo e encarei os três, cruzando os braços.

— Vocês duas precisam sair, — disse suavemente. — Meu irmão e eu precisamos conversar.

Tresa sorriu contra os lábios de Faer. — Não acho que seu irmão queira *conversar*...

Eu não conseguia ficar parada aqui sem jeito na frente de Faer enquanto outra garota se sentava no meu trono. A corte inteira estava assistindo, esperando para ver o que eu faria a seguir.

Raile tinha me avisado que quando as pessoas me desrespeitavam e eu não fazia nada, os Feéricos pensavam que não era digna de governar.

Eu a agarrei pela nuca. Ela soltou um grito. *Deus, espero que ela seja uma pessoa terrível, ou eu também estou sendo uma.*

— Eu não gosto de repetir, — disse a ela enquanto a arrastava em direção à borda da plataforma. Esperava que ela pegasse a mensagem que ela não poderia ganhar e se afastasse. Eu não queria machucá-la.

Ela tentou se soltar do meu aperto. Seus pés escorregaram enquanto ela lutava. Tentei puxá-la de volta para a plataforma enquanto ela cambaleava na beira da escada.

Não havia como salvá-la, no entanto. Eu estava prestes a cair escada abaixo com ela, então me soltei, dando um passo para trás. Obriguei-me a compor meu rosto em uma máscara cruel enquanto ela descia os degraus com um grito.

A observei até que ela parou na base da escada.

A música havia parado. O salão estava em silêncio e todos estavam olhando para mim. O rosto de Azrael ficou chocado, então ele se recompôs.

Raile sorriu, cruzando os braços sobre o peito. Ele parecia quase orgulhoso de mim.

Ela ficou de joelhos, deixando escapar um soluço trêmulo, então olhou para mim com ódio escrito em seu rosto. Eu sorri de volta para ela. Tarde demais para fazer qualquer coisa agora, exceto jogar.

Levantei minha mão, acenando para ela.

— Música, por favor, — pedi baixinho.

Os acordes brilhantes da música de violino começaram instantaneamente. Ela tropeçou em seus pés e correu em direção à entrada do salão de baile.

Eu não esperei para vê-la ir. Virei as costas à multidão e encarei Alaina. Ela ficou ao lado de Faer, que apoiou o rosto na mão e o cotovelo no trono. Ele estava me observando com curiosidade aberta.

E ela não o estava mais tocando.

— Deixe-nos, por favor, — disse.

Ela fugiu, me dando um amplo espaço, antes de descer correndo os degraus. Suas saias esvoaçaram atrás dela e ela puxou o espartilho desamarrado contra os seios.

Sentei-me no meu próprio trono. — Precisamos conversar, meu irmão.

— Estou sempre aqui quando quiser, minha irmã. — Ele se recostou na cadeira. Seus olhos estavam atentos e vigilantes. — Você nem mesmo precisa maltratar minhas amigas para chamar minha atenção.

— Diga a suas *amigas* para ficar fora do meu trono, então.

— Sem intenção de desrespeito, tenho certeza, — disse ele.

— Tenho certeza. — Eu me inclinei para trás, combinando com sua expressão de facilidade descuidada. A corte havia voltado a dançar, falar e, desse ponto de vista, eu pude ver pela primeira vez, foder contra as paredes, para um casal particularmente aventureiro. Eles pareciam ter caudas, que giravam em torno deles com êxtase. Mas eu tinha a sensação de que estávamos sendo observados de perto, não importa o quão ocupada a corte parecesse agora.

— Eu gosto daqui, — disse.

Tínhamos uma bela visão dos dançarinos em seus vestidos e ternos coloridos. Vislumbrei caudas, orelhas e chifres, feéricos com rostos de gatos e dragões. Os goblins e os trolls espreitavam nas bordas da pista de dança e pareciam melancólicos, como se também quisessem dançar.

Eu mal tinha notado antes, quando corri até aqui para fazer beicinho. Nunca mais. Era hora de deixar essa versão incerta de Alisa para trás.

Mesmo que eu sentisse muito carinho por ela; que Alisa era quente e confortável em sua pele, mesmo que ela não conhecesse seu caminho neste mundo. Ela era amada no mundo humano, pelo menos por seus amigos. Eu não sabia se algum dia veria seu rosto novamente, mais arredondado e imperfeito do que o rosto Feérico que Azrael tinha me mostrado no espelho. Algo em mim doeu e se rebelou, mas forcei as palavras a saírem.

— Eu não acho que esse encantamento mortal combina comigo, você acha? — Eu perguntei.

— Achei que você tivesse gostado, — disse ele.

Parecia uma traição *a mim mesma* mentir e dizer que não gostava de meu corpo mortal, meu rosto mortal. Recusei-me a dizer essas palavras.

— Eu sou uma rainha feérica, não uma mortal. É hora de deixar para lá. — Assim que disse as palavras, soube que eram verdadeiras.

Esse rosto tinha sido meu plano de fuga. Enquanto eu parecesse mortal, poderia voltar para a fenda e escapar de volta à minha antiga vida. Se eu mudasse de rosto, me comprometia a ficar neste lugar, com essas pessoas, pelo menos até aprender a me encantar.

Não há mais planos de fuga.

Seus lábios se separaram, então se torceram enquanto corrigia,
— uma princesa feérica.

Ele iria se transformar em um rei e me transformar em nada. Eu podia ver em seu rosto. Ele queria que eu fosse a rainha de Raile, e eu precisava descobrir o que Raile ofereceu a ele, mas nunca a rainha da corte de verão.

— Claro, — disse com um sorriso. — Você vai me perdoar. Não me lembro como tudo funciona.

Deixe-o pensar que sou tão sem noção quanto eu me sentia.

Ele se sentou para frente, carrancudo. Ele estava deliberando, ele queria que eu continuasse olhando como se não pertencesse aqui, e decidi conversar sobre seu diálogo interno.

— Ouvi pessoas sussurrando como eu sou feia como mortal, — disse, imaginando mortes por facadas para aquelas pessoas, mas Faer não precisava saber dos meus sonhos. — Como a corte de verão parece tola.

Seus olhos se estreitaram. Ele não gostou disso.

— Claro que vou te ajudar, irmã. — Ele se levantou da cadeira com um movimento suave, já estendendo a mão para mim.

Peguei seus dedos levemente e ele me ajudou a sair do trono.

Eu sorri para ele calorosamente. Um dia eu o ajudaria a sair do trono.

— Magia de verão, — ele murmurou, me encarando. — Levante este encantamento e revele a verdadeira face da minha irmã.

Um brilho se espalhou por nós dois e ouvi um suspiro agudo da multidão.

Ele estava lindo naquele momento, seu cabelo lilás flutuando ao

redor de seu rosto, seus olhos prateados brilhando naquele rosto cruelmente bonito. Ele foi delineado pela luz, seu poder brilhando ao seu redor em um borrão dourado suave.

Não era de se admirar que os humanos seguissem feéricos nos jardins imortais. Com aquele rosto lindo e um leve sorriso curvando sua boca, ele era o predador perfeito.

Sua magia parecia a luz do sol no meu rosto, e a luz ao nosso redor brilhava mais forte, mais profunda. Lutei para manter meus olhos abertos enquanto eles lacrimejavam porque o brilho era ofuscante. Eu finalmente tive que fechá-los, mas antes disso, eu o vi cerrar os dentes, como se fosse uma luta quebrar minha magia.

O calor em meu rosto parecia bem-vindo, reconfortante, mas de repente era muito intenso. Queimou minha pele, bateu em meus olhos. Meus lábios pareciam ter ficado secos. Cada músculo ficou pesado, depois fraco. A dor percorreu meu corpo, profunda como um osso. Cada músculo teve câibras.

Quando caí de joelhos, minha mão escorregou da dele. A dor era insuportável e soltei um grito.

Então a agonia se dissipou, tão abruptamente quanto havia começado.

Abri meus olhos para encontrar Faer de joelhos. Ele respirou fundo e me encarou com os olhos semicerrados, como se me odiasse.

— Eu sei quem encantou seu rosto, — ele cuspiu. — Eu me lembro da sensação de sua magia.

— Quem? — A palavra saiu rachada, minha voz seca.

Um sorriso cruel se espalhou por seu rosto. — Você não é a rainha deles, Alisa. E você nunca será. Você estava mais feliz do lado de fora do que nunca estará aqui.

Eu poderia ter tentado assassiná-lo naquele momento, mas minhas pernas pareciam feitas de gelatina. A exaustão pesava sobre mim, um fardo ainda mais pesado porque eu precisava manter os ombros firmes e o queixo erguido. Não pude mostrar nenhuma fraqueza.

Então, de repente, vi Azrael parado bem no fundo da plataforma. Ele não poderia subir na plataforma a menos que eu o convidasse.

Levantei meus dedos, acenando para ele.

O salão tinha ficado tão silencioso durante a explosão da magia de Faer que cada uma das pisadas de Azrael subindo os degraus de pedra ecoou através do espaço cavernoso. Houve apenas o mais fraco sussurro de vozes, começando a murmurar.

Minha mente disparou; se Azrael me carregasse para fora daqui, quão fraca eu pareceria?

Faer se levantou e, ainda meio curvado, tropeçou alguns metros até seu trono. De alguma forma, quebrar aquele encantamento quase o destruiu; ele deve ter pensado que seria fácil, no entanto. Ele nunca arriscaria parecer um tolo na frente da corte.

Havia algum tipo de poder especial naquele encantamento. Eu precisava encontrar uma maneira de arrancar o segredo de seus lábios mentirosos e relutantes.

Azrael deslizou seu braço em volta da minha cintura. Seu corpo me bloqueou da multidão. Eu esperava que ele me varresse até o peito, mas ele murmurou em meu ouvido: — Mostre a eles o quanto você é mais forte do que Faer, Majestade.

Ele me levantou facilmente. Balancei em minhas pernas doloridas, me senti drenada como se tivesse acabado de correr para

salvar minha vida, então me segurei, envolvendo minha mão em torno de seu antebraço.

Ele pressionou o braço com força contra o corpo, segurando-me o máximo que podia, embora eu andasse sozinha.

Juntos, nós dois descemos a plataforma e atravessamos a multidão. Ouvi a multidão murmurar ao nosso redor enquanto eles derretiam, abrindo espaço para nós passarmos. Eu segurei meu queixo alto, um sorriso fixo em meu rosto.

A música começou a tocar, uma canção mais lenta, quase digna. Vislumbrei os violinistas com o canto do olho. Seus rostos estavam concentrados em seus instrumentos enquanto seus arcos se moviam para frente e para trás.

Procurei Raile, por algum motivo, mas não o vi na multidão. A maioria dos rostos esta noite eram desconhecidos, apesar de todas as apresentações rápidas que eu tive ultimamente.

Então saímos para o corredor, deixando todo o barulho para trás enquanto os guardas fechavam as portas atrás de nós. Estávamos no longo corredor de mármore iluminado pela lua, que estava cheio de estátuas. Em uma extremidade, o corredor estava aberto para uma varanda cheia de flores, para o oceano lá fora e a profundidade da noite escura.

Eu tropecei, e Azrael estava lá sem hesitação, me pegando em seus braços e me segurando contra seu peito.

Eu não deveria ser tão vulnerável com ele, mas tudo doía e eu não tinha certeza se conseguiria andar.

Eu deixei minha cabeça cair contra seu peito enquanto ele me carregava escada acima. O sono parecia invadir minha mente enquanto ele me carregava. O balanço de seus braços parecia

segurança.

— Bem jogado, minha rainha, — ele disse suavemente em meu ouvido. Ele me carregou para o meu quarto e me deitou na cama.

Acordei horas depois, ainda de vestido e sapatos. Enquanto olhava para o teto escuro, me perguntei se realmente tinha ouvido essas palavras ou se apenas sonhei com elas.

Bem jogado, minha rainha.

Tudo na corte de verão era misterioso, mas o maior quebracabeças de todos eram os príncipes visitantes da corte de outono.

Ou eram os príncipes presos da corte de outono?

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

TIRON

Estava cochilando contra a porta de Alisa quando senti um movimento do outro lado. Comecei a me levantar, mas quando a porta se abriu, caí para trás no quarto.

Eu caí de costas no mármore e, antes que pudesse me levantar, Alisa montou em mim. Sua bunda bateu no meu estômago, com mais força do que era natural, dados seus ossos delicados, e me deixou sem fôlego.

Aquele lindo rosto se ergueu acima do meu, semelhante, mas diferente de antes, seu cabelo lilás caindo em torno de nós dois. Seu rosto estava decidido, bonito, mas perigoso.

Seus lábios se separaram e seus olhos se arregalaram quando ela registrou quem eu era. Oh, bom, assim que ela me reconheceu, não teve vontade de me esfaquear. Aposto que Duncan não poderia ter dito o mesmo.

— Tiron, por que você está dormindo contra a minha porta? — Ela exigiu.

— Porque você nunca me convidou para entrar. — Eu pisquei para ela.

Ela me lançou um olhar cético e se levantou. — Bem, aparentemente convidar você seria um comportamento inaceitável para uma princesa. E todos nós sabemos que eu nunca gostaria de ser uma princesa má. Você poderia sinalizar alguém para o café da

manhã, por favor? Estou faminta.

Estava disposto a apostar que ela foi drenada da magia na noite passada. Azrael tinha nos contado tudo sobre sua transformação na noite anterior, da melhor maneira que pôde, acima do som de Duncan alternando entre zombarias e copos de uísque. De alguma forma, Duncan encontrou tempo para contrabandear uma garrafa de volta da terra. Ele era engenhoso quando se tratava de seus maus hábitos.

Voltei para o corredor e parei um servo que passava. Quando voltei, Alisa estava diante do espelho construído em um arco de pedra coberto de videiras. As pontas dos dedos pousaram levemente nas maçãs do rosto cinzeladas e ela estudou o rosto. Seus olhos estavam escuros e sombreados naquele rosto adorável e sem expressão.

— O café da manhã está chegando, — prometi a ela, caminhando atrás dela. Inclinei minha cabeça, olhando para nossas reflexões compartilhadas. — O que você acha?

Seus olhos piscaram para o meu reflexo. — Você é muito bonito, Tiron. Mas você já sabia disso.

Seus lábios se curvaram em um tom provocador. Quase podia vê-la colocar qualquer emoção genuína que sentia em uma caixa, bem no fundo.

— Estou feliz por agradar a Vossa Majestade, — respondi.

Quando ela se virou para mim, ela passou a mão sobre o corpete rígido e cravejado de jóias de seu vestido. — Onde está Azrael?

De alguma forma, me incomodou ouvir o nome dele em seus lábios. Ela estava focada nele mesmo quando estávamos cara a cara.

— Ele tinha alguns... negócios a tratar... com a corte de outono.

Ela inclinou a cabeça para o lado. — Conte-me mais sobre isso.

Bufei uma risada. — Você deveria perguntar a ele você mesma.

— Azrael não é exatamente franco comigo. — Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando-me com aqueles olhos brilhantes. — Você destrói o pequeno reino de um homem uma vez, e ele simplesmente não consegue superar isso.

Ela estava me avaliando de alguma forma, me testando. Eu a encarei de volta, sem resposta.

Ela deu um tapinha na minha bochecha. — Espero que um dia você tenha a mesma lealdade por mim, Tiron.

Meus lábios se separaram, mas ela já estava se virando. Ela passou os dedos pelos cabelos, puxando-os para o alto da cabeça, deixando à mostra o pescoço longo e as linhas nuas dos ombros.

— Azrael tem sido meu servo desde que Nikia se tornou... não confiável. Já que ele se foi, preciso que você me dispa.

— Ah, — disse, eloquentemente.

— Vamos, bravo cavaleiro. Não me diga que você tem medo de um pouco de fita e renda.

— Tenho medo de *você* especificamente — disse secamente, — e um pouco de medo de Azrael.

— Por que Azrael? — Ela perguntou.

Ela realmente não viu a fúria protetora e possessiva que ele irradiava ao seu redor? Talvez ambos estivessem cegos para seus próprios sentimentos.

E Duncan olhava para mim como se quisesse me dar um tapa cada vez que eu olhava para Alisa duas vezes. Duncan diria que era para minha própria proteção, porque ele era ainda mais estúpido emocional do que os outros dois.

Gostava de todos eles, mas os três poderiam muito bem ser impossíveis.

Suspirei e comecei a desfazer o espartilho. Ela se afastou assim que eu desamarrei a parte superior.

— Deixa pra lá. Está tão solto agora. — Ela se contorceu para baixo sobre seu corpo e virei minhas costas. Ela continuou falando de qualquer maneira, e da minha visão periférica eu peguei um vislumbre dela saindo da saia. — As bainhas dos vestidos arrastavam-se no chão. Elas não fazem agora. Eu sou um pouco mais alta, acho, e um pouco mais magra.

Ela não parecia feliz com a ideia. — Eu trabalhei duro pelos meus músculos. Agora eles se foram durante a noite.

Se ela fosse ficar nua e se olhar no espelho, imaginei que poderia abrir os olhos. Ela examinou seu corpo, que era alto e estreito, reto como uma flecha. Ela passou as mãos sobre os seios pequenos e altos e o delicado alargamento de seus quadris estreitos. Eu estava instantaneamente duro, meu pau esticando na frente das minhas calças. Não deveria ter olhado.

Então ela se virou e deu alguns passos rápidos antes de mergulhar na piscina, causando um respingo que encharcou minhas calças. A visão de seus ombros nus, a afinação de sua cintura, a curva de sua bunda... eu desviei o olhar, mas era tarde demais. Essa memória viria à tona em meus sonhos.

— Desculpe, — ela chamou. Ela estava boiando na água, olhando para mim com uma expressão preocupada. — Eu precisava de um banho depois de dormir com minhas roupas. Eu não queria te ofender. Achei que os feéricos se sentiam confortáveis com a nudez.

— Muito confortável, sim, — disse, enxugando meu rosto distraidamente. Homens e mulheres tomavam banho juntos o tempo todo.

É claro que isso não significava que o banho fosse sempre inocente também.

Não importa o quão confortável eu estivesse nadando pelado com outras mulheres, eu não estava confortável com a forma como me sentia perto de Alisa. Pode ser melhor para minha missão seduzir a princesa e ganhá-la para o meu lado.

Mas parecia a traição mais profunda, quando eu não queria traí-la de forma alguma.

— Eu só pensei que você estava completamente... mortalizada agora, — acrescentei.

— Você me faz querer respingar em você, — disse ela com uma risada. — Venha se juntar a mim.

— Como Vossa Majestade deseja. — Disse impassível.

— Preciso que você pare de fazer isso, ou vou fazer mais do que respingar em você, — alertou ela. — Me chame de Alisa e não seja um idiota sobre o meu título.

— Tenho certeza de que é temporário de qualquer maneira. — Agarrei a barra da minha camisa com uma mão, em seguida, arrastei-a sobre a minha cabeça.

Ela estava flutuando na água, seu cabelo flutuando em torno de seu rosto, mas apesar de sua pose relaxada, eu tinha certeza que ela estava me observando. Eu desamarrei minhas calças e as deixei deslizar pelos meus quadris. Sabia que ela provavelmente estava acostumada a usar roupas íntimas agora, mas feéricos não.

— O que você quer dizer? — Ela franziu a testa.

— Você será uma rainha em breve. — Em vez de mergulhar como ela, desci os degraus. — A água está surpreendentemente fria.

— De uma forma ou de outra, eu acho, — ela disse, mas não

tinha dúvidas de que Alisa encontraria uma maneira de evitar Raile, a menos que isso a agradasse. Mesmo que isso significasse estripá-lo. — E eu gosto do frio.

— Por quê? Essa é uma preferência estranha... exceto para os tritões do fundo do mar, é claro. — Talvez ela tivesse alguma sereia em sua linhagem.

Ela inclinou a cabeça para um lado, considerando. — Eu não sei.

Fiquei tentado a perguntar se ela sempre teve essa preferência, mas é claro que ela não sabia. Era difícil bater papo com alguém que não tinha memórias de sua vida enquanto crescia ou qualquer outra coisa.

Posso muito bem conhecer Faer melhor do que ela. Sorte minha.

— Duncan quer que eu vá buscar você para o pátio de treinamento, — disse a ela enquanto flutuava nas minhas costas. Minha mão estendida bateu na dela e comecei a me afastar, mas ela virou o rosto na água e sorriu para mim. Ela parecia um anjo flutuando na água.

— Venha comigo, — disse ela. — Eu sinto que ele e Azrael estão nos mantendo separados, quando você é o único de quem eu gosto.

Eu ri. — Talvez eles estejam. Ambos têm uma missão que se deram. Azrael está te ensinando etiqueta e Duncan tem o prazer de jogar espadas com você diariamente. Enquanto isso, fui deixado no frio.

— Acho que há outras coisas que preciso aprender. Como mágica, — ela murmurou. Então ela se virou para mim e acrescentou: — Você vem? Ajude-me a tirar Duncan de sua concha?

Sua voz era sarcástica e brincalhona. Mas ela olhou para mim com gotas de água grudadas em seus cílios, seus olhos arregalados,

luminosos e doloridos.

— Sim, — disse, já capaz de imaginar a expressão no rosto de Duncan. — Há outras coisas que você precisa aprender também, Alisa. Como usar suas asas.

Um olhar de admiração, e incerteza, espalhou-se por seu rosto.

— Asas?

— Uma noite em breve, — prometi a ela. — Você e eu vamos fugir.

— Precisamos fugir? — Ela perguntou, um tom de provocação em sua voz. — Uma princesa não consegue tomar algumas decisões por si mesma?

Eu teria respondido a ela seriamente, mas ela já estava falando: — Esconder-se é sempre mais divertido, é claro. Isso vai adicionar um pouco de entusiasmo às nossas sessões de tutoria.

Ela já devia saber a resposta e não queria ouvir.

Talvez Alisa reescrevesse o que significava ser uma princesa, assim como Azrael disse que ela tinha feito antes.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

DUNCAN

— Por que vocês dois estão molhados? — Olhei entre os dois idiotas na minha frente.

O cabelo loiro molhado de Tiron enrolado em torno de suas orelhas, apenas começando a secar, e o cabelo comprido e úmido de cor lilás de Alisa estava preso em um coque bagunçado no topo de sua cabeça. Tiron me lançou um olhar falso inocente que era familiar, mas nunca parava de me irritar mesmo assim, e Alisa sorriu e encolheu os ombros, nunca particularmente arrependida.

Era muito fácil para mim imaginar os dois nadando naquela piscina juntos, as mãos de Tiron traçando as linhas delgadas de seu corpo, espalmando seus seios na água. A imagem me irritou e me deixou duro de uma vez.

Virei minhas costas para eles para que nenhum deles pudesse ver como me sentia. — Subam em seus malditos cavalos. Você está atrasada.

Tiron foi para o lado dela, ajudando-a a selar o cavalo. Então ele pairou ao lado dela, observando-a montar.

— Não mime ela, — rebati.

O olhar de Alisa ergueu-se para o meu, seus olhos se arregalando, antes de um sorriso se espalhar em seu rosto. — Você está certo, Duncan. Obrigada por expressar sua fé em minhas habilidades. Eu sei que pode ser difícil para você.

Tiron abaixou a cabeça, escondendo um sorriso enquanto ia para seu próprio cavalo.

Durante toda a nossa viagem, não importa o que eu dissesse, Alisa encontrou uma maneira de transformar cada reclamação sobre suas falhas em algum elogio. Ela respondeu calorosamente, como se cada comentário rabugento que fizesse fosse uma afirmação doce e terna. Fiquei em silêncio antes de chegarmos à clareira. Ela era impossível. Ela só gostava de me irritar.

E ela era muito boa nisso.

Chegamos à clareira onde havíamos praticado antes. Desmontei e encantei meu cavalo, e deixei Tiron para ajudar Alisa, já que ele claramente adorava fazê-lo.

Assim que puxei minha espada de treinamento, disse: — Pronta.

Alisa correu para desembainhar sua própria espada. Ela chegou tarde demais, e eu bati na parte externa de sua coxa com minha lâmina, puxando o golpe para que doesse, mas não deveria machucar profundamente.

Ela preparou a espada, sorrindo para mim por cima da lâmina. Já me arrependi da jogada injusta só porque estava indisposto, até que ela exclamou: — Você está certo, é tão importante estar sempre pronta! Obrigada pela lembrança.

A única criatura pior do que a Mal Alisa era Animada Alisa.

— Por que vocês dois não se unem e pressionam o ataque — disse, já que eles gostavam tanto de formar um time, — talvez eu tenha sorte e um de vocês levará um golpe na cabeça e isso deixará tão sem sentido quanto vocês dois.

Tiron considerou isso, sua espada em punho. — Dificilmente parece justo.

— Experimente, — disse.

Por alguns minutos, os únicos sons eram o baque de nossas espadas de treinamento umas contra as outras, ecoando na clareira. No final, os dois me superaram, por pouco. Eu varri a perna de Alisa, mas ela rolou sob o meu golpe mortal e Tiron entrou, me acertando com a lâmina na minha garganta.

— Decente, — admiti a contragosto.

— Há, — disse Alisa, ofegante. Seu cabelo estava um pouco desfeito, as mechas caindo em seu rosto, o que enfatizava o corte fino de suas maçãs do rosto. — Você está sendo generoso, Duncan, que inesperado. Não deveria ser tão difícil para nós dois derrubá-lo.

Ela não estava torcendo minhas palavras agora para dizer que eu era *generoso*. Sua voz era natural, não o efeito de luz que ela assumia quando estava me provocando.

— Para ser justo conosco — disse Tiron antes que eu pudesse decidir como responder, — Duncan é o melhor dos cavaleiros do rei.

Eu zombei, não com o pensamento de que eu era o melhor, mas com o pensamento de que era um dos reis. — Pode ser. Depende do dia.

— Você veio aqui há apenas alguns anos, — disse Alisa a Tiron, como se para confirmar.

Ele acenou com a cabeça e tirou a camisa encharcada de suor, revelando os planos e músculos rígidos formados por anos de treinamento diário para o combate.

— Um dia eu posso ser tão bom quanto Duncan, no entanto.

Eu bufei com o elogio. — Vocês dois estão mais irritantes do que o normal. Vocês estavam bebendo vinho no café da manhã?

— Talvez você esteja de ressaca da noite passada, — Tiron me

lançou um olhar significativo antes de tirar a garrafa do cavalo e beber água.

— Vocês dois estavam em uma festa diferente? — Alisa perguntou, arqueando as sobrancelhas. — Eu prefiro ir para esta. Aposto que foi muito mais divertido.

— Só porque você não estava lá, — disse, mas meu coração não estava exatamente nisso. Os cavaleiros tinham sua própria folia e era muito mais agradável do que estar em qualquer lugar perto de Faer.

— O que o trouxe à corte de outono? — Alisa perguntou a Tiron com curiosidade.

Ele hesitou, e eu sabia que ele não queria responder a essa pergunta. Ele manteve a verdade de seu passado escondida sob aquele exterior ensolarado. Suspeitei que não sabia nem a metade.

— Vocês dois vão ficar tagarelando o dia todo como duas copeiras descascando batatas ou vamos treinar? — Exigi.

Bati na espada de Alisa com a minha impaciente. Ela não conseguiu esconder seu leve sorriso enquanto se colocava na posição, como se ela me achasse inofensivo, ou mesmo divertido.

— Eu farei um acordo com você, — disse ela. — Eu quero uma história. Eu mal conheço vocês dois.

— Eu não estou no negócio de histórias para dormir, — a avisei.

— Eu disse um acordo. Eu irei contra vocês dois. Se eu ganhar, vocês me dizem.

— Isso é ridículo, — zombei.

— Se for ridículo — ela bateu na lâmina da minha espada com a dela, do jeito que eu tinha feito com ela um momento antes, — então você me vencerá facilmente e se regozijará. O que você tem a perder?

— Eu não me importaria em me gabar de ter vencido você, —

disse.

Ela revirou os olhos e se virou para Tiron em um pedido de ajuda.

— Vamos, Duncan, — disse Tiron. — A rainha do verão vai precisar lutar, mais cedo ou mais tarde. Não importa o quanto pretendemos protegê-la. É melhor praticar agora.

Ele me olhou longamente. Alisa olhou entre nós dois, seus olhos se estreitando como se ela fosse exigir saber do que estávamos falando.

— Tudo bem, tudo bem, — disse, simplesmente porque não queria ser arrastado para uma longa conversa sobre o que significaria para ela ser *a rainha do verão*. — Vou jogar seus joguinhos, Alisa.

Meu tom condescendente apenas a fez sorrir. Ela disse maliciosamente:

— Eu sei que você vai.

Todos nós três ficamos prontos. Alisa olhou para nós dois, que estávamos a cerca de três metros de distância. Assim que dei um passo em sua direção, ela disparou em direção a Tiron, tentando usar sua velocidade e agilidade contra nós dois.

Ela foi rápida e inteligente, mas no final, nós dois a vencemos.

Tiron estendeu a mão para ela, e ela agarrou seu antebraço. Ele a puxou para cima.

— Tudo bem, guardem seus segredos, — ela disse, pondo-se de pé. Ela pressionou o cotovelo nas costelas como se tivesse se machucado, mas deve estar tentando evitar que isso transparecesse em seu rosto.

Se eu não conhecesse a verdadeira natureza de Alisa, me sentiria um verdadeiro idiota por fazê-la trabalhar tanto para obter o mais

simples fragmento de informação. Ela era dura e trabalhadora. Hesitei, me odiando pela maneira como me abrandei.

Então eu joguei minha garrafa de água para ela.

— A primeira vez que conheci Tiron, ele entrou em uma competição aberta para se tornar um aprendiz. Acredite ou não, as pessoas *lutam* entre si por esses pontos e pela tortura que vem com eles. Azrael ou eu o teríamos escolhido como membro da realeza para alguma outra corte.

— Mas eu estava pensando — Tiron pressionou dois dedos no lado da cabeça dramaticamente, — então eu usei uma máscara.

— Você parecia um idiota, — zombei. — Só os cavaleiros da corte da primavera usam essas máscaras idiotas. E não ajudou muito a esconder a maneira como você se comporta.

— Isso quase soou como um elogio, — disse Tiron.

— Ele ganhou rodada após rodada. Dia após dia. A última rodada da competição foi lutar contra os cavaleiros da corte para que eles pudessem ser avaliados. Mas na noite anterior, houve uma festa para comemorar. — Eu balancei minha cabeça para Tiron, antes de perguntar a ele: — Você estava bêbado? Talvez você estivesse bêbado.

Para Alisa, acrescentei: — Ele me chamou de *Azrael*.

Tiron abriu os braços. — Foi um erro honesto. Vocês dois são praticamente gêmeos.

Eu zombei disso. — Eu poderia chutar o seu traseiro pelos velhos tempos, se você quiser seguir esse caminho.

Alisa estava sorrindo com a brincadeira entre nós dois; vendo aquela expressão genuína e calorosa que enrugou o canto dos olhos, meu peito ficou leve.

Perigo. Seu sorriso tinha baixado minha guarda antes, e eu

paguei por esse pecado.

— De qualquer forma, pedi desculpas a ele e ele aceitou a atitude da corte de inverno, — concluí. — Então, eu acidentalmente quebrei seu nariz e duas costelas.

— Não houve nada acidental nisso, — disse Tiron, parecendo exasperado.

— Eu não *queria* quebrar seu nariz. Se você vai deixar cair os punhos, no entanto, não há nada a fazer. — Eu cruzei meus braços sobre meu peito.

Tiron revirou os olhos. — De qualquer forma, uma das coisas divertidas sobre todo esse caso é que estávamos encantados, então não podíamos apenas nos curar. Foi uma semana de danos cumulativos. Eu estava meio destruído indo para as lutas no dia seguinte. Sabia que ia perder, teria sorte se não perfurasse um pulmão.

— O que aconteceu? — Alisa perguntou.

Tiron olhou para mim, suas sobrancelhas arqueando maliciosamente.

— Você quer contar, Duncan?

Eu balancei minha cabeça. — Vá em frente.

— Eu realmente acho que você deveria, — ele insistiu.

Talvez eu devesse perfurar seus pulmões agora, afinal.

— Estou morrendo de curiosidade, — disse Alisa.

— Se ao menos fosse tão fácil me livrar de você, — disse a ela, mas ela apenas sorriu com a escavação.

Tiron estava olhando para mim como se fosse ganhar se eu me recusasse a terminar, então finalmente descruzei os braços e cedi.

Eu admiti: — Eu o deixei vencer. Fingi que me nocauteou.

— Ele é um ótimo ator quando tenta, — Tiron confidenciou a ela.

Alisa olhou para mim com curiosidade, como se ela estivesse vendo algo sobre mim que ela não tinha visto antes.

Abri minha boca, prestes a tentar justificar tudo para ela, mas então eu fechei minha mandíbula. Eu não devia nada a ela.

— Vamos lutar, — disse ela, antes que eu pudesse dizer isso.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ALISA

Enquanto cavalgávamos de volta para o castelo, um homem a cavalo apareceu na estrada, a uma distância tão grande que não pude ver seu rosto. Sua postura era ereta, seus ombros largos e ele parecia sexy mesmo daqui.

— O que Azrael quer? — Duncan franziu a testa.

Claro. Claro que era Azrael.

Por que eu estava tão atraída por todos esses três idiotas?

Duncan relinchou para seu cavalo, e o cavalo de guerra disparou, Duncan manteve seu assento facilmente, seu belo traseiro quicando contra a sela enquanto ele corria em direção a Azrael.

Tiron manteve seu cavalo em um ritmo calmo, igualando o meu.

— Vocês realmente não nomeiam seus cavalos? — Exigi. — Como se fossem apenas ferramentas?

Ele ergueu as sobrancelhas. — Entre você e eu, Alisa..., mas se você contar a alguém, vou colocar aranhas na sua cama...

— Este mundo tem aranhas? Por quê? Por que haveria aranhas aqui também?

— Todo mundo tem aranhas, — disse ele. — Algumas delas são enormes.

Bem, isso tornou a viagem interdimensional um pouco menos emocionante.

Quase fiz outra pergunta, mas me interrompi. — Eu não quero falar sobre aranhas. O que você ia me dizer?

Ele deu um tapinha no pescoço de seu cavalo. — Conheça Merlin.

— Merlin? — Eu levantei minhas sobrancelhas. — Eu pensei que ele era uma história obscura.

— Não apenas o lado obscuro — corrigiu ele, — e não apenas uma história.

As orelhas de seu cavalo tremeram como se ele tivesse reconhecido seu nome.

— É um bom nome, — disse.

— Azrael está tentando conseguir um cavalo de guerra para você, — disse Tiron. — Aquele pônei já atirou em você uma vez. Ela é muito volátil para cavalgar até as Cavernas Amaldiçoadas, já que é provável que passemos pelo inferno para chegar lá.

— Vocês não têm cavalos extras nos estábulos?

Ele balançou sua cabeça. — Os cavalos se ligam ao seu cavaleiro.

Fiquei em silêncio, pensando se ousaria me *ligar* a algum animal. O que aconteceria quando eu deixasse o cavalo para trás, se é que algum dia o fiz?

A verdade é que eu não tinha intenção de voltar para aquela porta cintilante na floresta tão cedo. Eu não conseguia explicar porque me sentia amarrada aqui, ou o que eu realmente queria. Depois de ter minhas memórias de volta, eu poderia ir embora e deixar este mundo

para trás?

Acho que não. Mas eu também não sabia o que estava trancado em meu cérebro. Minhas memórias podem mudar tudo.

— O que é preciso para conseguir um cavalo de guerra? — Perguntei.

Tiron bufou. — A permissão do chefe dos estábulos, por exemplo. Que vem do chefe da guarda. Que vem...

Ele parou abruptamente, e uma leve cor subiu em suas bochechas.

Não admira que Duncan e Azrael tenham tentado nos manter separados. Tiron me disse muito. Enquanto eu não tivesse uma montaria mais confiável, não poderia viajar com segurança para as Cavernas Amaldiçoadas. Faer pode não querer me proibir de ir, Deus o ajudasse se ele tentasse, mas ele poderia atrapalhar a viagem de maneiras mais sutis.

Tive a sensação de que Faer estava fazendo o possível para me impedir de quebrar o encanto de minhas memórias. Aposto que ele mesmo colocou o feitiço em mim ou meu pai Herrick o fez, com o conhecimento de Faer.

— Você conhecia Herrick? — Perguntei.

Ele balançou sua cabeça. — Não.

— Você não foi para a academia com o resto de nós? — Perguntei curiosamente. Tiron não parecia me conhecer antes.

— Não. Eu deveria ter ido. Era o sexto filho de um mero senhor. Eu nunca iria herdar nada além de um título vazio, alguns trocados e meia gaveta de talheres sofisticados.

— O que aconteceu?

— A corte de inverno foi destruída, — ele disse, sua voz afiada.

— Você deve ter viajado em sua carruagem pelas ruínas da casa da minha família quando foi para aquela academia.

Encarei ele.

— Não que você se lembre, — ele terminou em um tom mais suave.

Esperava que sua família estivesse viva e bem em algum lugar, apesar de toda a devastação da guerra. — O que aconteceu com seus cinco irmãos?

— Uma fileira organizada de sepulturas não marcadas atrás da casa, — disse ele. — Junto com os túmulos de meus pais e de minhas duas irmãzinhas.

Sua mandíbula estava tensa, sua cabeça curvada acima do chifre de sua sela. Queria estender a mão para tocá-lo, mas não ousei consolá-lo. Minha família foi quem assassinou a dele.

Ele olhou para cima e eu quase pude vê-lo decidir deixar o passado para trás, por enquanto, quando seus ombros se endireitaram e seu queixo se ergueu. — Desculpe, Majestade. Não é o assunto mais leve.

Eu o ameacei antes se ele continuasse me chamando assim, mas agora eu não me importava com nenhum apelido. Ele tinha todos os motivos para odiar minha família, para me odiar. — Não me importo de falar com você sobre isso, Tiron. Eu desejo...

Eu gostaria de poder mudar o passado. Mas eu não conseguia.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse desesperado por uma mudança de assunto. Eu deveria encontrar um assunto mais fácil, mas estava morrendo de vontade de saber se Faer era tão ruim quanto nosso pai.

— Faer é melhor do que Herrick, você acha? — Perguntei.

Ele me olhou de lado e confessou: — Não acho que quero responder a isso, Alisa. Ele é seu irmão.

— Acho que preciso saber, — disse. — Por favor, Tiron. Eu não quero fazer outros amigos...

Parei quando percebi que não tinha como fazer outros amigos. Eu estava isolada. Não havia ninguém na corte em quem pudesse confiar; eu não iria fazer uma amizade adorável com uma das garotas chifrudas bebendo vinho entre os bailes nas festas de Faer. Faer passou os últimos cinco anos construindo relacionamentos e lealdades, alianças e *medo*. A corte pertencia a ele.

Às vezes parecia, porém, que esses três homens *me* pertenciam.

Talvez isso fosse o suficiente para ir à guerra com Faer... se eu pudesse realmente confiar neles, se eles pudessem confiar em mim. Apesar do passado.

— A verdade? — Ele rangeu, sua voz baixa. Ele olhou para frente com firmeza, e eu segui seu olhar em direção à onde Duncan e Azrael cavalgavam de volta em minha direção.

— Por favor, — disse apressadamente, sabendo que ele não falaria abertamente quando eles estivessem de volta.

— Acho que a corte de verão precisa de uma rainha, não de um rei, — ele administrou. Ele olhou para mim com algo aberto e vulnerável em seus olhos verdes que eu nunca tinha visto antes. — Eu acho que seu reino precisa de um herói, Alisa. E eu acho que esse herói... digo, heroína, tem que ser você.

Eu o encarei, sem saber como responder. Eu me sentia como uma heroína às vezes como uma caçadora, quando resgatava pessoas de monstros. Mas eu não era *esse* tipo de heroína.

Mas então, Azrael e Duncan galoparam para ouvir, então nós

dois deixamos o assunto morrer.

— Faer quer almoçar com todos nós, — Duncan anunciou, seu tom tão severo que soou mais como um convite para um enforcamento.

— Que terrível, — disse, combinando meu tom com o dele, o que só me rendeu um olhar maligno.

O rosto de Azrael estava perfeitamente em branco, do jeito que sempre ficava quando ele não gostava de algo e estava se certificando de que ninguém visse suas emoções. Ele sempre era protegido assim quando estava em qualquer lugar perto de Faer, ou mesmo na corte. Mas ele estava animado - para Azrael, pelo menos - com Duncan e Tiron.

E comigo.

Geralmente.

— O que está incomodando você? — Exigi.

— Ele pode estar envergonhado com aquele show na plataforma, — disse Azrael. — Estou curioso para saber o que ele quer esta manhã.

Quando Azrael disse que estava curioso, tive a sensação de que o que ele realmente sentia era pavor.

O que Faer fez a Duncan e Azrael antes? Eles pareciam cautelosos perto dele, como se ele tivesse custado algo antes.

Sabia que eles não iriam querer responder à pergunta. Mas eu estava furiosa com o pensamento e, mais cedo ou mais tarde, descobriria se Faer os tinha machucado.

E daí? O que você vai fazer então? Eles nem mesmo são seus amigos.

Minha voz interior era uma idiota, e decidi ignorá-la.

— Você acha que Raile estará neste almoço também? —

Perguntei enquanto cavalgávamos em direção ao castelo. Eu odiava a ideia de vê-lo. O próprio Raile parecia um homem interessante, mas eu odiava que ele representasse o desejo do meu irmão de me controlar. — Então será como uma festa de príncipes!

— Delicioso, — Duncan murmurou.

Tiron olhou para mim, um olhar que eu não consegui ler; eu não queria deixá-lo de fora. Tendo vida para Azrael, Duncan e eu, certamente não era como se houvesse algo tão grande em ser nobreza.

Mas talvez Duncan e Azrael estivessem tendo suas próprias festas principescas depravadas. Imagino aquelas duas figuras contra a parede na outra noite, lábios entreabertos e caudas chicoteando em êxtase. Eu imaginei esses homens me cercando em vez das figuras com chifres, suas mãos traçando meu corpo, seus lábios contra os meus enquanto me giravam entre eles...

Olhei para Duncan de lado, tentando imaginar sua cara de O quando ele sempre parecia tão mal-humorado. Duncan provavelmente conseguia fazer uma carranca durante o orgasmo.

Duncan encontrou meu olhar. — O quê?

— Nada, — murmurei. — Nada.

Quando chegamos ao castelo, tomei banho rapidamente. Debati entre usar um daqueles vestidos malditos, era ridículo que minhas roupas diárias fossem um trabalho para dois homens, e o traje de caçador que eu estava confortável. Seria melhor se Faer não me visse como uma ameaça? Se eu parecesse perdida neste mundo? Precisava chegar às Cavernas Amaldiçoadas.

Houve uma batida na porta. Eu joguei minha toalha em volta de mim e caminhei pelo chão para encontrar Azrael encostado na porta.

Algo se soltou em meu peito assim que o vi, com seu rosto

bonito e seus olhos roxos profundos. Foi quando percebi o quão nervosa estava sobre enfrentar Faer novamente, depois das escapadas da noite anterior. Eu me senti melhor assim que vi Azrael.

— É uma ótima aparência, — disse ele. — Definitivamente use isso para almoçar. Se Raile estiver lá, tenho certeza que ele vai jogar você por cima do ombro e mergulhar no oceano. Nadar com você todo o caminho até o submarino.

Ele me provocou, mas o calor flamejou em seu olhar.

— Ajude-me a escolher minhas roupas, meu servo, — provoquei enquanto caminhava pela sala. — Minha velha armadura de batalha ou roupas de princesa estonteante?

— Essas roupas de princesa estonteante podem ser sua armadura muito bem, — ele me prometeu. Ele me seguiu até o meu quarto e para minha surpresa, ele realmente começou a folhear meus vestidos. Ele soltou um escárnio. — Eu acho que você precisa de uma reforma no guarda-roupa, Majestade.

— Terei que pedir mesada ao meu irmão, — disse. Minha voz estava leve, mas a frustração que senti era real. — Ou eu tenho contas bancárias em algum lugar? Não que eu me lembrasse do meu PIN⁹. Como isso funciona aqui, afinal?

— Nós vamos descobrir algo, — ele prometeu.

Nunca soube o quão sério levar isso quando ele souu como se estivesse do meu lado. Ele puxou um vestido azul escuro, fortemente bordado e frisado na parte inferior para parecer o céu noturno sobre uma floresta.

— É lindo, — disse. Embora fosse adorável, parecia um pouco demais para o almoço.

— Costumava ser um dos seus favoritos. — Ele olhou para ele

como se tivesse lembranças para ele, então o colocou de volta no armário. Ele puxou um vestido cinza sem mangas com uma sobreposição de renda. — Talvez este. O que você acha?

— Claro, — disse. — As roupas não importam muito para mim.

— Você que manda. — Ele sorriu, e eu poderia jurar que havia afeto real na forma como seus olhos se enrugaram nas bordas. — Eu sempre me perguntei como você conseguiu usar roupas de menino por quase um ano.

Este vestido pelo menos não tinha espartilho. Depois de entrar nele, puxei meu cabelo para cima e ele começou a abotoar para mim.

— Quando foi isso? Naquela academia militar?

— Sim. — A parte de trás de seus dedos roçou minha pele nua repetidamente enquanto ele fechava os pequenos botões de pérola, e eu mordi meu lábio com o toque.

Eu senti tão pouco por qualquer homem, mas o menor toque de Azrael fez meu coração disparar.

— Conte-me sobre o que aconteceu.

— Faer deveria ir, mas ele não queria. Mulheres não eram permitidas na academia naquela época. Então você ocupou o lugar dele.

— Estou curiosa *para* saber como foi essa conversa entre mim e Faer.

— Eu também me pergunto. Claro, ele te adorava quando vocês dois eram jovens. Não tenho certeza de quando isso mudou. Talvez vocês dois ainda estivessem se dando bem.

A saudade se torceu dentro de mim quando tentei imaginar Faer e eu sendo próximos. — Engraçado que eu acho que ele é um idiota total, mas imaginar como nos perdemos ainda dói.

— Eu gostaria de ter uma resposta para você.

— Como você e eu nos conhecemos?

— Éramos companheiros de quarto. — Ele deve ter terminado de abotoar, porque suas mãos caíram para a minha cintura. Suas grandes mãos pareciam abranger minha cintura, quentes e individuais, e minha respiração parou no meu peito. No meu ouvido, ele disse suavemente: — Você era uma péssima colega de quarto, a propósito.

— Oh? Aposto que você era insuportável. — Eu podia imaginar Azrael arrumando suas meias por cor e reclamando se eu deixasse uma toalha no chão. Ele parecia tão tenso no meu apartamento, embora eu guardasse as memórias dos três lavando pratos e esfregando.

— Eu era, — disse ele, para minha surpresa. — Mas isso fazia parte do meu trabalho.

Suas mãos caíram do meu corpo. — Vamos. Vamos enfrentar...

Ele parou, e eu sabia que ele estava prestes a chamar meu irmão de algo pouco elogioso, mas ele se conteve.

Me perguntei se ele se conteve porque não queria me machucar ou porque não confiava em mim.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

AZRAEL

Quando entramos nos aposentos de Faer, ele nos cumprimentou com vinho espumante e uma conversa igualmente animada. Mas eu não conseguia esquecer a maneira como ele olhou para Alisa na noite anterior com os olhos semicerrados e uma torção severa nos lábios.

Ele a odiava.

— Minha Irmã, — ele disse, jogando o braço sobre os ombros dela. — Como vão as aulas?

Nunca confiei menos nele do que quando ele parecia feliz.

— Adorável, — ela disse. Ela não se afastou, mas havia linhas fracas de tensão ao redor de seus olhos, mesmo quando ela passou o braço em volta da cintura dele. — O que você tem feito até hoje enquanto tenho esquivado a lâmina de Duncan?

— Tentando negociar com a corte marítima, embora os tenhamos ofendido recentemente. — Ele apertou os ombros dela. Ela olhou para ele rapidamente, e ele acrescentou: — Oh, está tudo bem. Se Raile não aguenta um pouco de rejeição, esqueça-o. Vamos descobrir outra maneira.

Alisa se virou para dar a ele todo o peso de sua expressão cética.

— Você e ele pareciam muito decididos a me enviar em uma jornada subaquática o mais rápido possível.

— Não é como se você já tivesse se apaixonado, — disse ele alegremente. — Achei que não importaria muito para você. Mas

talvez essa Alisa recém-reinventada seja mais romântica.

Ela o encarou e ele acrescentou: — Eu aprovo. Você seja qualquer Alisa que você quiser ser. — Ele deu um beijo em sua testa. Ela congelou, mas ele não pareceu notar. Ele a soltou e acrescentou: — Ok, vamos comer.

— Ele está bêbado? — Alisa murmurou para mim pelas costas dele enquanto ele se dirigia para a mesa, que foi colocada lá dentro pela primeira vez.

Balancei minha cabeça apressadamente. Eu nunca tinha visto Faer bêbado; ele não precisava beber para ceder aos seus impulsos básicos. Assim como a velha Alisa, ele nunca deixou seu controle escapar. Muitas vezes ele agia como se estivesse bêbado, para encorajar a idiotice dos desatentos ao seu redor, mas sempre era um de seus jogos.

Faer pretendia algum público para este ato; me perguntei quem seria.

Nós cinco nos sentamos ao redor de uma mesa redonda. A mesa estava repleta de um almoço chique de frutos do mar. Uma torre de chocolate borbulhava no centro, baixa o suficiente para permitir que todos olhássemos um para o outro.

Alisa pulou todo o resto e imediatamente espetou um morango para mergulhar no chocolate. Quando ela o colocou na boca, ela fechou os olhos por uma fração de segundo.

— Eu sei o quanto você ama chocolate. — Faer parecia satisfeito.
— Estou feliz que não tenha mudado.

— Eu preciso de um desses para o meu quarto, — Alisa murmurou.

— Você tem comido nos aposentos dos cavaleiros quando não

estamos juntos? — Faer perguntou a ela.

Odiava a imagem de Alisa comendo sozinha todos os dias em seu quarto, com o sol brilhando no oceano além. Agora ela nem mesmo tinha Nikia pairando ao seu redor.

Ela mastigou e engoliu lentamente antes de responder. — Não, tenho jantado em meus aposentos.

— Tenho certeza de que todos vocês têm desfrutado de pratos melhores do que estão acostumados no salão dos cavaleiros. — Faer olhou entre nós três.

Porra. Faer a estava lembrando de que ela estava sozinha. Ele certamente já sabia a resposta para todas as perguntas antes de perguntar.

Alisa disse friamente: — Seria impróprio tê-los em meus aposentos, Faer.

Os olhos de Faer se estreitaram. Antes que ele pudesse falar novamente, como se quisesse encobrir seu erro, ela acrescentou: — Que assuntos judiciais temos na próxima semana?

Faer levou a taça aos lábios para um longo gole. Então, enquanto colocava a taça de cristal na mesa, ele disse: — É tudo muito chato. Espero poder encerrar negócios com Raile esta semana, e há apelos para ouvir. Na próxima semana são todas as reuniões do conselho e arrecadação de impostos.

Os olhos de Alisa se aguçaram com a palavra *imposto*. Se eu pudesse transmitir pensamentos diretamente para o cérebro dela, diria a ela para não prosseguir com a situação do pagamento de impostos, não agora; ela precisaria estar em uma posição estável nesta corte antes de desafiar algo que beneficiasse a baixa nobreza.

Mas ela disse levemente: — Eu odiaria deixá-lo entediado

sozinho, Faer, mas parece o momento perfeito para eu fazer uma viagem.

— Uma viagem? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Eu me preocupo com a sua segurança, Alisa, mas para onde você quer ir?

Não diga as cavernas amaldiçoadas, não diga as cavernas amaldiçoadas...

— Eu gostaria de ver um pouco do nosso reino, — disse ela. — É outra lacuna no meu conhecimento.

— Há tantos lugares que eu gostaria de mostrar a você, — disse ele calorosamente. Ele lançou uma longa descrição de muitos lugares bonitos: as fontes de Eleid, a floresta cantante, os jardins selvagens no Norte.

Alisa passou o dedo pelo topo da taça. — Achei isso adorável. Vou precisar de algumas coisas, é claro: um cavalo mais adequado, fundos para um guarda-roupa de viagem.

— Diremos ao tesoureiro para informar as lojas locais para lhe dar uma linha de crédito aberta, — disse ele. — O que você quiser, Alisa, fico feliz em comprar você.

Ele tomou outro gole e disse: — Você realmente deveria pedir novos vestidos. Seu guarda-roupa atual é uma desgraça.

Alisa ignorou isso e disse: — É muita gentileza de sua parte, obrigada, mas eu deveria ser capaz de pagar do meu jeito.

— Você não tem emprego, — disse ele com um sorriso. — Você é a princesa da corte de verão, da corte suprema. Você nunca precisa se preocupar com dinheiro. Tudo o que pertence à corte, pertence a você.

Ela acenou com a cabeça. — Tudo bem.

— Eu sinto muito, — disse Faer, levantando o olhar para o resto de nós. — Nós os deixamos fora da conversa. Duncan, como vão as

aulas dela?

Duncan olhou para o príncipe por tempo suficiente para que eu pensasse que ele não poderia responder. A preocupação pesava em meu estômago sempre que ele e Tiron estavam perto do príncipe. Diplomacia não era o forte de Duncan.

— Ela é uma aluna adequada, — disse ele. — Ela quase resistiu hoje.

— Eu tenho um professor tão caloroso e encorajador. — Alisa tentou bater sua taça contra a dele.

Duncan olhou para ela como se ela tivesse desenvolvido um conjunto de chifres espontaneamente e pudesse tentar sangrá-lo.

— E Azrael? As aulas de etiqueta? — Os olhos claros de Faer fixaram-se nos meus. A prata pálida de suas íris quase desbotava às vezes, deixando suas pupilas como pontas de alfinetes.

— Ainda sou terrivelmente inadequada para uma companhia educada, — disse Alisa. — Felizmente, passo a maior parte do tempo com os três.

Tiron sorriu para ela. — Não temos todos sorte.

Sim, sorte foi o que eu senti agora.

— Depois de administrar as complexidades da etiqueta social Feérica — Alisa começou, — pensei que poderíamos expandir meu currículo um pouco.

Não, Alisa. Não. De alguma forma, tive a sensação de que ela adivinhou que Faer havia me dado um conjunto muito específico de instruções sobre o que a princesa poderia ou não ser ensinado. Mas eu planejava ensinar a ela tudo o que fosse necessário e me fazer de bobo. A maioria dos soldados desenvolve um talento especial para isso.

— O que você estava pensando? — Faer perguntou a ela sobre a

taça de seu vinho antes de tomar um gole.

— Um tutor de magia, — Alisa disse brilhantemente, mas as palavras pareciam pairar no ar.

— Posso ensinar tudo o que ela precisa saber, — disse. Faer iria querer controlar tudo o que ela aprendesse, e qualquer tutor que ele designasse provavelmente seria seu espião.

— Claro que você pode, — disse Faer. — Sim, Alisa, o que você quiser. Essa é uma ótima ideia.

Por alguns minutos, comemos em silêncio.

— Oh, Alisa — Faer disse de repente, como se algo tivesse acabado de ocorrer a ele. — Eu pensei que você poderia precisar de uma nova empregada. O chefe da equipe me disse hoje que a mãe de Nikia adoeceu e ela precisava voltar para casa.

— Pobre garota, — Alisa murmurou.

— Pensei na companhia perfeita para você. — Havia um leve sorriso se contraindo nos lábios de Faer, um sorriso que eu não gostei nada. Ele olhou para mim então. — Zora! Que maravilha para todos nós seria tê-la aqui na corte!

Minha respiração congelou no meu peito.

Zora.

Minha irmãzinha.

Minhas mãos se fecharam em punhos sob a mesa, dando um nó no guardanapo. — Isso seria um prazer, — disse, minha voz calma. — Zora está ocupada com seus estudos, entretanto, ela é tão grosseira quanto Duncan. Tenho certeza de que há mulheres mais agradáveis.

Os olhos de Alisa se arregalaram. Então ela disse suavemente: — Eu não preciso de uma empregada. Eu não estou acostumada; isso me deixa desconfortável depois do meu tempo no mundo mortal.

— Oh? — Faer perguntou. — Você não precisa de uma? Então quem ata seus espartilhos, Alisa?

Ele ergueu as sobrancelhas. — Deve ser difícil para você. Afinal, você me disse há poucos minutos como nunca convidaria esses homens para seus aposentos.

— Eu consigo, — ela disse.

Ele deu a ela um sorriso brilhante que não alcançou seus olhos. — Eu insisto. Nada além do melhor para minha irmã gêmea.

O resto da refeição transcorreu em silêncio. Duncan estava sentado com o rosto impassível, mas Tiron o encobriu, conversando animadamente com Faer. Tiron tinha um talento especial para bate-papos inofensivos e vitoriosos. Ele seria o espião perfeito; ele podia falar com qualquer pessoa e convencê-los de que eram amigos.

Assim que chegamos ao aposento dela, Alisa agarrou meu pulso e me rebocou em direção à porta. — Vocês dois também.

Olhei para o corredor, certificando-me de que não estávamos sendo vistos, então a segui.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, Alisa se virou para nos encarar.

— Como protegemos sua irmã? Eu sei que isso foi uma ameaça. Faer quer ter certeza de que vocês dois fiquem sob seu controle.

Duncan bufou.

— Eu entendo que você quer protegê-la, — Alisa estalou. — Diga-me como ajudar.

— Você é muito doce, — Duncan brincou. Ele abriu a porta com tanta força que ela bateu na parede.

Alisa pulou com o pouco de violência, e minha fúria voltou a se concentrar em Duncan. Era tentador dar um soco na cara dele quando

eu estava com raiva.

Bem, realmente, era *sempre* tentador dar um soco na cara de Duncan. Ele sempre estava fazendo algo para merecer isso.

— Vamos descobrir uma coisa, — disse Tiron.

— Você diz muito isso, — disse ela. — Até agora, a lista parece estar crescendo, e não há muita coisa sendo riscada.

— Você não está neste mundo há uma semana, — disse Tiron.

— Você iria cuidar de Duncan? — Perguntei impaciente. Eu não conseguia tolerar a marca registrada de otimismo de Tiron no momento.

Alisa tinha boas intenções, mas ela não entendia do que Faer era capaz. Uma aldeia da corte no outono rebelou-se contra Faer há alguns anos. Faer escondeu as notícias de mim até que o maldito grupo de caça voltou.

Encontrei uma desculpa para escapar e passar algumas semanas depois. Os homens, mulheres e crianças daquela aldeia ainda pendurados contra as paredes da fortaleza, pendurados em diferentes alturas. Seus corpos se retorceram com a brisa, lentamente se decompondo enquanto batiam nas paredes de pedra. Um dos idiotas de Faer havia matado o gato de uma criança e amarrado o gato em seus braços.

Foi quando eu soube que um dia o mataria.

Era muito fácil para mim imaginar Zora com os olhos vazios também, balançando contra aquela parede de pedra.

— Vamos descobrir isso juntos, — disse Tiron, pouco antes de sair pela porta.

— Não, não vamos, — disse. Zora não era problema de Alisa e eu não queria ficar devendo nada a ela. — Eu cuidarei disso.

As sobrancelhas de Alisa arquearam, seus olhos brilhando. — Estou tentando cuidar de todos vocês.

— Você não pode nem cuidar de si mesma, princesa. — Inclinei minha cabeça para ela. — Vamos ter nossas aulas no jardim essa tarde. Vejo você em uma hora.

Me dirigi para a porta.

Ela chegou lá primeiro, pressionando as costas contra ela. Ela olhou para mim com aqueles olhos luminosos.

— Não fuja, Azrael.

Encontrei seu olhar uniformemente. — Minha família está em perigo no momento, princesa. Eu não tenho coragem de ser legal agora. Seria sábio me dar essa hora.

— Estou tentando ajudar.

Já que ela me prendeu, eu a prendi também, apoiando uma mão em cada lado de sua cabeça. Eu me inclinei mais perto. Ela olhou para mim, sua respiração engasgando em seu peito.

— Você me ajudou uma vez antes, e eu perdi um reino, — rosnei. — Era meu dever jurado proteger a corte de outono e todas as pessoas nela. Eu falhei com eles.

Minha voz saiu rouca quando eu disse que falhei com eles, não importa o quão pouco eu quisesse mostrar essa vulnerabilidade agora. Eu não podia me dar ao luxo de ser vulnerável.

— Ela é a última coisa que tenho que proteger, — consegui dizer. — Então, você me dá licença, princesa, mas não vou apostar em você de novo. Não com ela.

Suas bochechas coraram, vermelhas como um tapa. Conhecendo Alisa, ela pode ter preferido que eu batesse nela do que insultá-la. De verdade, insultá-la, porque isso era diferente das brincadeiras usuais

entre nós.

Ela deu um passo para o lado da porta, varrendo o braço para indicar que eu deveria ir.

Esperei no jardim por uma hora, mas ela nunca apareceu.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Eu desabei na cama, gemendo. A surra rasgou minha carne e mordeu o músculo abaixo. Alisa moveu-se rapidamente para a porta e fechou-a, certificando-se de que estava realmente fechada antes de correr para mim. Ela caiu de joelhos ao lado da cama, com os olhos arregalados.

— Foi uma carta do homem cujo lugar minha amiga ocupou, — ela sussurrou para mim. — Eu tinha que protegê-la.

— E eu tinha que proteger você.

— Não, você não tinha, — sua voz saiu quente. — Estava pronta para usar minha magia para me esconder.

Eu zombei. — Como se sua magia pudesse segurar sob o chicote.

— Poderia, — ela disse fortemente.

Enterrei minha cabeça em meu braço. — Eu não aguento seu atrevimento além da dor. Eu prefiro ser torturado apenas de uma maneira, obrigado.

— Tão dramático. — Ela se sentou na cama ao meu lado. Eu ouvi um silvo sob sua respiração quando ela percebeu o quão ruim eram os ferimentos.

A realeza Feérica poderia se curar com relativa facilidade, então Vail tinha me batido muito mais ferozmente do que qualquer outra pessoa, eu sabia disso. Ele teve que deixar sua impressão no

momento. Deixei um rastro de sangue na neve e no corredor, embora eu tenha caminhado orgulhosamente de volta para o dormitório e apenas desabei aqui em privacidade.

Suas mãos se moveram nas minhas costas, o brilho suave de sua magia varrendo os cortes profundos. — Senhor, acho que vejo osso.

— Esse pensamento não é útil, — consegui dizer, porque não queria visualizar o quão ruim era. A dor foi tão intensa que meu estômago embrulhou. — Acho que vou vomitar.

Mas não tinha energia para me mover. O pior da dor começou a desaparecer, substituído por uma sensação terrível de coceira quando minhas feridas começaram a cicatrizar sob seu toque. Eu poderia me curar, mas tinha a sensação de que, não importa o quão loquaz ela fosse, ela precisava consertar o dano.

— Eu estava preparada para receber minha própria punição, você sabe, — ela disse suavemente. — Eu não faria algo pelo qual não estivesse disposta a pagar.

Eu zombei. — Você teria sido descoberta.

— Essa não foi a única razão pela qual você fez isso. Você é terrivelmente heróica, sabia disso? Bastante exibicionista.

Ela expressou tudo da maneira mais ridícula, mas ela não estava exatamente errada. Eu tinha motivos além do prático para proteger seu corpo. Eu disse finalmente: — O chicote doeu menos do que ficar parado enquanto outra pessoa te machuca.

Ela bufou de exasperação. — E você não acha que é exatamente o mesmo para mim, seu grande idiota?

— Cuidado, — disse. — Sem xingamentos.

Sua mão acariciou minha pele, que estava curada agora. — Você é tão teimoso.

— Eu? — Sentei-me, virando-me para encará-la. Minha exaustão estava rapidamente se transformando em irritação. — Você é ridícula. Tão determinada a ser uma heroína em vez de uma princesa...

— Eu não acho que tenho que escolher, — ela atirou de volta.

— Você não pensa metade do tempo, — disse a ela. — Você consertou coisas para a sua amiga desta vez. E daí? Você acha que ela não será descoberta mais cedo ou mais tarde?

Sua mandíbula se contraiu e ela desviou o olhar. Ela já sabia disso.

— Ela não tem nenhum outro lugar para ir, — disse ela suavemente. — Herrick mandou matar a família dela. Ela também será morta, se for descoberta.

— Então você acha que deve a ela.

— Eu devo a ela. Eu não o impedi. — Quando ela voltou seus olhos arregalados para mim, eu sabia que ela estava arrasada por não ter conseguido parar Herrick.

Ela pode ter sido inocente quando veio aqui, mas ter emergido no mundo de todas as quatro cortes tinha acabado com isso.

Eu hesitei. Eu não deveria confiar a uma Feérica de verão algo tão precioso sobre minha própria corte. Minha primeira lealdade sempre deve ser para eles.

E ainda...

— Eu vou cuidar dela, — prometi. — Eu tenho conexões, Alisa. Se as coisas derem errado... vou tirá-la das garras de Herrick.

Ela sorriu tristemente. — Você pode fazer isso por mim também?

— O quê? — Perguntei, instantaneamente quente de raiva com o pensamento de que ela estava presa por Herrick.

Mas essa tristeza já se foi perseguida pela travessura. Ela montou

no meu colo de repente, suas unhas cravando-se na pele fresca que cobria meus ombros.

— Você prometeu a Vail que me puniria, — ela ronronou em meu ouvido, e fiquei instantaneamente duro quando seus lábios roçaram minha bochecha. — Você vai manter suas promessas, Outono?

— Sempre, Verão.

Ela estava rindo quando eu caí de costas na cama, rolando com ela até que pudesse prender suas pernas nas minhas. Eu bati na curva atrevida de sua bunda, o som ecoando no quarto. Puxei suas calças para baixo, revelando as orbes pálidas que rapidamente ficaram vermelhas sob a minha palma, e sua risada se transformou em pequenos gemidos e meneios através da cama.

— Posso te distrair? — Ela rolou para o lado, pegando meu pau.

— Ainda não, — disse, virando-a de costas e batendo em sua bunda novamente, com força suficiente para deixar as marcas dos meus dedos em sua linda pele. Ela soltou um pequeno grito e então mexeu a bunda, incapaz de resistir a implorar por mais, mesmo enquanto tentava me convencer a parar. — Alguém deveria ter feito isso há muito tempo. E regularmente. Mas estou feliz em te pegar.

Ela riu. — Eu nunca vou entender como você pode ser...

Eu a interrompi com uma rajada de palmadas que a fizeram tentar se contorcer, mas a empurrei em meu colo, prendendo sua perna com a minha para mantê-la em meu joelho, onde ela pertencia. Com ela nessa posição, eu podia ver seu clitóris rosa e brilhante e ver a quão molhada ela estava por causa de sua *punição*. Bem, talvez houvesse mais de uma maneira de domesticá-la; talvez o poder dos orgasmos fosse bom para sua atitude.

Eu mirei mais algumas palmadas nos lugares onde ela se sentou, determinada que ela ainda me sentiria enquanto ela continuasse com as aulas amanhã. — O que eu disse sobre xingamentos?

— Eu ia dizer que você é *tão meu favorito*.

— Mm, e mentindo também. — Eu continuei batendo em suas bochechas, amando a visão dela espalhada na minha frente, a forma como sua bunda ficou rosa, a maneira como ela alternadamente tentou resistir e agitou sua bunda na frente do meu rosto se eu parasse, querendo mais.

Fiz uma pausa, esfregando as marcas vermelhas sobrepostas que meus dedos tinham deixado, e ela soltou um gemido suave. Esse som sempre me deixou louco. Corri meus dedos pela parte interna de suas coxas, acariciando-a, e seus quadris resistiram, tentando colocar meus dedos contra seu clitóris. Ri e bati em sua bunda novamente. — Você é tão exigente, mesmo quando não está em posição de resistir.

— Eu sei o que quero — corrigiu ela, olhando para mim por cima do ombro, — e estou *sempre* em posição de lutar. Se alguém pensa que não estou, está me subestimando.

Eu sorri para isso e dei mais algumas palmadas fortes em sua bunda. Ela escondeu o rosto nos lençóis, mas também sorria.

— Eu nunca iria subestimar você, — prometi, finalmente soltando-a, e ela rolou para o lado. — Você é uma péssima colega de quarto, mas, além disso, é muito perfeita.

Ela sorriu, estendendo a mão para esfregar seu traseiro. — Eu estou muito longe da perfeição e você sabe disso.

— Não para mim, — prometi. Empurrei seu ombro, jogando-a de lado. Ela estava rindo enquanto eu pressionava um beijo na parte interna de sua coxa, e então a risada morreu enquanto meus lábios

viajavam continuamente para cima.

Quando beijei seu centro, ela se contorceu um pouco. Enrolei meus braços em volta de suas coxas, segurando-a quieta enquanto corria minha língua por ela, lambendo seu doce mel enquanto suas unhas deslizavam para frente e para trás nos lençóis. Então eu provoquei minha língua dentro dela, trabalhando minha boca firmemente contra seu clitóris, e suas mãos agarraram os lençóis, puxando-os para soltar.

Seus quadris começaram a sacudir, ou tentar, mas eu ainda a segurei. Ela balançou a cabeça, seus lábios se separando, então correu os dedos pelos cabelos, pressionando as palmas das mãos contra a cabeça como se estivesse tentando não voar.

Mas é claro, eu queria que ela desabasse, e ela desabou. Ela gemeu meu nome quando começou a pulsar ao meu redor, seu corpo estremecendo em torno da minha língua enquanto seu orgasmo ondulava por seu corpo. Eu estava dolorosamente duro e tinha medo de gozar nas minhas calças de prazer em vê-la gozar por mim. Ela era tão bonita quando estava assim, sua pele pálida corada de prazer, seu corpo vulnerável e aberto e *meu*.

Então ela ficou imóvel, sorrindo para mim. Ela passou a mão pelo meu cabelo e eu subi para desabar na cama ao lado dela. Meus dedos acariciaram preguiçosamente os planos de seu abdômen enquanto ela estava lá, ainda estremecendo com as ocasionais consequências do orgasmo.

— Você é muito bom para mim, você sabe disso, — ela disse suavemente.

— Não tem isso. — Eu beijei seu ombro nu. — Você merece o mundo, Alisa. E tudo que eu posso te dar...

Eu parei, porque nossa vida junto era toda segredos e pecado.

— Tudo que você pode me dar é tudo que eu quero, — ela me assegurou, capturando meus lábios com os dela. Nós dois trocamos beijos longos e lentos. Então ela colocou a cabeça no meu ombro, nós dois deitados juntos.

— A verdade é, Verão, não quero estar nesta academia sem você, — sussurrei em seu ouvido. — E eu não acho que quero viver sem você em lugar nenhum.

Ela olhou para mim. — A probabilidade de você e eu ter um final feliz...

Ela parou, mas eu terminei por ela. — Elas não são boas.

— Então vamos aproveitar agora, — disse ela, pouco antes de beliscar minha orelha com os dentes, e eu tive que começar tudo de novo tentando puni-la.

Como se a princesa Alisa pudesse ser regenerada.

CAPÍTULO QUARENTA

AZRAEL

Os próximos dias passaram mais ou menos pacificamente. Na maior parte do tempo, eu estava com Alisa, ensinando seu protocolo real e história. Ela era fria, mas uma estudante meticulosa. Ela fugiu assim que terminamos nossa discussão. Isso me fez pensar na acusação de Duncan de que ela sempre fugia.

Quando eu não estava com ela, estava na biblioteca, em busca de respostas sobre sua magia. As Cavernas Amaldiçoadas eram uma jornada longa e perigosa com a qual Faer se recusava a concordar. Ele não queria que Alisa escapulisse tão longe de seu alcance, eu tinha certeza.

Eu não estava convencido de que ele queria que ela tivesse suas memórias de volta.

Fechei o livro que estava procurando e esfreguei minha mão no rosto. Ela sempre seria um pouco desamparada enquanto não tivesse suas memórias, e podia ver o quanto isso a desgastava. Temia o que aconteceria quando ela se lembrasse e ela não precisasse mais de nós, mas me fez doer vê-la sofrer por tudo.

— Parece que você precisa de uma pausa.

Me assustei com a voz de Alisa. Ela ficou parada na porta.

— Como você me achou? — Perguntei.

— Eu só me perdi meia dúzia de vezes, — ela admitiu. — Um dos servos finalmente me ajudou.

Suas sobrancelhas se juntaram, sua voz mudando, quando ela perguntou: — Alguns deles são... humanos?

— Sim, — disse. Então, defensivamente, já sabendo que isso a incomodaria, acrescentei: — Todos eles vieram aqui de boa vontade.

— E eles podem voltar de boa vontade? — Ela perguntou, uma farpa em sua voz.

A velha Alisa não se importava com a situação dos humanos no mundo feérico. Eu balancei minha cabeça. Qualquer evidência que ela mudou sempre me deixava inseguro. Como eu poderia odiá-la quando vislumbrei a mulher que amei, e não o mais leve vislumbre daquela que eu passei a odiar?

Recostei-me na cadeira. — Por que você está aqui?

Ela hesitou, então admitiu: — Estou cansada de brigar com você. Como estão as coisas com Zora?

— Mande um recado para ela procurar as Irmãs e fingir que era uma convicção espontânea da parte dela. Se ela ouviu... então ela está fora de perigo. Faer as respeita e não a levará embora. — A probabilidade de minha irmã realmente ouvir pela primeira vez me preocupou. Se ela deixasse as Irmãs, então Faer poderia conseguir arrebatá-la.

Ela veio e se sentou na beirada da mesa, folheando preguiçosamente as páginas de um dos livros que eu descartei. Seu cheiro de madressilva provocou meu nariz. A memória de enterrar meu rosto em seu cabelo, de envolvê-la com força em meus braços enquanto ela ria e enroscava os braços em volta do meu pescoço, me fez doer.

— Você está tentando descobrir o que aconteceu comigo, — disse ela.

— Eu disse que faria.

— Eu sei, — disse ela, mas ainda assim disse como se isso significasse algo para ela.

Ela se inclinou para frente e meus lábios se separaram de surpresa logo antes de sua boca cobrir a minha.

Seus lábios ainda eram suaves e tenros, o contraponto perfeito para a lâmina rápida de suas palavras. Suas palavras podem ser uma mentira, mas poderiam aqueles lábios? Lutei para não acreditar que ela quis dizer isso quando me beijou, mesmo depois de tudo. Minha boca se separou contra a dela, dando-lhe as boas-vindas.

Ela estava muito longe, inclinando-se para me beijar quando queria o corpo dela contra o meu. Eu a alcancei, enfiando minha mão em seu cabelo macio até que minha mão apalpou a parte de trás de sua cabeça.

Este primeiro beijo foi hesitante, mas agora seus lábios foram urgentes contra os meus. Meu coração disparou, batendo tão rápido que eu podia ouvi-lo trovejando em meus ouvidos.

Sua pele carregava um cheiro claro e fresco, como folhagem, hortelã e mel. O cheiro me lembrou do lago claro e frio onde Alisa e eu costumávamos nadar. Saíamos da academia e íamos nadar sob o luar. Valeu a pena perder o sono para compartilhar aqueles momentos roubados. A magia aquecia nossos corpos enquanto nadávamos, o ar tão frio que nossa respiração pairava no ar em uma névoa gelada. O choque de um banho frio ainda sacudia doces lembranças em minha mente.

Meu braço rodeou sua cintura e a puxei da mesa para o meu colo. Eu a beijei de volta com o mesmo fervor, da mesma forma selvagem, e quando nós dois nos separamos, estávamos ambos sem

fôlego. Eu mantive meu braço em volta da cintura dela, ancorando em mim, apenas por mais um pouco.

— O que trouxe isso? — Perguntei, tentando cobrir quanta emoção isso despertou em mim.

— Tive uma ideia boba, — admitiu ela, colocando o cabelo para trás atrás da orelha. — Às vezes, nos contos de fadas, um encantamento é quebrado com um beijo, e eu pensei...

Ela parou e desviou o olhar para a vasta biblioteca, mas não fez nenhum movimento para escapar do meu colo. Depois de um segundo, ela acrescentou: — E também, queria. Queria por um tempo.

— Oh?

— Parece que partes de mim se lembram de você, — ela admitiu com uma pequena risada, como se isso a envergonhasse. Seus dentes brilharam brancos, um pouco mais afiados do que os de uma mortal agora, e peguei seu queixo com meus dois dedos e virei seu rosto para o meu.

A beijei novamente, avidamente. A ponta de sua língua brincou contra meu lábio superior e eu abri para ela. Nossas línguas giraram juntas enquanto ela me beijava com fome. Meus dedos correram por seu cabelo, preso na parte de trás de sua cabeça enquanto eu a segurava quieta.

Ela gemeu contra meus lábios, movendo-se para mais perto de mim, como se o desejo a tivesse varrido tão rapidamente quanto eu. Meu pau estava de repente, dolorosamente duro. Os bibliotecários desaprovaram.

Foi difícil parar, se afastar, antes de fazer coisas das quais os bibliotecários nunca se recuperariam. Em vez disso, pressionei meus lábios em sua testa, um beijo casto.

— Você quer que eu diga o que encontrei? — Consegui, um engate na minha voz. Fatos e mitos não podiam fazer nada para relaxar a tensão que latejava no meu pau agora. Mas Alisa e eu não podíamos ir mais longe em nosso desejo.

— Claro, — disse ela, enrolando-se contra mim facilmente, e apesar do meu bom senso, eu a segurei perto.

— Não consegui identificar o encantamento que roubou suas memórias. Imagino que pode ser uma série de feitiços complexos, porque parece uma coisa quase impossível. A magia pode ter selado os caminhos do seu cérebro para tudo que você sabia antes.

Ela ficou tensa, mas não moveu a cabeça do meu ombro.

— Isso soa... final.

— Eu acho que outro feitiço poderia desbloquear essas vias neurais, — disse. — Eu simplesmente não sei *que* feitiço.

— Essa não é a sua única teoria. — Ela olhou para mim, a esperança brilhando em seus olhos.

— Não, — admiti. — Acho que talvez você esteja sob algum tipo de encantamento de esquecimento contínuo. Você *se* lembra de tudo, mas assim que começa a surgir em sua mente, o encantamento te faz esquecer. Todas as suas memórias estão em sua mente agora, você pode estar se lembrando do próprio encantamento agora, mas a *memória* de lembrar é esquecida assim que surge.

Ela ficou em silêncio por um segundo. — Isso me dá dor de cabeça só de imaginar, Azrael.

— Seria preciso muito poder, — admiti. Também me deu dor de cabeça.

— Faer sabe quem mudou meu rosto.

Ela pousou a ponta dos dedos levemente na bochecha. Ela se

afastou de mim, sentando-se, embora ainda estivesse em seu colo. Senti falta do corpo dela contra o meu, mas isso não importava.

— Deixe-me adivinhar. Ele está mantendo o refém do conhecimento? — Perguntei. — Não podemos nem mesmo confiar nele para lhe dizer a verdade.

— Por que ele me odeia tanto?

— Eu não sei. Quando visitei a corte de verão quando menino, vocês dois pareciam próximos. Vocês não eram apenas irmão e irmã, eram melhores amigos.

— Eu preciso saber o que aconteceu. — Ela parecia determinada, e Alisa sempre era imparável depois que se decidia. — Faer ainda se recusa a me deixar viajar livremente?

Concordei. Não houve mais festas. Faer tinha insistido que sua irmã estava *doente* e precisava se recuperar. A mentira me irritou, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Embora graças a Tiron, que parecia ter um amigo em todos os lugares, rumores se espalharam sobre a rainha ser mais forte do que nunca. Duncan balançou a cabeça e resmungou que nós dois estávamos jogando um jogo perigoso e sem sentido. Ele insistiu que a deixássemos ir para Raile e acabar com isso.

Como se pudesse confiar em Faer para cumprir qualquer uma de suas promessas.

Como se Alisa fosse *apenas* para a prova de vestidos, o casamento, o submarino, como uma princesa obediente.

Como se nós três pudéssemos suportar que ela fosse forçada.

Nada na minha vida tinha sido simples desde que conheci Alisa, naquele dia na floresta fora da academia quando descobri quem ela realmente era.

Empurrei tudo isso de lado por enquanto. — Lamento que não seja uma notícia melhor. Pode ser uma jornada perigosa, mas acho que a resposta ainda pode estar nas cavernas, como a Delphin disse.

— Então devemos ir para lá. — Então, depois de um segundo, ela disse: — É bom ter um rosto familiar aqui, Azrael. Um velho amigo. Mesmo que eu não me lembre de você. Obrigada.

— Não me agradeça. — Culpa e arrependimento reviraram meu intestino. Mas eu tinha que dizer outra coisa, algo verdadeiro, mas doce. — Eu faria quase tudo por você, Alisa.

Quase tudo.

Mas minha principal prioridade ainda era libertar a corte de outono das garras de Faer.

Se eu pudesse apenas restaurar suas memórias, ela seria a mesma pessoa novamente, a mulher pela qual não valia a pena jogar fora um reino. Não seria?

A pergunta me assombrava, por que a garota que encostou a cabeça no meu coração agora?

Eu sabia que realmente faria *qualquer coisa* por ela, tudo de novo.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

ALISA

Quando saí de Azrael, estava relutante. Faer me pediu para almoçar com ele em particular. Me sentia mais confortável com Azrael ou Tiron ao meu lado. Inferno, talvez eu estivesse ainda mais feliz com Duncan ao meu lado, embora ele rosnasse insultos para mim.

Pelo menos era uma chance de pressionar Faer sobre as Cavernas Amaldiçoadas. Ele estava me evitando. Não lamentaria a recente falta de festas, mas sabia que ele tinha seus próprios motivos.

Mas quando saí para a varanda de Faer, ele não estava sozinho. Raile estava com ele.

— Por que você está vestida assim? — Faer franziu o cenho. — Bem deixa pra lá. Raile nunca se importou com suas peculiaridades.

— Ou a sua, — Raile disse a ele, o que quase me fez sorrir.

A mesa estava posta para três, na varanda. Estava muito claro aqui com o sol refletindo no oceano, e um vento forte continuava agitando a toalha de mesa de modo que quase cobria os pratos.

— Raile está mais confortável aqui, — Faer disse, como se reconhecesse minha pergunta silenciosa. — Perto do mar.

— Certo, — disse. — Você é da corte marítima?

Raile acenou com a cabeça. Ele puxou minha cadeira para mim e eu me sentei sem jeito. Estive em alguns encontros no mundo humano, e ninguém puxou a cadeira para mim. Meus encontros eram mais *pague-pelo-seu-burrito*, em seguida *ei-quer-me-dar-uma-chupada*.

Eles não me prepararam para as sutilezas do mundo feérico.

— Quanto tempo você vai ficar aqui? — Levantei minha taça aos lábios e tomei um gole de algo doce e desconhecido, a ação cobrindo meus nervos. Achei Raile enervante, sexy, mas enervante.

— Vou precisar ir para casa e cuidar de alguns assuntos em breve, — disse Raile. — Pensei que talvez você viesse comigo.

Quase bufei o que-quer-que-seja-esse-suco-de-fruta-Feérico fora pelo nariz. — Por que você pensaria isso?

— Raile — disse Faer, — talvez este não seja o momento.

— Eu gostaria que você se casasse comigo, — Raile disse.

Faer beliscou a ponte do nariz com dois dedos.

— Eu gostaria de não me casar com ninguém, — disse. Meus dedos estavam de repente tão tensos na taça que pensei que poderia quebrá-la. Olhei para Faer, minha voz saindo áspera quando perguntei: — Irmão?

— Você é uma princesa, — ele disse. — Você terá que se casar com alguém, para o bem do reino.

— Por que você não se casa com Raile, então? — Exigi. — Você também terá que se casar, não é?

— Uma aliança com a corte marítima é essencial para a vitória final da corte de verão, — disse Faer, como se eu não tivesse oferecido uma solução perfeitamente razoável. — Caso contrário, nossos inimigos podem nos atacar por mar.

— Uma *aliança* parece adorável. Boa ideia. Não há razão para eu precisar usar um vestido branco e carregar flores pelo corredor com este babaca, sem ofensa, Raile, para formarmos uma aliança.

Provavelmente falhei em todas as aulas de princesa de Azrael em um parágrafo.

— Você não precisa usar um vestido branco, — disse Raile, em um tom razoável. — Você só precisa vir comigo para o submarino.

— O submarino, — repeti. Me levantei da minha cadeira, afastando-me da mesa. O vento chicoteou meu cabelo em meu rosto enquanto eu cambaleava, tentando descobrir o que dizer. — Eu não vou casar com ninguém.

— Você vai, — Faer disse, sua voz misturada com aço. — Não hoje ou amanhã, mas você é uma princesa. E Raile é paciente.

— Já esperei cinco anos, — disse ele.

— Encantador. — Minhas mãos tremiam de raiva. — Por que você ainda quer se casar comigo?

Um sorriso torceu os lábios de Raile. Faer se inclinou para ele, sacudindo a cabeça.

Mas Raile o ignorou.

— Vingança, — Raile me disse, a palavra caindo pesadamente entre nós.

E eu pensei que os relacionamentos estavam ferrados no mundo mortal.

— Fique longe de mim, — disse a ele, minha voz tensa com fúria. — Eu não vou casar com você, não importa o quão paciente você seja.

— Você vai, — Raile chamou enquanto eu me dirigia para as portas do apartamento de Faer. — Você se prometeu a mim, e eu a você, há muito tempo. Não há nada que nos impeça de encontrar o amor, Princesa Alisa.

— Você é um louco! — Gritei antes de passar pelas portas.

— Você me fez assim! — Ele gritou de volta, levantando-se da mesa. — Com seus truques! Com sua crueldade!

Então saí, correndo pela longa antecâmara de mármore e de volta ao labirinto de corredores. Eu deveria ter corrido para algum lugar privado, para meus próprios aposentos, algum lugar que eu pudesse pensar.

Em vez disso, meus pés me levaram para a biblioteca onde encontrei Azrael antes.

Abri a porta e entrei dentro. Ele ergueu os olhos do livro, depois se levantou, seu rosto turvando-se ao ver minha expressão. Vislumbrei Tiron e Duncan, que devem ter se juntado a ele em sua busca por respostas, mas nenhum deles importava para mim agora. Eu estava fixada em Azrael.

— Você é absolutamente *idiota*, — disse a ele, pouco antes de dar um soco no rosto dele.

Ele tropeçou para trás, prendendo-se contra as estantes de livros. Eu já estava balançando para ele novamente, mas ele não deixou o segundo golpe acertar; ele se abaixou para o lado, tentando pegar meu braço, mas ele e eu éramos bem parecidos, exceto pelo seu tamanho maior. Ele continuou tentando desviar meus golpes, porque ele não iria me acertar, mas eu queria que ele fizesse.

Acerte-me de volta, Azrael. Me machuque. Você não pode me machucar mais do que já fez.

— Do que exatamente você está me acusando? — Ele exigiu, como se eu fosse a louca nesta situação.

— Você sabe que Faer me trouxe de volta aqui para me casar com Raile! — Explodi. — Você me deixou pensar que os feéricos precisavam de mim. Que eu deveria voltar aqui e governar. Em vez disso, você me trouxe de volta para o quê, para ser uma escrava no submarino?

— Não seja dramática. — Ele abaixou um livro quando eu joguei nele.

Arranquei outro da prateleira. Eu *estava* sendo dramática, e infantil, mas a dor que apertava meu peito parecia que iria me esmagar.

— Não — Duncan me encorajou, — seja dramática. Ele *é* um idiota.

— Pare de ajudar, — Azrael o avisou, olhando por cima do meu ombro para ele.

— Oh, eu não estou ajudando. — Duncan sorriu.

— Eu disse que apreciava sua amizade. — Meus olhos se arregalaram com a minha própria estupidez enquanto eu atacava Azrael de novo, que mal dançou ao redor da mesa, fugindo de mim.

— Eu te beije! Como uma idiota. E você me deixou te beijar.

Mesmo Duncan não estava sorrindo agora. Ele balançou sua cabeça.

— Sinto muito, — disse Azrael, e desta vez, talvez de propósito, ele não se abaixou quando eu o acertei. Meu punho bateu em sua mandíbula, jogando-o para trás contra as prateleiras. A prateleira balançou e Tiron correu para firmá-la. Livros choveram das prateleiras, e Azrael ergueu os braços para cobrir a cabeça enquanto eles batiam nele e caíam no chão.

Balancei minha mão. Meus dedos doíam. Eu não me sentia melhor.

Azrael me encarou, seus olhos cautelosos, enquanto esfregava o queixo com uma das mãos.

— Eu te odeio, — sussurrei, mas a sala tinha ficado tão silenciosa que eu podia ser ouvida em qualquer canto. — Você poderia ter me

contado o que Raile estava tramando naquela primeira noite, não é? Mas você não fez. Você disse que me impediria de parecer idiota, mas foi você quem me fez passar por idiota.

Espreitei para a porta, ignorando o quão miserável Azrael parecia. Tiron começou a me seguir, mas Duncan agarrou seu braço.

— Você não merece mais nada, princesa, — Duncan gritou atrás de mim. — Você não se lembra disso, mas nós sim.

Em seguida, ele murmurou, quase para si mesmo: — Pelo menos, às vezes fazemos.

— Você sabe o que? — Eu girei na porta. — *Besteira*. Eu chamo isto de besteira. Eu sei quem eu sou, e não sou a vilã que você quer me pintar. Isso é apenas uma mentira que vocês dizem a si mesmos, porque significa que vocês não me devem absolutamente nada, que vocês não precisam ser nada além de vilões de si mesmos.

Então corri para meus aposentos, meus sapatos de couro sussurrando sobre o piso de mármore. O som levantou o que poderia ter sido o mais tênue fio de memória, correr assim quando criança, Faer me perseguindo, nós dois rindo.

Ou talvez fosse apenas minha imaginação.

Fosse o que fosse, me fez chorar assim que bati a porta entre o mundo Feérico e eu.

Eu não ia ficar aqui. Não por muito tempo. Não perdida em minhas lágrimas, e não presa em minha gaiola dourada.

Esta princesa iria se salvar.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

ALISA

Houve um som de farfalhar na minha janela. Virei-me para encontrar Tiron flutuando do lado de fora da minha janela, com um sorriso de autossatisfação espalhado pelo rosto.

Corri para o arco de pedra que formava a janela. Lindas asas brancas iridescentes se espalharam para os lados de seu corpo.

— Você parece um anjo, — disse.

Ele riu disso, então estendeu a mão para agarrar a borda do arco.

— Não exatamente. Tenha cuidado.

Dei um passo para o lado enquanto ele enfiava as pernas para dentro, deixando seu impulso levá-lo para dentro enquanto suas asas batiam de volta em seu corpo. A parte superior de seu corpo estava nua, e seus ombros poderosos e abdômen magro ondulavam com o movimento.

Ele deu alguns passos rápidos para se controlar, antes de enfiar uma das mãos no bolso. O movimento aproximou nós dois, e o cheiro limpo de pinheiro e neve de seu corpo tomou conta de mim. Minhas narinas dilataram antes que eu pudesse resistir ao impulso, ansiosa para respirar mais dele.

— Exibido, — o acusei.

— Estou apenas mostrando o que você pode fazer, princesa. — Ele piscou para mim. — É hora de recuperar essas asas.

Eu hesitei. — Duncan e Azrael sabem que você está aqui?

Ele balançou sua cabeça.

— Você vai ter problemas?

Ele sorriu, os cantos de seus olhos verdes enrugando, e me senti boba por perguntar.

— Duncan tentaria chutar minha bunda se soubesse onde eu estou? — Ele perguntou levemente. — Absolutamente. Eu me importo?

O olhar malicioso em seu rosto sugeria que ele, de fato, não se importava. Calor iluminou meu peito. Era bom ter alguém ao meu lado.

— Aquela conversa... com Azrael... — comecei. Eu não queria que ele escolhesse entre seus amigos e eu.

— Azrael... — ele hesitou. — Azrael é um bom homem. Mas ele tem alguma bagagem, Alisa. Ele perdeu muito...

— Eu sei. — Consegui sorrir. — Se eu fosse ele, acho que me odiaria por esquecer.

Às vezes eu odiava Azrael por se lembrar.

— Isso não é culpa sua. — Tiron parecia certo disso. Ele se mexeu, como se estivesse prestes a estender a mão e me tocar, então colocou as mãos atrás das costas.

— Não, mas... — olhei pela janela para o reflexo brilhante do sol poente no oceano. — Quem quer que eu fosse antes... talvez eu merecesse o que aconteceu. E se quem pegou minhas memórias e me empurrou por aquele portal for o verdadeiro herói desta história? E se eu for a vilã aqui, Tiron? Tanto quanto Faer...

— Você não é nada como Faer. — As palavras explodiram para fora dele, surpreendendo a nós dois.

Ele pigarreou. Eu ainda estava olhando para ele, cambaleando

com o poder de sua voz. Seu fogo acendeu uma faísca de calor em meu peito. Era bom que alguém acreditasse em mim em um palácio onde todos me viam como fraca ou perigosa.

Ele se aproximou facilmente da janela, e a luz emoldurou seu corpo alto e poderoso. Ele estendeu a mão para mim.

Aparentemente, Tiron era o mestre na mudança de assunto.

— Voe comigo.

— Prometa que não vou cair. — Coloquei minha mão na dele.

Suas mãos eram quentes e firmes, calejadas nas palmas e nos nós dos dedos. Eles não pareciam nas mãos de um nobre, nem mesmo um sexto filho.

Ele me puxou facilmente para o peitoril da janela ao lado dele e envolveu seu grande braço em volta da minha cintura. De repente, fui puxada contra todos aqueles músculos rígidos e magros que ondulavam contra meu corpo com seu movimento.

Ele sorriu para mim. — Cair é apenas parte de voar. Você não pode ter um sem o outro.

Ele se deixou cair para trás.

Fechei meus olhos, segurando um grito. Nós dois caímos em direção ao oceano e um jato de água fria atingiu meus pés. Eu abri meus olhos em estado de choque, bem a tempo de ver as asas de Tiron brilhando ao seu redor. Suas asas bateram e nós dois disparamos pelo ar.

Ele me segurou perto enquanto voávamos para frente e para trás sobre as ondas brancas, enquanto o oceano afundava. Assim que tive certeza de que não morreríamos, não consegui conter uma risada vertiginosa.

Nós dois voamos para a costa e ele pousou levemente, ainda me

segurando com força em seus braços. Meus dedos tocaram a areia, mas não soltei meus braços de sua cintura. Em vez disso, nós dois permanecemos lá na beira do mar, enquanto a noite caía ao nosso redor.

— Pronta para cair? — Ele me provocou.

— Eu nem me lembro de ter asas, — confessei. — Não tenho certeza de como...

Olhei por cima do ombro para o espaço vazio.

— Se você não quer rasgar suas roupas, você pode querer... — ele parou. — Não que as roupas importem para você, você sempre pode conseguir novas...

É claro que os feéricos voavam seminus a maior parte do tempo. Eles estavam tão confortáveis em suas peles, tão diferentes dos humanos.

— Não, — disse. — Está tudo bem, eu vou...

— Claro. — Suas palavras foram suaves, mas seus olhos estavam arregalados, como se ele não tivesse acabado de me ver nua na piscina no início daquela semana.

Puxei a túnica preta simples sobre minha cabeça e segurei-a frouxamente em uma das mãos. Ele manteve o olhar fixo em meu rosto com determinação, mas um músculo pulsou em sua mandíbula, como se o ato o machucasse fisicamente. Eu escondi um sorriso.

Eu era uma pessoa terrível por gostar da maneira como esses homens reagiam a mim?

Achei que não, especialmente quando sentia os mesmos impulsos rebeldes.

Ele pousou as mãos nos meus ombros.

— Suas asas provavelmente estavam escondidas por seu

encantamento, teria sido muito estranho se você as tivesse desenrolado em um ônibus urbano, em um Burger King ou em um encontro, mas elas estiveram aí o tempo todo. Você só precisa chamá-las.

Suas próprias asas de repente se abriram, com um rápido *pop* no início, seguido por uma onda mais lenta enquanto se espalhavam para seu tamanho total e imenso.

Ele olhou para mim, a brisa fresca e salgada despenteando seu cabelo loiro. Ele parecia como se esperasse que minhas asas surgissem com a mesma facilidade. Fechei os olhos, imaginando minhas asas se abrindo para os dois lados, como poderia doer quando saíssem das minhas costas.

Nada aconteceu.

Eu abri meus olhos novamente. — Isso foi incrivelmente inespecífico. Só para você saber. Você não será recrutado para escrever um livro sobre voar para iniciantes tão cedo.

— Será mesmo? — Ele sorriu.

Algo pairava sobre nós dois. Eu olhei para cima para ver minhas asas, luminosas, asas lilases salpicadas de ouro e prata. Elas eram tão bonitas que me deixaram sem fôlego. Levantei a mão para correr sobre a curva da minha asa, e a sensação vibrou pela minha asa, pelo meu ombro, por todo o meu corpo, uma sensação súbita e intensa que pareceu atingir todo o meu núcleo.

— Eu deveria te dizer — ele disse de repente, — Feéricos não tocam nas asas um do outro... não sem permissão. Apenas por uma questão de etiqueta.

— Por quê? — Perguntei.

— Nossas asas são sensíveis. É incrivelmente erótico... tão íntimo

quanto um beijo.

Ele ainda estava parado perto de mim. Seu queixo definido e seus belos lábios, o lábio inferior macio, um arco pronunciado na parte superior, estavam na minha linha de visão, e eu mal conseguia desviar o olhar dele.

— Como faço para aprender a usar essas coisas? — Perguntei, me forçando a desviar o olhar dele antes de dar um impulso e beijá-lo.

Ele se moveu sutilmente para mais perto de mim quando comecei a falar, então pausou e de repente eu me arrependi. Eu não deveria ter distraído Tiron do assunto dos beijos.

Olhei para a imensa escuridão do oceano agora. O mar à nossa frente parecia ser espelhado pelo mar de estrelas brilhantes acima. Grupos de flores luminescentes flutuavam nas ondas, e a maré era uma onda constante e suave.

— Você confia em mim, — ele disse suavemente. — Cair faz parte do jogo, mas não vou deixar você se machucar.

— Eu confio, — disse, as palavras rápidas e loquazes. Eu não confiava facilmente.

Toda a minha vida, de que me lembro, carreguei o peso dessa nota. *Você não tem amigos*. Deixei os Caçadores entrarem em minha vida, com cuidado. Eu amei estar com Ellie, Carter, Julian e as outras caçadoras. Ri de sua bebida barulhenta e do código casual do caçador que envolvia muita luta e flerte e... bem. Eu confiei neles para cuidar de minhas costas. Pensei neles como amigos.

Eu demorei, muito tempo, para ficar tão confortável com todos eles, no entanto. O que senti quando estava perto de Tiron era... diferente. Intenso.

Mas tive que confiar nele para aprender a voar. Disse a mim

mesma que a maneira como estava agindo fazia sentido, embora parecesse muito... não-Alisa.

Tiron agarrou minha mão na sua. — Confie em você mesma, — ele murmurou. — Você sabia como fazer isso. Bem no fundo, você ainda sabe.

— A menos que o encantamento que bloqueia minhas memórias também possa me fazer despencar para a morte, — disse levemente. — Bem, vamos fazer isso.

— Bata suas asas, — disse ele. — Você deve sentir a contração em seus ombros.

Com certeza, eu senti uma ondulação nos músculos dos meus ombros e depois além. Eu fiz uma careta em concentração, continuando a bater minhas asas.

Ele estava sorrindo para mim.

— O que? — Exigi.

Ele não me respondeu. Ele apenas olhou para baixo.

No oceano escuro, muito abaixo de nossos pés.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

TIRON

Alisa sempre foi linda, mas quando aquele sorriso maravilhado iluminou seu rosto enquanto ela era iluminada pelo luar, ela era tão linda que meu peito doeu.

Nós dois voamos juntos sobre o oceano, voando para frente e para trás.

Quando pousamos e ela colocou a camisa de volta, ela disse: — Foi bom ver a cidade de cima. Eu odeio não me lembrar de nada sobre meu próprio reino.

— Sabe, você e Azrael têm mais em comum do que você imagina. — Azrael se importava muito com a corte de outono; eu sabia que era doloroso para ele ficar longe de seu povo e das terras da corte de outono. Mas ele sentia que eles estavam mais seguros sem ele, dada a atenção de Faer.

Ela gemeu. — Nós temos que falar sobre Azrael? Parece que minha vida gira em torno de Azrael. *Azrael vai me ajudar? Como Azrael se sente hoje? Que insultos estúpidos de uma linha ele dirá se eu pedir que preencha minha memória?*

A cor permaneceu em suas bochechas; a mera menção de Azrael parecia deixá-la acalorada. Talvez em mais de uma maneira.

— Não precisamos falar sobre Azrael — disse lentamente, — mas parece que você precisa.

Ela balançou a cabeça e enfiou a mão no meu braço. — Sabe,

você dá uma visão lateral excelente.

— Apenas um dos muitos serviços que ofereço. — Dei um tapinha na mão dela no meu antebraço, gostando de apenas estar perto dela. — Vamos ver sua cidade, Alisa.

A cidade se estendia pela colina acima de nós. Do outro lado ficava a floresta. Caminhamos descalços pela areia grossa e depois pisamos na rua de paralelepípedos. Árvores floridas e muros baixos de pedra separavam a cidade das docas e seus prédios e do leve cheiro de peixe subjacente à brisa salgada. Entre as flores perfumadas e o mar, o aroma no ar parecia mudar cada vez que o vento mudava.

Enquanto vagávamos pela cidade que ficava além dos portões do castelo, Alisa olhou ao redor com curiosidade e o arrependimento tomou conta de mim. Ela estava quase presa naquele castelo. Tínhamos que encontrar uma maneira de resgatá-la.

À noite, a cidade era vibrante e barulhenta; a maioria dos feéricos inferiores eram noturnos. Eles tinham que se adaptar aos horários de trabalho preferidos dos feérico superiores, mas permaneciam acordados até tarde da noite.

As ruas de paralelepípedos brilhavam sob o luar, e os toldos decoravam as fileiras de pequenas lojas coloridas com apartamentos acima.

A esta hora da noite, os feéricos inferiores eram os donos das ruas. Um par de goblins passou por nós de braços dados, suas orelhas compridas e trêmulas perfuradas uma dúzia de vezes e decoradas com argolas.

Um troll passou pisando forte, com o rosto cheio de dentes irritado. Ele passou por uma família de duendes da madeira, que pareciam esculpidos em madeira. Apesar de serem todas pernas, com

longos braços pendurados em seus corpos nodosos, eles se moviam em um ritmo lento e lânguido. De alguma forma, as crianças ninfas da floresta se moviam ainda mais devagar do que seus pais, ficando para trás lentamente até que seus pais se virassem para sussurrar para elas. Então elas conseguiram galopar um pouco mais rápido para alcançá-los.

Alisa sorriu com a visão. — Eu acho que não há muitas mudanças entre os mundos.

— Não sei se isso é um pensamento reconfortante ou assustador.
— Olhei para cima e para baixo na rua, então apertei a mão dela. — Vamos arranjar um disfarce antes que alguém a reconheça.

— Como você vai disfarçar isso? — Ela disse, puxando as pontas de seu longo cabelo lilás, cabelo que simbolizava quem ela e Faer eram.

— Confie em mim, eu sou engenhoso.

— Eu sei que você é *engenhoso*, e é exatamente por isso que às vezes me pergunto o quão confiável você é, — ela brincou.

Senti um choque com suas palavras, embora ela estivesse apenas sendo loquaz.

A puxei para uma loja. Roupas penduradas em ganchos por todas as paredes e empilhadas em cima de mesas; manequins com olhos enormes e misteriosos olhavam fixamente para longe enquanto modelavam vestidos.

— Precisamos cobrir todo esse cabelo, — murmurei, pegando um capuz vermelho bordado com fios de ouro e pérolas.

Ela me olhou com ceticismo. — Eu não sei o que fazer com isso. A forma diz *freira*, mas as cores dizem *mardi gras*¹⁰.

— Freira, hein? — Peguei o fio transparente de vermelho que ia

com ele como uma camisa.

— Se eu puder me vestir sozinha, aceito. — Ela o roubou de mim.

Nós dois puxamos algumas coisas para ela experimentar, então, quando a lojista deixou seu balcão nos fundos e se dirigiu para o corredor, empurrei Alisa pela cortina para o provador. Não queria que ninguém soubesse quem ela realmente era.

Ela emergiu alguns minutos depois, com um sorriso perplexo no rosto. Cada pedaço de seu cabelo estava escondido pelo capuz, mas seus ombros e barriga lisa foram expostos pelos fios de tecido vermelho que se agarraram a seu corpo como chamas. Calças combinando caíam em seus quadris, o tecido acetinado solto e esvoaçante.

— Parece um pijama chique, — disse ela. — Tão confortável e fácil de se mover. Se eu não tivesse receio de acidentalmente mostrar algo, esta seria uma ótima roupa de caça.

— Se sua presa for homem, isso pode ajudá-la a pular sobre eles, — consegui dizer.

Cada um de nós escolheu um par de sapatos, já que estávamos descalços. Assim que pagamos, saímos noite adentro. Vendedores ambulantes assavam comida na fogueira enquanto nos aproximávamos da praça principal, e o cheiro de carne defumada e nozes torrando enchia o ar.

Uma música violenta rouca tocava alto na praça, e Alisa gemeu com o som. — Já tive festas o suficiente para toda a vida.

— Nenhuma *festa* com Faer é uma grande celebração, — disse. — Venha ver.

Eu estendi minha mão e me senti estranhamente satisfeito

quando ela me deu um sorriso cético e apertou meus dedos com os dela.

— O que eles estão comemorando? — Ela perguntou.

— Precisa haver algo para comemorar? — Perguntei. — A vida é difícil por aqui. Talvez quanto mais difícil a vida, mais desesperados nos tornamos por qualquer alegria que possamos encontrar.

Sua boca se abriu, mas eu não queria responder à pergunta que poderia se formar naqueles lindos lábios.

— Dance comigo, — disse, puxando-a para mim. Ela pode me olhar com ceticismo, mas ainda assim me deixou puxá-la para perto e colocar meu braço em volta de sua cintura. Eu a lembrei, — Azrael me manteve longe de todas aquelas festas. Deixe-me dançar com você agora.

Ela veio comigo enquanto eu dançava sobre os paralelepípedos, movendo-se cada vez mais perto da música, mas a expressão em seu rosto era pensativa.

— Por que Azrael manteve você longe? *Realmente?* — Ela perguntou, uma carranca vincando entre suas sobrancelhas.

Eu odiava que ela pensasse mal de Azrael. Talvez ela não devesse confiar nele, ou em qualquer um de nós, completamente. Mas Azrael era um dos melhores feéricos que já conheci.

— Faer mal me tolera, — admiti. — Porque eu venho da corte de Inverno, ele não confia em mim. Azrael sempre me protegeu no passado, mas agora ele está praticamente sem favores, totalmente sem influência.

— Por sua causa?

Eu estremeci com suas palavras rudes. — Sim, suponho que sim. Isso é parte da razão pela qual Duncan sente tanta falta da linha de

frente. De uma forma estranha, parecia mais seguro para todos nós lá.

— Não é só porque Duncan vive para destruir as coisas com as próprias mãos?

— Bem, você sabe que não temos televisão aqui, — disse.

Nós dois emergimos da rua e as sombras dos edifícios altos ao nosso redor na praça.

— Ele cresce em você, sabe, — disse calmamente. — Ele é rude e mal, mas faria qualquer coisa pelas pessoas de quem gosta.

— Posso ver isso — disse ela, — mas não é uma característica muito redentora, a menos que você seja uma dessas pessoas.

Ela era uma dessas pessoas, não importa o quanto Duncan tentasse fingir que ela não era. Mas isso era algo que ambos precisavam descobrir por si mesmos.

Ainda assim, quando nós dois começamos a dançar, ela pareceu se perder por um tempo no turbilhão da multidão. Chifres, caudas e rostos monstruosos e lindos brilharam atrás dela, mas quando ela começou a sorrir, eu mal consegui registrar nada além de seu rosto. Seu corpo era quente e ágil contra o meu, a música brilhante e, por alguns momentos, nada importava, exceto nós dois e a maneira como nossos corpos se moviam em um ritmo fácil juntos.

Quando nós dois finalmente tropeçamos para fora da multidão, eu me senti mais leve do que nunca, com meu braço em volta da cintura dela.

— Vamos comprar algo para beber, — comecei, então senti alguém se aproximar de mim. Afastei meu olhar do rosto sorridente de Alisa e olhei direto para um umbigo. Uma enorme extensão de barriga branca flutuou na minha frente.

Eu olhei para cima para encontrar um troll da neve.

O troll da neve. Gior, o único troll da neve que era inteligente o suficiente para sobreviver e tolo o suficiente para viver abertamente no território da corte de verão.

Agora não era um momento excelente, não com Alisa.

Ele olhou para mim com aquela expressão carrancuda no rosto que todos os trolls tinham, não importando a ocasião. Eu balancei minha cabeça, tentando alertá-lo.

Gior olhou para Alisa, inclinando a cabeça para o lado. Seu corpo balançou quando ele olhou para mim. Ele olhou novamente para Alisa. As linhas de expressão de confusão que percorriam sua enorme testa se enrugaram mais profundamente do que o normal.

— Esta aqui é linda, — ele me disse. — Por quê?

— Porque o quê? — Ela perguntou bruscamente.

— Por que você está com ele?

Sua tensão evaporou como a névoa matinal e ela riu. — Não estamos juntos.

Gior soltou um resmungo baixo que poderia significar qualquer coisa. Eu particularmente não queria descobrir o quê.

— Adoraria pôr o atraso em dia — disse a Gior, — mas Al... ah, *Alandra*... e eu temos planos para esta noite. Devemos conversar em breve!

Peguei o pulso estreito de Alisa e comecei a puxá-la para passar por ele. Gior hesitou por um segundo; ele sempre era lento para mover aquele grande corpo. Eu me perguntei como ele teria sobrevivido ao massacre da corte de inverno.

Mas antes que eu pudesse ir longe, sua grande mão pousou no meu ombro e meus joelhos se dobraram como se eu tivesse acabado de ser atingido por uma pá.

Alisa se virou, assumindo uma postura de combate, pronta para lutar por mim. Foi estranhamente comovente, mas eu sabia que Gior não queria fazer mal. Ele agarrou meu ombro para que eu não caísse.

— Desculpe, desculpe, — disse ele. — Eu sempre me esqueço de como vocês, Feéricos-pássaros, são frágeis.

— Não é Feéricos-pássaros — discordei.

— Feéricos insetos, — ele tentou novamente.

— O que você quer, Gior? — Exigi, então percebi que não deveria ter perguntado isso.

Eu estaria em apuros se Gior falasse abertamente na frente de Alisa. Ele tinha boas intenções, mas não era sua natureza ser resguardado.

Os trolls não se preocupavam em enganar; eles geralmente resolviam seus problemas mais com uma técnica de *esmagamento*.

— Dois filhotes de trolls de inverno, — ele começou.

Balancei minha cabeça freneticamente; eu teria batido minha mão em seu queixo grande e carnudo se eu pudesse alcançá-lo. — Aqui não.

— Tem que ser agora, — ele resmungou. — Eles estão sem tempo.

Alisa me olhou com curiosidade.

— Ok, ok, — disse. — Eu cuidarei disso. Onde eles estão?

Eu gostaria de poder me encontrar com ele secretamente em vez de perguntar na frente de Alisa, mas as chances não eram boas de que eu pudesse escapar do castelo novamente esta noite.

Ele verificou nossos arredores, seus nós dos dedos arrastando o paralelepípedo enquanto seu corpo balançava. Eu belisquei a ponta do meu nariz; trolls são espiões terríveis. Mas ele foi corajoso o suficiente

para ir contra Faer e seus comparsas para proteger nossa corte. Eu não poderia culpá-lo por isso.

Embora, enquanto eu o observava lentamente tentar manobrar seu corpo em um círculo, havia muitas outras coisas pelas quais eu o culpava.

Eu disse: — Fale logo, Gior. Quando você terminar de olhar ao redor, haverá um esquadrão da guarda do rei atrás de você.

Foi a coisa errada a dizer. Ele parou para se virar completamente, girando lentamente na nossa frente.

Enquanto isso, Alisa me olhou com curiosidade. Não queria que ela tivesse qualquer indício de minha verdadeira identidade, mas o pedido de Gior foi uma pista bastante inconveniente.

Gior finalmente terminou sua curva e se inclinou para sussurrar: — A velha toca do norte.

O cheiro de peixe podre tomou conta de mim junto com o sussurro quente, e estremeci. — Tudo bem, Gior. Eu vou cuidar deles. Não volte lá. Me preocupo que você esteja sendo vigiado.

Ele piscou para mim, mas sempre que Gior piscava, acertava os dois olhos.

— Adeus, amigo, — brevemente agarrei seu braço, e cambaleei quando sua grande mão envolveu a minha com muita força, então finalmente, finalmente consegui escapar.

Alisa me deixou pegar sua mão enquanto caminhávamos por ruas que pareciam ainda mais movimentadas agora, embora a lua estivesse no auge, cheia e brilhante como uma moeda acima de nós.

— Tiron — disse ela docemente assim que começamos a descer uma rua lateral tranquila, — eu tenho algumas perguntas.

— Eu não tenho nenhuma resposta para você, princesa, — disse

a ela, mas já sabia que essa resposta não iria decolar.

CAPITULO QUARENTA E QUATRO

ALISA

Parei e encarei Tiron, mordendo meu lábio inferior. Sua mente estava obviamente correndo, embora ele tenha me oferecido aquele sorriso bonito e fácil de sempre quando me disse que não tinha nenhuma resposta.

Porque ele não confiava em mim.

Claramente, ele estava tentando proteger aqueles trolls de sua própria corte, que quase fora destruída. Não nos conhecíamos bem. Fazia sentido que ele não confiasse em mim... não com os fragmentos de seu reino.

— Tudo bem, — disse. — Existe algum truque para voltar para o castelo? Ou posso voar de volta sozinha?

Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Isso não está acontecendo. Eu vou... Eu vou levá-la para casa.

— Tudo bem.

Ele olhou para mim enquanto descíamos as ruas em direção às docas, o cheiro do mar ficando cada vez mais forte e pungente. O ar entre nós estava pesado com a tensão.

— O que você está fazendo, Alisa? — Ele perguntou finalmente.

— Nada. Ansiosa para voltar para casa e me enrolar ao fogo, bebendo um pouco... — me interrompi quando percebi que quando estava de serviço e toda vez que saía do meu quarto, me encontrava em apuros, e agora vivia em um mundo sem Coca-cola Diet. — Chá,

eu acho. Se eu tiver sorte.

Sentia falta do meu pequeno apartamento de baixa qualidade e do Wi-Fi e das compras de supermercado e de fazer o que diabos eu queria, sem ter toda a corte de verão julgando cada movimento meu.

Mas eu não tentaria voltar, mesmo sentindo falta do mundo humano. Algo estava muito errado; Tiron estava tentando ajudar aqueles trolls porque meu reino havia se deteriorado.

Entendia se ele não confiasse em mim. Mas um dia, eu ganharia sua confiança.

Ele olhou para mim bruscamente. — É tão fácil? Tenho uma conversa muito estranha com um troll, embora, para ser honesto, não haja *outro* tipo de conversa com um troll, e você apenas sorri e segue em frente? O que você realmente está fazendo, Alisa?

— Meu Deus. — Os homens, independentemente da espécie, eram impossíveis. — Você não quer que eu bisbilhote, correto? Então aqui estou. *Não bisbilhotando*. Ou você queria uma resposta diferente?

Ele ainda estava carrancudo, então decidi tentar uma resposta diferente para ver se ele gostava. Eu peguei seu braço e disse a ele: — Tiron, não se atreva a me deixar de fora. Eu insisto em ir com você e te ajudar.

Sua carranca se aprofundou. Ele estava começando a parecer tão confuso quanto o troll.

— O que você quer de mim? — Exigi, deixando-o ir para que eu pudesse espalhar meus braços em exasperação.

— Não sei, — admitiu. Então ele balançou a cabeça lentamente, um sorriso cruzando aqueles lábios exuberantes e beijáveis. — Você não é o que eu esperava.

— Isso não é uma coisa boa? — Mesmo que Duncan tenha

deixado claro que não esperava que a nova Alisa durasse.

— Talvez, talvez não. — Um canto de seus lábios se ergueu. — Talvez minha vida fosse mais fácil se você fosse a vilã, Alisa.

— Você não quer dizer, *Ah-Alandra*?

Seu sorriso se alargou em algo real. — Nunca vai me deixar esquecer isso, vai?

— Nunca, — prometi a ele. — Você geralmente é tão bom. Foi bom ver o seu lado humano.

Ele bufou uma risada e eu disse: — Você sabe o que quero dizer.

— Vamos, temos uma jornada pela frente, — disse ele. — E temos que voltar para o castelo antes que Duncan venha nos procurar para treinar pela manhã.

Eu poderia ter gemido ao pensar em enfrentar os gracejos de Duncan, e a lâmina achatada da espada de prática de Duncan, sem qualquer descanso. Mas um brilho quente se espalhou pelo meu peito e eu segurei minha língua. Tiron me queria com ele.

— Avante, — disse.

Os portões da cidade ergueram-se à nossa frente, fechados; as figuras sombrias de dois guardas estavam diante deles. Eu segui o olhar de Tiron para localizar um enorme Feérico alado agachado no topo das paredes, tão imóvel que no início eu o confundi como estátua. Talvez pudéssemos voar sobre o mar sem ser detectados, mas acho que isso vai demorar um pouco. Olhei para Tiron com curiosidade, mas ele me puxou para o lado em um beco.

— Há um aqueduto, — ele me disse, abrindo uma porta coberta com arabescos ornamentados na lateral de um edifício.

— Tem certeza de que não é um esgoto?

Seu sorriso se espalhou. — Viaje comigo e você só viajará com

estilo, princesa.

Seu sorriso contagiante era impossível não resistir, não importa onde ele me levasse. Eu segui seus ombros largos enquanto ele liderava o caminho por degraus circulares intermináveis. Descemos para a escuridão e ouvi um barulho baixo e constante de água. Pelo menos não cheirava pior do que o mar.

Ficou escuro o suficiente para que eu tivesse que apalpar com os dedos dos pés a cada passo. Tiron murmurou uma palavra e uma bola de luz se formou em sua palma. Ele disse outra palavra, e a bola de luz disparou para cima e nos seguiu, iluminando nosso caminho.

Se eu não pudesse confiar em Tiron, se ele tivesse algum rancor contra mim, eu poderia morrer aqui.

O pensamento veio à minha mente uma vez, eu era uma caçadora, afinal, e então o descartei. Eu estava me arriscando, mas meu instinto dizia que Tiron era um amigo.

Por que eu confiaria em um bilhete da mesma pessoa que roubou minhas memórias e me empurrou para fora do meu mundo, afinal? A nota me incomodou. Por que meu inimigo iria querer ter certeza de que eu sabia meu nome e que poderia me defender? Tinha sido alguém próximo a mim, alguém que ainda se importava comigo?

Havia apenas alguns nomes nessa lista.

Tiron ergueu a mão, faíscas brancas se formando nas pontas dos dedos. A água à nossa frente congelou, formando uma longa trilha que desceu pelo túnel à nossa frente. Ele estendeu a outra mão para mim e eu envolvi meus dedos nos dele.

— Poderes da corte de inverno? — Perguntei.

— Ser o sexto filho pode significar que não herdei coisas materiais, mas não mudou o tipo de *magia* que herdei.

— Eu preciso aprender sobre minha magia de verão. — O gelo estava escorregadio sob meus sapatos, mas Tiron parecia seguro, então acompanhei seu ritmo. Sabia que ele me pegaria se eu comesse a escorregar. — Sei que Azrael não pode me ensinar muito sem entrar no lado errado de Faer. Talvez eu possa encontrar um tutor na corte de verão.

De alguma maneira. Mesmo que eu não soubesse em quem confiar aqui.

— Eu não sei magia de verão — disse ele, — mas vou te ensinar o que puder, Alisa.

Ele me ensinou as palavras de seu feitiço de luz enquanto caminhávamos ao longo do caminho de gelo. O som da água correndo sob os pés e o estalar constante do gelo quebrando desapareceu enquanto eu me concentrava.

Calor varreu minha pele enquanto eu formava as palavras. A luz que brotou em minha mão era tão forte que fechei os olhos e o som do gelo quebrando soou repentinamente alto em meus ouvidos.

— Coisas que aprendi hoje, — disse Tiron apressadamente. — A magia do verão é quente.

Joguei minha bola de luz no ar da mesma forma que ele, e nós dois corremos quando o gelo começou a se quebrar sob nossos pés. Ele murmurou seu feitiço novamente, a magia faiscando em seus dedos, enquanto ele começava a tentar curar nosso caminho de gelo sob nossos pés.

O gelo se quebrou entre nós e ele saltou para o meu bloco de gelo, que balançou sob seu peso. Ele me agarrou perto, puxando-me contra todo aquele músculo viscoso. O túnel era estreito demais para suas asas, mas de repente a água estava toda gelada ao nosso redor

novamente.

— Lugar errado para praticar, — disse com uma risada.

Ele ainda estava me segurando com força e não fez nenhum movimento para se afastar.

— Sou um péssimo professor, — murmurou. — Não diga a Azrael.

— Seus segredos estão seguros comigo, — prometi.

Fiz essa promessa em todos os sentidos e esperava que ele soubesse disso.

Eu não conseguia imaginar nada que encontraria em minhas memórias que mudasse o que eu sentia.

— Eu sei, — disse ele.

O gelo balançava sob os pés, nossos corpos balançando com o movimento da água que ainda corria por baixo. Havia pequenas manchas de prata e ouro em seus olhos verde-esmeralda.

Sua mão no meu quadril estava gelada, formigando através do tecido da minha calça, e a outra mão estava quente. Tiron era mais complicado do que o cavaleiro bonito e alegre que ele mostrava à primeira vista. Mas eu não me importei com isso. Eu também era complicada.

Seus lábios estavam tão perto dos meus, e pensei que ele iria se inclinar e me beijar. Minha respiração congelou no meu peito. Eu o queria tanto.

Ele se moveu sutilmente para perto de mim, suas mãos pressionando meus quadris contra os dele.

Então ele soltou um gemido, deixando cair sua testa contra a minha.

— Você sabe que não deveríamos fazer nada disso.

Me afastei para poder olhar para ele, estudando seu rosto. — Por que não?

Não importa o que ele disse, suas mãos ainda estavam no meu corpo. — Nós escapamos do castelo para ter aulas de vôlei e agora... o que estou fazendo é traição aos olhos de Faer, Alisa.

— Quem disse que ele é o rei da corte de verão?

— Ele é, — disse ele secamente.

— Qual parte é traição? — Perguntei. — Salvar os trolls? Ou...

Eu ia dizer *me beijando*.

— Ambos. Eu tentei esconder minhas raízes de inverno quando vim aqui, e quando fui descoberto... — ele parou com as memórias, então retomou seu brilho usual. — Azrael queimou toda a sua boa vontade. Deveria manter minha cabeça baixa e ficar longe de problemas.

— Mas você não pode, — respondi. Ele não podia fazer isso mais do que eu poderia ter deixado aquela garota na cozinha.

— Eu não posso. — Ele passou o polegar pela minha bochecha, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não tenho permissão para ajudar os prisioneiros de Inverno a saírem de Verão em segurança. E definitivamente não tenho permissão para me apaixonar pela princesa de Verão.

De alguma forma, essas palavras pareciam um peso e, ao mesmo tempo, meu peito estava leve com a mesma liberdade de quando voamos.

— É melhor você me conhecer antes de se apaixonar por mim, — o avisei. — Aparentemente, eu nem mesmo me conheço.

— Eu não acho que isso seja verdade, Alisa. — Seu olhar permaneceu no meu, então caiu em meus lábios.

Sempre soube tirar o que queria dos homens, não que quisesse muito, mas agora, de repente, me sentia perdida.

Ele se afastou abruptamente, mas pareceu um esforço.

— Vamos trabalhar, — disse levemente. — A traição não vai se comprometer.

Deixamos o bueiro fora da cidade, emergindo na floresta encharcada de lua. Viajamos em direção a uma caverna, mas no caminho Tiron fez uma pausa.

Nós dois inclinamos nossas cabeças enquanto ouvíamos o silêncio que de repente caiu sobre a floresta. Estávamos sendo caçados pelos homens do rei?

Então Tiron de repente me arrastou para a sombra de uma árvore caída, fechando o braço em volta da minha cintura. Nós dois agachados lá na escuridão, escondidos entre as raízes emaranhadas e o cheiro de terra úmida. A floresta havia ficado em silêncio, como se houvesse algum tipo de predador terrível aqui conosco. Até os gatos e lobos fugiram para suas tocas.

Tiron soltou um feitiço, as palavras quase silenciosas em sua língua. Eu senti o subir e descer de seu peito enquanto nós dois nos pressionávamos juntos, aconchegando-nos como crianças. Lentamente, conforme os minutos gotejavam em silêncio, o medo se dissipou. Comecei a me sentir ridícula.

Então algo frio ondudou sobre minha pele. Tiron baixou a cabeça, pressionando sua bochecha contra a minha, e fechei os olhos, tentando confiar nele, embora cada nervo do meu corpo gritasse que corríamos um perigo terrível, devíamos correr.

Algo estranho pareceu passar por nós. Foi uma ondulação na escuridão, algo feito de pesadelos, e o medo arrepiou minha pele

como se meu corpo conhecesse aquela ameaça, mesmo que minha mente não entendesse. De repente, não me senti mais ridícula por me esconder. Um nó duro pressionado na base da minha garganta. Eu não conseguia respirar, mas pelo menos não conseguia gritar.

A coisa nas sombras se movia como um homem, um homem extremamente alto e esguio, mas estava estranhamente silencioso. Ele mudou de repente, e eu peguei um vislumbre de olhos vermelhos, uma boca escancarada que quase poderia engolir uma pessoa inteira. Ele olhou ao redor, narinas dilatadas, como se pudesse nos cheirar.

Em seguida, começou a avançar novamente e desapareceu rapidamente nas sombras.

Ficamos ali, abraçados, à sombra daquela árvore por um longo tempo. Meus músculos ficaram tensos de frio e começaram a tremer.

Então Tiron sussurrou: — Eu nos cobri de frio para que ele não nos sentisse aqui. Sinto muito.

— O que é que foi isso? — Pressionei minhas mãos em meus braços trêmulos, imaginei a magia do verão, e o frio sumiu em um instante. Pressionei minhas mãos contra seu rosto, e quando o calor passou por ele, ele relaxou.

— O Homem das Sombras, — ele sussurrou. — Eu nunca soube que ele era real com certeza. Pensei que ele era um mito que os Feéricos fizeram para assustar as crianças...

— O Homem das Sombras mora na floresta para comer crianças travessas? — Perguntei levemente, pensando em todos aqueles contos de fadas que os pais usam para assustar seus filhos e levá-los ao bom comportamento.

Nunca senti nada como senti quando o Homem das Sombras passou. Parecia que o mal se agarrava à minha pele e eu queria

esfregá-lo.

— Não, — disse ele, com o rosto perturbado. — De acordo com as histórias, pelo menos, quando o Homem das Sombras caça, ele está vinculado a uma pessoa... uma vítima.

Ele me estudou como se pensasse que eu era a vítima. Minha garganta se apertou de medo, como se eu ainda pudesse sentir a presença misteriosa do Homem das Sombras, mas eu o empurrei.

— É melhor pegarmos aqueles trolls, — disse. — Quantas horas você acha que temos até o amanhecer? Duncan vai querer nos atormentar...

— Estamos voltando para o castelo, — disse ele. — Você não está vagando pela floresta com aquela... coisa... aqui. A corte de verão precisa de você viva.

— E eu preciso do único amigo que tenho, — disse. — Então cale a boca e vamos *andando*.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

AZRAEL

SETE ANOS ANTES

Era quase fim de ano na academia. O aperto do inverno havia desaparecido e os dias estavam ficando longos. Estávamos acampando nas encostas com vista para a academia.

Estava seguro de novo esses dias. Por alguma razão, todos os monstros que assolavam este território haviam desaparecido.

Eu estava cortando lenha para nossa fogueira quando o caos repentino irrompeu na borda do acampamento. Vi Alisa e Rowen juntas, como costumavam acontecer; verão e inverno como melhores amigas. Ao me aproximar, não foi surpresa para mim que elas também estivessem em apuros.

Mas então Galic arrancou a túnica de Rowen. Rowen lutou de volta, Alisa empurrando Galic para longe. Quando comecei a correr, o tecido se rasgou, revelando o envoltório apertado que prendia o peito de Rowen.

— Há uma garota entre nós, — gritou Galic, apontando para Rowen.

— O que é novo. Mas sempre houve fracos entre nós, — disse, o que ganhou o olhar de Galic.

Uma multidão se reuniu. Alisa já tinha se agarrado para pegar a camisa de Rowen, que ela vestiu rapidamente.

Mas era tarde demais. O estrago estava feito.

— Você sabia? — Galic sibilou.

— Não, — disse. Alisa e eu mantivemos nossos segredos um do outro, mas apenas os pequenos. Era melhor se eu não soubesse com certeza quem era a outra garota na academia.

— A punição por se passar por um estudante aqui é a morte, — Galic rosnou.

— Espere, — disse, olhando para baixo da colina para a academia abaixo. Eu poderia correr atrás de Vail, mas as chances não eram boas de que eu pudesse voltar antes que Galic conseguisse realizar qualquer vingança que ele estava planejando. Ele usaria Rowen para machucar Alisa, e Alisa para me alcançar. — Essa é uma regra antiga, mas não há razão para pensar que Vail ordenaria uma execução.

— Você está sempre tão interessado em seguir as regras dos outros, — Galic cuspiu em mim. — Como você mesmo vai ser um rei?

Me aproximei dele, puxando-me para a minha altura máxima, deixando um pouco do meu poder irradiar da minha pele. Apesar de si mesmo, ele encolheu um pouco, embora eu o tenha visto se preparando para me enfrentar.

— Estou feliz por começar a fazer minhas próprias regras, Galic, — disse a ele, minha voz baixa e cheia de perigo.

Eu poderia ter neutralizado a situação. Mas Rowen escolheu aquele momento para correr.

Ela poderia estar compreensivelmente apavorada com o que estava para acontecer com ela, mas seu movimento piorou as coisas. Os Feéricos estão sempre a duas batidas do coração de seus seres selvagens, e no segundo em que ela correu, a caça começou. Os machos ao meu redor se transformaram em predadores, correndo

para pegá-la. Galic sorriu de prazer, saboreando o momento, então se lançou a persegui-la.

Alisa também estava correndo. Nós dois perseguimos os outros pela floresta, lançando magia em todos os alunos que tentaram atacar Rowen, derrubando-os de modo que desabaram em uma nuvem de neve.

No momento em que saímos da floresta e chegamos à beira do penhasco, a maioria de nossos colegas estudantes havia sido deixada para trás, dormindo para aliviar sua raiva na neve.

Éramos apenas Galic, Rowen, Alisa e eu, lá na beira do penhasco, tão castigado pelo vento que não havia pinheiros crescendo aqui. O sol brilhava fortemente sobre todos nós, e as paredes de pedra cinza do campus estavam espalhadas abaixo de nós à distância.

Galic fez um movimento em direção a Rowen, e eu joguei uma camada de magia do vento que o bloqueou. Ele se inclinou para frente contra o vento, tentando forçar seu caminho em nossa direção, mas meu vento o empurrou implacavelmente em direção à beira do penhasco. Suas botas escorregaram pela crosta lisa de neve, tentando desesperadamente encontrar apoio.

Não tinha misericórdia quando alguém machuca alguém que eu amava.

Vail chegou, ofegante. — Vi a explosão de magia, o que diabos está acontecendo aqui?

Hesitei, aliviando o vento. Galic tentou falar, mas não conseguiu.

— Pare, — ordenou Vail, estendendo a mão para mim.

Sabia que ele não poderia me forçar a parar. Minha magia era mais poderosa que a dele. Eu poderia fazer Galic cair do penhasco, e ele nunca teria a chance de falar contra Rowen. Alisa olhou para mim

com seus lindos olhos arregalados e desesperados.

Mas os primeiros poucos alunos conseguiram se levantar da neve e tropeçar atrás de nós. Eles estavam emergindo de entre as árvores.

Matar não nos tiraria desse problema.

Deixei o vento morrer abruptamente. Galic desabou, caindo de joelhos com um latido.

Não havia como negar o que Rowen era. Mas, enquanto eu pudesse tirá-la do campus ilesa, poderia mantê-la escondida com segurança na corte de outono. E eu poderia proteger Alisa também, de ser descoberta.

— Rowen é mulher, — disse.

Alisa voltou seus olhos furiosos para mim.

— Esses idiotas queriam matá-la na hora por fazê-los parecer estúpidos, — acrescentei.

— Essas são as regras — murmurou Galic em rebeldia.

Vail se virou para ele exasperado. — Você não faz as regras. Você não é o único que deve aplicá-las.

Eu concordei.

— Não há realeza da corte de inverno aqui, — disse Vail. — Você deve fazer isso, Azrael. Como príncipe do outono, você é o mais próximo.

Ele moveu os dedos e Rowen de repente estava de joelhos, como se pressionada por mãos invisíveis.

Porra. Seria mais difícil tirar Rowen daqui com segurança do que eu esperava. Eu não pensei que Vail fosse impor aquelas velhas regras tolas.

Vail acenou com a cabeça para a adaga na minha cintura.

— Não, — disse. — Eu não vou fazer isso.

— Eu nunca soube que você se esquivasse de sua responsabilidade, Azrael, — disse Vail.

— Eu não esquivo, — prometi. — Estou fazendo a coisa certa, não importa quem é cego para o que é. Por que uma garota não deveria ser capaz de provar seu valor na academia?

Olhei em volta para os homens que se reuniram ao meu redor, agudamente cientes da queda do penhasco atrás de mim, a longa queda para o solo gelado abaixo.

— Somos realmente tão acanhados? Temos medo de que as mulheres nos envergonhem, fazendo melhor do que podemos?

— Se você quer mudar a lei, mude a lei, — disse Vail, cansado.
— Vá ver Herrick. Embora ele tenha enviado Faer aqui, não Alisa, então duvido que ele veria as coisas como você vê.

Senti a intenção de Alisa na maneira como ela endireitou os ombros e tentei silenciá-la com um olhar. Mas os homens estavam se aproximando de nós, como se fossem lutar pelo caminho de Vail. Rowen ainda estava no chão, indefesa e com os olhos arregalados.

— Foi isso que Herrick fez? — A voz de Alisa soou, quebrando o silêncio assustador que dominava o penhasco.

Em um instante, ela arrancou sua túnica. — Rowen não fez nada que eu, Princesa Alisa, não fiz. Você vai cortar minha garganta também? Por amar minha terra, minha corte, o suficiente para lutar por ela, assim como todos vocês?

O rosto de Vail ficou lívido de raiva. Ele se controlou com visível esforço.

— Não, ninguém está morrendo hoje. Mas você também não estará aqui quando a noite cair.

Fui com Vail quando ele levou as duas garotas até o campus.

— Vá com ela, por favor, — Alisa me implorou, olhando para Rowen.

Balancei a cabeça, entendendo que ela estava em perigo. Ninguém machucaria a princesa.

Não importa o quanto doesse me separar dela, eu fui com Rowen, cuidando enquanto ela arrumava seus pertences.

Alisa e eu nunca tivemos um momento a sós para nos despedirmos. Ela olhou para mim enquanto montava em seu cavalo e piscou para mim à distância.

Minha irreprimível princesa.

O mundo ficou mais frio quando ela saiu, mas eu sabia que ninguém nos separaria por muito tempo.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

ALISA

Nada mais nos atacou, e Tiron e eu chegamos à caverna em uma hora. A entrada estava escondida por galhos verdes crescidos que pareciam murchar ao toque de Tiron.

À medida que descíamos para dentro, ficava cada vez mais frio. Esfreguei minhas mãos nos braços e Tiron percebeu. Ele não parecia sentir nada com o frio, mas estendeu a mão e passou as costas da mão pelo meu braço, percebendo os arrepios.

— Você pode consertar isso, você sabe, — disse ele.

Eu concordei. Foi difícil no início convocar minha magia de verão, então eu senti o calor se espalhar pela minha pele e inundar meus músculos. Parecia tomar banho de sol em um lindo dia de verão, e virei o rosto instintivamente, em busca do sol. Mas ainda estávamos na penumbra da caverna.

Tiron estava sorrindo para mim quando olhei para ele.

— O que é isso? — Perguntei.

— Achei que odiava o verão, — disse ele, depois encolheu os ombros. — Mas está crescendo em mim.

— É isso? — Corri meus dedos sobre seu braço, deixando um pouco da minha magia infiltrar-se em sua pele.

O brilho pastel cintilante das luzes refletido na pele bronzeada de seu peito nu e braços poderosos. Ele olhou para mim com o calor queimando em seus olhos.

Se nós dois tivéssemos tempo, eu teria tentado empurrá-lo. Eu correria minhas mãos sobre aqueles antebraços com cordões, deixando meu calor afundar em sua pele gelada. Eu sentia a ondulação de seus poderosos músculos do ombro sob minhas mãos, em seguida, traçaria meu caminho para baixo nos planos rígidos daquele peito.

Mas, em vez disso, me afastei com relutância.

Quando ele pegou minha mão, sua pele fria foi bem-vinda contra o calor dos meus dedos. Quem diria que o frio poderia ser tão bom?

Nós dois descemos cada vez mais nas cavernas até chegarmos a uma caverna enorme e o que parecia ser uma cidade subterrânea. A magia cintilava no céu como estrelas, refletindo uma luz suave sobre os telhados nevados de dezenas de casas improvisadas. Várias crianças de pele clara e cauda longa perseguiram umas às outras entre as casas, e o som de suas risadas se ergueu noite adentro.

— Bem-vindo ao reino da neve no Verão. — Ele olhou para mim com o canto do olho. — Alisa, eu...

— Eu não posso acreditar que você confiou em mim com isso, — disse suavemente.

Ele me lançou um olhar que não consegui decifrar. — Você arrisca sua vida para proteger os outros indefinidamente. Eu acho que é quem você realmente é.

Lágrimas vieram aos meus olhos, me surpreendendo. Palavras eram apenas palavras, mas a cidade espalhada diante de nós me mostrou como ele realmente se sentia. Quando todo mundo parecia ter um passado que eu não lembrava contra mim, a fé de Tiron significava o mundo para mim.

— Temos que voar esta noite, — disse ele. — A verdade é que eu poderia usar sua ajuda, Alisa. Eu tenho que levá-los para a fronteira. Uma vez que eu os aproximar do território de Outono, tenho amigos que podem levá-los o resto do caminho.

Ele hesitou. — É perigoso. Se eles soubessem que eu trouxe você comigo, Azrael me mataria, então me traria de volta à vida para que Duncan pudesse me matar...

— Eles sabem o que você está fazendo? — Perguntei.

Sua hesitação disse o suficiente.

Mas então ele se aproximou de mim.

— Eu já lhes custei o suficiente. Não quero que eles saibam que eu...

Ele parou. Seu olhar estava em meus lábios, e um estranho calor se espalhou pela minha pele, isso não tinha nada a ver com minha própria magia.

— Certo, — disse suavemente. — Você não tem permissão para ajudar os prisioneiros de Inverno a saírem do Verão em segurança.

O resto de suas palavras pareceram pairar no ar entre nós: *E eu definitivamente não tenho permissão para me apaixonar pela princesa do Verão.*

— Faer pode mandar executar todos os três se eu for pego, — disse ele. — Enquanto eles não souberem, eles têm uma desculpa... eu sou apenas um renegado.

Queria que ele fosse um renegado em todos os sentidos.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, ele me estudou com aqueles olhos verdes. O ar entre nós parecia carregado.

Ele se inclinou para frente, hesitou com uma respiração entre nós. Eu balancei em direção a ele. Quando aquele lábio inferior

arredondado roçou o meu no beijo mais fraco e hesitante, seus lábios estavam frios.

Em seguida, suas mãos foram para meus quadris, me agarrando com força. Enrolei meus braços em volta do pescoço e o beijei de volta, aqueles lábios frios empurrando os meus para abri-los. Ele me beijou lentamente, profundamente, com reverência.

A ponta de sua língua brincou contra meu lábio superior, então deslizou lentamente para dentro. Meus quadris balançaram contra os dele enquanto eu tentava chegar ainda mais perto dele, e um braço deslizou pela minha cintura enquanto Tiron me segurava contra os músculos volumosos de seu corpo.

Eu me afastei primeiro, respirando com dificuldade. — Primeiro a missão.

— Certo, — ele murmurou. — A missão.

Descemos a descida escorregadia e coberta de gelo até a caverna. Tiron tinha passos firmes e segurava minha mão com firmeza. Quando chegamos ao fundo e ele me conduziu em direção a uma das casas, ele não me soltou.

Ele empurrou uma cortina pesada e enfiou a cabeça para dentro, chamando: — Abrie?

Uma mulher mais velha, com o cabelo trançado para trás, ergueu os olhos, cansada, de onde estava sentada com dois bebês no colo. — Finalmente. Gior entrou em contato com você?

— Ele sempre encontra um jeito, — disse Tiron secamente, e tive a sensação de que havia histórias ali.

Os bebês foram enrolados em cobertores, e só depois que um deles se esticou é que o cobertor caiu para trás. Vislumbrei um rosto branco felpudo com grandes olhos negros que era absolutamente

adorável.

— Gior começou assim? — Perguntei incrédula.

Tiron sorriu e ergueu um dos bebês de seus braços, antes de me dizer: — Torne-se útil.

Ele aninhou o bebê em meus braços. Ele soltou um breve choro, olhando para a mulher, mas quando eu saltei o bebê contra meu ombro, ele se acalmou.

— Pronta para voar? — Tiron me perguntou, pegando ele mesmo um dos bebês.

Nós dois voltamos pelas cavernas e entramos na floresta. Era estranho voltar para o calor do verão, que parecia pegajoso e agarrado depois das cavernas.

Nós voamos pelo céu, deslizando um pouco acima da copa da floresta. Eu podia ouvir os animais uivando, piando e gritando lá embaixo, mas parecia tranquilo aqui em cima. O bebê se enrolou com a cabeça na minha garganta e adormeceu, com os braços em volta do meu pescoço.

— O que estava errado? — Perguntei. — Por que você teve que movê-los?

— A mãe deles esteve no zoológico de um senhor de Verão, — disse ele, sua voz afiada com a memória. — O marido dela morreu ajudando-a a escapar e ela também foi ferida, morreu no parto. Esses pequeninos são sobreviventes, mas agora precisam do frio profundo do Extremo Norte. O calor vai matá-los nessa idade... Seus pais se sacrificaram muito para garantir que sobrevivessem e voltassem para seu próprio clã.

— Isso é horrível, — eu disse. — Tem que haver uma maneira de impedir a corte de Verão.

Seus lábios se apertaram e ele olhou para mim de lado, me lembrando que eu era a solução que ele imaginou.

— Vou fazer o meu melhor, — prometi a ele.

— E eu estarei ao seu lado, — disse ele.

Juntos, nós dois disparamos em direção à fronteira. Vimos alguns Feérico distantes voando, e Tiron assobiou para mim baixinho, então mergulhou mais baixo. Nós dois mergulhamos desajeitadamente através do dossel, chicoteando os galhos até pousarmos suavemente no chão da floresta. Agora os sons perigosos da floresta pareciam vivos e ameaçadores.

— Guardas Feéricos, — ele disse. — Observando a fronteira entre o Verão e a Primavera.

Ficamos a pé por um tempo, ambos ansiosos por saber quantas criaturas perigosas espreitavam na floresta. Os Feéricos Superiores não estavam no topo da cadeia alimentar, não à noite na floresta.

Foi um alívio finalmente voar com cuidado de volta ao topo das árvores, passando por olhos que brilhavam na noite, e então voar sob o céu estrelado até chegarmos à fronteira.

Quando pousamos, estava mais frio do que antes e chovendo, uma névoa suave e constante que pairava no ar.

Tiron assobiou, e um par de fêmeas Feéricas emergiu da floresta, seus cabelos claros e pele pálida brilhando sob o luar.

— Eu iria apresentá-la — disse Tiron, — mas é melhor que todos nós saibamos o menos possível uns sobre os outros.

O casal feérico que os levou para a próxima etapa da viagem me agradeceu. Foi quando percebi que meu cabelo ainda estava escondido.

Essas feéricas me odiariam se soubessem quem eu realmente

era?

Um pouco da alegria da vitória desapareceu com a realização.

Mas Tiron olhou para mim como se soubesse quem eu realmente era, e talvez isso fosse tudo o que importasse.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

TIRON

Perin me puxou de lado enquanto Alisa e Dalin preparavam os bebês trolls para a viagem para o Norte. Sua voz estava muito suave quando perguntou: — Quem é ela?

— Ela é uma amiga.

— Você não tem amigos fora da corte de Inverno, — ela me avisou. — Tiron, nosso destino depende de você. Todos nós dependemos de você...

— Eu sei, — disse, porque era impossível explicar a ela como tudo realmente era complicado. Azrael e Duncan eram realmente meus amigos; infelizmente, eu tinha ficado tão próximo deles nos últimos anos que se pareciam como irmãos.

Mas eles podem se tornar meus inimigos, uma vez que eu comece nossa jogada para salvar os últimos sobreviventes da corte de Inverno.

— Como é a princesa? — Perin perguntou, e por um momento, eu pensei que ela viu através do disfarce de Alisa. Elas nunca confiariam nela; infelizmente, se elas soubessem quem ela era, eu teria sorte de tirá-la viva daqui.

Eu nunca deveria ter trazido ela comigo. Fui egoísta; eu queria passar mais tempo com ela. Queria compartilhar as maravilhas do voo e do Inverno com ela.

— Ela não é o que todos esperam, — disse.

Perin bufou com isso. — Ela sempre foi mestre em fingir ser algo que não era.

E eu também, aparentemente.

Porque se Alisa tivesse alguma ideia sobre quem eu realmente era... o que estávamos planejando... ela não olharia para mim com aquele calor em seus olhos.

— Às vezes acho que seu pai estava certo, — murmurou Perin.
— Você é muito mole para o que precisa ser feito.

Eu a encarei com um olhar frio. — É melhor você torcer para que esteja errada, Perin. Ninguém mais chegou tão perto do alto trono, e ninguém mais vai.

Ela encontrou meu olhar firmemente, sua expressão altiva como sempre. Quando eu era menino, Dala e Perin eram minhas heroínas. A partir do momento em que pude descer os degraus de pedra para o pátio de treinamento, eu sairia para vê-las lutar com os outros guerreiros com seus escudos e espadas, com punhos e fúria. Elas caíam, elas ficavam ensanguentadas, mas elas sempre ressuscitavam.

Quando eu tinha idade suficiente para correr pelo pátio e pular para escalar a cerca de vigas que cercava o pátio de treinamento, elas começaram a me convidar para lutar com elas.

Passei os últimos anos controlando meus golpes, fingindo ser um pouco mais suave do que eu realmente era, por causa *delas*.

Elas salvaram minha vida mais vezes do que eu poderia contar, desde que a guerra chegou à corte de Inverno. Mas elas fizeram mais por mim do que isso, uma vez que fiquei órfão.

Perin examinou meu rosto, então estendeu a mão para agarrar meu braço, o mais perto de um pedido de desculpas que ela já veio. — Você tem razão. Eu sei que você vai nos deixar orgulhosos.

Poucos minutos depois, Alisa e eu nos despedimos delas e dos bebês trolls, que estavam aninhados em uma cesta na frente do cavalo de Dala. Alisa e o bebê que ela carregava arrulhava para frente e para trás em um adeus, e eu poderia jurar que os olhos de Alisa brilharam com lágrimas por um segundo antes de ela se juntar a mim, sorrindo.

Juntos, ela e eu voamos de volta para o território de Verão.

Fomos avistados por outro conjunto daqueles malditos guardas alados, quantos shifters gárgulas Faer tinha aqui para proteger seus segredos? Tentamos mergulhar em direção ao dossel, mas era tarde demais.

— Temos que fugir deles, — disse a Alisa, estendendo a mão para ela. Eu estava com medo de perdê-la. Ela passou anos sem voar; seus músculos se suavizaram. Mas seu queixo se ergueu teimosamente, determinado a fazer o melhor.

Eles nos perseguiram incansavelmente por quilômetros e mal conseguimos ficar à frente deles.

— Precisamos subir mais alto, — disse a Alisa. — Eles não podem nos seguir tão alto, mas o frio não me incomoda e você pode se aquecer...

Ela olhou para mim com os olhos arregalados, eu estava pedindo a ela para fazer muita coisa com magia que ela havia apenas começado a desencadear, mas ela acenou com a cabeça.

Nós subimos para um ar cada vez mais alto, mais rarefeito e mais frio. O frio me revigorou, o vento soprou no meu cabelo, mas olhei para ela, preocupado.

— Você está bem? — Perguntei a Alisa.

Ela assentiu, embora seus lábios estivessem ficando azuis, vívidos contra seu rosto pálido.

Então um dos shifters com rosto de pedra saiu das nuvens e se chocou contra nós dois.

— Voe! — Chamei-a, exortando-a a sair de lá, mas ela me ignorou. Claro que ela fez.

Ela deu cambalhotas no ar, perdendo o controle de suas asas enquanto pegava a adaga. Eu a avistei embaçado, porque os dedos do shifter travaram na minha garganta, cortando minhas vias respiratórias, e eu senti minhas asas ficarem moles.

Ela cravou a adaga na lateral do corpo dele e ele se afrouxou. Em seguida, outro voou para perto dela, nos separando.

Afastei aquele que ainda me segurava, aquela adaga enterrada profundamente entre suas costelas. Eu não poderia deixá-lo morrer com a adaga em seu corpo; alguém poderia rastreá-lo até Alisa. Em vez disso, me deixei cair com ele, agarrando o cabo e puxando-o para fora de seu corpo.

— Alisa, pegue! — Chamei.

Joguei em sua direção, e ela a pegou no ar. Ela e o gárgula shifter giravam no ar juntos, disputando uma posição. Enquanto ela golpeava com a adaga, eu chutei a gárgula para longe de mim e voei em direção a ela, minhas asas batendo no ar furiosamente.

Peguei a gárgula que ela já tinha ensanguentado, agarrando-o por trás, cortando sua garganta com minha própria adaga. Ele despencou para longe dela, caindo em direção à terra.

Me virei para ela com triunfo. Éramos uma boa equipe.

Ela encontrou meu olhar e sorriu com cansaço.

Então eu vi o ferimento sangrento em seu lado, onde a gárgula a apunhalou.

Ela despencou no ar como se estivesse morrendo.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

ALISA

Emergi do frio e da escuridão para me encontrar voando rápido e baixo, mergulhando sobre as árvores, agarrada pelas garras de Tiron.

Ele olhou para mim quando me sentiu mexer. A preocupação estava escrita em seu rosto e naqueles olhos verdes brilhantes. Meus braços pendiam frouxos e indefesos, e agora estendi a mão e os enrosquei ao redor de seu pescoço, ajudando-o pelo menos.

— Eu posso voar, — consegui dizer, embora a aspereza da minha voz desmentisse minhas palavras. Meu peito se apertou com uma tosse.

— Eu sei que você pode — ele disse, — mas agora, vou voar para você.

Não foi fácil para mim entregar o controle, mas ele estava certo que eu não poderia voar sozinha agora. Eu me permiti relaxar em seus braços. A dor no meu lado era intensa, meus músculos estavam duros e frios e eu continuei tremendo esses calafrios profundos e torturantes que eram tão intensos que doíam.

— Tive que congelar sua ferida, — disse ele, parecendo frustrado consigo mesmo ao notar minha dor. — Eu não tenho muita magia de cura, não é meu forte, preciso levar você para Az.

Azrael havia me dito que às vezes quanto mais intensa nossa magia é em um lado, mais fracos somos em outros.

O amanhecer riscou o céu enquanto Tiron nos voava freneticamente em direção ao castelo.

— Apenas me leve de volta ao meu quarto e me ensine como me curar, — disse calmamente, apesar da dor. — Eu não quero causar problemas...

Tiron praguejou, e eu pensei que ele estava com raiva de mim, mas em vez disso ele disse: — Eu não me importo com isso, Alisa. Agora não.

Ele mergulhou pela minha janela. Com a próxima batida, suas asas enormes bateram nas paredes do meu quarto. Ele tropeçou em seus pés, segurando-me com cuidado. Então, suas asas finalmente encolheram em suas costas.

Tentei escapar de seus braços, mas ele não parou. Ele correu pelos corredores do castelo antes de irromper em uma grande sala cheia de comoção e risos. Vislumbrei ao meu redor uma sala cheia de cavaleiros e cavaleiras com aquelas túnicas pretas simples que usavam para treinar. Ele me trouxe para o quartel.

— Ei, ela está bem? — Alguém começou a chamar.

— Está tudo bem, — mentiu Tiron, pouco antes de me carregar através da sala comunal e correr pelo corredor. Irrompemos em um quarto enorme.

Azrael estava sentado em uma escrivaninha sob a janela em arco. Havia um espaço elevado acima deles, e Duncan olhou para nós por cima da grade. Uma cama de dossel foi empurrada contra um canto, e pesadas tapeçarias foram puxadas para revelar os lençóis e cobertores amarrotados.

Azrael levantou-se da mesa com pressa, jogando a caneta no chão. A preocupação estava estampada em seu rosto enquanto ele

olhava para nós dois, mas então ele cruzou o quarto em alguns passos rápidos.

— Coloque-a na cama, — ele ordenou. — O que aconteceu?

Tiron me deitou na cama, seus movimentos cuidadosos e suaves.

— Ela foi ferida por um shifter gárgula.

— Oh, mal posso esperar para ouvir essa história, — murmurou Azrael. Suas mãos foram rápidas e gentis quando ele tocou minha pele gelada, que eu podia ver, mas não sentir. Era bizarro saber que suas mãos estavam no meu corpo, mas estar entorpecida demais para senti-las.

Ele chamou em voz alta, — Duncan.

Mas Duncan já estava em seu ombro, puxando um pingente sobre sua cabeça. Ele o passou para Azrael.

Azrael agarrou o pingente com uma das mãos enquanto se sentava na cama ao meu lado. — Descongele-a, Tiron. Ela vai começar a perder.

— Eu não tive escolha, — disse Tiron. — Ela teria sangrado antes de eu trazê-la de volta aqui.

Azrael percebeu o ferimento. A expressão em seu rosto dizia que era feio, e levantei a cabeça.

— Não olhe, — Tiron avisou, mas evitando como a realidade feia nunca curava a ferida.

O gelo cobriu a ferida e se agarrou à minha pele, mas nada poderia esconder a profundidade do corte ou o quão vermelho estava por baixo.

— Se ela precisar de um curandeiro, eu irei buscar, — Tiron começou.

— Se ela precisa de um curandeiro, Faer vai enforcá-lo por isso,

— disse Azrael. — Cale a boca e me deixe trabalhar.

No minuto em que o gelo desapareceu, eu mal pude conter um grito quando a agonia queimou meu corpo. Talvez eu tenha tido a sorte de desmaiar, quando a adrenalina ainda estava correndo pelo meu corpo e eu não tinha sentido isso tão intensamente. Cerrei os dentes e agarrei o braço de Tiron.

— Você tem um feitiço para o silêncio? — Consegui engasgar. Se eu não conseguisse segurar meus gritos, seria difícil esconder o que aconteceu aqui. Eu não sabia se aqueles cavaleiros de fora nos trairiam.

Duncan olhou para Azrael, que estava atento às minhas feridas. Suas mãos estavam quentes contra minha pele. Ele se moveu para a cama comigo, uma perna dobrada debaixo de seu corpo, e Duncan e Tiron começaram a fechar o dossel da cama ao nosso redor.

A escuridão envolveu nós dois, e Azrael murmurou a palavra para convocar a luz, jogando a bola para pendurar acima de nós. A luz refletiu em seu rosto, jogando-o nas sombras, e me concentrei em sua boca cruelmente bela, seu nariz reto, o ângulo definido de sua mandíbula.

— Você pode gritar se precisar, — disse ele. — Ninguém pode nos ouvir agora.

— Quem dorme aqui? — Exigi, me perguntando porque eles teriam uma cama encantada para que nenhum som saísse dela.

— Eu durmo, — disse ele brevemente. — Agente firme, Alisa. Eu não tenho tempo para um feitiço para a dor.

Meu sangue estava bombeando constantemente sob suas mãos. Ele jogou o pingente sobre o pescoço, e agora brilhava com o mesmo tom de magia ouro-avermelhada que iluminava suas mãos enquanto

ele as movia sobre o ferimento.

A dor da carne se recompondo, do meu corpo destroçado tentando se recompor, me fez gritar. Azrael estremeceu, mas murmurou: — Você está bem, Alisa. Você sobreviveu a feridas piores.

— Quando? — Exigi entre suspiros.

— Sempre admirei sua força, — ele me disse em voz baixa e calmante. Eu não tinha certeza de quanto do que ele disse era uma mentira para aliviar a dor. A agonia inundou meu corpo, tão intensa que a bile subiu no fundo da minha garganta e minha cabeça girou como se eu fosse desmaiar.

Quando finalmente terminou, a dor desapareceu, deixando meus músculos pesados e exaustos. Corri minha mão sobre a pele macia e rosa que cobria meu lado. Enquanto ele guardava o pingente, o brilho que iluminou suas mãos e refletiu em seu rosto desapareceu.

A cama, os lençóis, tudo encharcado de sangue. Era difícil acreditar, olhando para minha pele imaculada, que quase morri.

Sabia que Tiron e Duncan esperavam do outro lado. Mas parecia que éramos apenas nós dois, sozinhos no mundo, quando estávamos tão próximos, rodeados pelas tapeçarias.

— Obrigada, — disse suavemente.

— Não me agradeça, — disse ele energicamente. — Se você morresse, Tiron também morreria.

Eu o encarei. — Você já considerou *não* ser um estúpido?

Sua sobrancelha franziu sobre aqueles olhos roxos escuros. — Eu sei que você está sendo uma idiota agora. Eu entendo a essência. Mas estou morrendo de curiosidade. O que exatamente é um estúpido?

— Eu estava perto de te perdoar depois de nossa briga, depois disso, — disse a ele. — Ter minha vida passando diante de meus olhos

me colocou em um estado de espírito misericordioso...

— Sua vida passou diante de seus olhos? — Ele disse ansiosamente. — Suas memórias voltaram?

— Não, — disse. — Figura de linguagem.

Ele franziu a testa, decepção estampada em seu rosto, então ergueu a mão para tocar minha testa. — Talvez você esteja doente, talvez eles tivessem armas envenenadas. Nada do que você diz faz sentido.

— São apenas expressões do meu mundo, — disse. — Elas fariam sentido se você não fosse tão maldito...

Ele ergueu a sobrancelha com curiosidade.

Foi incrível a rapidez com que Azrael me levou do *perdão* de volta para *talvez eu o matasse*.

Lutei sobre meus cotovelos, me afastando dele.

— Não sei por que você me perdoaria, — disse ele.

Eu pensei que era o começo de um pedido de desculpas, que ele percebeu que não merecia perdão, mas ele continuou: — Eu não sou aquele que tem sido insuportável.

Levei um segundo para formar uma resposta a isso. — Você é, na verdade, o homem mais insuportável que já conheci.

— Eu acabei de curar você — disse ele, — e você não está nem remotamente grata. Quem é insuportável?

— Você já me disse que me curou para proteger Tiron — disse, — e não porque se importa comigo.

Peguei você, seu bastardo feérico presunçoso.

— Claro que me importo com você. — Ele puxou as cortinas enquanto saía da cama.

Tiron e Duncan pareciam preocupados. Em seguida, o rosto de

Duncan reorganizou-se em seu ar sombrio de costume.

Não tive a chance de perguntar a Azrael o que diabos isso significava.

Alguém começou a bater na porta naquele momento.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

AZRAEL

Puxei minha camisa ensanguentada pela cabeça e a coloquei na cesta onde não poderia ser vista. Depois fui até a porta e alisei tudo com o capitão da guarda. Disse a ele que Tiron havia passado a noite com uma prostituta e os dois haviam sido espancados e roubados; essa história deve ser divertida para Tiron e Alisa ouvirem e não poderem responder.

Quando fechei a porta, encostei-me nela por um segundo, tentando recuperar o fôlego. Sempre um novo desastre com essa equipe.

— É uma coisa boa que todos gostem de Azrael, — disse Tiron. Ele parecia alegre como sempre, e agora mesmo, isso me fez querer dar um soco nele.

— Bem, nem todo mundo, — disse Alisa com altivez.

Olhei fixamente para Tiron e ele baixou o olhar. Ele disse: — Presumo que você queira essa história.

— Desesperadamente, — disse secamente. — Mas agora, precisamos fazer parecer que nada disso nunca aconteceu e começar o nosso dia. Alisa tem que comparecer a corte hoje.

— Por que Alisa tem que fazer isso? — Ela perguntou secamente.

Eu mantive minhas costas para ela. Não conseguia encarar sua maldita expressão atrevida e suas palavras loquazes, não agora

quando eu acabei de vê-la quase morrer. Eu não poderia trair como me sentia.

Quando vi aquela ferida, uma ferida mortal, senti como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito. Eu tive que me mover, então isso manteve o pânico que sentia sob controle.

Mas sabia que ela assombraria meus sonhos naquela noite. Eu reviveria o momento com o sangue dela em minhas mãos, mas não seria capaz de salvá-la.

Eu já tive o suficiente desses sonhos.

Duncan deu uma olhada no meu rosto e disse lentamente: — Não seja preguiçosa, princesa.

— Eu vou cuidar disso, — prometeu Tiron, apontando para a cama encharcada de sangue. — É o mínimo que posso fazer.

— Sim, é, — disse. — Não que essa conversa tenha acabado.

— É minha culpa, — disse ela rapidamente. — Pedi a Tiron que me ensinasse a voar. Ele tentou me avisar, mas eu não estava prestando atenção. Trouxe as gárgulas sobre nós dois.

Ela acrescentou: — Desculpe, Tiron.

— Eu não me importo com *a culpa*, — disse bruscamente. — Vocês dois não deveriam sair furtivamente do castelo. Você tem inimigos, Alisa.

— Onde quer que eu vá, — ela disse levemente.

Quando me virei, realmente vi sua roupa pela primeira vez, a forma como a gaze caiu de seus ombros estreitos e expôs as linhas compridas e tensas de seu estômago e o leve alargamento de seus quadris. Seus olhos brilhantes encontraram os meus em desafio aberto. Deus, ela era linda. Meu pau estava de repente duro.

— Você precisa voltar para o seu quarto agora, — disse. — Eu

vou te encontrar lá.

— Tudo bem. — Ela não agiu como se estivesse incomodada com meu tom brusco, mas ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido na bochecha de Tiron.

Suas bochechas coraram levemente, eu nunca tinha visto o homem corar antes, mas seu braço ainda envolvia sua cintura estreita. Os dois compartilharam um abraço rápido antes que ela se virasse e caminhasse em direção à janela, seus quadris balançando e meu queixo cerrado.

Olhei para Tiron, mas não tive tempo para a conversa que *adoraria* ter com ele agora. Vesti um conjunto limpo de roupas e observei Alisa pular da janela, suas asas se espalhando em suas costas.

Suas asas delicadas eram tão bonitas quanto ela.

Não importa o quão chateado estivesse no momento, eu estava feliz que ela podia voar novamente.

Duncan se virou para Tiron, a fúria faiscando em seus olhos azuis gelados, e eu levantei minhas mãos. — Vamos encerrar essa conversa por enquanto. Temos trabalho a fazer.

Duncan zombou disso, mas deixou Tiron sozinho. Tiron me lançou um olhar agradecido, mas sabiamente não abusou da sorte ao me agradecer. Alisa não podia ser culpada por sua tolice; ela não se lembrava do que Faer era capaz.

Mas Tiron sabia melhor. A maldita parede, os corpos, surgiram em minha mente novamente, e como eu costumava fazer, imaginei os rostos dos meus amigos, mesmo enquanto desejava que o pensamento fosse embora.

Às vezes parecia que, quanto mais eu tentava desenraizar os pensamentos sombrios, mais seus tentáculos penetravam

profundamente em minha mente.

— Mais tarde, — disse novamente, uma promessa para Duncan e uma ameaça para Tiron. Eu balancei a cabeça em despedida para os dois e saí pelo quartel. A sala comunal estava esvaziando agora, e peguei um pãozinho para rechear com queijo e bacon para comer no caminho.

Precisava de minha força para lidar com Alisa. Parei, suspirei e peguei um segundo sanduíche. Sem dúvida, ela sentiria que precisava de sua força para lidar comigo.

— Você vai se juntar a nós no pátio de treinamento hoje? — Calina chamou alegremente da mesa onde estava sentada com alguns dos outros cavaleiros. — Sentimos sua falta recentemente.

— Eu queria. — Eu sorri de volta para ela. — O dever chama.

Podia sentir o olhar dela demorando nas minhas costas enquanto saía da sala. Ela já havia tentado subir na minha cama e, embora fosse linda e nos divertíssemos treinando juntos, eu recusei educadamente.

Agora que compartilhei minha cama com Alisa, duvidava que algum dia pudesse compartilhá-la com outra pessoa, não importa o que o destino tivesse feito a nós dois. Eu nunca estaria com ela novamente.

Mas também não suportava ficar com outra.

Deixei para trás a agitação agradável do quartel pelos longos e sinuosos corredores silenciosos do palácio. Os servos sempre conseguiam se tornar quase invisíveis.

Bati na porta do quarto de Alisa. Ela abriu a porta um segundo depois; seu cabelo lilás caía sobre os ombros, contrastando fortemente com sua roupa escarlate, agora que ela havia removido o capuz. Seu rosto estava pálido como se ela ainda estivesse se recuperando dos

ferimentos, mas seus olhos estavam manchados de rosa contra a pele clara. Ela se afastou rapidamente de mim.

Entrei em seu quarto e fechei a porta silenciosamente atrás de mim.

— Devíamos queimar essa roupa. Faer não vai gostar se souber que você está descobrindo seu lado independente.

Ela encolheu os ombros enquanto se afastava de mim em direção à piscina. Certo; ela queria que eu soubesse que ela não se importava. Ela deixou cair os restos de seda vermelha no mármore, então mergulhou para frente, seus músculos delicados ondulando com o movimento. A água ondulou ao redor de seu corpo.

Ela ia se matar. Faer não poderia atacá-la abertamente, mas se ele desistisse de casá-la com Raile, para se certificar de que ela nunca poderia tomar o trono de Verão, ele tentaria matá-la.

Joguei o sanduíche na mesa. Parecia que uma oferta de paz era inútil agora.

— Vou dormir por uma semana, — disse ela, bocejando ao começar a pisar na água. — Não é a história oficial que eu sou mimada e preguiçosa?

Ela deve estar exausta de ficar acordada a noite toda, daquela ferida e da dor de se recuperar dela. Mas é claro que ela iria esconder isso sob sua usual insolência despreocupada.

— Não, você não é. Você deve sentar-se com seu irmão enquanto ele ouve recursos da corte de Verão. — Minha voz saiu calma e nivelada. — Se você não aparecer com ele, isso simplesmente alimenta a narrativa de que você é incompetente para o trono.

— Eu não quero o trono.

Ela se virou na água e seu olhar encontrou o hematoma que ela

havia deixado no meu rosto. Essa garota dava um soco poderoso. Ela estremeceu, como se lamentasse os hematomas, não importava a quão brava ela ainda estava.

— Por que você não me bateu de volta? — Ela perguntou, depois respondeu à sua própria pergunta: — Certo. Você já se vingou. Aqui estamos.

— Você pode me odiar o quanto quiser, mas coloque sua coroa. Você pode chorar sobre isso mais tarde.

Seus olhos se arregalaram. — Eu não estava...

— Eu sei como você fica quando está chorando, — disse.

— Você tinha o hábito de me fazer chorar antes? — Ela perguntou, seu tom farpado.

Ela não estava chorando por nada a ver comigo. Algo que aconteceu lá com Tiron a magoou profundamente, e eu duvidava que tivesse algo a ver com seu encontro com a morte. Mas ela não queria me contar. Tudo bem.

Dei de ombros. — Primeiro amor. Talvez tenhamos feito um ao outro chorar.

Ela balançou a cabeça, como se duvidasse muito disso.

— Você fez isso de forma estúpida, mas não errou em ir ver o estado do seu reino, — disse, minha voz calma. — Apesar de todas as críticas de Duncan, ninguém jamais a acusou de se esquivar de suas responsabilidades.

— Exceto minha responsabilidade de casar.

Meus lábios se curvaram.

— Bem. Estou feliz que você tenha evitado isso até agora. Veremos o que o futuro reserva.

— Raile fala como se tivesse tentado se casar comigo antes. É por

isso que o rejeitei? — Seu olhar encontrou o meu. Havia um lampejo de verdadeira inocência em seus olhos quando ela perguntou: — Eu escolhi você?

A pergunta quebrou algo dentro de mim. — Talvez você tenha escolhido a si mesma.

— Bem, isso teria sido sábio, — ela murmurou, subindo os degraus de mármore. — Mas nunca fui acusada de ser excepcionalmente *sábia*.

Hesitei. — Faer nunca vai dar permissão. Se ele não vai deixar você ir para as cavernas, então teremos que ir nós mesmos.

Deuses, mas eu era um tolo quando se tratava dela.

Qualquer que seja. Haveria outras maneiras de lançar nosso golpe. Não tínhamos que deixá-la à mercê de Faer e Raile.

Ela me encarou, erguendo o queixo. — Não haveria como esconder isso de Faer. Você não quer me ajudar, Azrael. Vai custar-lhe algo, e Duncan deixou bem claro que não valho a pena.

— Você conseguiu dizer uma coisa verdadeira no meio de todo esse lixo, — disse, porque me *custaria* alguma coisa. — Podemos conversar mais depois. Por enquanto, pare de se preocupar e vista algo apresentável para a corte.

Ela caminhou à minha frente para o quarto dela, deixando a toalha cair no chão. As curvas de suas costas, seus ombros musculosos e sua cintura estreita e a plenitude de seus quadris chamaram meu olhar, exatamente como ela pretendia. Ela tirou as calças e as deixou para trás.

— Esse movimento funcionou melhor para você desta vez, não é? — Chamei, ignorando como meu pau estremeceu com o pensamento dela.

— Eu ainda te odeio, — ela gritou de volta.

— Eu deixei você me dar um soco, deixei você me ignorar. Então salvei sua vida. Isso não me rendeu nenhum ponto para o perdão?

— Deixou-me? — Sua voz estava afiada. Ela saiu do quarto com um vestido verde bordado em ouro. — Eu acho que você e eu não temos esperança quando se trata de perdão, Azrael. É demais.

Mas ela se virou, expondo as costas nuas, as fitas soltas do corpete. Comecei a amarrar o espartilho, ouvindo o leve suspiro de sua respiração toda vez que o puxava com força.

— E eu nem sei do que preciso ser perdoada, — acrescentou ela.

— Talvez pudéssemos começar a discutir isso, — disse. — Esta noite.

— Talvez, — ela concordou.

— Mas primeiro, você tem que passar pela corte.

Amarrei a última renda e, em seguida, alcancei seu cabelo. Alisa sempre gostou que eu penteasse seu cabelo, brincasse com ele, e mesmo agora, ela começou com meu toque por um segundo antes de relaxar.

Quando comecei a pentear seu cabelo, Alisa perguntou: — Quando você aprendeu a fazer tranças? Não naquela academia militar.

— Zora, — disse. — Minha mãe estava muito doente quando era pequeno. Tínhamos empregadas domésticas, é claro, mas... Zora não lidou bem com a doença de minha mãe. Ela se agarrou a Duncan e a mim.

Peguei a trança em minha mão e enrolei o resto de seu cabelo em volta da minha mão, começando a formar um coque. Era uma das maneiras favoritas de Zora de usar seu cabelo e eu comecei

automaticamente, mas agora me arrependia. Não precisava pensar em Zora de maneira sentimental; precisava me concentrar no próximo passo que eu teria que dar para mantê-la segura. Para salvar a corte de Outono sem amaldiçoar a bela e enlouquecedora mulher na minha frente.

— Então você aprendeu a pentear a sua irmãzinha. Isso é doce.

— Dê o crédito a Duncan, — disse. — Eu tive que aprender com as empregadas, então pratiquei em Duncan. Há uma razão para ele usar o cabelo comprido.

Ela absorveu a imagem mental e depois riu. — Eu pagaria para ver Duncan com flores trançadas no cabelo.

— Não acho que haja nada que você possa fazer para que isso aconteça.

— Onde está Zora agora? Ela conseguiu chegar até as Irmãs?

A pergunta fez meu peito apertar. — Estou cuidando de Zora. Assim que eu souber que ela está segura, iremos embora. Tudo bem?

— Por que você faria isso por mim, Azrael?

Não respondi a ela. Eu não conseguia suportar. Tirei minhas mãos de seu cabelo e ela se virou para mim, mordendo o lábio inferior.

— Não sou tão boa em odiar você como deveria, — ela admitiu.

— O mesmo, princesa. O mesmo. — Eu ofereci meu braço a ela.

— Deixe-me dizer o que esperar hoje.

Afinal, sempre fui o servo zeloso.

Quando ela entrou na corte, ela não hesitou neste momento, pois todos caíram de joelhos. Ela passou por eles sem uma segunda olhada antes de tomar seu lugar na plataforma.

Ela cumprimentou Faer com um sorriso gelado, me perguntei se

ela tinha jogado alguma coisa *nele*, então tomou seu trono. Tronos gêmeos, por mais que tentasse lutar contra seus iguais poderes nos bastidores.

Juntei-me a Tiron na multidão de nobres que assistiam perto dos tronos; Feéricos comum estava encurralado perto das portas, esperando a chance de expor seus apelos e queixas, e um punhado de nobres acorrentados esperavam na porta já que apenas o rei, ou rei em exercício, poderia sentenciá-los.

Tiron sussurrou para mim: — Você está ansioso para saber como sua aluna vai se sair?

— Ficarei feliz se ela passar as próximas horas sem socar Faer, — admiti.

— Ficarei mais feliz se ela o fizer, — Tiron retornou.

— Tuttle Longfeld é acusado de encantar um covil de goblins para roubar o gado de seus vizinhos, — leu o cortesão em voz alta. O cortesão tinha o rosto de um rato, coberto de pelos cinzentos e felpudos, e segurava o livro com as mãos de quatro dedos.

O acusado foi arrastado por um guarda. Ele estava vestido com roupas finas, suas orelhas longas e pontudas enquanto ele curvava sua cabeça taciturna.

Faer ouviu o relato da primeira testemunha ocular e metade da segunda, antes de Faer interromper. — Condenado à morte.

Alisa franziu o cenho para Faer com ceticismo. Prendi a respiração, esperando que ela protestasse, mas ela ficou quieta por enquanto.

Sugeri que, desta primeira vez, ela ficasse quieta e deixasse Faer assumir a liderança. Não fiz a sugestão com muito otimismo.

CAPÍTULO CINQUENTA

BUNGAN

Eu fiz meu caminho para o fundo da corte. Tiron se virou para olhar para mim e eu descansei minha mão em seu ombro em saudação. Seus lábios se alargaram no início de um sorriso. Ele era tão rápido em perdoar, então ele sempre esperou que eu fosse da mesma maneira.

Às vezes, a amizade fácil de Tiron me fazia pensar que eu também deveria ser menos mesquinho.

Essas boas intenções nunca duravam muito além da próxima coisa tola que alguém dizia, no entanto.

Encontrei os nobres na linha de prisioneiros. Nunca houve tantos nobres feéricos trazidos à alta corte antes da época de Herrick. A nobreza sempre teve disputas ocasionais sobre contratos de casamento ou terras, o mais raro assassinato ou agressão. Mas agora, sempre havia nobres esperando na fila.

Não reconheci nenhum deles desta vez e a tensão no meu peito diminuiu. Já era difícil o suficiente bancar o servo obediente de Faer.

Um punhado de feéricos apareceu e solicitou uma extensão dos impostos de sua aldeia, citando os muitos casos de doença que experimentaram recentemente interrompendo sua agricultura.

Eu vi o segundo em que o interesse de Alisa foi capturado. Ela se inclinou para frente, seus olhos preocupados.

Faer começou a dizer algo e ela o deteve com a mão em seu

braço. O olhar que ele deu a ela foi de surpresa, depois irritado, mas ele se inclinou para ouvi-la sussurrar. Os dois finalmente chegaram a um acordo e Faer fez um pronunciamento. Imaginei que ele provavelmente era muito mais caridoso do que sem a perspectiva de Alisa.

Sua gentileza fez meu coração bater mais rápido com uma fúria repentina.

Precisava que ela tivesse suas memórias restauradas, para voltar a ser a trapaceira Alisa com o coração frio que eu conhecia. Pensei que aquele coração aquecia por mim, mas isso foi antes de eu aprender que Alisa sempre prefere o poder ao amor.

Ver Alisa como uma inimiga pode destruir a nós dois. Mas confiar nela com certeza me destruiria novamente.

— Chega de apelos para hoje. Traga os nobres para o julgamento. — Faer vasculhou a multidão no final da sala antes de perguntar impacientemente: — Onde está o mais recente?

— Todas as evidências ainda não foram reunidas, senhor, — o cortesão começou, seus longos bigodes tremendo com sua fala.

— Vou tomar essas decisões, obrigado, — disse Faer friamente, e os bigodes do cortesão balançaram ainda mais decisivamente.

O cortesão começou a ler a lista de acusações, traição no topo da lista, quando as portas se abriram para os guardas e seu prisioneiro.

O acusado feérico entrou arrogantemente, parecendo um rei mesmo enrolado em correntes, com o queixo erguido. Cabelos ruivos flamejantes cobriam um rosto sardento, sua expressão infantil apesar do perigoso poder musculoso de seu corpo.

Ander.

A mandíbula de Azrael cerrou-se. Assim que ele colocou as

mãos atrás das costas, seu queixo se ergueu, seu corpo ficou rígido e imóvel. Ele se acomodava nessa postura sempre que estava determinado a não mostrar nenhuma fraqueza. Eu o conhecia bem o suficiente para saber o que se passava por trás daquela expressão fria, no entanto.

Eu não era um bom amigo de Ander, mas ele foi para a academia com todos nós e, como ele era um nobre inferior, o tínhamos visto em bailes e celebrações da corte. Ele e Azrael eram próximos.

Um dos guardas empurrou Ander de joelhos. Faer fez várias perguntas ásperas, mas estava claro que ele mal se importava com as respostas. Ele acusou Ander de traição.

Havia um brilho nos olhos de Faer sempre que seu olhar se voltava para Azrael, e eu sabia que ele estava observando a reação de Azrael.

— Culpado, — Faer interrompeu as tentativas de Ander de se explicar. Ele ergueu a mão para acená-lo. — Traidores queimam ali...

Alisa tocou seu braço, sussurrando para ele antes que ele pudesse terminar a frase. Faer se virou para enfrentá-la, seus olhos se arregalaram de fúria antes que ele se contivesse. Eles tinham uma audiência.

Ela se inclinou para frente e murmurou para ele, mas Faer nunca voltaria atrás no que disse quando isso o faria parecer fraco perante a corte superior. Alisa chegou tarde demais.

Olhei para Azrael com o canto do meu olho. Ele odiaria se soubesse que estou preocupado com ele.

Primeiro Alisa, vestida de sangue esta manhã. Agora Ander, condenado às chamas.

Ele ficaria acordado gritando metade da noite. Eu não seria

capaz de ouvi-lo, mas isso nunca me impediu de ficar deitado na cama acordado como se pudesse sentir a maneira como ele se contorcia de angústia. Ele nunca quis que ninguém soubesse de sua fraqueza. Mas ele não sofria menos, só porque fingíamos não saber.

Às vezes pensava que ele deveria sofrer ainda mais, se debatendo na escuridão fechada daquela cama.

Faer voltou seu olhar para Ander. O rosto de Ander estava pétreo, embora ele tenha ficado pálido sob as sardas. Ele devia saber que esse seria o resultado.

— Minha irmã Alisa pediu misericórdia para este menino, — Faer disse, sua voz seca. — Ela pensou que seria um problema para nossos amigos da corte de Outono puni-lo tão duramente.

Tive a sensação de que Alisa poderia ter ficado preocupada porque *esse menino* nunca tinha falado em sua própria defesa. Quando seus lábios se pressionaram com força, sabia que ela estava debatendo seu próximo movimento.

O olhar de Faer passou direto por mim para Azrael. Ele vive para punir Azrael.

Talvez ele não se importasse comigo, mas o que ele fez com Azrael me machucou muito, porque eu tive que assistir meu irmão sofrer.

— Vocês se importam, príncipes do Outono? — Faer perguntou a Azrael. — Faz diferença para vocês se esse traidor queima ou se eu o mandar para a masmorra?

Se ele for enviado para a masmorra, então seríamos capazes de libertá-lo uma vez que lutássemos com o trono das mãos de Faer.

Azrael começou calmamente, — se você tivesse misericórdia, seria.

Faer balançou a cabeça e Azrael ficou em silêncio, com a mandíbula apertada. Faer queria que Azrael admitisse o quanto isso importava para *ele*.

Faer queria que ele implorasse e eu queria enterrar uma lâmina na garganta de Faer.

— Venha aqui, — Faer o chamou para frente. — Fique próximo ao seu senhor. Este é um dos seus, não é?

— Sim, — Azrael gritou.

Azrael começou a se mover para frente, mas me impediu de segui-lo com um olhar. Faer não se importava comigo; Azrael sempre foi aquele que Faer intimidava sem piedade.

Faer nem pareceu me notar. Seus olhos brilharam de satisfação enquanto Azrael caminhava pelo longo corredor em direção ao espaço aberto em frente ao estrado.

Perguntei a Azrael antes o que ele tinha feito para irritar Faer tanto. Ele sempre teve uma resposta simplista. Mas eu tinha a sensação de que Faer odiava Azrael por ser tudo o que ele não era. Azrael era respeitado pelos cavaleiros e até por seus inimigos. Ele era estoico, duro e calculista, apesar de todas as tentativas de Faer para esmagá-lo sob o salto de seu sapato de jóias.

Faer poderia acorrentar as mãos de Azrael, como ele fez quando o ameaçou com Zora, mas ele nunca poderia realmente intimidar Azrael. Faer o odiava por isso.

Azrael alcançou Ander, que se ajoelhava acorrentado. Ander olhou para ele com os olhos arregalados, mas Azrael nunca olhou para ele. Seu olhar estava focado em Faer.

Quanto menos Azrael traísse qualquer conexão pessoal com Ander, mais provavelmente Faer ficaria entediado com este jogo.

— Por que eu deveria deixá-lo viver? — Faer perguntou a Azrael. — As evidências parecem contundentes. Ele está roubando da corte de Verão, desprezando a generosidade da minha corte para receber nobres de outras cortes.

Houve uma suave ondulação de risadas ao redor da sala dos lacaios de Faer, e Faer sorriu, encorajado. Cerrei meus dentes. Certamente *desprezamos a generosidade da corte*, mas estávamos presos aqui.

— Ele é jovem, — disse Azrael. — Um bom cavaleiro. Ele pode ter feito escolhas ruins, mas ele pode se redimir na fenda, lutando por todas as cortes.

— Precisamos de mais corpos na Fenda, — Alisa disse a Azrael, sua voz fria. — Por que não usar o cavaleiro e mostrar misericórdia aos nossos aliados?

Faer olhou para ela, um sorriso lento se espalhando por seu rosto.

— Como você é prática, Alisa.

Eu relaxei um pouco, Alisa de alguma forma exercia mais influência sobre Faer do que eu esperava, até que Faer voltou toda sua atenção para Azrael. — É isso que você quer, Azrael? A vida de seu súdito da corte de Outono?

— Sim, sua Majestade. — A voz de Azrael estava monótona.

— Então faça seu próprio apelo pela vida dele, — disse Faer. — Minha irmã se humilhou para oferecer um favor a você, príncipe do Outono, e você nem mesmo demonstrou muito interesse nesse favor.

Alisa olhou para Faer e desejei que ela ficasse em silêncio. Ela empurrou Faer para uma posição que poderia ser perigosa para todos nós.

— Se você quer a vida dele... — Faer sorriu, revelando sua boca cheia de dentes pontiagudos, — então se humilhe também.

Por um longo segundo Azrael o encarou, suas costas rígidas e retas como sua espada.

Então Azrael caiu de joelhos. O sorriso de Faer se alargou.

— Por favor, poupe a vida dele, majestade. — Azrael disse, sem nível de voz. Ele nem mesmo soltou as palavras da maneira que eu sabia que faria.

A risada percorreu a corte. À nossa frente, alguns dos cavaleiros estavam assistindo, mas nenhum deles estava rindo. Cora, Luca, Dere, todos eles estavam lá com rostos frios e desaprovadores.

Eles realmente deveriam ter cuidado. Os *amigos* de Faer estariam observando os rostos na multidão, notando quem não parecia leal.

— Muito bem, — disse Faer. — Já que significa muito para você, Azrael. Leve-o para a Fenda. Deixe-o tornar-se útil antes de morrer.

Ele acenou com a mão e começou a se levantar.

— Isso é tudo, — disse o cortesão. — Chega de apelos ou queixas hoje.

Então alguém se soltou da multidão de feéricos comuns. — Tenho uma queixa e serei ouvido, — disse ele.

Uma lâmina brilhou em sua mão enquanto ele subia correndo os degraus.

Eu já estava me movendo para interceptá-lo enquanto os guardas fechavam as fileiras ao redor dos tronos.

Ainda assim, o homem com a lâmina se moveu para Faer.

Não, em direção a *Alisa*.

Corri para ele, passando pelos feéricos que fervilhavam de excitação ou curiosidade.

Mas Azrael estava mais perto. Azrael o agarrou, derrubando-o no mármore assim que seu pé alcançou o último degrau do estrado.

O feérico estava gritando sobre como Alisa havia arruinado a Corte de Outono. Sobre a tagarelice da multidão e a visão dos guardas de Faer o empurrando para longe, através de uma passagem escondida, o homem gritou nomes. Os nomes daqueles que ele perdeu.

Um pouco antes de Azrael enfiar a adaga em seu peito, silenciando-o. Por um segundo, o suposto assassino olhou para Azrael com os olhos arregalados. Ele foi morto por seu próprio príncipe. Então sua cabeça caiu frouxa contra o chão de mármore.

Faer teria maneiras piores de matá-lo por ousar atacar sua irmã.

— Limpem a sala, — Tiron gritou atrás de mim. Os guardas estavam tentando empurrar Alisa e Faer para fora pela porta lateral que conduzia para longe do estrado. Faer já havia partido.

Mas Alisa estava na plataforma, o rosto branco e os olhos arregalados.

No começo, pensei que ela estava apavorada.

E então eu entendi que a expressão em seu rosto era de horror.

Pelo que Azrael tinha feito.

Ou pelo que *ela* fez há muito tempo que começou tudo isso.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

TIRON

— Princesa, precisamos tirar você daqui.

Olhei por cima do ombro para Azrael. Seu rosto estava horrorizado, espelhando o dela, como se ele estivesse perturbado por suas emoções de uma forma que o simples ato de matar nunca o incomodou.

Ele se importava com cada um de seus súditos. Mas ele era da corte do Outono, e o outono é uma estação de matança, afinal.

Ela ignorou os guardas que estavam tentando conduzi-la para um local seguro, mas quando eu a tirei do chão e a ergui em meus braços, ela me deixou carregá-la. Corri com ela pelos corredores e de volta ao quarto dela.

Duncan tinha nos vencidos aqui.

— O quarto está limpo, — disse ele, pouco antes de eu entrar correndo com ela. Ele olhou para trás de mim no corredor. — Onde está Azrael?

— Provavelmente ainda está limpando.

— Quem era aquele? — Alisa perguntou.

— Um dos refugiados da corte de Outono, — disse.

Duncan rosnou, mas havia simpatia no som. — Ele vai pagar por isso mais tarde.

Eu não tinha certeza de quem sofria mais com os pesadelos de Azrael, o próprio Azrael ou Duncan, que não podia ajudá-lo.

— O que aconteceu? — Alisa disse quando me sentei com ela em um de seus sofás. Ela tentou se afastar, mas foi um movimento inconstante e, quando continuei segurando-a, ela apoiou a cabeça no meu ombro. Seu corpo esguio tremia contra o meu, não importa a quão durona ela tentasse ser. — Eu sei o que eu vi. Mas, o que realmente aconteceu? O Feérico da corte de Outono...

— Não tinha o direito de tentar matar você, — Duncan terminou a frase por ela enquanto se movia para o bar. — Relaxe. Nós vamos protegê-la.

— Porque é o seu trabalho. — Sua voz carregava uma farpa zombeteira, não importa a quão chateada ela estivesse agora.

— Sim. — Duncan se ajoelhou ao nosso lado, oferecendo a ela uma taça. — Beba isso. Isso vai tirar um pouco de sua tremedeira.

— Não estou tremendo, — disse ela, embora seus dedos tremessem ao envolvê-los na taça. — Eu já matei tantos monstros antes, para ver uma pessoa morta na minha frente...

— Mas aquele homem não era um monstro, — disse Duncan simplesmente.

Ela mordeu o lábio inferior com força. — Ele teria me matado.

Ela estava obviamente lutando para reconciliar *não é um monstro e uma pessoa que desejava sua morte*.

— Não permitiríamos que isso acontecesse. — Empurrei a mão que segurava sua taça em direção aos lábios, pedindo-lhe que tomasse um gole. — Você está bem.

— Não, eu não estou. — Ela balançou a cabeça. — Diga-me o que eu fiz. Conte-me tudo. Chega de segredos, chega de esperar pelas cavernas.

— Você não vai querer ouvir isso de nós, — disse Duncan, sua

voz áspera. — Você não vai acreditar em nós.

— Então vamos para as cavernas, — disse ela. — Nós partimos agora. Assim que pudermos ficar prontos.

— Você perdeu a cabeça, — disse Duncan. — Faer não nos deu permissão para irmos, e somos seus cavaleiros, por mais que isso me irrite...

— Como faço para você ser meu? — Ela exigiu.

— Com licença? — Ele perguntou.

Ela fez uma careta, como se percebesse o quão estranha era a pergunta.

— Eu sou tão realista quanto ele. Como faço de vocês meus cavaleiros em vez dos dele?

Ela já estava voltando à vida, a cor voltando às suas bochechas. Ela ainda estava deitada em meu ombro, e eu tracei formas em suas costas distraidamente, primeiro brincando com os laços de seu espartilho, então encontrando sua pele nua acima dele. Ela relaxou com o meu toque.

A princesa Alisa sempre ficava mais confortável quando estava planejando.

Poucos minutos depois, houve uma batida na porta e Azrael gritou: — Estou aqui com o príncipe. Tudo está bem por enquanto, ao que parece.

Duncan foi até a porta e abriu-a com cautela.

Faer e Azrael entraram, e os olhos astutos e conhecedores de Faer encontraram Alisa em meu colo.

Eu esperava que ela se afastasse, envergonhada, mas ela tirou os sapatos e colocou os pés no sofá.

— Irmão — ela o cumprimentou, — estou feliz que você não foi

prejudicado.

— Estou feliz que *você* não foi ferida, — disse ele, sentando-se no sofá aos pés dela. — Você estava com muito medo?

Ela balançou a cabeça, seus lábios se curvando.

— Ouvi dizer que você congelou.

Seus lábios se apertaram. Ela não gostou disso. Mas então ela disse: — Sim. Suponho que sim.

Ela não estava disposta a ir embora não porque estava com medo, mas porque queria entender o que estava acontecendo. Eu sabia. Mas ela continuou: — Não sabia que alguém iria querer me matar.

— A coroa é pesada. — Seu olhar era gentil, afetuoso. Ele era um mentiroso tão bom. — Você estará segura com Raile. Ninguém pode tocá-la no submarino. É por isso que eu quero tanto que você vá com ele.

— Pode ser. — Ela mordeu o lábio inferior felpudo. — Até então, posso te pedir um favor?

— Claro, — ele disse.

— Eu me sinto segura com os três, — ela disse, olhando ao redor da sala para Azrael, para Duncan, e então para mim. Meus lábios se arquearam em um sorriso, uma onda de orgulho, apesar do fato de que eu sabia que ela estava jogando com Faer. — Prometa que posso ficar com esses cavaleiros até, se, eu for com Raile?

— Eles são seus, — Faer prometeu levemente.

— Bom, — disse ela, exalando lentamente. — Isso me faz sentir muito melhor.

Azrael estava carrancudo, mas ele não revelou nada até que Faer terminou de “consolar” sua irmã e partiu novamente.

Assim que a porta se fechou e Faer foi embora, Azrael sibilou: — Que tipo de jogo você está jogando agora, Alisa?

— Estamos indo para as cavernas, — disse ela. — Esta noite. Assim que tiver minhas memórias de volta, posso ajudá-lo a proteger Zora e Ander e todos os outros.

Ela parecia segura, confiante, e Azrael abriu os lábios para discutir com ela. Ela havia defendido Ander por que estava genuinamente comovida por sua execução iminente? Ou para nos mostrar do que ela era capaz?

Em seguida, acrescentou: — Não aguento mais um dia sem respostas. Sem saber o que fiz.

Vi Azrael tropeçar em seus sentimentos, não importa o quão sólido e seguro de si ele parecesse na frente dela.

— Faer disse que somos dela, — Duncan apontou.

Azrael estudou seu irmão. Seu rosto era uma máscara, como tantas vezes acontecia. Os dois pareciam idênticos.

Então Duncan fez uma careta. Ele acidentalmente revelou que se preocupava com o bem-estar dela. Não importa o que ele alegasse.

— Eu ouvi uma coisa interessante de Faer, — Azrael disse lentamente. — Sobre as proezas de luta da Princesa Alisa. Aparentemente, ela está indefesa como um gatinho. Mal consegue segurar uma espada em suas patas delicadas.

— Mm. — Duncan disse brevemente. — E eu ouvi você ensinando a princesa Alisa sobre as leis relativas ao casamento. Nós dois ouvimos coisas tão interessantes.

Ambos, à sua maneira, estavam tentando ajudá-la.

Mas ambos fingiriam que não tinham interesse em fazer isso.

Feéricos psicopatas.

Eu os amava de qualquer maneira.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

AZRAEL

SEIS ANOS ANTES

Não via Alisa há um ano. Ela desapareceu quando deixou a academia, e alguma parte estúpida e rebelde de mim esperava no início que ela tivesse fugido para a corte de Outono.

Mesmo que isso tivesse mergulhado nossos reinos na guerra.

Passei o ano passado desejando Alisa, querendo-a mesmo que custasse sangue, querendo-a não importa quem eu tivesse que matar para pegar sua mão.

Mas eu recebi breves cartas dela, nada mais do que algumas frases me dizendo que nosso relacionamento havia acabado, sem nenhuma mensagem secreta ou um código contido dentro, e então nada.

Fiquei emocionado quando recebi um convite para a última festa de Herrick, em comemoração ao aniversário de Alisa.

Mesmo que Duncan tenha balançado a cabeça para mim e insistido que eu estava sendo conduzido para a minha morte pelo meu pau.

Eu disse a ele que meu pau nunca tinha me feito tão mal antes.

Estava ansioso para ver Alisa. E agora a banda tocava alegremente, e ela ria ao lado da mesa cheia de vinho de verão e morangos, com outro homem.

Duncan balançou a cabeça lentamente. Não importa o quanto ele

me disse que eu iria me matar, ele ainda viria comigo.

Não tinha certeza se ele queria me proteger ou zombar de mim. Provavelmente ambos.

— Ela sabe que estou aqui? — Disse, já sabendo que não gostaria da resposta de Duncan. Meus dedos apertaram o vidro de cristal que segurei até que ele se espatifasse.

— Tenho a nítida impressão de que ela não se importa. — Duncan pegou a manga de um garçom que passava para tirar uma taça de vinho da bandeja, embora certamente pertencesse a outra pessoa, como se precisasse disso para suportar o drama que era Alisa e eu.

— Para as meninas que não dão a mínima para você, — disse Duncan, erguendo a taça como se fosse um brinde, em seguida, batendo sua bebida contra a minha. — Você encontrou a única mulher que parece estar completamente não impressionada com você.

— Ela não parecia não impressionada quando eu estava, por que diabos estou falando com você, afinal? — Parei.

Duncan era um amigo muito útil para ter ao seu lado se você precisasse matar alguém ou esconder o corpo depois. Se você quisesse falar sobre sentimentos, bem, o cadáver mencionado seria mais empático.

Entreguei-lhe minha taça e ele a pegou automaticamente, depois me lançou um olhar de desdém.

— Vou falar com ela.

— Boa sorte, — disse ele, com um sorriso maldoso.

Comecei a me afastar, mas parei e me virei. O tom maldoso em seu sorriso me disse que ele estava *sentindo* algo. Duncan odiava sentir coisas.

— Quanto você conheceu Alisa na academia?

— Faer? — Ele fez aspas no ar quando disse o nome, depois encolheu os ombros. — Um pouco. Idiota pomposo.

— Mm. E você é um grande idiota pomposo, posso ver o conflito. — Inclinei minha cabeça, estudando-o. Seu rosto estava impassível, mas sob o meu olhar, ele mudou, revirando os olhos. Eu acusei: — Você está com ciúmes.

Ele bufou uma risada. — De você e Alisa? Dificilmente.

— Se vocês dois se importam um com o outro — disse, meu próprio coração batendo mais rápido de ciúme agora, embora pelo que eu soubesse, ele tinha uma paixão desnecessária, — nós podemos descobrir algo. Somos todos adultos.

Eu nunca iria querer perder essas duas pessoas que significavam mais para mim no mundo. Duncan, Alisa e eu... poderíamos fazer funcionar, se ela nos escolhesse.

— Ela não se importa com ninguém — Duncan me assegurou, — então sua generosidade é desnecessária. Continue. Fale com ela. — Ele acenou para mim.

Me virei para ir em direção a Alisa, mas o espaço onde ela estava bebendo vinho estava vazio. Um carretel brilhante e feliz estava tocando, e ela dançava por mim, segurada nos braços de outro homem.

Eu a rastreei pela pista de dança, tentando puxá-la para longe, mas ela estava sempre nos braços de outra pessoa, sempre um passo à minha frente. Seu cabelo lilás esvoaçava enquanto ela girava na pista de dança, refletindo suas saias bordadas em prata espalhadas pela pista de dança. Ela estava sorrindo, rindo e nunca olhou na minha direção.

Ela estava me evitando. A realização se estabeleceu como um peso em meu peito.

— Eu ouvi — Duncan falou lentamente, sua voz irritantemente perto do meu ouvido; ele conseguiu se aproximar furtivamente de mim enquanto eu estava focado em Alisa, e ele provavelmente se divertiu com isso, — Herrick proibiu Alisa de vê-lo novamente.

— Não é normal que ela ouça alguém.

Ele colocou a mão no meu ombro, como se fosse dizer algo reconfortante. Então ele disse: — Ela deve ter decidido que você não valia a pena.

Eu encolhi os ombros e me virei para encará-lo. — Foi isso que aconteceu entre vocês dois?

Ele me lançou aquele olhar inexpressivo, mas tive a sensação de que havia chegado perto da verdade. — Algum dia você terá que me contar o que aconteceu.

Ele zombou. — Nada a dizer.

— Mm-hm. — Eu estava extremamente curioso, mas a música estava terminando. Antes que as últimas notas tivessem morrido, antes que Alisa pudesse escorregar nos braços de outro homem, eu a peguei pela cintura e a puxei para perto de mim.

Houve uma batida de silêncio entre as músicas. Ela olhou para mim, seus lábios se separando de surpresa. Aqueles olhos grandes e luminosos estavam firmes e mais sombrios do que eu jamais os tinha visto antes. Eu estava ficando com frio e furioso, mas algo naquele olhar me fez parar.

— Você tem me evitado, — a repreendi. A puxei em meus braços, seu corpo quente e flexível contra o meu.

Ela não me respondeu, mas se afastou, separando

cuidadosamente nossos corpos. Seus braços estavam rígidos, mantendo-nos separados sem qualquer graça com que ela dançou antes; ela parecia mover-se mecanicamente pelos degraus. Seus belos lábios pressionados juntos com força, seu queixo levantado com uma faísca daquela velha Alisa que eu conhecia tão bem.

— O que aconteceu com você? — Sussurrei. Eu quase invadi o território de Verão, convencido de que aquelas poucas linhas concisas significavam que ela estava em apuros. Mas nossos reinos estavam em um estado de paz perigosa; uma guerra total significaria a morte de milhares de feéricos em ambos os lados.

Reino primeiro.

Mesmo que isso partisse meu coração.

Mas agora, quando ela estava em meus braços, mas de alguma forma tão longe, sabia que tinha escolhido errado. Eu deveria ter encontrado uma maneira de alcançá-la e roubá-la, mesmo se ela alegasse que não me queria mais.

Ela não me respondeu. Seu olhar deslizou do meu para algum lugar por cima do meu ombro. Dançamos tão serenamente quanto um homem dançando com sua neta, embora com muito menos alegria.

Ela puxou sua mão da minha como se ela queimasse, no segundo que ela pôde. Ela fez uma reverência para mim e saiu correndo no meio da multidão. Os homens a pararam e a convidaram para dançar, todos queriam um pouco de sua personalidade brilhante, mas ela deu uma desculpa sorridente para todos. Então ela se foi fugindo para o enorme saguão de mármore do lado de fora do salão de baile.

Se eu a conhecesse, ela estava correndo para os jardins. Ela me contou quando estávamos deitados na cama como os jardins e andar a

cavalo eram os dois lugares em que ela podia se sentir ela mesma, apesar da pressão de ser uma princesa. Eu disse a ela que a música e o tom eram esses dois lugares para mim. Estávamos entrelaçados, suas pernas e as minhas se sobrepunham, e eu acariciava com o polegar os belos planos daquele rosto, mergulhando-a como se nunca mais pudesse vê-la. Talvez eu nunca a visse de verdade novamente.

Talvez Herrick tenha feito algo com ela.

Eu sabia que Duncan iria me acusar de me envergonhar. Talvez eu fosse, mas talvez eu devesse ser eu mesmo em todos os lugares, a linhagem real que se dane.

E eu amava Alisa, ainda mais do que meu trono.

Vi Herrick me observando do outro lado da multidão. Seus olhos escuros eram duros naquele rosto bronzeado e sem idade; seu cabelo lavanda há muito desbotado para prata. Ele era alto e magro como uma lâmina, as agulhas de sua coroa pareciam afiadas o suficiente para furar. O homem de cabelo lilás que se inclinou perto dele, sussurrando, devia ser Faer; ele se parecia tanto com Alisa.

Quando encontrei Duncan ao lado do salão de baile, havia duas mulheres se contorcendo ao redor dele. Elas estavam dançando; ele estava tolerando ser pressionado entre as duas, bebendo seu vinho teimosamente com os pés firmemente plantados no chão.

— Você é a pessoa mais triste que já conheci — disse a ele, — e conheci um sugador de almas uma vez.

Ele revirou os olhos. — Você vai atrás dela?

— Claro que vou.

— Tolo, — ele me acusou. Ele esvaziou a taça e o entregou a uma das garotas, passando por elas. Elas fizeram beicinho atrás dele enquanto ele caminhava comigo. — Vou ajudá-lo a sair daqui sem ser

visto. Os guardas de Herrick estão rastreando você.

— Ele queria que eu visse Alisa e soubesse por mim mesmo que ela estava me rejeitando, — disse.

— Talvez você tenha sorte e ele só queria torturá-lo antes da tentativa de assassinato, — disse ele levemente. — Parece que você gostaria de ser libertado de sua miséria.

— Você parece tão convencido de que ele vai me matar. — Herrick pode ter sido capaz de se autodenominar Rei Supremo, mas seu poder ainda era precário, não importa o que ele conseguiu fazer na corte de Inverno.

— Ele quer território de Outono — disse ele, — e você está arruinando o esporte dele.

Bloqueamos seus militares de entrar em nossas terras, então ele teve que fazer os soldados atravessarem a traiçoeira passagem nas montanhas em nosso Leste ou navegar pelos navios para chegar ao território de Inverno. Isso o impediu de subjugar completamente a terra... e as pessoas dentro dela. Mas nosso exército era grande demais para ser derrotado facilmente, e Herrick valorizava nossa paz inquietante... por enquanto.

Duncan e eu jogamos um truque familiar, trocando roupas e rostos, tínhamos a mesma constituição, o mesmo cabelo escuro e comprido. Eu encarei seu rosto, agora meu. — Não comece uma guerra.

Ele me deu um sorriso; foi chocante ver seu sorriso em meu próprio rosto.

— Sem promessas.

Prometi a mim mesmo que não iria sorrir mais enquanto caminhava no meio da multidão. Não era uma boa aparência. Rostos

sorridentes são rostos puníveis.

Esperei até que Duncan estivesse falando com Herrick, até que a atenção dos guardas se dispersasse, e então saí para o silêncio frio do corredor.

Procurei nos jardins, passando por estátuas elaboradas, parei e olhei para uma princesa de mármore montada em um unicórnio, que parecia tão real que me perguntei se Herrick havia transformado alguém que o cruzou em uma estátua, e exuberantes árvores frutíferas pendentes. À distância, o oceano trovejava contra a base do castelo, e eu peguei vislumbres da luz da lua brilhando no mar furioso de ponta branca. A noite estava fria e bonita, mas uma tempestade estava chegando.

Quando eu não a encontrei, pensei que tinha sentido sua falta. Pensei em voltar para a festa, certo de que o tempo estava passando até minha falta. Além disso, era uma péssima ideia deixar Duncan sem supervisão nas festas. Mas continuei procurando por ela. Eu passei um ano longe, fazendo o que era melhor para nossos dois reinos; agora eu não conseguia me afastar.

Encontrei Alisa nas profundezas da floresta emaranhada. Um amplo balanço pendia de um galho largo e largo, e flores brancas subiam pelo velho tronco. Eu sabia que ela adorava esse balanço, se fosse o mesmo. Corri minha mão sobre a madeira lisa e polida, imaginando-a rindo neste balanço, seus longos cabelos voando atrás dela. Ela estava feliz agora? Sem mim? Porque se ela estivesse, eu a deixaria ir.

Senti calor na minha pele, calor como o sol, e olhei para cima, procurando através da vegetação espessa.

A princesa de Verão estava empoleirada nos galhos, seu vestido

azul bordado em prata rasgado e dividido. Eu ainda usava o rosto de Duncan, mas pela expressão em seus olhos, tive a sensação de que ela tinha visto através do disfarce. Eu levantei minha mão, cobrindo minhas feições, e então eu era eu mesmo. Seus olhos brilharam quando ela olhou para mim, um leve sorriso brincando em seus lábios, e ela balançou a cabeça com o meu truque.

Houve um lampejo de travessura familiar em seu olhar quando ela olhou para mim por entre os galhos.

Pouco antes de ela soltar a maçã que estava comendo. Caiu entre as folhas e eu mudei para o lado, ou teria me atingido.

Eu levantei um dedo para acenar para ela. Seus lábios se separaram em uma risada e então ela facilmente desceu a árvore. Sua saia ficou presa em um galho, e ela parou para puxá-la, rasgando-a ainda mais no processo. Então ela caiu ao meu lado.

— Você tem me ignorado a noite toda, — disse. — Me *evitando*.

Ela abriu as mãos como se dissesse, *bem, você me pegou*.

— Você recebeu minhas cartas? — Exigi. Quando suas respostas foram tão breves, eu usei outras táticas; negocie para que andorinhas, falcões e corujas levassem bilhetes para ela, e eles esperaram por respostas. Só veio o primeiro, para dizer não escrever de novo. Os outros pássaros nunca mais voltaram, e me perguntei se eles teriam sido massacrados por alguém de sua corte.

Ela estava muito calada e eu disse lentamente: — Herrick encantou você. Você não pode falar comigo.

Ela não respondeu. Mas ela se inclinou para frente e roçou os lábios na minha bochecha.

Um adeus.

Esse beijo suave fez meu coração se partir em dois. Os beijos de

Alisa foram tão apaixonados e ferozes, assim como ela. Esse beijo parecia uma zombaria da garota que eu amava.

— Pelos deuses, Alisa, — explodi. — Se você me ama como eu te amo, não desista simplesmente. Podemos encontrar uma maneira.

Ela balançou a cabeça virada para baixo. Ela não podia me dizer o que Herrick estava tramando, mas eu tinha certeza que ela estava tentando me proteger ou proteger seu reino, ou ambos, ou duvido que ela pudesse ter sido tão fria quando eu disse que a amava.

Aproximei-me dela, segurando seu queixo e virei seu rosto para mim. Seus lindos olhos se encheram de lágrimas, e outra apareceu em sua bochecha pontiaguda. Arrependimento e fúria agarraram meu peito, emoções mais poderosas do que eu já senti em minha vida.

— Eu vou matar qualquer um que te fizer chorar, — disse ferozmente, sabendo que era ridículo, mas pelo menos a fez sorrir através das lágrimas. Limpei aquelas lágrimas com meu polegar. — Alisa, se você quiser que eu deixe você ir, eu vou. Se você quiser que eu tente quebrar a maldição, farei isso também.

Seu queixo se ergueu com a promessa e eu continuei, — Podemos jogar isso da maneira mais inteligente que pudermos. Mas, quer lutemos ou joguemos um jogo longo... você precisa ouvir isso.

Eu segurei seu queixo com minha mão, desejando que ela acreditasse em mim, para manter a força para lutar contra o que Herrick estava fazendo com ela. — Eu amo você. Eu sempre vou. E mais cedo ou mais tarde, você e eu encontraremos nosso caminho de volta juntos.

Ela me encarou com aqueles olhos grandes e luminosos.

Então ela se apertou contra mim, me beijando ferozmente. Eu sorri contra sua boca por causa da maneira como ela me beijou

ferozmente, reivindicando. Minha Alisa, ainda. Minha Alisa, sempre.

Então ela pegou toda a minha atenção e o sorriso sumiu. Seus lábios roubaram meu fôlego, nós dois trocando beijos selvagens e ferozes. Ela me empurrou contra a árvore, seu corpo pressionando contra o meu. Inclinei minha cabeça para frente, enroscando meu braço com força em volta de sua cintura, puxando-a ferozmente contra mim. Nós nos abraçamos como se a força absoluta de nossa paixão pudesse nos manter juntos, mesmo que o mundo conspirasse para nos separar.

Arranquei aquele vestido maldito de seu corpo. O corpete rasgou sob minhas mãos, e ela bufou uma risada em minha boca. Foi o mais perto que cheguei de ouvir a voz dela, e aquela risada me deixou louco. Minhas mãos mergulharam no tecido rasgado, acariciando os pontos duros de seus mamilos, os planos tensos de seu estômago. Meu polegar acariciou seu cabelo macio e felpudo, depois abaixou, acariciando sua fenda. Seus quadris se sacudiram contra minha mão. Eu torci nós dois, empurrando o vestido para baixo aos nossos pés, em seguida, puxando sua bunda contra meus quadris. Suas curvas suaves pressionadas contra meu pau através da minha calça, e sua cabeça lavanda estava sob meu queixo para que eu pudesse respirar o cheiro de madressilva de seu cabelo.

Eu a prendi lá, devorando sua garganta e pescoço nus com beijos e mordidas suaves enquanto ela balançava a cabeça. Minha mão deslizou novamente entre suas coxas, meus dedos acariciando seu calor úmido enquanto ela se sacudia impotente sob minhas mãos. Meus dedos pulsaram sobre seu clitóris, repetidamente, até que ela gemeu.

Esse som... se essa era a única maneira de eu ainda ouvir sua

voz, pelo menos eu poderia fazê-la gritar de prazer. Deslizei dois dedos profundamente dentro dela, sentindo seu corpo estremecer com o movimento. Ela mordeu o lábio inferior, a cabeça caindo no meu ombro. Ela era tão linda, sob o luar, e eu parei por um segundo. Estava tão quieto na noite que eu poderia jurar que ouvi seu coração batendo e o meu, nós dois no mesmo tempo.

Então comecei a pulsar meus dedos dentro e fora, meu polegar acariciando seu clitóris. Suas coxas começaram a tremer e eu a provoquei mais rápido. Ela gemeu, balançando a cabeça para frente e para trás com o poder de seu orgasmo crescente. Trabalhei minha mão mais rápido, sentindo seus quadris tentarem resistir ao meu toque, mas prendendo-a contra mim, até que senti seus joelhos fraquejarem, seu canal pulsando ao meu redor. Eu a segurei facilmente contra o meu corpo enquanto ela gritava, sua voz quebrando as profundezas da noite.

Por alguns longos segundos, ela ficou pressionada contra mim, seu corpo estremecendo contra o meu.

Então ela se contorceu em meus braços, beijando-me com força. Suas mãos deslizaram entre nós, tentando trabalhar minhas calças. Eu a deixei empurrar para baixo, e então ela estava tirando meu paletó dos meus ombros. Eu a ajudei com os botões enquanto ela tentava arrancar minha camisa, mas desisti. Houve um som de rasgo quando parte do tecido se rasgou, quando um botão se soltou e caiu nas folhas. Eu o pisoteei descuidadamente. Ela parecia tão linda, nua na floresta como se ela fosse a mais selvagem das coisas.

Mordi o lábio inferior carnudo dela, e seus lábios se separaram; minha língua varreu sua boca enquanto meu joelho cutucava entre suas coxas. Eu segurei suas coxas, puxando-a até suas pernas

envolverem minha cintura, seus braços fechando em volta do meu pescoço. Nós dois continuamos trocando beijos enquanto eu a carregava em direção ao balanço. Eu coloquei sua bunda no alto balanço, e ela riu enquanto balançava para frente e para trás.

Agarrei uma das cordas para estabilizar o balanço. Ela se inclinou para trás, perigosamente longe, dando-me um sorriso enquanto estendia a mão para mim. Ela pressionou meu pau, traçando os lugares que meus dedos haviam explorado antes. Meu pau latejava enquanto ela me provocava em círculos em torno de sua entrada, deslizando facilmente porque ela estava muito molhada.

Abaixei-me, provocando seu clitóris rosa brilhante com meu polegar, e ela mordeu o lábio inferior. Como se ela não aguentasse mais, suas coxas se apertaram em volta da minha cintura, seus pés descalços pressionando minhas panturrilhas enquanto ela tentava me puxar em sua direção.

E eu não pude resistir. Fui com ela, enchendo-a lentamente. Ela estava tão apertada e cheirava tão bem enquanto eu me enterrava tão profundamente nela, até que minhas bolas roçaram a doce curva de sua bunda. Ela se agarrou às cordas do balanço, a cabeça caindo para trás, expondo aqueles pequenos seios perfeitos e mamilos de aparência afiada e a curva de sua garganta, brilhando sob o luar.

Inclinei-me para frente e capturei um dos mamilos em minha boca, permanecendo enterrado profundamente dentro dela enquanto minha língua brincava com seu mamilo. Ela soltou um suspiro, suas coxas tensas na minha cintura enquanto eu brincava com minha boca sobre seu mamilo, repetidamente, girando minha língua em torno dele. Então, para ser simétrico, passei para o outro lado, prestando igual atenção.

Ela agarrou meu cabelo em sua mão, puxando minha cabeça rudemente para a dela e capturando meus lábios com os dela. Nós dois nos beijamos ferozmente quando comecei a me mover, empurrando profundamente dentro dela repetidamente. Ela começou a tremer em torno de mim novamente, seu cabelo voando até que ela gritou e eu me quebrei dentro dela, nós dois nos despedaçando enquanto o mundo se transformava em algo lindo.

Então nós dois despencamos do balanço na grama densa e perfumada sob a árvore. Deitamos nus, com o rosto apoiado no meu ombro.

— Eu tenho que te dizer — murmurei, — Rowen está segura comigo na corte de Outono. Ela está feliz; ela vai ser um dos meus cavaleiros. Você cuidou dela, Alisa.

Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela assentiu. Eu a segurei em meus braços, saboreando seu corpo contra o meu, sabendo que tínhamos pouco tempo.

Mas eu nunca desistiria da minha princesa de Verão e nunca desistiria do nosso feliz para sempre.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

ALISA

— Você precisa pensar com cuidado se realmente quer fazer isso,
— Azrael me avisou enquanto se sentava na minha cama. Ele parecia estar se sentindo em casa.

Os outros dois foram preparar-nos para a viagem; Azrael havia ficado para trás. Seu objetivo principal era me antagonizar enquanto eu fazia as malas, aparentemente.

Ele continuou: — Você irritará Faer. Se você não voltar para casa com suas memórias, você terá aumentado as apostas sem aumentar sua capacidade de lidar com elas.

— A Delphin disse que minhas memórias seriam restauradas na caverna, — o lembrei.

— E se a Delphin estiver errada?

— Então eu terei você para me ajudar com Faer, — disse.

Ele inclinou a cabeça para trás, estudando-me com aqueles olhos misteriosos. A luz pegou as manchas vermelhas e douradas no roxo, me lembrando que ele não era mortal. — Tanto quanto você confia em mim.

— Tanto quanto eu confio em você, — repeti.

— Eu acho que não importa o que você diga, princesa, você confia em mim muito mais do que o sábio.

— Engraçado, porque antes de eu vir a este mundo, você prometeu que eu poderia confiar em você. Você disse que estaria bem

ao meu lado.

— E eu estou, de certa forma. — O mais leve sorriso preguiçoso apareceu em um canto de seus lábios. — Eu sou seu próprio cavaleiro agora. Leal a você.

Tirei uma braçada de camisas de treinamento simples da minha cômoda.

— O que é que Faer tem sobre você? Além de Zora e da corte de Outono? Há algo mais que ele segura sobre sua cabeça?

Ele balançou sua cabeça. Rejeitando minha pergunta, me rejeitando.

— Maldição, Azrael.

Ele sempre foi tão controlado, tão cuidadoso. Isso me deixou louca. Mesmo quando eu bati nele, ele não tinha me rebatido de volta; inferno, ele me deixou. Eu queria vê-lo levado a uma paixão suficiente para atacar de volta para mim.

— Diga-me o que aconteceu antes! Diga-me o que eu fiz para você.

— Quando chegarmos às cavernas, você saberá, — disse ele, em voz baixa. — Você não vai acreditar em mim de qualquer maneira, Alisa.

— Como você sabe disso?

— Porque você nunca acreditou, — ele disse, sua voz levantando. Ele de repente se levantou, andando em minha direção.

— Você quer que eu lhe conte toda a história de como as coisas se separaram entre nós? Bem, você não consegue suportar quando eu sugerir que você era uma namorada imperfeita.

— Você deixou bem claro que os feéricos nem mesmo têm namoradas.

— Você sabe o que quero dizer, — ele rosnou. — Você não vai acreditar em mim de qualquer maneira, então por que eu deveria abrir meu coração para você?

Oh. Aí estava. Meus lábios se separaram, meu próprio coração gaguejando com suas palavras.

O destemido príncipe Azrael, tão perigoso com uma espada e tão competente em todos os sentidos, estava com medo de que eu o machucasse novamente.

Porque eu o machuquei antes.

Eu deveria dizer algo gentil, algo reconfortante, mas quando ele fechou os lábios com força, com a mandíbula tensa, senti meu próprio pico de fúria em resposta.

— Não seja covarde, Azrael, — disse, minha voz tão calma quanto a dele, embora meu coração estivesse batendo rápido.

— Por que você está sempre tentando me empurrar? — Ele exigiu, como se tivesse visto através das minhas palavras cruéis. — Você está tentando me *afastar*?

— Nós nunca deveríamos estar juntos de qualquer maneira, — repeti suas palavras de antes. — Eu não estou te afastando, Azrael. Você e eu não estamos juntos *agora*.

Sua mandíbula ficou tensa. — Isso poderia ter me salvado um reino se você tivesse dito isso há cinco anos, princesa.

— Eu só fico muito brava com você quando você fala sobre o passado porque *isso* é tudo que você diz, — atirei nele. — Apenas pequenas falas sobre como eu arruinei sua vida. Conte-me toda a história do começo ao fim. Me convença.

Seus olhos brilharam para mim e, após alguns segundos, eu disse: — Seja corajoso, Azrael.

Seus lábios roçaram meu cabelo quando ele se inclinou perto de mim, seu braço indo para a parede para se preparar para que seu corpo ficasse apenas longe do meu. Apesar de tudo, quando ele estava tão perto de mim, minha respiração engasgou no meu peito.

Ele sussurrou em meu ouvido: — Você é a pior.

Eu encontrei aquele olhar roxo ardente. — Diga-me o que eu fiz, então.

— Às vezes sinto pena de você, — disse ele, cada palavra caindo como uma bomba. — Mas a verdade é que você fez este mundo escuro e horrível, Alisa. Você fez parte disso, e agora os monstros que você criou estão puxando você para baixo, e você me faz sentir pena de você,

Eu agarrei a frente de sua camisa, agarrando-a em minha mão. — Linha reta, Azrael. Comece do início. Você é um homem inteligente, você consegue. Conte-me sobre o dia em que você me conheceu.

— No dia em que te conheci, você era uma mentirosa, — ele respirou. — E não devo esperar mais nada de você.

Engraçado como, quando ele me insultou, eu me senti como se estivesse no controle. Foi quando Azrael era gentil, quando ele era nostálgico, que eu me sentia enjoada e tonta com o passado que não entendia. Então eu girei fora de controle com meu desejo por ele.

— Você pode me chamar de mentirosa o quanto quiser, mas, na *minha* memória, você mentiu para mim desde a primeira vez que te conheci.

Ele balançou sua cabeça. — Só porque você não se lembra, não significa que você não é culpada.

— Quem diabos sou eu agora, Azrael? Você não pode admitir

isso, não é?

— Você é a mesma pessoa.

Balancei minha cabeça. — Acho que não. E a verdade é que não tenho certeza se você acredita que haja algo errado com a pessoa que eu era ou com a pessoa que *sou*. Quando Duncan me chamou de vadia feérica, você ficou puto. Por quê?

— Porque você é a princesa, — disse ele, sua voz baixa e perigosa. — Herdeira do reino feérico, se você merece ou não.

— Não, — acusei. — Mentiroso. — Minha própria voz estava ficando mais rouca. — Porque você me ama, Azrael. Você ainda me ama.

— E você não me ama, — disse ele, sua voz zombeteira.

— Porque eu não te conheço.

— Porque você não é capaz de amar ninguém.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Isso não é verdade para a velha Alisa, e não é verdade para mim.

— Isto é.

Minha mão ainda estava em punho em sua camisa, e eu o sacudi um pouco com ela, tanto quanto eu poderia mover seu corpo grande e intratável. Ele ergueu uma sobrancelha, nada impressionado.

— Alguma parte de mim ainda te ama, seu *idiota* insuportável e miserável que de alguma forma entende ainda menos do que eu, mesmo que quase toda a minha vida seja um buraco negro para mim... — minha voz estava aumentando.

Seus lábios caíram sobre os meus. Eu fiz um pequeno som de surpresa quando sua boca conquistou a minha, e então comecei a empurrá-lo com aquela mão em seu peito, mas não consegui. Ele estava imóvel.

Ele me beijou com calor e fogo, me beijou sem fôlego. Ele sempre pareceu tão frio, mas havia paixão naqueles olhos profundos e ardentes e certeza em seu beijo.

E então eu não queria mais afastá-lo.

Sua língua brincou contra meu lábio, separando meus lábios, abrindo-os. Eu balancei contra ele, e seu corpo me prendeu na parede de todas as maneiras certas desta vez, seu joelho deslizando entre minhas coxas. Ele me beijou, contra aquela parede de mármore frio, nossos corpos moendo juntos. Tudo sobre aquele beijo foi áspero e punitivo.

Sua mão segurou minha bochecha, reivindicando, possessiva, mesmo quando ele se afastou. Ele me estudou com olhos brilhantes.

— Sobre o que você estava reclamando de mim? — Ele demandou.

— Acho que disse que te amava, — disse.

— Você é a pior, — ele disse novamente, e então seus lábios estavam nos meus novamente.

Enrolei meus braços em volta do pescoço e ele me ergueu facilmente contra a parede. A cama estava tão perto, a apenas alguns passos de distância, mas ele me prendeu contra a parede e envolvi minhas pernas em volta de sua cintura.

Meus dedos cravaram fundo no músculo poderoso de seus ombros. Quando seus lábios deixaram os meus, eu o lembrei: — Eu também te odeio.

Era o fantasma de Alisa, o fantasma com as memórias, que ainda o amava.

A mulher que eu era agora não tinha certeza absoluta dele.

Mas sabia que meus mamilos doíam contra o tecido liso do meu

vestido, meu clitóris estava dolorido e sensível, que latejava de desejo por ele.

— O mesmo, princesa. O mesmo. — Ele murmurou em meu ouvido, pouco antes de mordê-lo. Seus dentes afiados provocando contra meu lóbulo acenderam uma tempestade de desejo e necessidade que ondulou por meu corpo.

Empurrei a parede, empurrando-o em direção à cama. Ele puxou o corpete do meu vestido e o cordão do meu espartilho pressionou dolorosamente na minha pele antes de rasgar. O vestido escorregou pelos meus ombros.

Sua boca percorreu meu corpo, sua boca habilidosa explorando a carne exposta de meus ombros e meu decote e, em seguida, meus seios de uma forma que fez minhas costas arquearem de desejo.

Quando a ponta de sua língua circulou meu mamilo, meus quadris empurraram para frente contra ele. Ele puxou meu mamilo em sua boca, provocando-o enquanto acariciava o outro mamilo com o polegar. Ele parecia saber exatamente como brincar com meu corpo, porque nenhum homem tinha feito isso antes na minha memória, mas a saudade ondulou pelo meu corpo, querendo mais dele.

Puxei a bainha de sua camisa pela cabeça, e ele ergueu os braços, me deixando arrancá-la dele. Enquanto eu tirava sua camisa, o corpo de Azrael era um banquete para os olhos; ombros largos e poderosos, peitorais definidos cobertos de tatuagens, abdômen esculpido.

Me atrapahei com suas calças enquanto ele empurrava meu vestido para baixo em volta dos meus quadris. Sua palma quente deslizou pela parte inferior das minhas costas, subindo pela minha espinha para se aninhar no meu cabelo enquanto ele segurava a parte de trás da minha cabeça. Minhas coxas se apertaram em torno de sua

cintura.

— Eu me esforço às vezes para lembrar a quão perversa você é, — ele murmurou, antes de morder minha orelha com os dentes. Ele tirou as calças em um movimento suave, revelando suas coxas musculosas e um pau longo e reto que balançava na frente de seu abdômen tenso. Seu polegar deslizou entre o cóis da minha calcinha e minha pele antes de rasgá-la também.

Nós dois caímos juntos na cama, Azrael ainda me segurando levemente.

Eu montei nele.

— Então deixe-me lembrá-lo.

Minhas coxas estavam em cada lado de sua cintura magra, pressionando contra seu abdômen, enquanto eu pressionava seu pau entre minhas coxas.

Seus dedos acariciaram minha bunda, seus polegares deslizando sobre as reentrâncias dos ossos do meu quadril, enquanto ele agarrava minha cintura. Ele fez uma pausa, seu pau provocando contra o meu centro.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Ele perguntou.

Meu corpo ainda o queria, ainda parecia adorá-lo, mesmo que minha mente não o tivesse alcançado. Foi bom ele parar e verificar, e algo se quebrou em mim um pouco mais.

— Sim, — disse. — Cale-se.

— Garota adorável, — ele murmurou, sua mão deslizando pela minha nuca.

Ele me puxou para baixo para beijá-lo. Seus lábios encontraram os meus e ele me beijou com força, seu aperto no meu pescoço inflexível. Eu sorri contra seus lábios. Isso mesmo, Azrael. *Mantenha o*

controle... nós dois sabemos que é uma mentira.

Azrael era tão tolo por mim quanto eu por ele, pelo menos.

Eu pressionei meus quadris contra os dele, pegando seu pau em uma mão para guiá-lo, eu escovei sua ponta sobre a minha abertura latejante. Ele olhou para mim, aquele olhar complicado de olhos escuros naquele rosto bonito indizível, e eu não sabia o que fazer com o seu rosto.

Então suas mãos apertaram meus quadris, puxando-me para baixo em seu pau. Enquanto ele me enchia, eu engasguei. Ele fez uma pausa como se estivesse preocupado em me machucar, mas eu já estava me ajoelhando em seu pau e descendo novamente.

— Deuses, você é tão boa, — ele murmurou quando nós dois começamos a nos mover juntos. — Senti tanto a sua falta, Alisa.

Ele não tinha sentido minha falta apenas pelo sexo, e eu sabia disso, e essa era a coisa verdadeiramente assustadora entre nós.

Ele agarrou meus quadris para me firmar enquanto eu subia e descia em seu eixo, meus movimentos lânguidos. Quando minhas coxas encontraram os músculos rígidos de seus lados, rolei meus quadris para frente e fui recompensada com sua respiração. Ele mordeu aquele lábio felpudo acima do ângulo duro de sua mandíbula, seus olhos roxos caindo semicerrados. Eu gostei da maneira como seu rosto mudou quando ele caiu sob o meu feitiço, ele já sabia o que meu corpo amava, e talvez alguma parte de mim se lembrasse dele também.

O calor se espalhou por meus ombros, corou minhas bochechas, enquanto o mundo ficava quente. A pulsação constante que sentia por Azrael transformou-se em um incêndio violento total.

Como se ele também não aguentasse mais, de repente ele me

pegou com um braço em volta da minha cintura e nos virou, rolando em cima de mim. Ele enterrou o rosto no meu pescoço, salpicando beijos e mordidas que me fizeram morder o lábio com a intensidade do desejo que queimava entre nós dois, enquanto ele empurrava dentro de mim ritmicamente.

Minhas unhas cravaram em seus ombros enquanto o mundo se despedaçava, enquanto eu ficava quente e então o calor se transformou em um brilho quente que se espalhou pelo meu corpo enquanto eu relaxava.

Eu gemi quando ele gozou dentro de mim, seu braço apertando minha cintura, seus lábios se separando enquanto ele se perdia no prazer.

Quando tudo acabou, quando estava deitada com a cabeça em seu ombro e seus dedos subindo e descendo pela minha pele nua, eu disse: — Não quero brigar de novo. Mas eu tenho que te dizer uma coisa.

— O que é? — Ele perguntou, sua voz cautelosa.

— Entendo que você pense que eu o traí de alguma forma, que fiz algo terrível com você, — disse.

— Não só eu, — disse ele. — Eu poderia perdoar isso.

— Certo. Não apenas para você, mas para a sua corte. — Eu mal estava começando a entender o que uma corte significava neste mundo. Seu povo. As pessoas que ele governou, pelas quais ele era responsável. Talvez eles fossem até mesmo parentes dele, de certa forma. Suspirei. Esta confissão parecia pesada, só porque eu sabia que ele não iria acreditar.

Eu continuei: — Mas eu não acho que poderia ter traído você. Ou eles. Não sou assim, Azrael. Por todas as minhas falhas.

— Bem, a corte de Outono está em ruínas. A corte de Inverno, completamente destruída, caçada até os confins da terra pelos monstros de Herrick porque eles se rebelaram. — Suas palavras eram sombrias e, ainda assim, senti que seu olhar em mim era gentil, como se ele não quisesse dizer essas coisas. — E fui eu quem deu a você a chave da corte de Outono. Eu não dei a Faer ou a seu pai, Alisa. Apenas para você. Eu só teria dado a você.

— Uma chave literal? — Perguntei.

Ele assentiu. — Uma chave encantada, para que pudéssemos ficar juntos embora fosse proibido. Para que você pudesse entrar no meu castelo sem ser vista.

Em seguida, acrescentou: — Assim como os homens de seu pai fizeram, antes de assassinar os meus.

— Mas você não sabe ao certo se dei a chave ao meu pai.

Ele suspirou. — Não. Não sei ao certo se você deu a chave ao seu pai. Mas existem fatos inegáveis e inconvenientes aqui.

— Você me odiava muito e poderia ter sido apenas um erro. Um mal-entendido. Talvez eles tenham entrado de outra forma.

— Não acho que seja esse o caso — disse ele, — mas gostaria que fosse.

Meus lábios se separaram, mas antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, ele me beijou novamente. Foi um beijo profundo e comovente. No começo, pensei que ele estava tentando me calar de novo, mas então percebi que ele estava me beijando devagar, com ternura. Havia muito carinho naquele beijo.

Às vezes ele me beijava como se o passado nem importasse para ele.

Mas talvez seus lábios pudessem mentir.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Duncan parou na porta, suas narinas dilatadas quando ele encontrou o olhar de Azrael. Tiron fechou a porta atrás de ambos quando Duncan deixou cair sua bolsa de armas com um estrondo sinistro no chão de mármore.

— O que é isso? — Azrael perguntou impaciente.

— Vocês dois fizeram sexo, — disse Duncan. — Você adora complicar as coisas *indefinidamente*, não é, Azrael?

— O que há de errado com você? — Azrael exigiu. — Como você pode saber disso?

— Eu te conheço, — Duncan retornou.

— Vocês dois, deixem ir, — Tiron exigiu.

Os dois se viraram para ele, erguendo as sobrancelhas. Tiron ergueu as mãos como se estivesse apelando.

— Espere — disse, olhando entre os três antes de dizer a Tiron, — se Azrael e Duncan são príncipes e cavaleiros, isso o torna seu escudeiro?

— Não falamos sobre isso, — disse Tiron, cansado.

— Como vamos sair daqui? — Perguntei quando Tiron passou por mim em direção à varanda.

— Pelo o mar, — disse ele. — Só um pouco. Precisamos limpar a água antes que Faer perceba o que estamos fazendo, e Raile possa enviar suas tempestades e monstros atrás de nós.

— Raile pode controlar o clima? — Perguntei ceticamente.

— Apenas no mar, — disse Duncan. — Por que, você está reconsiderando se casar com ele?

— Sem chance, — disse. — Ele não é meu tipo. Estou realmente atraída por homens grandes e insensatos.

Eu pisquei para ele. Duncan bufou.

— Então, espere, vamos nadar? — Perguntei.

— Você se lembra de como fazer isso? — Duncan me perguntou.

— Eu sei nadar, — rebati.

— Não vamos nadar, — disse Tiron, com a voz exasperada. — Embora a natação seja uma habilidade importante caso as coisas dêem errado com nossos planos atuais.

Ele cantarolou e, alguns minutos depois, houve um som vibrante quando uma asa roçou a grade.

Quase pulei para trás. — Isso parece um cisne enorme.

— Nem tudo aqui é uma versão distorcida do que você sabia no mundo mortal, — Duncan resmungou enquanto passava por mim.

— Ele só está bravo porque se não fosse por ele e Azrael, poderíamos voar, — confidenciou-me Tiron.

— Eu nem gosto de voar, — retrucou Duncan.

— Porque ele não é bom nisso, — sussurrou Tiron. — Se ele pudesse voar, ele adoraria.

— Eu deveria ter deixado você onde te encontrei, — Duncan resmungou.

Tiron saltou nas costas do cisne e se acomodou entre as asas dele, o que o forçou a dobrar as pernas. Ele estendeu a mão para mim e, enquanto eu montava na varanda, Azrael me segurou com a mão nas costas. Foi completamente desnecessário, mas doce. Normalmente confuso para Azrael.

Escorreguei nas costas do cisne, foi alarmante caminhar sobre seus ossos leves, sentir seus músculos ondulando sob os pés, e

rapidamente afundei para sentar na frente de Tiron.

Azrael e Duncan se juntaram a nós. Então Tiron sussurrou para o cisne, e nós quatro navegamos de costas pela água, deixando para trás as luzes brilhantes do castelo.

Olhei para a varanda de Faer, com medo de encontrá-lo com os olhos duros, nos observando ir, mas as luzes brilhavam nas janelas vazias.

E embora estivéssemos indo para o perigo, e eu estivesse presa neste mundo feérico onde estava perdida sem esses homens ridículos, enquanto viajávamos através da água negra e cintilante, eu me sentia mais livre do que desde que fui carregada por aquele portal.

Eu tinha esses três cavaleiros imparáveis ao meu lado, verdadeiramente ao meu lado agora. Eles eram meus.

E eu iria encontrar meu passado.

Então eu estaria realmente livre.

CONTINUA



Notas

[←1]

Sketch ball ou bola de esboço pode ser usado para descrever qualquer pessoa ou situação desagradavelmente estranha ou inadequada.

[←2]

Ela está dando a localização através das horas em um relógio.

[←3]

Noblesse oblige é uma expressão francesa dos tempos em que a nobreza inglesa falava francês e mantém em inglês o significado de que a nobreza vai além do mero direito e exige que as pessoas que possuem esse status cumpram responsabilidades sociais.

[←4]

Hobgoblin é uma criatura folclórica germânica, que mede mais de 1,40 m, podendo chegar até o tamanho de um ser humano. É parecido com um goblin mais robusto, sendo assim uma variação de goblinoide. Pode também ser um termo geralmente aplicado em fábulas para descrever um goblin amigo ou divertido.

[←5]

Scrubs ou Roupa Privativa como é conhecido aqui no Brasil, são as roupas sanitárias usadas por cirurgiões, enfermeiros, médicos e outros profissionais envolvidos no atendimento ao paciente em hospitais.

[←6]

O jet lag, em termos médicos, significa “dissincronose”. Na prática, quando os passageiros cruzam três ou mais zonas de tempo no fuso horário, é comum ocorrer o jet lag. Ou seja, a fadiga causada pela alteração do ciclo circadiano (alternância entre dormir e estar acordado).

[←7]

Ela está se referindo a uma marca de detergente Líquido Concentrado para Roupas.

[←8]

O Cobbler é uma sobremesa que consiste em um recheio de frutas derramado em uma assadeira grande e coberto com uma massa, biscoito ou bolinho antes de ser assado.

[←9]

PIN é uma chave de segurança que autentica os usuários e protege suas informações, como uma senha. O código costuma ser exigido em transações bancárias, processamento de pagamentos, validação de cartões SIM e desbloqueio de celulares.

[←10]

Mardi Gras, ou terça-feira gorda, refere-se aos eventos da celebração do carnaval, começando em ou após as festas cristãs da Epifania e culminando na véspera da quarta-feira de cinzas, que é conhecida como terça-feira gorda.